

SETE LENDAS SOBRE O AMOR



Gil Cleber - Contos

Sete lendas sobre o Amor



Gil Cleber



SETE LENDAS SOBRE
O AMOR



Contos



Arte final e capa: Gil Cleber
Ilustração da capa: O Casal da Torre Eiffel, de Marc Chagall

Nota importante:

Sendo o autor contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato e *site* do autor:

gilccarvalho959@gmail.com
www.gilcleber.com.br

Sumário

Gosto de jambo.....	3
História de um casamento.....	16
Pobre Tancredo!	37
Eva.....	63
As bodas dos noivos feios	81
Rabiscos, rabiscos... ..	107
Um encontro por acaso	130

O amor é um monólogo travado na sombra.
(Lúcio Cardoso, **Dias Perdidos**)

Gosto de jambo

O Escolhido

Lembro-me das faces dela em fogo e das gotas de suor em sua fronte, nas tardes quentes dos verões de nossa infância. Lembro-me dos cabelos loiros e dos seus dentinhos miúdos num riso pleno de sol, e da gargalhada sonora, leve como um canto de passarinho chamando o companheiro... Ah, nunca duvidei de que ela fosse uma menina feliz, assim, aos doze anos, e que grande amor tínhamos um pelo outro!

Eu era um ano mais velho que Diva, mas fingia ter um pouco mais de idade e parecer mais adulto (sabia que não a enganava), principalmente naquela tarde de encantamento em que, depois de uma corrida ao sol, embebia-me da graça de sua carinha vermelha e dos seus olhos dourados a fixar-me como duas flechas, e não perdi tempo: vali-me do ermo do caminho para tocá-los — os peitinhos dela — pela primeira vez, e o fiz com o susto de um menino que rouba uma fruta. Sem nenhum pejo — que a inocência não conhece o pejo — Diva desabotoou a blusa e deixou que eu os contemplasse nus, em plena formação, virgens, a cor indefinível que o sol e a sombra das árvores e o verde das folhagens podiam emprestar-lhes. Sem nenhuma pressa em ocultá-los novamente, tirou do bolsinho do vestido um jambo maduro e começou a comê-lo calmamente enquanto me sorria. Quanto tempo durou aquilo? Não sei. Um pássaro voou, célere, de uma árvore a outra. Uma folha caiu ao chão, vagarosa. Passou uma brisa, e na distância o rumor de uma cachoeira... Foi então que um fio de saliva, um fio fino e brilhante e certamente doce, com gosto de jambo, escorreu-lhe pelo queixo sem que pudesse evitar e caiu-lhe no peito, a gota feito uma pérola, e ainda sem apressar-se Diva passou o dedo sobre a pérola — a gota —, espalhando-a entre os seios em floração. Vendo-me indeciso, aproximou-se e disse baixinho ao meu ouvido “amo-o”, e acrescentou “são um presente para você”.

Meu assombro não me permitiu mais que tocá-los de novo levemente e, em seguida, retirar a mão, temeroso e já arrependido de ter começado aquilo.

Desconversei, fingi prestar atenção a qualquer coisa e me afastei um passo. Ela fechou a blusa e retornamos para casa, quietos, encabulados.

Eu os vi naquele dia para não vê-los mais por muito tempo, porque a vida é engraçada e separa as pessoas quando menos se espera. Separou-nos, pois, assim, de súbito, como quem não quer nada, como se eu me despedisse dela para ir até a cidade mais próxima e retornar no dia seguinte.

Retornei. Quinze anos depois.

O Velho

Sou um velho e, francamente, não tenho a menor vocação para essa coisa de escrever memórias. Não me ajeto com as palavras, tenho dificuldade com elas — por exemplo, nunca consegui fazer um discurso porque na hora de falar em público eu acabava esquecendo aquilo que pretendia dizer, começava a gaguejar, e o mais que conseguia era agitar as mãos, dar um adeusinho para as pessoas e sorrir amarelo. (Digo isto porque uma vez fui candidato a vereador na minha cidade e tive de fazer uns discursos. Se dependesse de discursos para ser eleito... No fim das contas, não fui mesmo eleito, mas isso não interessa a ninguém). É claro, o caso aqui não é falar em público, mas se eu me pego a imaginar que alguém irá ler isto, começo a catar palavras, a enfileirá-las com uma tentativa de estilo (frustrada, diga-se de passagem), e acaba não saindo nada que preste.

Por outro lado, a quem poderia interessar minha vida comum, de burguês com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor¹, como dizia o Bandeira? Sim, porque nunca fui mais que um burguês meio-termo, com sua vida mediana vulgar que não chega a lugar algum: casei aos vinte e cinco anos com uma moça feia mas que agradava à família por ter nome e boa condição social. Nunca fui traído, o que é péssimo para um homem, e raramente me aventurei em cama alheia. Filhos, tive um casal, e ambos seguiram os meus passos, duas ilustres mediocridades que nunca fizeram nada de importante na vida. Talvez a menina tenha tomado uma atitude, quando resolveu morrer antes da hora (talvez já passasse da hora, tinha quase cinquenta quando cortou os pulsos); o outro continua por aí, gordo e ridículo arrastando consigo filhos e netos, e o que é pior, sem se dar conta de o quanto é ridículo e gordo. Eu, por fim me aposentei com uns proventos razoáveis e passei a arrastar meus chinelos em casa, do quarto para a sala, da sala para a varanda, da varanda para o quarto. Putz! O ócio!... Não, não, não vale a pena! Esqueçamos tudo isso! Não me peçam para escrever memórias.

...Mas se eu tivesse de contar alguma coisa (para aproveitar esse licorzinho que nos vai esquentando a noite — diabos, faz frio! E olha que

¹ Manuel Bandeira, no poema “Poética”.

o inverno mal começou!); portanto, se eu tiver de narrar algum caso, uma história picante (bem, Deus não é tão cruel que não permita ao mais apagado dos homens pelo menos uma história picante), enfim, certamente poderia falar... dela!

Chamava-se Diva.

Era tarde, e a chuva caía a intervalos naquela noite — a noite em que resolvi evadir-me, ainda que por poucas horas, do meu ócio de aposentado no bordel da Joana Crioula. Diva, ah! Diva! Quando ergueste a blusa e, nus sob a malha, teus seios apareceram, aqueles seios eternos, brancos como leite, que minhas mãos hesitaram tocar por temê-los irrealis, como se fossem evaporar mal os tivesse entre os meus dedos... Beije-os então, os bicos rosa escuro rijos e com um sabor diferente, um gosto de que eu não conseguia me lembrar, mas que não me era estranho. Recordo o olhar dela imóvel, e a frieza com que me recebeu já quase por último, pois eu era um homem de sessenta e quatro anos que entrou ali assumindo ares de conquistador e achando que podia cativar alguém com meu reumatismo e minhas rugas, minhas mazelas e minha pobre estupidez. Notei aquele desprezo de soberana (“velho ridículo, terá o que quiser — contanto que pague. Mas não espere de mim mais que isso”), semideusa implacável detrás das paredes do quarto, o quarto dela, rico em sua miséria, edênico no inferno que calava atrás da porta, onde cedia seus tesouros em troca da bolsa de imbecis como eu.

(amigos, perdoem-me o lirismo de minhas recordações, mas esse vinho está o diabo!...)

Tocava o corpo de Diva com meus dedos tortos pela artrite, ela calada, inerte às minhas carícias incertas e senis, minhas mãos dois lagartos gelados vasculhando suas coxas, mas ainda que em nenhum gesto ela demonstrasse prazer não me importei, porque em seu corpo o que me enlouquecia eram os peitos, delicados como nunca vira, de tamanho medido e exato que no mundo não há outros, e um sabor que teimava em parecer-me familiar...

Amarrava os sapatos para sair enquanto ela se vestia com displicência e vagar, e foi assim, muito rapidamente, numa fugidia visão que ainda hoje me assombra, que os vi uma última vez sumindo sob a malha, momento em que me detive a contemplá-los, em que ela me dominou com seu olhar de mel e eu, sem recompor-me totalmente, o paletó no braço e as fraldas da camisa fora das calças, permaneci indeciso junto à porta, nada querendo a não ser sondar seu mistério. Mas Diva insinuou com um gesto que eu devia partir, “está acabado, senhor, já estamos no fim da noite. É preciso dar a vez a outro cliente” ela não chegou a dizer, e eu parti. E não voltei.

Por que não voltei, pergunto-me sempre, por que me desesperei todos esses vinte anos na neurose de tê-la outra vez nos meus braços e não

tive coragem? É claro que eu já havia “feito das minhas” antes... Que escrúpulos tive então? É duro, mas tenho de admitir que eu tive medo, preferi manter-me livre de ponto expediente protocolo a desembestar-me num amor de velho. Julgava-me seguro em minha respeitável casa, com minha respeitável família, recebendo o sorriso respeitável e cotidiano dos meus vizinhos.

Que respeitável merda, amigos!

Bem, aí está... creio que não me saí tão mal. Mas falou-me o coração, acreditem, falou-me o coração. Por vezes, fala-me ainda a visão, a visão de dentro, essa que me congelou na memória aquelas duas frutinhas levemente rosadas desaparecendo sob a malha, no instante em que Diva vestia a blusa...

Os Celerados

Faz quinze anos. A rua estava escura por causa das lâmpadas queimadas que a prefeitura não mandara trocar. A moça vinha não sei de onde e parecia distraída, mas deve ter ouvido sei lá que barulho que um de nós fez atrás da árvore, e parou para escutar... Foi quando corremos e a agarramos, eu e o outro, abafando-lhe o grito com as mãos sobre a boca e apertando-lhe a garganta.

Mais cedo naquela noite a gente havia tomado umas doses no boteco do Zé Graxa, onde aproveitamos para jogar porrinha. Me lembro de ter ganho umas dez partidas de uns freqüentadores do bar, fracos no jogo, levando uns bons trocados. Daí pensei: a noite vai esquentar, e chamei o outro para darmos uma chegada na boca, “tem um branco lá de primeira, coisa legítima, pelo que sei chegou essa semana. O que tirei aqui dá pra uns quatro ou cinco papelotes”, e o outro topou na hora, cheirar era com ele. Da boca seguimos para a tal rua escura com os papelotes e o canudinho no bolso. Cheiramos. Daí o outro disse: “tou a fim de dar uma bimbada”, e eu respondi: “Sai pra lá, seu filho da puta, que eu não sou viado não!”, e o outro achou graça: “Não é isso, seu bocó. É que por aqui costuma passar uma moça todas as noites”, “uma moça?” perguntei, e ele disse: “é, já vi ela passar diversas vezes, aperta o passo neste trecho escuro, deve morar mais lá para baixo”, “e é boa?” quis saber; “se é boa? Puta merda, você tem que ver!”, e então eu também fiquei a fim, mais por curiosidade, e topei, e fomos nos esconder atrás da árvore. Não tardou muito, ela apareceu. Tinha pernas bonitas que a mini-saia mostrava, e um rosto cheio de encantos. E ela vinha se aproximando, vinha vindo para nós...

O outro a segurou com força “nem um pio, ou morre!” enquanto eu lhe rasgava o vestido e arrancava de um puxão só a calcinha de tecido azul-claro. Foi aí que surgiu a briga: eu queria ser o primeiro, o outro

também, coisa que não tínhamos decidido previamente. “É na porrinha” eu sugeri, mas ele não quis porque era muito burro e sabia que não poderia me ganhar, porrinha é jogo de muita malícia. Enquanto discutíamos, imobilizávamos a moça nua na calçada, embaixo de uma árvore, longe da luz, e lhe apertávamos a boca com uma trouxa de pano. “Eu tive a idéia, sou eu primeiro” ele falou, “afinal era eu quem sabia que ela passava aqui todas as noites”, “mas foi eu quem pagou o branco”, “pagou porque quis, ora essa! O primeiro sou eu!” Eu bem que podia deixar ele ir primeiro, mas eu tinha um nojo danado, e botar o pinto numa xota suja de porra de outro homem me embrulhava o estômago. “É na porrinha” eu repeti furioso, “ou então vai ser na faca” e me levantei puxando da faca. Ele também fez que ia se levantar e puxar a faca, mas eu não dei tempo: enterrei a ponta na garganta dele e fui empurrando devagarinho até ele cair estrebuchando, golfando sangue feito cabrito no abatedouro.

Então me virei para a moça, que de tão apavorada nem pensou em reagir. Reclinei-a na calçada com um carinho rude e me deitei entre as pernas dela. Fui penetrando aquela xotazinha cheirosa e macia do mesmo jeito que o punhal entrou na garganta do outro, sentindo a carne abrir-se para minha passagem, para o gozo brutal que se seguiu, para a delícia das delícias. Parei por fim, extenuado, deitei-me na rua para descansar, e foi então que num momento de descuido ela quase me esmaga o crânio com uma pedra solta do calçamento. Acordei três dias depois no hospital com uma enfermeira velha e safada metendo a mão dentro da minha cueca. Ela me disse: “Você está enrascado, moço, o que é uma pena. Que documentos você tem!”

E foi assim, desde aquela noite de delícia e desgraça, há quinze anos passados, estou nesta enxovia respondendo o 213 e o 121, mas tem uma coisa que no escuro desta minha cela úmida, durante as crises de delírio e febre que me atormentam, se mantém clara na minha lembrança, e não referi, por muito curioso que seja: é que enquanto eu estava com a moça, vi que ela era muito bonita, as pernas, o rosto, o cabelo, tudo (apesar de que a rua estava bem escura, mas deu pra notar, mesmo porque eu tinha visto quando ela vinha pela parte iluminada), mas o que mais me chamou atenção foram os peitos, tão lindos que me encantaram, que deles não me esqueci mais, os peitos da moça, e que exalavam um cheiro adocicado, leve, cheiro de jambo, essa frutinha amarela que se encontra às vezes para vender na feira...

O Menino

Eu, menino, mal completara catorze anos, mas Diva era mulher feita, sabia das coisas, conhecia a malícia, as manhas da fêmea adulta — como aquele dia no engenho de açúcar na fazenda do meu avô, quando,

abrindo de súbito a blusa, passou caldo de cana nos mamilos sem se importar com meu olhar espantado, e virou-se para mim: “Passa a língua aqui, vem”. Depois nos deitamos sobre a bagaceira, ela dando as ordens, comandando tudo na minha falta de jeito. Eu queria somente apertá-los, mordê-los como quem morde uma fruta madura, mas ela não deixou: quis ensinar-me mais, e me ensinou tudo, tudo, enquanto gozava dizendo um nome que não era o meu, o que me aborreceu bastante porque, garoto que eu era, pensava-a apaixonada ao falar com tanta ternura dos meus grandes olhos azuis. Mas desde aquela tarde em que a levei para conhecer o engenho — a tarde do meu momentâneo prazer e duradouro desterro, que há de ficar e se renovar em delírio para mim a cada dia —, Diva desapareceu da minha vida, diluiu-se feito nuvem.

Conheci Diva naquelas férias. Matriculara-me no curso secundário e em seguida embarquei para a fazenda onde ficaria até o fim de fevereiro. Minha paixão era a fazenda e sonhava com o dia em que, agrônomo formado, me mudaria para lá a fim de ajudar vovô na administração das terras, das plantações, do gado. Vovô se encantava vendo a disposição do neto, “esse menino vai longe” dizia, “ainda vem pra cá dar lições a todos nós”, e eu tanto me dedicava que aprendia rapidamente toda a lida: manhãzinha já estava no curral assistindo à ordenha, participando. Curar as reses, tangê-las ao pasto, recolhê-las ao curral, de um tudo eu já fazia, cheguei até a ajudar bezerrinho a nascer. Depois eram as plantações, o café, a cana, o algodão. Percorria com o velho as terras que um dia seriam minhas, ia inteirando-me dos limites, escutava com atenção seus projetos de aumentar a propriedade, e enquanto aprendia suas lições ia eu fazendo os meus próprios planos para quando me tornasse o dono. Todos gostavam de mim. Um antigo agregado, já velho, dizia vez por outra com a liberdade dos agregados antigos, dirigindo-se a vovô: “Quem dera o moço comesse já a lidar por aqui permanentemente, seu Nicolau. Essas terras precisam de sangue novo pra prosperar com mais vigor!” Eu me ria, vaidoso, e vovô metia os dedos pelos meus cabelos, dava-me tapinhas nas bochechas, “não fique ‘inchado’, menino. E tenha paciência. Seu dia chega.”

Foi em finzinho de fevereiro, uma semana antes de eu regressar para o colégio, que Diva apareceu de visita em casa de uns conhecidos. Eu me levantara cedo aquele dia para as lidas no curral e por volta das nove, já de volta e imundo, entrei na cozinha para tomar um café quando a vi, sentada à mesa, conversando com vovô. “Olha, chegou quem faltava!” exclamou o velho levantando-se, mas logo recuou espantado: “Menino! Que sujeira é essa? Vá logo tomar um banho, que hoje você tem outra tarefa: levar a moça para conhecer a fazenda”.

Diva era parente, prima distante, pelo que me disse, da mulher de um dos colonos da fazenda. Raramente aparecia.

Aquele foi o nosso primeiro encontro. O primeiro, o último...

No fim daquela semana voltei para a escola e o tumulto do reinício das aulas fez-me esquecer Diva por algum tempo, mas passados os primeiros dias, as novas amizades já consolidadas, as antigas refeitas e os estudos tendendo para a rotina diária, a lembrança daquela mulher jovem e fogosa que gozava pronunciando o nome de outro homem, mas que apesar disso me tocava com tão grande carinho, e tanta ternura punha nas palavras, quando, cansados, nos deitávamos lado a lado no chão e falávamos banalidades — a lembrança de Diva começou a tornar-se mais forte, mais persistente. Onde encontrá-la eu não sabia, tinha apenas um número de telefone anotado às pressas na hora de partir num pedacinho de papel que eu não sabia onde guardara, nem mesmo se guardara. Revirei a casa atrás daquele pedacinho de papel. “Perdi o papel” eu disse comigo mesmo, perplexo, olhando a desordem em que pusera o quarto. No dia seguinte escrevi para a fazenda, que me mandassem com urgência o endereço de Diva, ou de sua família no Rio. A “urgência” tardou três meses e duas ou três cartas nervosas e igual número de telegramas, até que a tal parenta respondeu sucintamente ignorar seu endereço, acrescentando que a família de Diva morava noutro estado (qual? Não sabia!) e que me podia enviar apenas um número de telefone. “Ora, diabos! Está muito bom!”, e com a ansiedade de um garoto que corre para a matinê eu disquei os números, atropeladamente, nervoso porque de início deu ocupado, depois porque a voz mecânica da telefonista informava não poder completar a ligação, desesperado quando, finalmente atenderam e alguém — uma odiosa voz masculina — informou que aquele telefone fora vendido e não sabiam informar quem tinha sido o proprietário anterior. Agora era preciso dar uma de detetive, rastrear o paradeiro de Diva, e minha investigação deveria começar escrevendo à empresa telefônica. Dias depois, recebi resposta da empresa telefônica informando um endereço numa zona suspeita da cidade, onde fui parar na mesma tarde. Uma casa de pensão, onde efetivamente morara até um ou dois meses atrás uma moça chamada Diva, “sim, moço” dizia a dona da casa, “morou conosco durante algum tempo, mas mudou-se. Não, não deixou endereço, nem disse para onde ia”. E minhas investigações pararam por aí: Diva estava perdida para sempre.

Os anos se passaram e eu não me esqueci daquela mulher que me ensinou o amor em minha adolescência. Nunca me apaixonei, nem mesmo estou certo de que me apaixonei por Diva. Sei apenas que tê-la perdido tornou-me árido por dentro. Como um fogo que se apaga e no seu lugar resta um terreno estéril. Divido-me hoje entre a fazenda que herdei do meu avô, onde ela nunca mais apareceu, e os prostíbulos da cidade grande onde procuro em vão por um sonho. Não sei por que procurá-lo em prostíbulos, mas sempre que entro em um e me sento pedindo uma bebida,

fico olhando o movimento das garotas cercando as mesas, entrando e saindo com suas roupas extravagantes, a nudez mal disfarçada, as cores fortes da excessiva pintura, e espero sempre ver Diva aparecer subitamente no meio delas. Em vão. Na maioria das vezes saio sem ir para a cama com ninguém, e levo comigo meu sonho, minha aridez, minha agonia...

O Escolhido

E foi assim que a reencontrei, quinze anos depois, passeando naquele entardecer pelo parque da cidade. Tremi dos pés à cabeça ao vê-la, e logo Diva me saltava ao pescoço e foi tanta alegria que acabamos numa lanchonete comemorando com hambúrguer e chope gelado. Conversamos trivialmente sobre a vida, ela falando-me de seus estudos, seus pequenos projetos, seus sonhos diminutos, e eu daqueles quinze anos de estrada e distância que me pareciam tão cheios de novidades que a poderiam encantar, e tão ricos que a poderiam seduzir, tão plenos que sua plenitude bastasse para nós dois, com a empáfia do homem mundano e superior que julga pelas aparências... “Mas afinal, por que você sumiu e não deu mais notícia nenhuma?” — foi sua simples pergunta no fim de minha dissertação, e eu percebi que nada daquilo importava, nada brilhava aos olhos dela, nada lhe parecia grande ou importante, porque a seduziria apenas o que eu lhe pudesse trazer nos meus próprios olhos e no meu beijo de namorado... tive de inventar uma história qualquer, e para desfazer o repentino mal-estar disse com um sorriso entre maroto e insinuante “hoje, Diva, eu já não teria vergonha como naquele dia”, mas então foi ela quem teve dúvida — estava escrito que não nos teríamos nunca —, apesar de permitir que eu lhe abrisse a blusa num gesto cheio de pudor enquanto ela virava o rosto com algum constrangimento e levemente corada — porque o tempo da inocência já havia passado —, e uma vez mais os admirasse...

Quisera, Diva, ser eu dentro deste caixão de carvalho sob essa chuva fina e infernalmente fria que corta a tarde. Eu, o grande filho da puta, que por mais quinze anos deixei que o mundo me arrebatasse de ti e voltei somente para encontrá-la morta.

A amiga

“Querida Diva:

“Da última vez que lhe escrevi, já faz bem uns oito ou dez meses, não recebi resposta. Eu poderia supor que a carta tenha se extraviado, ou que você se mudou e os correios não a devolveram (acontece muito), mas estou certa de que não é nem uma coisa nem outra. Sei dos motivos de sua zanga comigo, afinal eu mesma, depois do nosso último encontro — quando nos dissemos palavras que deviam ser evitadas — não pensei mais em escrever-

lhe nem em procurá-la, em parte pela raiva que estava sentindo, em parte pelo receio de que você não me quisesse ver. Contudo, não esperava que depois de tanto tempo você ainda guardasse ressentimentos.

“Sempre foi assim entre nós, você deve lembrar-se: nos encontrávamos como boas amigas (fomos boas amigas), saíamos, tomávamos um chope, conversávamos. Por um nada, uma querela, uma discussãozinha boba, brigávamos. É certo que brigávamos por uma semana, duas no máximo. Mas da última vez foi diferente. Como se iniciou a discussão daquele dia? Do motivo não me lembro, deve ter sido outra daquelas trivialidades de sempre. Ou não. Não estou bem certa (perdoe-me se procuro calar os motivos com a desculpa do esquecimento, mas é para esquecê-los de verdade). Só que você foi muito mais acerba que das outras vezes; aliás, você parecia mais amarga, e tenho a desconfiança de que a afetava uma daquelas crises de depressão que lhe sucediam, depressão causada pelo mesmo e único motivo: ele. (Sabe, recordo-me do dia em que você me falou dele pela primeira vez: nós nos conhecêramos há pouco tempo, e vez ou outra eu aparecia em sua *kitchenette* para um bate-papo. Naquele dia eu estava sentada na banquetta junto à penteadeira, via-a inquieta andar pelo quarto, ir daqui para ali, abrir uma gaveta, remexer no estojo de maquilagem, apanhar, desatenta, uma revista na mesinha... Foi quando você começou a falar... e me contar suas desgraças. Eu chorei, ouvindo-a estirada na cama desfeita, o ar do quarto abafado pela fumaça dos seus sucessivos cigarros e pelo cheiro de bebida — sobre a mesinha de cabeceira, uma garrafa de uísque pela metade e um copo mostravam que você já se embebedava vez em quando nessa época. Mas com que carinho você falou dele, e como soava bonito em seus lábios o nome do homem que amava!)

“Eu cometi um erro: não fui paciente. Devia ter compreendido seu sofrimento, reprimir minha mágoa e procurar acalmá-la. Mas achei que não tinha de escutar seus ataques contra mim e ficar quieta — afinal, que culpa me cabia naquela história? Tenho o sangue quente, sempre fui assim, dizem que é comum às pessoas nascidas em Touro: chamei-a de bêbada, de covarde, sei lá mais o quê. Disse, enfim, coisas duras, e você não se calou, atacou-me com mais ímpeto e daí percebi que já não havia como voltar atrás: separamo-nos com raiva uma da outra, creio que pela primeira vez eu estava mesmo com raiva de você (e, estou certa, você também de mim).

“Muitos meses se passaram sem que nos víssemos, e nesse ínterim mudei de estado, vim para São Paulo aproveitando uma boa oportunidade de trabalho, e quando desejei reatar nossa amizade, não encontrei resposta. Faz mais de oito meses que lhe escrevi a primeira carta. Estou certa de que você recebeu aquela e todas as outras que enviei, caso contrário o correio tê-las-ia devolvido com alguma informação (poderia, sim, até extraviar uma ou duas, mas se bem me lembro escrevi umas cinco ou seis).

Compreendo que não me queira ver, talvez estejamos perdidas uma para a outra, talvez não nos vamos encontrar tão cedo. Mas queria dizer-lhe — e não vou certamente incomodá-la de novo a partir de agora — que sempre tive uma grande admiração por você, e houve uma época (você sabe disso, pois nunca lhe escondi nada de mim), logo no começo de nossa amizade, que a desejei sinceramente, até mesmo com um princípio de amor.

“Aquela noite em que a vi despir a blusa na semi-obscuridade do quarto (no som rodava baixinho um CD do Johnny Mathis, Evie, lembra de Evie?), e exibir seu corpo delicado e gracioso aos meus olhos sem, contudo, conceder-me nada mais — os seios tão exatos e belos, as coxas firmes e de um contorno ideal, a suave curvatura dos quadris... aquela noite não me sai da lembrança. Como também não me sai da lembrança a linda história acerca daquele episódio de sua infância, quando você mostrou o corpo para ele, e um fio de saliva caiu enquanto comia jambo, e você espalhou a saliva com gosto de jambo entre os seios (assustando-o, pois ele, enfim, não passava de um garoto) — e daí me pergunto: que homem é capaz de esquecer uma coisa assim?

“Cria-me que nunca fiquei ressentida por você não me ter dado nada a não ser a visão momentânea dos seus tesouros, não fiquei ressentida porque entendia que eles deveriam pertencer ao amor de infância que a vida lhe raptara “levando para não sei onde”, você se queixava, “sumiu assim, no ar, puf!... e pela segunda vez! Nunca mais apareceu nem deu qualquer notícia”, e seus olhos se enchiam d’água, “seguramente me esqueceu, e me condenou a essa solidão”, esse homem a quem, mulher da noite como se havia tornado, você ainda permanecia fiel...

“Não sei se nos veremos outra vez. Sinto que não, que nosso desencontro foi definitivo, mas nesta minha última carta desejo exprimir meu mais sincero desejo de que hoje esteja feliz, quem sabe junto dele, enfim de volta para o seu lado. Se for assim, estou certa de que ele terá encontrado em você mais que uma mulher, mais que um simples corpo de fêmea: terá encontrado o amor, levando para você igualmente o amor — e, confesso, sinto até uma pontinha de inveja. (sem maldade, é claro)

“Desejando que ainda possa me perdoar e esquecer minha ‘falta de jeito’, prefiro não escrever no fim desta carta ‘adeus’, mas, quem sabe, um ‘até breve’”.

O Solitário

Quando me xingam na rua “olha o viado”, “vai dar a bunda, filho-da-puta”, eu não ligo, nunca liguei, afinal é isso mesmo o que eu faço. E daí? Ninguém tem nada com a minha vida, já foi tempo, a Inquisição acabou há séculos. Eles, os que gritam seus palavrões, seus deboches, suas

ofensas, não entendem o que é isso... (Além do mais, tem um monte deles aí que no escondidinho bem que gostam mas fingem que não. Pra mim, ser enrustido é bem pior.)

Antigamente eu freqüentava os banheiros públicos das rodoviárias, e lá deixava minha marca, meus apelos de solidão no azulejo, nas paredes:

“Amo o ‘Alemão’ da Viação N. Senhora Aparecida, com seu charme, seu bigode, seu cordão de ouro e o pano ensebado do recosto de sua cadeira.”

“Tenho pernas lisas, e uma boca de lábios macios. Telefone-me.”

“O cobrador Osvaldo, da linha 17, é um macho e tanto. Vem, Osvaldo, invade minha carne com a força monstruosa do teu pinto de Itu!”

“As maçãs são rubras feito o meu desejo dele. O meu amado nas mãos trás o fogo, e nos olhos, veneno.”

“Estou com o corpo todo comichando...”

Houve uma época em que eu deixei de escrever e passei a desenhar. Primeiro figuras singelas, em traços rápidos: gatinhos nos telhados. Gatinhos querendo “namorar”. Pássaros nos ninhos. E ao lado, um número de telefone. Depois tornei-me mais explícito: nádegas, as minhas nádegas (eu achava minhas nádegas bem bonitas), e coxas de mulher. Por fim pirus entrando em bocetas. Assim, nu e cru. As bocetas eram estilizadas, uma argola na forma de uma amêndoa, o piru atravessando a argola e deixando cair lá dentro gotículas de porra. E assinava “Rosa Desesperada”, com o mesmo número ao lado.

Houve um tempo em que silencieei: não escrevia mais, não desenhava mais. Calei minha agonia. E ninguém compreendeu — nem minha voz, nem minha mudez.

Ela, no entanto, soube logo de tudo, percebeu de relance o que para os outros ficava no limbo, distante e inacessível.

Olhou-me e compreendeu de imediato a luta que se desenrolava entre minha condição física de homem e a mulher que eu me sentia. Entre o sexo que tinha e o que gostaria de ter. Mas é isso mesmo, que há de espantoso, afinal? Tenho um pinto, desejava no lugar dele uma xereca. Literalmente. E dar a bunda não é o mesmo que a xota... aí está o grande fracasso do amor para mim. Como completar-me com um amor que não terei nunca? Como continuarei escrevendo no azulejo dos banheiros que esses homens rudes dos coletivos não são apenas cobradores ou motoristas, mas se afiguram para mim como anjos, anjos da madrugada portando a mensagem do desespero? Como continuar rabiscando nas paredes figuras de pirus entrando em bocetas, meu sonho virtual e obsedante, se é somente isso que poderei, rabiscar palavrões e figuras obscenas, declarações de amor que não terão resposta?...

Mas ela, naquele dia em que nos encontramos na orla (aquele dia eu estava com a corda toda, tinha pintado as unhas de rosa choque e a boca

de vermelho, e rebolava displicentemente numa calça de malha muito justa que realçava minhas curvas falsas. Na verdade estava querendo morrer, e mais de uma vez pensei em me atirar nas águas. Seria inútil, logo viria um salva-vidas. Além do mais o mar estava calmissimo!), vendo-me, adivinhou.

— Eu sei da sua solidão — ela não disse, pelo menos com as palavras, senão com os olhos. E eu, com os olhos, e não com as palavras, respondi:

— Ouça-me, assim mesmo.

Quando vi, estávamos conversando, e eu lhe falava do meu último fiasco com uma mulher num quarto de motel.

— Quando ela saiu, fula da vida, fui pra frente do espelho, passei batom de cereja na boca, pus um sutiã e gozei. Desde então sou assim, e que se foda o mundo! — Ela sorriu, sem reprovação. Correu os dedos entre os meus cabelos e disse que eu tinha um rosto bonito. Então me veio uma bruta vontade de chorar.

Entrando de repente no quarto dela uma noite, encontrei-a nua, admirei-lhe os peitos delicados, quase irreais. Foi como se algo rebentasse em mim. Não nos dissemos nada, mas Diva fez-me sentar em sua cama, os dedos uma carícia em meu rosto. Com um pano úmido limpou-me da pintura. Morri de vergonha quando atirou para um canto os peitos falsos que eu usava. Depois abraçou-me, pousou a boca sobre a minha feito uma pétala, uma asa de borboleta... Naquela noite fui homem.

Um dia sumiu de lá, ninguém soube informar nada sobre ela, diziam apenas que arrumara as trouxas e entregara as chaves, tudo intempestivamente, sem nenhuma explicação, saindo em seguida com destino ignorado... E eu me vi desvalido, sei lá... Rondei a cidade atrás dela, ah! Deus sabe quantas noites gastei nas minhas andanças, “ela me paga” eu dizia com raiva, “aquela ordinária vai se ver comigo”, e a xingava até a última geração. Mas no fim da noite, derreado, debruçava-me pelas mesas dos bares de terceira categoria e chorava. Até certificar-me de que Diva estava mesmo perdida. Então decidi voltar ao batom vermelho e aos peitos falsos.

Hoje, cada homem que trepa comigo me inspira nojo, esses infelizes mal-amados com quem muitas vezes nem mesmo as putas da Central querem nada, e aí procuram um cu. Sinto nojo, mas preciso de todos eles, cada gozo é um misto de prazer e repulsa, uma lama que, no entanto, não me faz esquecer a mulher conseguiu fazer-me homem.

O Escolhido

Hoje, que percebo o significado de tua morte e em cada entardecer parece-me desenhar-se nas sombras que chegam a forma do teu corpo,

quando a última luz do dia reverbera por minhas pupilas varridas pelos letreiros de néon, a brisa da tarde sopra arrastando papéis e folhas pela rua e eu me arrependo neste meu quarto de grossa solidão; que eu olhando ao redor penso descobrir sempre uns olhos que me vigiam de trás das cortinas enquanto o abajur aceso lembra funeral, e me acontece sempre ouvir lá fora o bulício das meninas que vêm do colégio e no meio tua voz ecoando, como se a vibração de tuas palavras não se fosse mais extinguir, e só aí percebo que as meninas já estão longe mas tua voz continua comigo, certo de que no dia em que ela não soar mais em meus ouvidos já não serei capaz de ouvir coisa alguma; e que me atiro cansado na cama pensando na insensatez que me fez deixar de lado o amor e procurar o mundo sem saber que o mundo estava em ti e nesses seios morenos que apodrecem agora na escuridão, somente então, Diva, percebo que um tempo de pesadelo abre seus portais para mim, porque embora permaneças comigo em tua ausência, terrível é não ter tido tempo de dizer “perdoa-me” e não ter ouvido de tua boca “perdô-te”... E que estranha essa mistura que se opera em mim agora: a do arrependimento que me pesa e da visagem que surge na sombra: teu corpo flutuando, frágil e macio feito voluta, o vento que passa para o sul recordando tua voz, e um cheiro de jambo que invade subitamente o quarto!

História de um casamento

A Polêmica

A polêmica surgiu a propósito do amor e do casamento, e só tomei parte nela por ter pronunciado uma única frase que, para mim, devia encerrar a questão.

Éramos três naquele fim de noite chuvosa há mais de quarenta anos, mas eu, de minha mesa, fumando com certa impaciência minha última cigarrilha, procurava distrair-me escutando os dois na mesa ao lado.

O bar, uma dessas espeluncas de periferia que só abrem à noite, proporcionava-nos sofrível abrigo ao aguaceiro que resolvera despencar após longa promessa, e enquanto a enxurrada descia a ladeira arrastando toda a sorte de imundícies pelo meio da rua, os dois boêmios, já se não bêbados pelo menos “aquecidos” pelo vinho barato, discutiam.

— O amor, ah, o amor...! — dizia um deles, ar sonhador, cara de poeta desiludido. Mas não completou a frase, e a exclamação sobre o amor ficou no ar, como uma pluma, um perfume, um eco.

— O amor — disse o outro depois de um momento, apanhando a palavra como quem rebate uma peteca, mas rebatendo de má vontade. Esse outro não tinha cara de quem fizesse versos, parecia mais um dono de padaria ou algo assim, alguém ligado ao comércio nos bairros de classe média cujo fim é não ir muito além de sua predestinada estreiteza.

— Digo-lhe — tornou o primeiro — que o amor, o grande, o verdadeiro amor, é aquele que jamais se realiza — e dizendo isto, não só chamou-me a atenção pelo inusitado da idéia, como pelo gesto que fez com o copo, elevando-o bem alto diante dos olhos e observando a lâmpada encardida através da transparência do vinho, para, em seguida, de um só gole emborcar o conteúdo com prazer e desespero.

— Não creio — replicou o outro, prático, prático até no encher o seu próprio copo, comedidamente, fungando como um bom e respeitável porco. E prosseguiu sério, como quem assume uma cátedra, com o chavão burguês: — O amor, na nobre instituição do casamento, é o que menos importa. Serve para atrair duas pessoas e daí formar um sólido consórcio que é a base da nossa sociedade, enfim, a família. Unidos na terra e, indissolúvelmente, no céu.

— Mas o amor quando se realiza perde o encantamento... aquela idéia do sonho, a adolescência, pois todo amor é adolescente... Eros é menos que um adolescente, é um menino...

— Pois eu lhe digo que Vênus, ao contrário, é uma respeitável matrona — e esta foi a única frase digna que ouvi do tal sujeito naquela noite. Tudo o que veio depois foi uma apologia ao casamento, à família constituída, aos filhos que nascem e devemos educar segundo a lei dos homens e da Igreja, conduzi-los na vida e na sociedade e, por fim, esperar pelos netos que da mesma forma deverão ser criados, educados e conduzidos e assim *ad infinitum*. — Como convém a todos nós — arrematou, dono de uma verdade indiscutível.

— Mas e o amor no meio de tudo isto? Esse sonho que temos e que se reveste da imagem de uma mulher com quem, subitamente, nos deparamos e que nos parece mais que simplesmente mulher: um anjo, um ser estranho e misterioso que nos foge ao tato, mesmo às vistas mas jamais ao pensamento... que é feito dele?

— Santifica-se no casamento — explicou o outro que, bem mais velho, julgava-se no direito de dar explicações na forma de sentenças. E tome chavão: é a lei de Deus, “está na Bíblia”, com o tempo a paixão dos primeiros dias converte-se numa sólida amizade, uma afeição que dura toda a vida, “e este é que é o amor de verdade, sem ilusões, sem miragens nem transbordamentos, mas formado somente por abnegação e pelo sossego conjugal”.

Não pretendo reproduzir todo o diálogo — a polêmica estendia-se, os copos se sucediam com regularidade, e já faz tanto tempo que seria impossível ser fiel a tantas palavras ditas entre goles de vinho e arrotos. Eu, de minha parte, fumava e ouvia.

Em resumo, um queria crer que o grande amor — o amor ideal, Eros, no seu dizer — seria aquele jamais realizado, em que o ser amado permanecia distante e intocável, não se poluía com o contato físico, não se corromperia com a convivência, não se transformaria num fardo com o cotidiano — em suma: o anjo transparente e quase incorpóreo do entardecer não se converteria na fêmea lasciva da meia-noite nem na mulher que acorda pela manhã com mau hálito e remela nos olhos.

O outro acreditava — e nessa crença punha toda sua ênfase — que o amor era o tempero para que o casamento começasse bem, continuasse como rotina aceitável e necessária, persistisse por obrigação, e atendessem aos mandamentos do Céu. Não é preciso acrescentar que com sua opinião o anjo se converteria em fêmea, em mãe, e engordaria, com direito a remela e mau hálito, e algum flato de vez em quando.

Não sei por que me deu na telha entrar na conversa, e nem bem entrei, saí. Lembro que me levantei e, sem mais nem menos disse para os dois:

— O amor não se discute — e me fui debaixo do temporal.

Uma explicação

É que já cheguei aos setenta e dois, e pretendo chegar aos setenta e três em setembro. Nos últimos doze anos vivo do ócio de uma razoável aposentadoria e, quando não estou com o Jornal do Brasil embaixo do braço, das leituras — releituras — casuais de um Eça ou um Machado.

Deram-me veleidades de escritor. Talvez inábil, mas escritor (tanto que já tenho em mente para depois destas, outras linhas, isto é, caso venham em meu socorro “engenho e arte”). Assim resolvi contar esta história verdadeira. Não direi a história da minha vida, pois isso de contar cada um a história da sua vida é tão ultrapassado que mesmo eu, formado à antiga (ora, eu sou antigo...), não tolero. Pretendo mais retomar a discussão aludida no capítulo anterior que escrever uma autobiografia, para a qual muito pouco haveria de interessante a ser contado. Depois, pelo que tenho em mente, devo ater-me ao essencial, o que já há de bastar para encher umas boas páginas.

Os fatos

Nos primeiros anos de escola apaixonei-me por uma menina sardenta de grandes olhos azuis que tinha sua graça. Cheguei a pegar-lhe na mão, quando muito umas duas vezes, mas acabei perdendo-a para um garoto mais velho — e mais feio —, e, como eu ficasse reprovado naquele ano, no ano seguinte não fazia mais parte de sua classe, de modo que poucas vezes voltei a vê-la. O caso afetou-me tão pouco que logo no começo do ano letivo seguinte caí de amores por uma moreninha magriça, de cabelos lisos e sorriso agradável. Tagarela que só, foi ela quem agarrou-me a mão primeiro, e fui eu quem a deixou algum tempo depois, enfiado. No intervalo de duas semanas, a garota namorou dois rapazes da mesma classe — um por semana, está visto —, e depois mudou de escola. Fora essas duas, houve outros casos de menor importância, namoricos de um dia, de uma hora, de uma contradança em bailes e festinhas.

Depois veio o colegial.

Tornava-me adulto, conheci moças, não mais adolescentes mas mulheres, e com a vinda da experiência amorosa, fosse nos recantos escuros de um parque, fosse nalgum quartinho alugado para aventuras do tipo, o amor não passou nem ao menos a um metro de mim. Manteve-se a prudente distância, e se vez por outra eu trocava beijos numa esquina, na outra já os havia esquecido como quem amassa o papel de uma bala que pôs na boca, e o atira — uma bolinha — em qualquer canto.

Na universidade não foi muito diferente, exceto pelo fato de eu ter sido a vítima de uma jovem gorda, cheia de espinhas e óculos fundo de

garrafa, que cursava o segundo período de odontologia. Elogiou-me os dentes, quis vê-los mais de perto, e depois não me largou por um ano e meio, pouco se lhe dando se vez por outra eu lhe passasse rente abraçado a alguma beldade. Por fim desistiu: não que se sentisse ofendida ou menosprezada com minha constância junto às beldades e a inconstância junto dela. Acaso teria encontrado dentes mais belos, pelo menos mais dispostos a morder-lhes as redondezas.

Referi-me a beldades.

Sempre há beldades, elas surgem como visões, depois reaparecem como mulheres, pensamos que é o Céu, depois vemos que não é mais que a Terra, e em alguns caso uma sucursal do Inferno. Houve um caso assim: verdadeiramente linda, de pele morena bronzeada pelo sol de Copacabana — não há no mundo sol melhor, segundo alguns —, usava uma gargantilha de ouro com um coraçãozinho em que fora incrustado um pequeno rubi como pingo de sua inicial gravada, i, de Isadora. Na época não se podia ver — como hoje — muito do corpo, só o que os costumes e a decência permitiam, mas do pouco que mostrava, deduzia-se plenamente o resto.

Minha dedução foi correta, e julguei-me no Céu. Depois de alguns meses descera efetivamente ao quinto dos infernos: não eram apenas a ciúmeira, os escândalos em via pública, as ameaças de suicídio, de homicídio, até de genocídio (“Olha que eu lhe enveneno a família toda, seu filho da puta!”): a gota d’água foram os arranhões que levei pela cara certo dia em que, casualmente, conversava à porta de um restaurante com uma antiga conhecida da faculdade.

Dizem que contra o demônio só um padre santo para exorcizá-lo. No meu caso, nem Sua Santidade o Papa. A solução era relativamente simples, mas um transtorno: mudei-me, sumi por algum tempo, fui para o interior, para a casa de uns tios. Depois deu-me na telha viajar (gastar algumas economias), estive fora, na Europa, quase dois anos. Por fim regresssei. Os conhecidos — e, principalmente, os que sabiam do caso — falaram-me dela: casara-se, tinha um casal de filhos e infernava a vida do marido com seus ciúmes. Livrara-me do inferno, passara-o a outro, mas nenhum remorso advinha disso. O mal fora involuntário.

Estes são os fatos. Haveria muito mais a acrescentar? Pelo andar da carruagem, dirá o leitor que não. Esse velho gagá anda a contar suas peripécias amorosas pensando que todo mundo tem tempo para escutar bobagens. Mas estes são os fatos: os anos transcorriam e o amor continuava a manter-se discretamente afastado. Como eu não me afligisse por encontrá-lo, levava a vida tranqüilamente e sorria para as estrelas como quem não precisa pensar no dia seguinte.

“Hoje só há as estrelas, amanhã não importa, mas se chover e o céu estiver escuro, além das nuvens continuará havendo estrelas.”

Os pândegos

Já fazia alguns anos da referida polêmica naquele fim de noite chuvosa, e admito que não voltara a pensar no assunto.

A essa altura da vida eu trabalhava numa grande indústria de manufatura têxtil como administrador de produção, com vencimentos nada desprezíveis. Não tinha o hábito de gastar sem medida, mas não era parco e costumava freqüentar bons ambientes nos finais de semana, onde já fizera amizades, algumas até importantes. Por exemplo, falava à vontade — e com alguma deferência, sem dúvida — com o assessor do governo, e uma vez sentara-me à mesa de um cônsul italiano interessado na indústria nacional. No mais, porém, minhas companhias de costume eram uma rapaziada da mesma idade, de pensamento aproximadamente igual e interesses não muito diversos.

Assíduos, éramos quatro, mas vez por outra nos reuníamos em grupos de seis ou oito num dos restaurantes da moda, presente a eterna e infalível companhia feminina, com quem passávamos a madrugada falando de todos os assuntos — os do momento, os da moda, os outros, enfim, o que nos viesse à cabeça. As moças ao nosso lado desempenhavam seus papéis de namoradas casuais — namoros que às vezes se estendiam por quatro semanas, quatro meses, raramente chegavam a seis, jamais a doze. Éramos uns pândegos, essa é que é a verdade, e nada nos importava a não ser a filosofia contida na velha frase latina *carpe diem*.

Vez por outra o casamento era discutido entre estrondosas gargalhadas, e a sagrada instituição se convertia em motivo de gracejos gerais (para o descontentamento das moças, que sempre sonhavam seu príncipe e julgavam encontrá-lo em nosso grupo).

— Eu não seria capaz de amar alguém a ponto de conseguir olhá-lo na cara todos os dias pelo resto de minha vida — costumava dizer um dos rapazes, o Júlio, o mais jovem, o mais debochado. (Posso adiantar que o pobre Júlio, apesar de toda sua bazófia, casou-se menos de dois anos depois, a mulher o trouxe a cabresto durante quinze anos de infeliz matrimônio, cabresto com o qual o foram encontrar pendurado pelo pescoço no corrimão da escada numa trágica manhã de abril.)

Eu não era temerário a ponto de afirmar categoricamente que não seria capaz de amar. Dizia por vezes que o amor se esquivava de mim, que de resto nunca me impressionara seriamente com ninguém, mas que não descartava a possibilidade...

— ...de se apaixonar — completava alguém, e a morena que se dependurava em meu pescoço beijava-me o ouvido, cochichando:

— Não podia ser por mim, benzinho? Faríamos um belo par, e que filhos lindos teríamos!

Eu a afastava com suavidade, dizia um “talvez”, acrescentava um “certamente” se havia insistência, e desaparecia por duas semanas para reaparecer de braço dado com uma loira, uma mulata, qualquer uma, menos a insinuante morena. Era meu jeito de despachar as mais atiradas. Longe de mim, compromisso!

Por fim...

Mas o amor não guardaria distância para sempre. Caviloso, estaria aguardando sua vez de atacar. E é quando ataca que sobrevém o perigo.

É aí que as coisas começam a se agravar.

As coisas se agravam

Um dia — como já disse éramos quatro e estávamos à volta da mesa na Confeitaria Colombo, contrariamente aos hábitos aí pelas três da tarde, e mais uma vez o tema era o gênero feminino, o matrimônio e suas conseqüências — vimos entrar um casal muito distinto, já de certa idade, que, como a casa estivesse cheia, pareciam inseguros quanto a permanecer no local.

Um garçom adiantou-se com presteza, curvou-se e os acompanhou ao fundo do salão onde acabava de vagar uma mesa próxima à nossa. O caso, banal, não nos teria chamado a atenção se em companhia do distinto casal não estivesse uma jovem de aproximadamente dezoito anos cuja figura desafia o estilo do mais romântico e idealista escritor, de Alencar a Azevedo.

Como descrever o indescritível? — e em face de tal pergunta, o leitor já começa a perceber por que antepus ao capítulo o título que lá foi anteposto.

Como descrever o indescritível?, repito a pergunta, porque decerto a beleza — o etéreo, o inominável que acompanhava o distinto casal e que, inconsciente de seu perigo e das conseqüências a que poderia expor os circunstantes, assumia a forma de uma moça de dezoito anos — era, a bem dizer, indescritível.

Não que não se possam descrever uns cabelos muito longos e loiros, de um ondulado suave, ou uma pele clara sem ser branca mas lisa e perfeita como cetim (e, perdoem-me se uso da imagem do cetim, não me ocorre outra melhor nem menos batida); não que seja difícil falar de uns olhos azuis que pude apanhar de passagem enquanto o garçom lhes indicava o caminho, ou de uns lábios rosados e cheios a lembrar a boca de certas Madonas de Rafael e que se entreabriam num sorriso (ao se dirigir à senhora que, ao mesmo tempo, voltava-se para ela com uma observação, talvez sobre os doces que ali serviam); e nada é mais trivial do que dizer: a

moça tinha as faces ligeiramente coradas, os dentes perfeitos, os cílios longos, as sobrancelhas finas e arqueadas, somando-se a isso uns pingentinhos de ouro nas orelhas. Tudo isto é muito simples de ser dito.

Mas tente dar uma idéia do conjunto, tente o leitor imaginar fielmente a imagem a partir dos indícios enumerados — eis o desafio!

E para não recorrer aos inevitáveis adjetivos (a alguns dos quais já recorri, não houve jeito): anjo loiro, ser celestial, sonho personificado, lírio das campinas, rosa dos ventos... — para não recorrer a tais pieguices, digo simplesmente que ali, na figura daquela mocinha de dezoito anos, estava **o perigo**.

O Perigo

Enquanto o distinto casal se acomodava e a senhora passava os olhos no cardápio, mexi-me na cadeira, ajeitei-a de modo a que pudesse de vez em quando olhar a moça, que por sorte minha sentara-se bem defronte, e pus-me a observá-la com discrição.

Os quatro a estávamos admirando, e não exagero se disser que todos na confeitaria, àquela hora, homens e mulheres, também a estariam admirando, cada qual a seu modo.

— É nova na cidade? — eu perguntei ao da minha esquerda. — Nunca a vi nos salões, nos bailes...

— Sim, parece-me que é nova.

— Não há como saber? — tornei a perguntar, desta vez ao da direita.

— É possível. Não notou como o garçom parece conhecê-los?

— O garçom? — eu disse. — O que um garçom pode ter com essas pessoas?

— Pareceu-me ter alguma intimidade... veja como assiste à mesa em que estão mais que às outras.

— Um conhecido pobre? — sugeri.

— Um protegido, talvez...

E chamamos o garçom à nossa mesa. Prendêmo-lo algum tempo, enquanto fingíamos estudar o cardápio. Displícitamente consultava os companheiros, voltava-me para ele:

— Um momento só... há outros fregueses, bem sei... os recém-chegados, por exemplo, mas... um momento só...

— A propósito — o da esquerda aproveitou a deixa —, parece-me que aquele senhor — e indicou o casal — é o desembargador Tavares, ou estou enganado?

O garçom fez uma cara de estranhamento.

— O senhor se engana, certamente — respondeu o rapaz com uma ligeira inclinação.

— Não é o desembargador Tavares com a esposa? — e desta vez fui eu que aproveitei a deixa.

— Não — e o garçom curvou-se um pouco mais —, são os Barões de Porto Alto, família tradicional...

— Nobres! — murmurei.

— ...de linhagem — concluiu o outro com orgulho, como se daquele sangue azul lhe corresse também nas veias alguma gota.

E numa época em que a nobreza já não existia! Pelo menos quase não existia. Via-se na face jovial e lustrosa do garçom sua satisfação em falar dos ilustres, a quem fora o primeiro a servir mal haviam chegado à cidade. Depois, distinguiram-no preferindo-o aos demais — “a mim, um plebeu, um subalterno!” exclamou encantado —, e foi por aí que o homem apanhou as informações que nos foi passando enquanto fazíamos nosso pedido. Por ele soubemos que estavam já há algum tempo no Rio de Janeiro, onde passaram a residir, e freqüentavam a confeitaria nas tardes de sábado, “agradam-lhes nossos doces. É uma honra para a casa!”.

O leitor deve estar se perguntando como não havíamos visto ainda o casal e a moça, se tinham por hábito provar os rebuçados da Colombo nos sábados à tarde. Lembre-se, porém, de que éramos um grupo de inveterados boêmios, e boêmios não freqüentam confeitarias sábado à tarde. Boêmios dormem nas tardes de sábado por terem rompido a madrugada de sexta, preparando-se para romperem a seguinte com a mesma disposição. O passeio daquela tarde à famosa casa de doces fora uma casualidade, uma quebra absoluta de rotina, uma dessas brincadeiras cujas conseqüências serão imprevisíveis.

O meu colega da esquerda discutia agora com o da direita se não era preferível um chocolate amargo com pãezinhos de mel, o da frente pediu um pudim, um simples pudim, e eu, se pudesse, pediria a jovem loira numa bandeja de ouro maciço. Como tal pedido não fizesse parte do cardápio, tive de contentar-me com um chá, “gelado, se me faz favor”, e, aparentando negligência, indaguei:

— Mas a senhorita, parece-me que não será filha, dado que já são idosos...

Não, não era filha, a senhorita era a neta. E solteira. E sem compromisso, “pelo menos por enquanto” acrescentou maldosamente o garçom. “Sim, pelo menos por enquanto” mastiguei para mim mesmo.

Voltemos ao perigo

O perigo, caro leitor destes parágrafos que ousou chamar memórias; o perigo estava naquela tarde, na Confeitaria Colombo, bem diante de mim mordendo uma queijadinha com a classe senhorial de uma linhagem centenária!

Quem a visse não poderia supor que algo como três ou quatro séculos de tradição repousavam sobre aqueles ombros delicados, cintilavam-lhe no azul dos olhos e no dourado dos cabelos. A minha impressão era a de que nada disso lhe importava, ou importaria tão pouco que mais lhe aprazia lambar discretamente os dedos lambuzados de açúcar...

Fiat Lux

E foi um gesto tão espontâneo, gracioso e belo, que vale a pena descrevê-lo mais uma vez: a menina lambeu os dedos lambuzados de açúcar, no que foi admoestada pela avó com um grave e quase imperceptível toque de cotovelos.

E então fez-se luz, e todos vimos que a luz era boa!

Sim, fez-se luz, porque a menina abriu-se num sorriso que iluminou o ambiente, olhou de relance para a avó (o avô entretinha-se novamente com o cardápio, não percebeu) e inclinando-se um pouco em sua direção murmurou alguma coisa, desculpas talvez. A velha — a nobre e digna senhora — franziu os lábios contendo por sua vez um sorriso diante da travessura da neta, e no íntimo devia passar-lhe qualquer coisa como a idéia da responsabilidade de seus atos perante os mencionados três ou quatro séculos de ossadas ancestrais.

Percebi que se davam bem, e me pareceu que a menina devia ter sido criada cheia de mimos pelos velhos.

O ambiente, porém, ainda estava iluminado, e o perigo, a despeito de tudo, continuava ali. Diante de mim.

Receita para enfrentar o perigo

Infelizmente não existe tal receita. Cada um terá o seu método, e o que melhor parecer a um, certamente não aprovará a outro, e se caso um tomar uma atitude feliz, a mesma atitude será inócua para um terceiro, e desastrosa a um quarto. Portanto não quero afirmar que a maneira pela qual enfrentei o perigo seja a correta, a melhor, a única. Era, quando muito, a única, a melhor naquelas circunstâncias, para mim.

“Então é isto o amor” eu me dizia pela milésima vez naquela noite, enquanto, madrugada alta, rolava sem sono na cama. “Isto então é o amor”, e conquanto não caiba repetir aqui essa frase mil vezes — como naquela madrugada — para enfatizar o poder que agora — aos trinta anos de idade — me impulsionava o coração a bater cada vez mais forte, aqui vai ela mais uma vez: “Então isto é o amor!”.

Para ser exato, não posso mesmo afirmar que adotei uma estratégia para tal empreitada: decidi apenas aproximar-me da moça, falar-lhe na melhor oportunidade, e o resto que viesse como viesse.

Uma questão napoleônica

Napoleão ficou famoso em suas batalhas por ser o grande estrategista que era. Li certa vez — já não me recordo onde, nem se foi exatamente deste jeito — que, perplexos, os inimigos o acusavam de não respeitar as normas da guerra. Foi quando alguém respondeu que era justamente este o segredo de suas vitórias.

Resolvi ser o Napoleão carioca dos anos quarenta, pelo menos daquele ano de 1941. Não que pretendesse faltar à ética, até porque, se houvesse algum massacre, o massacrado seria o meu próprio coração, o sangue haveria de correr apenas dentro de mim, e ninguém se sentiria horrorizado diante de uma carnificina que não podia ser vista.

Refleti que mesmo Napoleão não era o general invencível que todos temiam, e um dia acabou vencido. Se a minha estratégia seria napoleônica, corria o risco de deparar-se com seu próprio Waterloo, mas era um risco que não podia ser evitado. Portanto, armado até os dentes, parti para o campo de batalha: ou venço, ou acabo em Elba (Elba — a minha Elba seria a solidão, o desespero, tudo aquilo que para um coração apaixonado significa o exílio, a distância da criatura amada).

Resumindo, eis minha estratégia: a propósito de ligeiro encontrão que fizesse cair a bolsa da senhora, curvar-me para recolhê-la, aproveitar o ensejo para iniciar uma conversa sobre qualquer tema e convidá-los para minha mesa, mostrar-me simpático e ver se cativava a moça.

Exceto pelo detalhe da bolsa da senhora, que, bem segura, não caiu e, portanto, não me obrigou a curvar-me para apanhá-la, tudo mais correu às maravilhas, e o boêmio deu lugar ao bom moço que logo se prontificou para ser útil “a vossas excelências” no que estivesse ao seu alcance.

— E também à senhorita — acrescentei, a fim de ter mais algumas palavras para dizer àquela por quem eu iniciava a guerra. O olhar e o sorriso que acolheram meu oferecimento foram tais que me julguei no último círculo do céu, em face da beatitude descrita por Dante em sua Divina Comédia.

Se aquela que ali estava não era a Beatriz florentina, seria não uma réplica, mas uma versão século XX da famosa diva.

Não se chamava Beatriz

Chamava-se Débora.

E o disse como quem faz uma declaração banal sem imaginar que se trata de um mapa do tesouro. Foi no momento em que nos despedimos

naquela tarde. Apertei a mão do avô, curvei-me para beijar a da avó, e ao tomar a da moça, com algum embaraço, aludi:

— Coisa singular... conversamos até agora e ignoro o nome da senhorita...

O barão ajeitou os óculos.

A baronesa velha sorriu da distração da neta.

Mas ela — ah!, ela pronunciou uma palavra, um nome, um mantra: Débora, a divina, aquela que deveria conduzir-me pela mão através dos nove paraísos.

Os Barões

Os Barões de Monte Alto eram gente simples, ostentavam seu brasão com orgulho, mas sem altivez. Fosse pelo fato de já haver minguado excessivamente a antiga fortuna da família, ou por possuírem, mais que a nobreza de estirpe, a de caráter, digo é que me acolheram se não como um igual, pelo menos como um amigo em seu reduto — um casarão comprado e remodelado com gosto e simplicidade no Catete, no centro de um terreno amplo e arborizado, com muitas flores e vastos gramados, banquinhos de madeira sob a copa das árvores e um chafariz que à noite esplendia de luzes coloridas.

Minha penetração em seu reduto, porém, não se deu de uma hora para outra. Nossos encontros na Confeitaria Colombo, nas tardes de sábado, repetiram-se, para minha impaciência, uma dezena de vezes — e digo para minha impaciência, pois que meu desejo mais urgente era poder, de alguma forma, estar a sós com Débora o mais breve possível, e nesses encontros o mais a sós que ficávamos era quando a baronesa levantava-se para ir ao *toilette* e o barão, discretamente, fazia um aceno para o garçom com quem ficava a confabular, à parte e por alguns minutos, enquanto escolhia algo mais para pedir. Eu aproveitava esses minutos para trocar meia dúzia de palavras com a neta, esta respondia sempre com graça e educação, a voz doce como um acorde de violino, com inteligência e a naturalidade de uma formação primorosa. Mas os minutos voavam, a baronesa estava de volta e ajeitava o chapéu, o barão pigarreava assentando os óculos, e a conversa continuava a quatro, despretensiosamente.

Despretensiosamente não é exato: o ilustre casal aceitava minha amizade (decerto percebia minha inclinação pela neta), mas com reserva e tino procurava inteirar-se da minha pessoa — o que não me passou despercebido. Tratei de ser o mais sincero possível ao falar de mim, pois estava claro que podiam tomar informações a meu respeito, e ser pego numa falsidade significava o imediato repúdio.

O que há mais gelado que um sorvete?

Uma tarde, enquanto tomávamos um gelado, sorvete de ameixas, o barão saiu-se com uma pergunta que me deixou ainda mais gelado:

— E a vida noturna da cidade, Sr. Sanches?

— A vida noturna, Sr. barão? — eu disse com um ar aparvalhado, enquanto a colherinha interrompia seu caminho da taça à boca.

Ora, o barão interrogava-me pela vida noturna do Rio — que eu conhecia muito bem, mas que certamente deporia contra mim se eu dissesse o que sabia (não se esqueça o leitor de que eu integrava o grupo dos pândegos, dos boêmios da minha repartição).

— Sim, meu jovem, a vida noturna da cidade, que me diz dela?

Resolvi tomar a colherada do sorvete com toda a lentidão possível — saboreando-o, conquanto repentinamente me parecesse inosso e desagradável —, e enquanto isso arquitetava uma resposta que ao mesmo tempo satisfizesse o velho e me deixasse bem perante seu conceito.

Senti cravados em mim os olhos da velha baronesa (não olhei para ela, mas estou certo de que me investigava com a argúcia acumulada em toda sua ascendência familiar). Débora, ao contrário, notei que havia baixado a cabeça e remexia num dos bolsinhos do vestido, de onde apanhou um lençinho branco que levou aos lábios, tossindo levemente. Não sei se constrangida pela pergunta direta do avô, o fato é que suas faces adquiriam de repente um rosado vivo. Fato é, também, que a avó desviou de mim sua atenção e inclinou-se para ela com cuidado, ao que a menina murmurou um “não é nada, vovó”, e continuou tomando seu sorvete.

Terminando de engolir, sorri. A cara franca. O ar despreocupado de quem nada tem a temer.

— Não posso afirmar que conheço bem a noite, Sr. Barão, pois, o senhor compreende, quando se pretende firmar na vida, enfim, fazer um pé-de-meia...

O velho aprovou com um movimento de cabeça e fez um gesto com a mão, estimulando-me a prosseguir. Eu prossegui:

— ...contudo, não posso negar que já saí uma vez ou outra com alguns amigos... para conhecer... há boas casas, diversão decente... não sei, porém, se seria aconselhável...

— Não, meu rapaz — interrompeu-me, prevendo minha ressalva —, se seria aconselhável ou não que lá eu fosse levar minha senhora e minha neta, bem, é um caso ainda a pensar... quanto a isso não se preocupe. Perguntei apenas por perguntar.

E não se falou mais no assunto.

Tudo o quê?

Que eu estava sendo testado, não havia dúvida. Quando enfim fui aprovado no teste e passei, com isso, a frequentar-lhes a casa; quando finalmente tive mais liberdade para estar a sós com a neta e poder conversar com ela na varanda, no jardim, Débora contou-me tudo.

— Tudo o quê? — há de perguntar o leitor, estranhando, e não sem razão.

Eu respondo: tudo.

Seus pais haviam morrido ela ainda menina, “eu não tinha sete anos quando uma febre levou papai em menos de uma semana; não chegara aos oito e mamãe, amargurada com a viuvez, finou-se, já que, de saúde muito frágil, vinha definhando irremediavelmente no último ano”. Assim, fora criada pelos avós até a idade de dezoito anos. Parte de sua infância vivera em Portugal, e quando vieram para o Brasil foram residir numa chácara no interior de São Paulo, onde se desfrutava de uma paz excessiva, um silêncio que se tornava incômodo. Fora educada por professores particulares, e além de uma cultura geral boa, era fluente no francês e arranhava algo no violino, “mas não tenho talento algum para a música, esteja certo” confessou sorrindo.

Tinha poucos amigos — as meninas mais novas de uns vizinhos, as crianças que iam brincar no jardim, e só. Mas crescia, tornava-se moça, e uma moça deve conhecer a sociedade. Os avós resolveram então mudar-se para o Rio de Janeiro, onde residiam há pouco mais de três meses.

O que apurei dessas nossas conversas, das revelações que Débora ia-me fazendo acerca de sua casa, de sua vida, é que a fortuna da família, grande no passado, fora consumida em sua maior parte e então não restava a não ser uma sombra; que toda sua parentela resumia-se nos avós paternos, com quem vivia, e umas tias por parte de mãe, excêntricas e também de poucas posses, encafuadas em algum recanto de Lisboa.

Apurei também que, apesar de já estarem residindo numa cidade movimentada como o Rio de Janeiro há alguns meses, suas relações eram poucas, e o caráter introspectivo dos avós contribuía para que essas relações assim se mantivessem. A amizade surgida entre nós fora providencial, e segundo Débora o avô simpatizara comigo, “ele tem olho clínico para essas coisas, conhece as pessoas”, e eu não duvidei disso.

Eros

E assim tive de fazer libações a esse moleque travesso, pois agora, quando atravessava os portões do casarão no Catete, já não era apenas como amigo da família mas como pretendente a fazer parte dela.

Minha inclinação por Débora — e por que em lugar de um eufemismo não dizer o amor, a paixão, o fogaréu que me crepitava por dentro? — não passou despercebida dos avós, nem deixou de ser correspondida pela neta.

Os avós consideraram-me um bom partido: apesar de não ter sangue azul, ocupava um cargo rendoso e importante numa empresa em franco progresso, o que significava segurança para a menina; por outro lado, o velho, certa noite de saudades em que resolveu ocupar-me por um pouco mais de tempo e tomar um ou dois copos a mais de um Porto que a propósito mandara buscar em sua adega, confessou-me que “hoje em dia já não se liga muito para essas coisas, meu rapaz”.

— Mas que coisas, barão? — eu perguntei, espreitando o rosto vermelho do velho.

— Isso de títulos de nobreza, e linhagem, e essas coisas... já foi tempo... estamos em 1941!...

— Mas sempre é importante, barão, uma família de antigas tradições... é a aristocracia... é bonito...

— Qual!... Sim, admito... Mas é tudo o que me resta, a mim e a minha mulher... lembranças... Não, eu não posso querer para minha menina somente isso... vejo em ambos uma inclinação um pelo outro... E o senhor é um digno rapaz...

Com o elogio, pus-me gago, sorri, baixei a cabeça.

— Agora vá... ela está na sala, espera-o para conversarem... quem sabe já não vão escolhendo uma data favorável?

— Uma data?... — eu gaguejei, assustado.

— Ora, para as bodas! E por que não?

Sim, e por que não?

Pois se por mim era o que eu mais ambicionava, pelo lado da moça a coisa não podia ir melhor (Eros, sempre Eros a intrometer-se).

Débora afeiçoara-se a mim aos poucos. A princípio imaginara que tudo não fosse passar de simples amizade: enquanto em mim o fogaréu já ardia com força, nela o que eu encontrava era uma cordialidade suave, sempre um sorriso ou uma palavra de atenção, um gesto de simpatia. Com pouco notei que seus olhares queriam significar algo mais, mas hesitei. Depois esses mesmos olhos tornaram-se mais expressivos, mais explícitos, diria mais ousados, e eu também ousei. Na tarde em que lhe declarei meu amor, lembro-me como se fosse ontem, estávamos em frente ao chafariz, pondo-se o sol projetava longas sombras no gramado e havia uma grande quietude no jardim.

Foi espontaneamente, sem sobressaltos, que lhe tomei as mãos e falei.

Foi da mesma maneira que, naquela tarde, trocamos o primeiro beijo.

De novo... a polêmica!

E agora recordava-me a polêmica sobre o amor ouvida anos antes entre dois indivíduos num boteco da periferia, em noite de chuva forte.

Como fora eu parar em tal espelunca já não lembro — e nem me lembrava então, mas a polêmica, viva — ou rediviva — em minha memória, esta não deixava de me inquietar: eu estava amando uma jovem de dezoito anos que em breve seria minha mulher. O amor naquele momento significava para mim a suprema felicidade; estar com Débora era o sonho, e o jardim do casarão no Catete passava-se muito bem por uma representação em ponto pequeno do Éden bíblico.

“Este sentimento não pode ter fim” eu pensava exaltado quando sozinho em casa, uma fraqueza por dentro, uma tontura tomando-me o raciocínio.

“...ou será que pode?” perguntava-me mais exaltado ainda, levantando-me e dando voltas pelo quarto: era então que sobrevinha a dúvida, e com ela a lembrança da polêmica.

Só para lembrar, naquela noite um dos ocupantes da mesa ao lado da minha afirmava que o grande amor é aquele que jamais se realiza, que permanece no limbo, na idealização, intocado e incorruptível, porque ao realizar-se, amesquinha-se, torna-se rotineiro, converte-se enfim num fardo. O outro contrapunha que tal amor não existe, que o que existe é uma atração natural para consolidar a “sagrada instituição do matrimônio”, com a qual se forma a família, “sustentáculo da sociedade” e conforme as Santas Leis. Enfim, o romântico lançava mão de seus argumentos românticos, o prático, de todo o pragmatismo dos inevitáveis lugares comuns.

Foi quando eu me levantei e me intrometi na conversa, dizendo uma única frase, aquela que já referi, e repito abaixo:

— O amor não se discute.

Quem estaria certo naquela noite? eu me perguntava após cada encontro com Débora, à medida que via, dominado pela felicidade e pela preocupação, aproximar-se o **dia D**.

“Como será depois que nos casarmos? Depois dos primeiros dias, dos primeiros meses...?” eu refletia, e acrescentava temeroso: “...depois dos primeiros anos?” E coçava a cabeça sem encontrar resposta.

“Errado estava eu” continuava, “e redondamente, que o amor se discute, sim, e quanta dor de cabeça ele dá!”

Não me condenem!

Sim, não me condene o leitor por dúvidas que surgiam quando minha vida mais cheia de encantamento me parecia. É natural do ser

humano duvidar, é compreensível ter medo, a hesitação é atributo da prudência. Nem por isso passava-me pela cabeça desistir, à última hora, de casar-me com Débora. Era ela a eleita, a musa, aquela que se não se chamasse Débora — lembremo-nos mais uma vez de Dante —, chamar-se-ia Beatriz!...

Vamos atribuir tais dúvidas não a uma discussão tola entre dois sujeitos já “tocados” pelo vinho em madrugada de chuva — o motivo da discussão funcionava como simples acessório —, mas ao fato de que eu me despedia da vida de solteiro, entrava para o time dos homens casados e responsáveis, que devem forçosamente deixar a pândega pelo sossego do lar, transição que pode ser banal para uns e dolorosa para outros.

A visão beatífica

Não me condenem porque, enfim, casei-me.

Não quero me estender sobre os detalhes de uma cerimônia que todos conhecem de cor: a igreja enfeitada, os convidados, o padre com seus paramentos, o incensório perfumando o ambiente, o murmúrio geral, as perguntas e respostas de praxe, a consagração, as alianças, o beijo nupcial, os cumprimentos, a chuva de arroz, a recepção, o bolo, o esgotamento que sobrevém a tudo isso... não! Esqueçamos os detalhes. Vamo-nos fixar num momento — um único momento de todo aquele longo dia: a visão, pode-se assim dizer, beatífica, da minha amada quando entrou na igreja.

Todos se puseram de pé e se voltaram, reverentes, para a porta naquele momento; o órgão iniciou uma longa e doce melodia enquanto uma soprano lírica entoava um cântico de adoração.

Débora surgiu à porta vestida de branco, os cabelos soltos caíam em longas mechas sobre o peito, e na cabeça uma tiara — uma secular jóia de família, das poucas que haviam restado — rebrilhava feito uma auréola. As faces, levemente ruborizadas, ressaltavam o tom claro de sua pele, e os lábios entreabriam-se num sorriso que faria inveja à própria Mona Lisa.

“Eis a tua prometida” ouvi dentro de mim a voz de Deus enquanto contemplava, de junto do altar, a visão avançar para mim, conduzida pelo braço do velho barão; “eis a eleita do teu coração”. Mas teria sido mesmo a voz de Deus, ou apenas o meu ardente desejo que se pronunciava em face da beleza?

E agora...

Agora eu estava casado.

Aquele era o primeiro dia, depois viria o segundo, o terceiro... com certeza passaria um mês, um ano... quem sabe dez anos... vinte...

...E a polêmica? Com quem naquela noite estaria a razão?
O caro leitor tem curiosidade em saber? Pois continue lendo.

Vida conjugal

Tudo correu como se podia esperar nos primeiros tempos de um casamento feliz. Reunindo algum pecúlio, conseguimos, eu e Débora, embarcar em lua-de-mel para a Europa e por lá ficar alguns meses conhecendo os velhos castelos, admirando os centenários brasões, saboreando os melhores vinhos e fruindo o que havia de melhor em música, cinema, e divertimentos de menor importância intelectual, mas não menos agradáveis.

Vivíamos embebidos um do outro, o amor fluía de nós por todos os poros e nossos pensamentos se completavam com uma frase inacabada, um gesto, um simples olhar. Compreendíamos um ao outro tão plenamente e o desejo de um era a realização tão completa do outro, que nos bastávamos, e se tudo à nossa volta se dissolvesse, ali persistiríamos, vivos, íntegros, perfeitos.

Eis a idealização do amor — idealização que para nós deixava o mundo das idéias platônicas para se concretizar na realidade cotidiana.

De regresso ao Brasil, retomei meu trabalho e Débora assumiu a direção do nosso lar — o casarão no Catete, que nos fora cedido pelos avós como presente de núpcias — como perfeita dona de casa e anfitriã nos saraus que costumávamos organizar.

Acrescentemos, em resumo, que os filhos vieram, cresceram correndo pelos gramados (certa vez mesmo a tragédia avizinhandose de nós, quando o menorzinho resolveu nadar no chafariz e quase se afogou!), tornaram-se adultos e nos deram netos que, por sua vez, ainda correm por aí, sob os olhos aflitos da babá e da avó. Eu e Débora, aquela que deveria conduzir-me aos nove céus, envelhecemos juntos, consolidamos nosso amor dos primeiros dias de paixão numa ternura que nos preenche e nos recompensa da juventude perdida — de forma que até o meu reumatismo dói mais amenamente.

Agora que resolvi lançar em papel a história do meu casamento, passo às vezes muito tempo sozinho aqui, escolhendo as palavras, ajeitando as frases, e isto a deixa um tanto preocupada, admirada de que eu, depois de velho, esteja resolvido a tornar-me escritor — por isso talvez se aproxime, um pouco alarmada mas ao mesmo tempo compreendendo que velhos têm suas manias, e venha espionar-me do corredor pela porta do gabinete entreaberta, para depois retirar-se em silêncio, evitando incomodar-me. Eu, aliás, já lhe havia dito qualquer coisa acerca de meu projeto, e ela, cordata, não só apoiou como o considerou bastante salutar. “Além do mais, saia ou não um bom escrito, é sobre nós, os nossos lerão, os nossos saberão apreciá-lo”.

Assim, quando paro e medito no que foi, no decorrer desses mais que quarenta anos, a minha vida conjugal, sou forçado a admitir que o prático daquela noite longínqua, com todos os seus chavões, estava coberto de razão.

Outra possibilidade

Mas... teriam as coisas se passado mesmo assim? E se tudo tivesse acontecido de outra forma?

Vejamos: como fica dito no início do capítulo anterior, casei-me com Débora, viajamos para a Europa em lua-de-mel, lá permanecemos alguns meses e voltamos — eu para o meu cargo na empresa, e minha mulher assumindo com dedicação e desvelo a direção da casa.

Mas as coisas tendem a mudar, e deixando o romantismo de lado, e ainda correndo o risco de parecer ridículo com outra demonstração de romantismo, afirmo que, se os anjos deixam o céu vez por outra em vilegiatura cá pela terra, onde permanecem algum tempo, até o dia de regressarem; também a idealização de que falei acima aportara em nosso lar por certo tempo, mas como ali não pudesse residir permanentemente (mesmo como um hóspede querido ou mais, como um agregado) regressou, certo dia, de surpresa e sem aviso prévio, ao mundo platônico das idéias.

Débora começou a mostrar-se cansada de estar em casa e quis sair mais, lembrando-se porventura de quanto nos esbaldáramos na nossa lua-de-mel. Cansara-se de organizar saraus e recepções para chantagear-me com uma solidão de que ela mesma era a responsável. Não se tornara de todo má esposa, mas tinha suas manias — que se agravavam, e havia ocasiões em que se tornava excessivamente irritável. Não tardou a surgirem as primeiras discussões mais azedas: obrigava-me assim a estar sempre de sobreaviso para não ser pego de surpresa por um de seus acessos de raiva, durante os quais não titubeava em atirar-me em cima qualquer coisa que tivesse nas mãos — fosse uma peça íntima, fosse uma tigela de pudim, após o que, tachando-me de monstro insensível, ia fazer queixas à avó, que acorria, solícita, ao casarão, para conciliar o clima de tragédia. Eu comecei a aborrecer-me com aquilo, um dia chamei-lhe esposa incompetente, que não sabia resolver seus próprios problemas e, por qualquer coisinha, corria a incomodar os velhos, que o mais que esperavam em sua velhice era um tanto de tranquilidade.

Mas estávamos casados e tínhamos de nos aturar. Ainda havia bons momentos — raros — entre nós, e quando nasceu o primeiro filho (cerca de três anos depois de casados) a temperatura em casa refrescou por algum tempo — o tempo suficiente para que eu me desse conta de que Débora também não tinha o menor tato para ser mãe, detestava cuidar da criança, e só a amamentava por obrigação. Era eu mesmo quem, muitas

noites, passava em claro embalando o nenê para que dormisse, enquanto a “madame” roncava estrepitosamente no canto da cama.

Depois nasceu o segundo filho, nasceram mais três, e a visão beatífica começou a se desfazer — começara, lamentavelmente, a se desfazer já há muito tempo! Débora engordou — de início, um pouco, depois mais, e mais... a cintura tornou-se menos flexível, as curvas desapareceram e as pernas não só engrossaram como adquiriram uma infinidade de veiazinhas que se iam ramificando pelo interior das coxas feito as linhas de um complexo mapa rodoviário. Sob o queixo rotundo insinuou-se, primeiro, uma adiposidade sutil; essa adiposidade sem demora tornou-se alarmante e eu fui cruel: “trate de manter a boca fechada, ou em breve poderei vendê-la para o açougue”, mas Débora não se manteve de boca fechada e logo uma vasta papada despencava-lhe do queixo. Outras coisas mais despencavam: os seios, pequenos, róseos e rígidos, convertiam-se em muxibas que iam dar pelo umbigo, e ao caminhar balançava as repelentes e volumosas nádegas numa lascívia outoniça e medonha.

Tudo isso veio provar que o casamento nada tem do sonhado paraíso terrestre. Se não é um inferno total, pelo menos há de fazer face ao purgatório em muitas de suas penas, e como eu não era candidato ao purgatório, um belo dia larguei o casarão no Catete e fui morar no Leblon, num lindo apartamento de frente para o mar, onde tratava de meter, pelo menos uma vez por semana, alguma adolescente em flor para um divertimento ocasional.

Então — a adolescente em flor ressonando ao lado do quase cinquentão que eu era —, recordava a polêmica daquela noite no bar e admitia com amargura que o debatedor com ar de poeta desiludido é quem estava coberto de razão: o grande amor é aquele que jamais se realiza! Do contrário amesquinha-se, arruína-se de tal forma que é capaz de corromper tudo à sua volta. Eu suspirava espiondo a noite pela janela, recostado na cama e ouvindo o mar em surdos bramidos chegar à praia, enquanto corria os dedos pelas nádegas nuas da adolescente em flor, que continuava ressonando.

Foi desta forma patética que meu casamento terminou — e não há que negar: para meu total alívio. O que havia de triste naquilo (a vida conjugal e suas chateações cotidianas, a trágica diferença entre a Débora que eu conhecera e aquela em que se tornara, tudo mais, enfim...) eu tratava de esquecer com as meninas que levava para meu apartamento, aventuras agradáveis e vãs que com o tempo foram rareando. Tais aventuras, ainda hoje dou-me a elas, melancolicamente, raramente. Enfim, algumas cédulas bastam para contratar uma ou outra bocetinha jovem e fresca para um regalo eventual; (desculpe-me a palavra chula que soltei sem querer nestas linhas, até agora sérias, mas já que a escrevi...) cédulas não faltam, o que já falta é satisfação. O que sobra, agora, é cansaço...

Um terceiro caminho

Mas, caro leitor, teriam sido estes últimos os fatos, e não como relatei no outro capítulo? Ou haveria a possibilidade de um terceiro caminho nessa história que já começa a complicar-se demais?

Não houve casamento

Este seria o terceiro caminho, aquele que não me permitiria jamais descobrir qual dos dois debatedores da remota madrugada de chuva estaria com a razão — pois se assim foi e não me casei com Débora, é certo que não me casei com mais ninguém.

Caso tenha sido assim, por que não nos casamos, já que tudo nos conduzia para o matrimônio?

Em algum trecho acima chamei Débora um anjo, e noutro disse que os anjos, se descem do céu em veraneio neste nosso planetinha, cá não têm permissão para permanecer muito tempo. Talvez Nosso Senhor deles necessite para algumas tarefas indispensáveis, pois administrar o céu não deve ser empreitada fácil, e assim resolve que as férias acabaram e é hora de retornar ao trabalho.

Acontece que algumas semanas depois de nos conhecermos na Confeitaria Colombo, e quando o velho barão já me admitira em seu reduto familiar por ver em mim um bom moço — e um ótimo pretendente à mão da neta —, esta, certa manhã, acordou reclamando de uma indisposição qualquer, ao que a avó, acostumada aos fricotes juvenis não ligou importância.

À tarde insinuava-se uma febrezinha, um começo de tosse, e o avô ralhou com ela pelo excesso de gelados no dia anterior, na confeitaria. À noite a febre aumentou e mandaram chamar o médico. Por precaução, comunicaram-me, “não para alarmá-lo” disse o barão ao telefone, “não há de ser nada, mas é que o senhor é um amigo da família... e em especial da menina...”

Compreendi, alarmei-me e voei ao casarão no Catete.

Dali não arredei pé durante os dias e noites que se seguiram: a febre, quando cedia, era por uns poucos momentos para em seguida recrudescer, resistir aos medicamentos, e a tosse seca e ininterrupta denunciava o mal que já lhe avançara excessivamente pelos pulmões. Uma tuberculose galopante consumiu Débora em menos de um mês — um mês durante o qual me vi afundado nos sete círculos infernais sem um Virgílio para me guiar, mas no fim, apesar de tudo, sendo iluminado por uma verdadeira visão beatífica: o último olhar de Débora — ou direi, de Beatriz? —, luminoso como o fulgurar de uma estrela que explode e a seguir se apaga, esse último olhar, tão denso e talvez mais azul, foi para mim, acompanhado

de uma sombra de sorriso a revelar o amor que me tinha e de mim esperava como retribuição, para o que já era, infelizmente, tarde.

E suas mãos, de súbito eu as percebi inertes entre as minhas.

Aí está...

Aí está! Para finalizar este relato que não ousou chamar a “minha história”, até porque deixei de entrar em detalhes acerca da minha vida que poderiam induzir o leitor a escolher, com algum grau de certeza, uma das três possibilidades citadas; para finalizar, portanto, este relato, desejo apenas oferecer-lhes a oportunidade de refletir sobre essa grande e grave questão que é o amor, respondendo a pergunta que lhes deixo como exercício: com quem estaria a razão, na polêmica daquela noite de minha juventude?

(01-06/set/99)

Pobre Tancredo!

(Manuscrito encontrado entre os papéis do Desembargador Pimenta, que, já bastante idoso, veio a falecer repentinamente uma dezena de anos após redigi-lo, segundo se deduz pela data aposta ao final. O documento, à época, permaneceu inédito por decisão da família. Compreende-se: além de abordar fatos envolvendo parentes ainda vivos [mesmo que nada contenha de depreciativo contra quem quer que seja], o próprio autor não deixou claro em suas linhas se tinha intenção de publicá-lo. Reencontrado há pouco, ponderou-se com acerto que não seria justo, nem com o autor nem com o público [sempre ávido de boas leituras numa época tão estéril como a que atravessamos], mantê-lo na gaveta. Segue-se, portanto, sem alterações — exceto as exigidas pela atualização ortográfica — a narrativa feita pelo ilustre escritor de ocasião, que bem poderia ter feito uma bela carreira nas letras, não se tivesse dedicado com tanto brilho à das leis.)

1. Apresentação

Faz pouco mais de vinte e cinco anos desde os episódios que, nesta minha idade crítica (e não tanto por ócio), resolvi contar-vos. (Dizem que os velhos, por não saberem mais o que fazer de seu tempo, inventam: uns resolvem pintar quadros sem jamais terem pintado nem mesmo os cabelos; outros, escrever um livro — que não é bem o meu caso, já que pretendo escrever apenas uma historieta —, e outros ainda se tornam libertinos o suficiente para não perceberem que as mulheres já nada querem deles, a não ser o dinheiro... eis, contudo, um ponto sensível, e como não desejo ferir suscetibilidades, calo-me por aqui.)

Não tanto por ócio, eu dizia, mas porque, como veremos, um acontecimento muito recente e curioso ensinou que eu hoje me munisse de papel e lápis e ensaiasse a caligrafia.

Além do mais, o caso vale a pena, quando menos para reflexão nos momentos de descanso entre o almoço e a sesta (e não suspeitem aqui um princípio de indolência, senão de relaxe, a que qualquer pessoa, por mais ocupada que seja, se dá por prazer ou por necessidade).

Vinte e cinco anos... bem, vamos ao começo.

2. O começo...

Sem mais preâmbulos, embora para encher um bom número de páginas fosse indicado prolongar-me em algumas considerações inúteis (recurso muito utilizado pelos que gostam de falar o mínimo com o máximo possível de palavras), passo a apresentar sucintamente os personagens, para depois me demorar um pouco mais em cada um: ela, Cecília, o pivô de tudo; e eles: Antenor, o bem-aventurado, e Tancredo, um pobre-coitado. Poderia incluir um quarto personagem — eu —, mas apenas como espectador não tomei parte nos conflitos, ou se tomei foi mínima; e mesmo um quinto, que aqui poderia chamar-se Eros, Cupido, Amor, mas de tão abstrato e ao mesmo tempo tão incisivo, dividindo-se entre os três primeiros, acaba por confundir-se com eles, passa a integrar suas personalidades e não a figurar como um personagem distinto.

3. O pivô

Cecília era assim: loira, linda, estabanada. Menina.

Acrescentem-se outros sinais para um retrato mais completo: sonhadora, vaidosa, exigente — e teremos aí a mulher.

Fútil? Um pouco, um tanto, que importa? Este detalhe não será desabonador: as mulheres bonitas costumam ser assim, pelo menos nessa juventude estonteante dos vinte anos (deixam de sê-lo mais velhas, ou passam a disfarçar muito bem. Quando não, tornam-se medíocres, mas isto não vem ao caso).

Vamos encontrá-la naquele *réveillon* do ano de 1926, já perto das onze, quando entrei em sua casa e ela, avistando-me, correu para mim:

— Titio! — exclamou, e saltou-me ao pescoço. Tal ímpeto não demonstrava apenas o afeto da sobrinha pelo tio ou, mais ainda, da afilhada pelo padrinho, mas porque vendo-me, vira também o bonito embrulho em papel dourado que eu levava. Não fiz suspense quanto ao destino do embrulho: entreguei-lhe imediatamente com as desculpas

necessárias pela ausência no Natal. Um presente, ainda que com algum atraso, é sempre um presente.

O que não quer dizer que Cecília não me tivesse afeto. Criada sem a mãe, que morreu deixando-a com menos de seis anos, e não tendo irmãos, viu-se em sua infância cercada pelas afeições de dois homens maduros: o pai, que passou a desdobrar-se junto dela para suprir ao máximo a falta do carinho materno; e eu, que não passava quatro ou cinco dias sem lhe fazer uma visita, levando-lhe um mimo qualquer — uma fita para os cabelos, uma roupinha de boneca, quando pouco uma guloseima. Cecília amou o pai por ser pai, apegou-se a mim por não ter outra companhia para suas brincadeiras, e na adolescência, quando já dava mostras de seu gênio impetuoso e de sua beleza — além de uma notável inteligência, pois se destacava como a mais adiantada da classe —, e também quando já deixara de lado as bonecas e principiava a falar de rapazes — às escondidas, decerto — com as amiguinhas, continuou apegada ao pai por ele ter se transformado também em mãe para ela, e a mim, que continuei levando-lhe vez ou outra um agrado, ouvindo-lhe as confissões inocentes, beliscando-lhe as bochechas rosadas.

Cecília cresceu, viu-se adulta ao ser apresentada formalmente num baile memorável, foi admirada pelos rapazes mas os dispensou a todos, pois, apesar de continuar falando sobre eles com as amigas, cria que uma mulher deve saber escolher seu par (“Não se pode ficar com o primeiro que aparece só por ser o primeiro, não é, titio?”), e também que, chegando à idade de casar-se, não convinha que fosse tachada de mulher sem formação. Por isso aprimorara-se: falava com fluência três idiomas, conhecia os clássicos, mantinha-se informada das últimas notícias — e não só do mundo da moda — e, em certa época, arranhara lá seu piano (não foi adiante porque, conquanto apreciasse deveras a música, não tinha pendor).

Assim, vamos encontrar Cecília naquela noite de *réveillon* aos vinte anos ainda sem casar-se, embora disposta a apaixonar-se logo... desde que o pretendente estivesse à sua altura, “pois não subi aonde subi para curvar-me depois e colher o mato rasteiro” costumava dizer às vezes empinando o narizinho com adorável soberba, “não é, dindinho?” e afetava, para cativar-me, conquistar minha concordância, uma infantilidade que estava longe de ter.

E eu concordava.

4. O pobre-coitado

Tancredo é o que se podia chamar, sem peso na consciência, de um pobre-diabo — mesmo porque paupérrimo: herdara do pai apenas uma casita para os lados de Santa Tereza e umas apólices. Agradável casa,

embora pequena, com um quintalzinho nos fundos onde se podia descansar o almoço à sombra de uma jaqueira; magras apólices que ele preferiu, mal se achou só no mundo, converter em dinheiro. Bem fez não tendo convertido também a casinha, pois era provável que acabasse a zero: os investimentos miúdos em que se arriscou terminaram em um desastre que só não pode ser chamado de estrondoso porque a pólvora de um fósforo pouco estrondo faz, ou não faz nenhum, e o que ele tinha para investir era talvez menos.

Foi por essa época que o conheci, apresentado por um colega do foro, que me pediu para arranjar-lhe uma colocação. Deixou-o comigo e eu o acolhi.

Contava vinte e dois anos. Já havia exercido algumas atividades de escrivania sem ser escrivão; como tivesse boa letra (e era só o que tinha) e algum empenho em aprender o ofício (somente empenho, já que não revelava aptidão por exemplo para o conhecimento das leis, importante no ofício que escolhera, nem tirocínio no exercício de suas funções, pelo contrário, alguma lentidão de raciocínio e incompreensão de pontos importantes que só a custo de muito esforço assimilava, de modo que seus progressos, quando ocorriam, eram bastante limitados), empreguei-o primeiro no meu escritório pensando em prepará-lo um pouco mais enquanto não lhe arranjava coisa melhor.

Tancredo fez-me um único pedido: não se importava de pegar bem cedo no trabalho, “mesmo às seis da manhã, e deixar toda a papelada em ordem para quando o senhor chegar”, mas gostaria de estar livre às três, pois tinha um compromisso todas as tardes nesse horário — compromisso sobre o qual manteve silêncio mas que, como explicou, era de certa forma o responsável por não se ter fixado nos empregos anteriores. Achei o pedido incomum, mas como o acolhia apenas para agradar ao colega de foro, concordei, com uma ressalva (que me pareceu oportuna para não dar uma idéia de excessiva tolerância): que ele não me deixasse serviço pendente, no que imediatamente se comprometeu.

— E pode chegar às oito — eu disse. Momentaneamente cogitei em especular sobre os tais compromissos, mas como se tratasse de assunto particular desinteressei-me, e o resto seguiu como combinado.

Não sei, porém, o que tinha esse moço com ar de triste, roupas coçadas e sempre quieto que aos poucos foi me conquistando, e apesar do pouco talento que lhe descobri, com o tempo tornou-se imprescindível se não no escritório pelo menos em minha vida de solteirão sem filhos, mereceu minha confiança e minha estima, e por fim já não éramos patrão e empregado, mas amigos — não íntimos, chegados o tanto que lhe permitia seu temperamento arredoio.

Pois Tancredo era assim: reservado, de poucas palavras, trabalhava bastante e só se dirigia a mim quando necessário. Por sua reserva, só a

custo consegui saber algo de sua vida; como parecesse confiar em mim, descreveu-me sucintamente certo dia os fatos de maior relevância que vivera: tivera uma infância pobre, na adolescência — pelos treze ou quatorze anos — a mãe abandonara o lar, deixando a companhia do marido pela de um mascate que mascateava com alguma freqüência pelas ruas de Santa Tereza (ficou vermelho ao contar-me esse episódio, por um momento imaginei que fosse chorar — ou de pesar, ou de vergonha, mas não chorou); maiorzinho, começou a aprender o ofício de escrevente em alguns escritórios, mas não se firmou em nenhum; há coisa de três anos morrera-lhe o pai, pouco mais tarde sucedera-lhe o desastre financeiro aludido, andara novamente daqui pr'ali num e noutro escritório, e finalmente fora dar em minha casa. Terminando seu relato, encarou-me por um instante com seus grandes olhos claros e límpidos, sorriu — se era sorriso aquele quase imperceptível movimento dos músculos da face — e debruçou-se incontinentemente na escrivaninha.

Continuei olhando para ele por alguns segundos e, num relance, vislumbrei todo seu futuro: uma carreira obscura e vulgar de amanuense, com salários minguados e o risco constante de perder o emprego; o casamento num dia de má sorte, e nasceriam os filhos — dois no máximo, se fosse prudente; se não fosse, mais, e com eles a penúria; aos quarenta anos estaria quase velho, aos cinqüenta (minha idade então) sofreria irremediavelmente das vistas como consequência dos serões e do serviço extra que cumpriria em casa, à luz de lamparina, à cata de mais uns trocados, e finalmente ao aposentar-se, alquebrado e miserável, não lhe restaria muito da vida, não lhe restaria nada, talvez nem mesmo a vontade de continuar vivo.

Como se não bastasse tal perspectiva, baseada exclusivamente na verificação da sua escassez de talento para a profissão (aquela e qualquer outra, eu pensava, pois não conseguia imaginá-lo saindo-se bem no comércio, por exemplo, ou na política), havia um outro entrave em sua vida: sua figura. Não que fosse um homem feio, disforme: era simplesmente apagado. Tancredo era mediano de estatura, espigado, rosto imberbe, feições vulgares — destacavam-se os olhos, talvez, só os olhos —, e tinha os cabelos sempre mal cortados (talvez economizasse no barbeiro e ele mesmo os cortasse em frente ao espelho). Vestia-se com simplicidade, já que não tinha recursos para freqüentar um bom alfaiate; não posso dizer que trajasse com mau-gosto, não era bem isso. O que seria então? Só uma palavra explica — era apagado. Há dessas pessoas, pode mesmo ser que o leitor já as tenha encontrado por aí: mesmo que se apresentem com um caro vestuário, quando não fazem má figura não são notadas, não se destacam, passam despercebidas num canto pois tendem a encolher-se, a sumir. Era assim meu pupilo.

“O que poderá acontecer para que minha previsão não ocorra?” pensei então, mas para evitar que Tancredo levantasse repentinamente os olhos e desse comigo ali, espiando-o, voltei também ao trabalho, folheei alguns livros, revi algumas anotações, levantei-me e resolvi sair.

5. O bem-aventurado

Já Antenor era o que se podia chamar o oposto de Tancredo.

Tinham a mesma idade, o mesmo porte físico, até a cor dos cabelos e dos olhos era a mesma, mas entre ambos... quanta diferença!

Talvez pareçam cruéis tais comparações, e digo mesmo que me pesam um pouco na consciência, mas são necessárias.

Antenor, filho único de uma das mais promissoras famílias cariocas — os Mendonça Telles —, ainda que não propriamente um jovem rico, possuía talento e invejável posição social. O velho Mendonça Telles, que investia na indústria têxtil, vinha obtendo nos últimos tempos lucros consideráveis, de modo que os negócios tendiam a expandir-se, e ele, que para ostentar um anel de doutor concluíra havia pouco o curso de Direito, não tinha a intenção de advogar: já arregaçara as mangas e ao lado do pai no escritório começava a formar seu próprio patrimônio. Na altura em que se comemorava aquela festa de *réveillon* tinha como certo para o ano seguinte a criação de duas novas casas que, sob sua direção, estreariam na praça como subsidiárias extremamente lucrativas. Já se previa que, nesse ritmo, em poucos anos faria fortuna — e não pequena.

Se o presente sugeria um futuro esplêndido, o rapaz em si mesmo não fazia por menos: elegante sem ser afetado, também se vestia com simplicidade, mas com tal gosto e graça que seria impossível, estando ele em um ambiente, não ser logo notado, mesmo entre várias pessoas. Desembaraçado e dotado de espírito, era capaz dos ditos mais engraçados sem se tornar inconveniente, e se o assunto fosse grave, não era com menos propriedade que exprimia suas opiniões. Jamais contradizia abertamente quem quer que fosse: expunha suas idéias com clareza de forma que, mesmo discordando, obrigava o interlocutor a simpatizar com elas. Tinha uma voz agradável, suave sem ser afeminada, e ao tratar com as moças fazia-o de tal modo que logo se punha inteiramente à vontade, mesmo que fosse a primeira vez a lhes falar. Numa segunda entrevista, e nas demais, já era o velho conhecido, admirado, ambicionado até mesmo pelas mães, que viam nele um genro muito desejável.

Como o Antenor não se pudesse dividir em vários, de modo a satisfazer a todas, todas — exceto uma — se veriam frustradas e chorariam uma lágrima de decepção, lamentariam e invejariam a escolhida, mas por fim — o que fazer? —, aceitariam.

6. A escolhida

A escolhida do bem-aventurado Antenor, que já sabemos quem seja — ninguém menos que o nosso “pivô” —, seria também a do pobrecoitado Tancredo, e daí teria origem uma das histórias mais patéticas de quantas a vida pode engendrar. É o quanto basta para este capítulo, que termina aqui para que entrem em cena juntos os três e a trama comece.

7. A festa

No momento em que eu entrava na casa de Cecília e ela vinha, alvoroçada, saltar-me ao pescoço de olho no vistoso embrulho que eu tinha nas mãos, não estava só: Tancredo, a quem convidara para proporcionar-lhe alguma distração, fora comigo. O rapaz passaria a noite só, em sua casinha de Santa Tereza — talvez saísse à rua na hora dos fogos, falasse com algum vizinho, algum conhecido, mas depois se recolheria para o quarto minúsculo, para a cama de solteiro, para a solidão.

Como aquela não fosse uma noite de solidão, intimei-o a que se aprontasse, que fosse comigo “à casa de uns parentes, pois temos folgança por lá: bons petiscos, boa música, divertimento”.

Tancredo já trabalhava para mim havia perto de seis meses: apesar de sua intransponível reserva, um (raro) sábado ou outro à tardinha saíamos para um passeio, uma bebida num bar, um bate-papo até as nove, e em algumas ocasiões chegamos mesmo ao cúmulo da libertinagem — pelo menos para Tancredo — de voltarmos para casa bastante altos e já passando das onze, depois de termos visitado uma certa casa de má fama (visita que, por conveniência, alude-se mas da qual não se referem os detalhes)...

Mesmo assim ele mostrou receio: olhou-me, franziu a testa, manteve-se imóvel por um momento em que pensou e repensou o convite, e por fim disse:

— Sei não...

Era típico do Tancredo esse ar de dúvida, esse “sei não” pesado de reticências, a antecâmara da recusa. Tímido, evitava mais por temperamento que por hábito ambientes onde pudesse encontrar gente nova. Dissera-me certa vez que se sentia desconfortável no meio de muitas pessoas, o excesso de conversas e de risos o retraía, deixava-o confuso, inseguro, “louco para voar para casa”.

Mas naquela noite não admiti recusa.

— Não senhor — eu disse —, esta é uma noite festiva. Enfurnar-se em casa? Nem pensar. Apronte-se e esteja aqui às dez!

Às onze Cecília avistava o embrulho em minhas mãos e saltava-me ao pescoço, tomando-me a bênção.

Sim, porque apesar de Tancredo ter entrado comigo e estar a dois passos de mim, Cecília notou o embrulho mas não o viu, e não o veria certamente pelo resto da noite se eu não os tivesse apresentado. Quando me virei, porém, dei com um Tancredo pálido e embaraçado que estendeu a mão trêmula para a moça, engasgou um cumprimento e retraiu-se em seguida. Cecília mal lhe tocou a ponta dos dedos, lançou no ar um “esteja à vontade” e, dando-lhe as costas, tomou-me pela mão e levou-me para dentro fazendo estardalhaço, chamando o pai para exhibir “o desaparecido” — eu, que como foi dito, estivera ausente na semana anterior.

Perto de meia-noite a casa estava cheia de convidados, a maioria amigos de Cecília, que para lá tinham ido festejar juntos o ano-novo. Na hora dos fogos saímos todos à rua, mas quando se ouviu música no salão a moçada entrou correndo: a Dodô, gorda e velha amiga da casa, estava ao piano: era o começo das danças.

Permaneci na rua ainda algum tempo de prosa com uns e outros, e quando entrei fui encontrar Tancredo meio escondido num canto, esfumado na sombra, imóvel, e como me aproximei sem ser visto pude observar meu pobre amigo atônito e maravilhado a contemplar Cecília, que dançava.

Pensei em sugerir-lhe que a convidasse para uma dança, mas outra idéia logo se contrapôs: a de que Tancredo poderia muito bem apaixonar-se por ela, e o desejo de defendê-lo disso que seria para ele a desgraça das desgraças quase fez com que o agarrasse pelo braço e, inventando qualquer pretexto, o levasse embora dali. Não fiz nem uma coisa nem outra. Reconsiderei: pareceu-me em seguida possível que Tancredo se interessasse por Cecília, sim, mas que, conforme seu temperamento, compreendesse logo a grande distância que havia entre eles, se resignasse e a esquecesse sem maiores sofrimentos. Não me ocorreu que pudesse estar enganado a não ser um instante mais tarde.

Pois naquele momento um grupo de jovens entrou no salão — amigos de Cecília, retardatários, que haviam saudado o ano-novo na praia e agora corriam para ali, atraídos pela música.

Entre eles estava um rapaz que Cecília não conhecia mas que logo lhe foi apresentado — o que seria de todo desnecessário não fosse por uma formalidade. Pois seria preciso se apresentarem Adão e Eva, Romeu e Julieta, Capitu e Bentinho, para que se identificassem plenamente e se tornassem únicos e cúmplices? Não disse eu acima que o belo Antenor era desses tipos que logo se notam, mesmo entre muita gente? E não é sabido de todos que o amor, mesmo quando não é imediato, joga seu laço muito antes e que só será percebido quando já não for possível escapar?

Ora, no momento em que aquele grupo de jovens entrou no salão, a primeira coisa que notei — e o notei quase ao mesmo tempo em que via Antenor entre eles — foi que Cecília se imobilizara apesar da música animada que provinha do piano; interrompera a dança e dera um passo indeciso na direção dos amigos, não porque os tivesse visto ou porque aquele fosse o gesto natural de cortesia de uma anfitriã como ela, mas por ter avistado alguém entre eles que deles se distinguia de tal forma que não só seria notado, como o seria antes de todos — este o laço invisível que já a alcançava. Ele, por sua vez, também a teria percebido entre todos, do que se conclui que o laço também já o envolvera. A partir daí, apertar-se cada vez mais esse laço era questão de tempo, e diga-se de passagem, não muito tempo.

Imediatamente dei uma espiada na direção de Tancredo, e foi quando me ocorreu que um minuto antes eu poderia ter-me enganado: meu amigo parecia mais esfumado na sombra, mais diluído em si mesmo, minúsculo.

Vi-o então mover-se, caminhar rente à parede como um tonto.

Aproximou-se do piano de onde a obesa Dodô continuava a extrair valsas e polcas, e pousou a mão na madeira lustrosa da tampa, correu lentamente os dedos na superfície lisa como numa carícia, a cabeça baixa, as roupas mais mal ajambradas em cima dos ossos. Então me perguntei se não teria sido melhor que o tivesse deixado sozinho em casa aquela noite.

8. O laço

O laço não aperta igualmente a todos: alguns o sentem mais cedo, outros mais tarde. Há quem afirme nunca tê-lo sentido, e serão talvez estes os mais felizes em certos casos. Não é o que se quer saber aqui, embora fique a anotação a quem interesse desenvolver o tema: se é melhor não sentir a compressão do laço, ou se a vida assim se torna uma sensaboria insuportável.

Pois embora Cecília e Antenor tenham naquela noite notado imediatamente a presença um do outro, o laço, que já os havia colhido, não começou a comprimi-los no mesmo momento. Seguiram-se semanas de encontros ocasionais quando Antenor aparecia para uma visita rápida de cortesia, ou calhavam encontrar-se no teatro, em alguma festa e mesmo num passeio pela orla ou pelo centro. Passou-se algum tempo durante o qual a corda fora insensivelmente encurtando, fazendo com que se aproximassem pouco a pouco, e ao fim do primeiro bimestre já se davam conta de que a presença de um começava a fazer falta ao outro, de forma que qualquer insignificância era pretexto para se verem, se falarem.

Durante esse tempo progrediu o estudo recíproco de ambos, em que se pesavam as qualidades contrabalançando-as com os defeitos

vislumbrados (ainda que os defeitos, nessa primeira fase de sedução e descoberta, tenham tão pouca força e sejam tão pouco evidentes que, mesmo não havendo qualidades, soem não se fazer notar), e a estes desculpando pelo elevamento daquelas, de forma que no final só se poderia esperar que de todas as considerações a conclusão seria plenamente favorável aos dois.

Assim, a palavra fácil e a desenvoltura de Antenor não teriam aos olhos de Cecília seu tanto de fanfarronice, enquanto que Cecília seria apenas sonhadora e inteligente para Antenor, nunca ambiciosa e calculista — e depois de formados esses juízos a verdade estava estabelecida, tornava-se inquestionável, passavam a ter força de lei: sinal de que o laço não poderia mais ser desfeito.

Quanto a Tancredo, o laço o estrangulava desde o primeiro momento.

Desde aquela noite Tancredo tornara-se mais quieto, mais arredo, e conquanto não deixasse de observar suas obrigações mostrava-se às vezes desatento, pensativo, e se acaso lhe dizia qualquer coisa, ele se virava para mim como a estranhar minha presença, olhava-me com aqueles olhos grandes e já apagados e só então respondia — com o franzir de cenho de quem não tinha compreendido, e era preciso repetir o que fora dito.

Nos primeiros tempos fingi nada perceber, e para me certificar de que era sempre o laço constringindo, sufocando meu amigo, levei-o outras vezes à casa de Cecília. Tancredo não hesitava em aceitar os convites, e com muito boa vontade me acompanhava. Lá chegando sentava-se e não se movia do lugar até ser chamado. Conversava parcamente com os presentes: o pai de Cecília, algum visitante, algum conhecido, e quando a menina se dirigia a ele, Tancredo sorria com certo constrangimento mas num grande esforço respondia; uma de suas mais fabulosas vitórias sobre a própria timidez foi conseguir conversar normalmente com Cecília durante uma hora num sábado à tarde em que lá estivemos, quando falaram de assuntos variados, no mais das vezes abordados inicialmente por ela mas que ele, com uma inventiva de que não o julgava capaz, conseguia desenvolver sofrivelmente.

Essa foi certamente a única vez em que estiveram mais próximos. Noutras ocasiões, ou Cecília não estava, ou estavam com ela amigos, ou por lá aparecia o bem-aventurado que lhe absorvia toda a atenção, e assim o que teria sido o início de pelo menos uma boa amizade converteu-se num caso esporádico que não se repetiu.

Vi Tancredo consumir-se de dia para dia por causa daquele laço medonho que não o deixava respirar, mas não tive coragem de abordar assunto com ele; assim o pobre rapaz estava mesmo sozinho em sua agonia.

9. Os dois

— Então temos novidade! — eu disse quando Cecília correu para mim e, como de costume, saltou-me ao pescoço.

O pai entrava nesse momento e confirmou:

— Parece que sim, mas nem eu que sou pai estou bem certo.

Cecília ficou momentaneamente embaraçada, corou um pouco mas logo se refez.

— Não é nada, titio — disse —, não é nada. São implicâncias de papai.

— Não são, não — retrucou o pai —, pelo menos não me parece à toa que aquele rapaz nos visite com tanta frequência.

— Ora, papai, que rapaz? Tantos amigos meus vêm a esta casa!

— Nem todos são recebidos da mesma maneira — retrucou o pai com um sorriso malicioso. Pôs o chapéu para sair, mas voltando-se da porta, disse-me: — Ó compadre, veja se consegue arrancar alguma coisa dessa pirralha. Temos novidade, mas não vê que ela bate o pé, teima em negar?

Larguei o corpo numa poltrona e pedi uma limonada. Cecília trouxe a limonada e veio sentar-se ao meu lado.

— Então há namoro — eu disse.

— Ora, titio! — protestou, fez carinha inocente. Que não, não havia namoro, eram tudo imaginações do papai. — Ele apenas disse simpatizar comigo, mas eu nada respondi.

— Ele — observei, fingindo seriedade. — Então já existe “ele”, e já as coisas se adiantam, pois há também uma confissão nessa história. E pode-se saber o nome... “dele”?

— Titio! — ela exclamou, fingindo indignação.

— Minha menina! Além de tio, sou seu padrinho, também a mim compete sua direção na vida. Você sabe que pode ser franca comigo. Vamos, fale-me dos anseios deste seu... coraçãozinho impiedoso, que até hoje não deu sossego aos rapazes que vêm a esta casa... mas que agora parece fígado como um peixe.

Cecília aos poucos foi se pondo à vontade. Não que nunca tivéssemos falado sobre seus namoricos: flertes, trocas de olhares, uma dança mais próxima, um beijo furtivo à sombra de um cortinado, e daí nenhuma consequência. Aquela, porém, parecia a primeira vez que o assunto se tornava sério — o motivo de seu embaraço, de suas negaças. Por fim falou de seus sonhos e dúvidas, deixou escorrer suas inquietações. Sim, havia uma confissão, “ele disse interessar-se por mim, disse-o tão sutilmente, com tanto jeito...”, confissão que a deixara primeiro surpreendida, depois encantada, e a que não pudera ser insensível. Em seguida passou a fazer o elogio de seu escolhido, no qual os adjetivos

“bonito”, “bem situado”, “capaz” se repetiam em diversos tons, composições diversas, não mais porém que o arranjo e rearranjo da mesma frase com que admitira estar apaixonada não apenas pelo homem que a cortejava, mas também pelo futuro que teria com ele: o meio social elevado a que teria acesso, o luxo a que em outras circunstâncias não poderia aspirar, o prazer de saber-se esposa de um homem que viria quem sabe a desempenhar que altos cargos, que patrióticas funções, “pode até se tornar ministro, embaixador, já pensou?”

— Tudo isso seduz uma mulher, titio — ela disse finalizando, e assumiu um ar tão sonhador e distante, olhando pela janela a tarde que se avizinhava, que não posso afirmar qual desses dois sentimentos, piedade ou alegria, falou mais alto ao meu coração. Alegria, seria a de saber que minha afilhada — quase minha filha — estava feliz com sua escolha, nada má segundo a opinião geral. Piedade, ao contrário, por constatar que nas entrelinhas daquele discurso laudatório sobre seu pretendido havia apenas cálculo, interesse, um cálculo e um interesse tão inconscientes e tão revestidos de justas razões que mesmo ela decerto não seria capaz de perceber.

Ao fim de um minuto, eu disse:

— Parece-me, minha querida sobrinha, que seu pretendido possui todas as qualidades, e entre as quais a de ter uma situação econômica muito acima da média e com claras perspectivas de subir ainda mais.

Não sei que tom dei à minha voz, que ar grave assumi, que Cecília olhou-me sem compreender e com alguma insegurança, uma quase decepção a desenhar-se-lhe na carinha alarmada.

— Parece-me também que ele está igualmente entusiasmado...

Cecília agora parecia alarmada, mas confirmou com um aceno.

— Agora, diga-me: quais seriam as chances de que esse moço tão brilhante não tenha tantas qualidades nem seja realmente o que você queira da vida? Não, não me interrompa, espere... Diga-me ainda: quais as chances de que o homem do seu futuro seja, por exemplo, um moço de condições modestas mas de bom coração, que não seja tão... notável mas que, simples e afetuoso, a ame verdadeiramente?

Cecília franziu a testa, baixou um pouco a cabeça e olhou-me de baixo para cima.

— O senhor está se referindo a quem, titio?

— A ninguém, especificamente. A qualquer um dos seus amigos que costumam vir a esta casa, ou um desses rapazes simples com quem cruzamos a toda hora pela rua. Qualquer um deles poderia apaixonar-se por você. Mas digamos que houvesse alguém...

— O senhor tem alguma coisa contra o Antenor? Sabe de algo...?

— Não, não — apressei-me em dizer —, nada tenho contra ele nem sei de nada. Parece-me um rapaz excelente. Não é ele quem está em discussão.

— Então... então... não compreendo!

— É a sua maneira de vê-lo que me preocupa, Cecília. Em nenhum momento você me falou do Antenor, mas de tudo que está apenas à superfície dele. Em suma, parece-me que nesse casamento lhe interessa apenas aquilo que estará à mostra, para todos verem: uma bela casa, viagens à Europa, posição social, coisas assim...

— E que mal há nisso, titio? Não devemos ter ambições?

— Não haverá mal nenhum, minha menina, se além disso você enxergar seu pretendente também como ser humano e não como um ser ideal, uma quase divindade. E se puder amá-lo antes de amar aquilo que ele irá lhe oferecer.

— Mas eu o amo, titio!... É claro que tudo que posso obter com esse casamento interessa-me, e muito. Como negá-lo? Não nasci para viver obscuramente, o senhor sabe, já disse isso mais de uma vez. Mas está claro que amo o Antenor...

— ...de forma que se não o amasse — quis experimentá-la —, descartaria sem hesitar a possibilidade de casar-se com ele?

— Bem... se não o amasse... — e então, para eludir a pequena armadilha que lhe punha no caminho e ameaçava apanhá-la pelo pé, franziu ainda mais a testa, virou um pouco o rosto, olhando-me meio de lado: — Mas a quem o senhor se referia há pouco? O senhor disse que havia alguém...

Movi a cabeça lentamente.

— Sim — confirmei com alguma hesitação —, conheço um rapaz pobre, não muito notável, com um esplêndido coração... e que a ama, creio, sinceramente.

Primeiro Cecília manteve o ar sério que havia assumido e o olhar de través, depois esboçou um sorriso, por fim riu abertamente.

— Ah, não! Ah, não, titio! Não vá me dizer que o senhor está se referindo...

Dei de ombros, espiei pela janela para fugir daquele ar escarninho que tanto me aborrecia.

— O senhor está falando do seu empregado? — e arregalou os olhos diante daquela enormidade: — Como é mesmo o nome dele? Tancredo?... O Tancredo, titio? Mas se até o nome é ridículo!...

Baixei minha cabeça arrependido de ter descoberto o segredo do meu amigo àquela menina presunçosa e, pareceu-me então, superficial e debochada.

— O senhor não está falando sério.

— O Tancredo não é meu empregado, mas meu amigo que, por acaso trabalha para mim. Um bom moço, creia-me. Mas não vale mais a pena falar sobre isso. Esqueça.

10. Pobre Tancredo!

Quando Tancredo, não suportando mais o aperto do laço, resolveu falar-me da aflição que o vinha acometendo nesses últimos meses, fê-lo cheio de reticências. Sentara-se bem na beirada de um amplo sofá que havia no meu gabinete e, aflito, inclinava o corpo na minha direção. Tinha as mãos trêmulas e gesticulava contidamente. Ao pronunciar o nome de Cecília, os lábios tremiam, a voz quase falhava.

— Vi-a outro dia na avenida... seguia ao lado do pai e em companhia daquele moço... então desconfiei de que... e eu, que já tinha algum receio de não ser aceito...

Suspirou, inclinou mais o corpo na minha direção.

— Diga-me, Dr. Pimenta, sei que posso ter confiança na sua sinceridade... há alguma coisa entre ambos? São vãs as minhas esperanças?

Tancredo havia se consumido durante aqueles meses. O laço, o terrível laço, tinha ainda esse poder medonho de, como um parasita, sugar a vida ao infeliz em quem se emaranhasse. Magro e abatido, enormes olheiras fazendo mais fundos seus olhos, continuava a curvar-se para mim, esperando talvez que minha resposta pudesse trazer-lhe algum alívio. Esperava também que eu não lhe mentisse. Mas que outra coisa poderia fazer naquele momento?

— Bem — comecei —, não sei, sinceramente, o que dizer... você me pega de surpresa, como é que eu ia desconfiar?... Não sei dos sentimentos da menina... talvez o rapaz tenha se tornado apenas um amigo da casa, ou quem sabe está de negócios com meu cunhado? Tudo é possível...

— Então o senhor não sabe de nada?

Dei de ombros.

— Não sei mais do que você. De resto, isto são assuntos de moços, e eu... olhe que não tenho jeito para falar dessas coisas com uma menina, e ela também deve ter lá seus escrúpulos, pois nunca comentou nada comigo... enfim... mas se você quiser, eu poderei sondar... informar-me de algo...

Com minha mentira pareceu-me ver uma nova cor nas faces amarelas do rapaz, e a expectativa com que esperou o dia seguinte para saber se havia novidade fez com que, apesar de ser domingo, batesse cedo à minha porta.

Passei a desiludir Tancredo pouco a pouco, pois me pareceu que seria penoso demais contar a verdade toda de uma vez. Inicialmente, disse que havia colhido por alto ("preferi não perguntar nada diretamente, para

não dar na vista”) que as visitas freqüentes de Antenor à casa de meu cunhado eram apenas para tratar de negócios, mas uma semana mais tarde tive de fazer algumas voltas para descobrir-lhe que o sujeito tinha, sim, um certo interesse pela menina, “não sei se há qualquer coisa da parte dela, creio porém que não”. Com o passar dos dias eu ia inventando novas mentiras para atenuar a revelação: ora parecia-me que o pai de Cecília não via com bons olhos o interesse Antenor por ela, e que talvez não lhe autorizasse visitá-la como pretendente; que era certo que tinham interesses comerciais comuns, mas que meu cunhado estava inclinado a romper com ele se visse algum inconveniente, o que talvez não estivesse longe de acontecer; que Cecília me havia dito que achava o Antenor algo simpático, mas que não se interessava em absoluto por ele, e por aí afora. Quando meu repertório de meias palavras chegou ao fim, tive de confirmar que havia um princípio de namoro entre ambos, “contra todas as minhas expectativas, que diabo! Como é que me deixei enganar? E olhe que não sou tão tolo assim nessas matérias!...”

Foi tão penoso para mim quanto para Tancredo quando tive de lhe revelar que na noite anterior o Antenor havia pedido a mão de Cecília, que lhe fora concedida com gosto pelo pai, e ainda com maior alegria pela filha — e resolvi dizê-lo cruamente, sem rodeios.

Tancredo, sentado à minha frente, o corpo inclinado para mim na mesma atitude que tomara menos de dois meses antes ao me falar sobre o laço, na mesma atitude que adotava sempre que eu me propunha a lhe contar as esperadas novidades, ainda se manteve assim por um segundo, como se não fora alvejado em pleno rosto. Em seguida baixou a cabeça, a gravata pingando para baixo como um ponto de exclamação, e se retraiu, cruzou, descruzou e entrecruzou os dedos, pigarreou fracamente.

— Então o casamento de ambos é coisa decidida.

Movi a cabeça.

— Penso que sim — confirmei.

Aprumou-se.

— Não se fala mais nisso.

Levantou-se, entrou no escritório e pôs-se a trabalhar.

Sua rotina continuou a mesma: chegava às oito, às três em ponto saía, tomava destino ignorado, só retornava no dia seguinte.

À véspera do casamento de Cecília, exatamente dez meses depois daquele *réveillon*, Tancredo pediu-me folga: alegou umas urgências de última hora e eu, compreendendo o estado de ânimo em que tal data deveria deixá-lo, concedi dando-lhe uma palmadinha no ombro. Já saía, mas voltou:

— É amanhã, não é?

Eu, que folheava um volume de Direito Civil, levantei os olhos do livro e fingi não ter entendido a alusão.

— O casamento — ele acrescentou.
— Ah — eu fiz —, sim... amanhã...
Tancredo pôs-se sério, pareceu meditar.
— Sim — disse após um momento —, amanhã...
E saiu em seguida.

Foi na noite seguinte que vi Tancredo pela última vez.

A festa do casamento dera-se no palacete dos Mendonça Telles, numa profusão de luxo e brilho a que mesmo eu não estava acostumado. Era bem aquilo que Cecília ambicionava, e se por um lado podia-se recriminá-la por amar as luzes, por outro era necessário reconhecer que elas seduzem muito facilmente!

Eu estava junto a uma vasta vidraça e espiava a rua, quando me pareceu ver à sombra das árvores em frente um vulto familiar. Firmei a vista e, reconhecendo-o, saí à varanda, corri para fora. Nesse meio tempo o vulto afastara-se, já não estava ali. Chegando à rua, avistei-o que seguia adiante com alguma pressa.

Corri para alcançá-lo.

— Tancredo!

Tancredo deteve-se, voltou-se para mim, hesitou entre esperar-me e fugir. Preferiu esperar.

Aproximei-me. Encaramo-nos. Movi a cabeça, penalizado.

Pus-lhe a mão no ombro.

— Quis vê-la uma vez ainda — ele disse por fim.

— Oh, meu caro, meu caro — tentei sorrir —, não se amofine por tão pouco.

Ele fez que sim com a cabeça. Mordeu os lábios.

— Coisas... — disse, vagamente. — Coisas...

— Seria loucura convidá-lo a entrar — eu disse —, mas... afinal, para onde vai agora?

Tancredo deu de ombros.

— Parece que está bonito, lá — disse olhando na direção do palacete.

— Sim, está agradável — confirmei.

Chegava até nós uma música dançante.

— É o sonho dela, não? — e olhou-me.

Não respondi.

— Ela o merece. Está de acordo com sua beleza — soltou um risinho irônico. — Como eu poderia...?

Então seu rosto se fez sombrio.

— Bem, preciso ir agora.

— Para onde?

Tancredo não respondeu. Novamente deu de ombros.

— Adeus — disse, e afastou-se na direção da praia.

No dia seguinte, ao chegar em casa, encontrei um envelope sob a porta. Havia nele uma folha de papel fino com umas poucas palavras:

Prezado Dr. Pimenta:

Perdoe-me a decepção que lhe causei com meu gesto, mas não posso mais. Creio que sou daqueles homens que só se apaixonam uma vez, e se não é possível realizar sua paixão, restam duas opções: morrer em vida, ou morrer de verdade.

Como a primeira parece-me imprópria a alguém do meu temperamento, fica-me uma só.

Grato por tudo, seu amigo sincero,

Tancredo.

Eis o que poderia impedir que minhas previsões acerca de Tancredo se cumprissem — e me lembrei daquele dia, tempos atrás, em que as havia formulado espiando-o traiçoeiramente enquanto trabalhava.

Corri à polícia com a carta na mão.

Informei onde encontrara o rapaz na noite anterior, e com que disposição o deixara. Iniciaram-se buscas no mar, mas naquele primeiro dia não se obteve nenhum sucesso.

Na manhã seguinte veio-me um estafeta com a informação de que haviam encontrado uma peça de roupa próximo do cais, e requeriam minha presença para um possível reconhecimento.

Era um paletó. O paletó que Tancredo vestia na noite anterior. Logo em seguida chegava outra peça: um chapéu.

— É dele — confirmei.

Uma semana mais tarde voltou o estafeta com a notícia de que um corpo de homem meio devorado por peixes fora encontrado boiando nas imediações da Ilha Fiscal.

Voltei à polícia.

Apressava-se a cobrir o nariz enquanto levantaram o lençol.

Fechei os olhos quase de imediato, voltando o rosto para o outro lado.

Pobre Tancredo!

11. O brilho das luzes

Anteontem pela manhã, sábado, estive em casa de Cecília.

Lá fui, como venho fazendo nos últimos tempos com bastante frequência, prostrar um pouco, distrair-me, distraí-la. Mais distraí-la do que distrair-me, porque apesar desta minha velhice celibatária, não me faltam distrações: o cinema, os concertos, a ópera, e mesmo o teatro

rebolado com aquelas senhoritas de pernas de fora, que preservam o encanto e o eterno mistério feminino. Não, não me faltam amigos nem distrações, e ainda que a companhia de Cecília me agrade, é mais por ela do que por mim que vou lá.

Cecília tem-se mostrado um tanto depressiva ultimamente, sempre sozinha no palacete, já que ao marido, excessivamente ocupado com seus negócios, não sobra tempo para fazer-lhe companhia. Os filhos — duas moças e um rapaz — já casados, vivem fora do país. Às vezes escrevem, raramente aparecem. E na imensa casa vazia minha pobre menina — que já passou dos quarenta, mas que para mim, tio e padrinho, continua menina — murcha numa solidão que se vai tornando crônica: já quase não sai e vem, pouco a pouco, diminuindo seu círculo mais íntimo de amizades, de modo que tanto é raro receber quanto comparecer a recepções, festas e acontecimentos do gênero. Desconfio que passou a agir dessa forma desde quando descobriu que os negócios que tanto tempo tomam ao Antenor, obrigando-o a afastar-se de casa com frequência e às vezes demoradamente, possuem um belo par de olhos verdes e um colo muito moreno de dezenove anos que, acidentalmente, surpreendi ao seu lado outro dia, num passeio pelo Campo de Santana.

Assim, anteontem estive lá, e fui encontrar minha afilhada sozinha a tecer um crochê na sala imensa repleta de mármore e brocados, lustres de cristal e tapeçaria persa, e me preocupou bastante o que vi: Cecília pareceu-me bastante magra, o rosto tornou-se anguloso e os lábios perderam a cor. A pele ao redor dos olhos enrugou-se um tanto, e já começam a formar-se em seus lábios e à volta deles umas comissuras que denotam mal contida amargura.

Cecília sofre: sofre o gradativo desmoronamento de sua vida conjugal — coisa que nos primeiros tempos lhe pareceria impossível, mas que hoje é um fato.

O que teria acontecido, afinal, entre ambos? Não estava Cecília apaixonada por seu escolhido, e este, que preenchia todos os requisitos do homem (a seu ver) perfeito, não correspondia a essa paixão da mesma maneira? Ou estariam ambos enganados em seus sentimentos, e só se deram conta de seu engano quando já não podiam voltar atrás?

Não é tão simples explicar a falência daquele casamento.

Não se pode negar que Cecília amasse seu marido: além do belo tipo de homem que era, que, como já foi dito, não passava despercebido em qualquer ambiente (o que não pode deixar de ser motivo de orgulho para a mulher que está ao seu lado), Antenor não decepcionou a ninguém quanto aos sucessos que dele se esperavam. Administrador capaz, fez fortuna rapidamente e, quando o pai já idoso não tinha a mesma disposição de antes para manter-se à testa dos negócios, assumiu seu lugar com o mesmo êxito. Não se limitou ao comércio e à indústria: ambicionou um posto no

governo e fez-se deputado. Como não tivesse vocação para a carreira política, retirou-se ao final do mandato de volta à direção dos negócios, e continuou a enriquecer.

Cecília não poderia queixar-se, pois todas as luzes que sonhara para sua vida brilhavam ao seu redor. Viagens, festas, jóias — excessos: tudo isso teve e tudo isso lhe invejaram as menos afortunadas, e soube transitar entre o brilho e a inveja com a graça e a superioridade de uma grande dama.

Também não se pode negar que Antenor estivesse apaixonado. Amar a jovem Cecília não seria difícil: bela, inteligente, ambiciosa, correspondeu também ao que esperava dela durante sua ascensão: pois Cecília tanto soube fazer-se invejar quanto admirar, tanto se destacou por sua elegância quanto por sua dignidade, e tanto diziam dela “é linda!” quanto “é instruída!”.

O que teria saído errado, se tudo parecia tão bem?

É possível que o excesso de luzes começasse ou a ofuscar, ou a cansar Cecília, ou quem sabe a mostrar com mais clareza que nem tudo se resumia em seu brilho, e é possível que depois de certo tempo Antenor compreendesse que de uma mulher deve-se esperar mais que a elegância ou a instrução. Pode ser que de seu lado Cecília tenha percebido que o que Antenor lhe poderia dar, lhe dera, mas também que ele não dispunha de tudo aquilo que lhe seria necessário. Subitamente a necessidade de ascensão em Antenor tornara-se excessiva, obsessiva, e numa comparação burlesca seu marido convertia-se num balão que inflava, inflava, inflava e ocupava todo o espaço, não lhe deixando nenhum. E não seria incorreto pensar que Antenor, após se apagarem os primeiros fogos, tenha se apercebido de que Cecília talvez estivesse mais preocupada consigo mesma, que ao seu lado desfrutava não o amante, mas a excelente posição social que ele lhe pudera proporcionar, e lhe interessava não exhibir um casamento, mas uma pantomima em que predominava a ostentação. Enfim, se ele não passava de um balão a inflar (e creio mesmo que ela chegou a usar essa figura certa vez), ela era o que sempre fora: uma mulher fútil, superficial, apenas ambiciosa mas, por infelicidade maior, incapaz de uma grande e real ambição.

Não duvido de que houve equívocos de ambas as partes nesses ajuizamentos, e mais de uma vez, ao ouvir as queixas a ambos e em separado, percebi que buscavam não uma solução, mas uma oportunidade de se criticarem reciprocamente. E assim chegaram ao fim daqueles mais de vinte e cinco anos de vida em comum no seguinte pé: Antenor, afastando-se pouco a pouco de casa, encontrava naqueles olhos verdes e no jovem colo moreno o sucedâneo para o amor que não conquistara no casamento; Cecília, que por estranhos princípios não trairia o marido e se

mantinha isolada na solidão de seu palacete, minguava, secava em seu canto, e em breve estaria velha sendo ainda uma mulher jovem.

12. Cenas finais

Como anteontem fui encontrar minha sobrinha bastante deprimida, tive uma idéia que me pareceu indicada para a ocasião:

— Tenho dois bilhetes para o concerto de logo à noite. Você está intimada a me acompanhar.

— Titio... — ela começou, com desânimo. Mas eu não lhe permiti protestar. Apertei-lhe as mãos entre as minhas, fui veemente:

— Cecília! Ora, você é uma mulher jovem e ainda bela, não pode viver enfiada neste casarão como se fora dele o mundo não existisse.

— Mas titio...

— O que é que você tem a perder? — perguntei e, para minha própria surpresa, lancei uma frase que me saiu sem eu prever: — Até quando pretende anular-se por conta de um casamento falido?

— Titio!

— Bem — disse, emendando-me —, está certo... fui rude, perdoe-me, mas... quer saber? Essa é a verdade. Um casamento falido. Sua vida não pode acabar desse jeito, caramba! Você vai comigo sim: rever os velhos amigos, ver *gente nova* (e eu enfatizei estas duas palavrinhas com uma piscadela e um tom de malícia), ouvir boa música, você afinal sempre apreciou a boa música. Além do mais, comenta-se que o pianista é dos grandes, e é estrangeiro! Você não apreciava tanto o piano?

— Ora... eu nunca aprendi a tocar, nunca tive talento para a música.

— Mas tem bons ouvidos e decerto saberá apreciar a apresentação de um virtuose! Hein? Não?

Cecília sorriu. Concordou — apenas para me agradar, mas concordou.

O pianista era mesmo dos grandes, correspondia aos louvores que lhe precediam o nome. Italiano, era a primeira vez que se apresentava no Brasil, e quando ele entrou — os cabelos grisalhos de um homem com seus quase cinquenta anos, a barba bem aparada que lhe cobria as faces, o jeito tímido na aparência dotado porém de uma desenvoltura natural, o cumprimento com uma breve curvatura do tronco — pareceu-me algo familiar, mas logo nos fez ouvir uma música tão sublime que a mim distraiu de observar sua figura, e quando num relance dei uma espiada em Cecília, notei o quanto se comprazia com a noite que lhe arranjava.

Durante o intervalo veio ao nosso camarote uma amiga de Cecília que reclamou com ela por ter sumido, e se puseram a conversar animadamente, o que me alegrou, pois tudo o que eu queria era ver minha

sobrinha recuperar o bom ânimo e a disposição de antes. Quase ao mesmo tempo entrava um funcionário do teatro, que se curvou junto a mim:

— Dr. Desembargador, há uma pessoa que deseja falar consigo e pediu-me que o acompanhasse.

— O que é, titio? — perguntou Cecília quando eu me levantava.

— Alguém deseja falar-me, Cecília — respondi. — Devem ser coisas do foro, não há jeito de me deixarem em paz. Não me demoro.

Acompanhei o funcionário por uma série de corredores estreitos e com pouca iluminação até sairmos para um espaço amplo como uma grande sala, onde se viam várias portas. Fui introduzido em uma delas e logo me vi diante do artista em seu camarim.

— Dr. Desembargador! — ele disse, levantando-se e avançando para mim. — Perdoe-me o incômodo, mas o avistei do palco e não resisti à vontade de cumprimentá-lo. Decerto já não se lembra de mim...

Olhei-o pasmado, enquanto apertava-lhe frouxamente a mão estendida. Não, a verdade era que, conquanto me parecesse vagamente familiar, não me lembrava de onde o havia visto.

— Não o condeno por isso — ele disse —, afinal a última vez que nos vimos foi há mais de vinte e cinco anos... numa noite de bodas...

Tive um estremecimento, mas, se me contive para não trair meu assombro, este por certo transpareceu em meu rosto.

— Tancredo? — eu disse.

O outro sorriu.

— Mas... mas eu pensei que...

Tancredo continuava sorrindo.

— Sei o que o senhor pensou, Dr. Pimenta, mas como vê...

E Tancredo, fazendo-me sentar ao seu lado, contou-me em poucas palavras o sucedido: naquela noite, ao deixar-me junto ao palacete onde se festejava o casamento de Cecília, ia tão desorientado que pensava seriamente em atirar-se ao mar. “Era essa a minha resolução, pelo menos no momento em que à noitinha fui levar ao correio aquele bilhete que o senhor deve ter recebido na manhã seguinte”, fez que sim com a cabeça e ele prosseguiu, “e a verdade é que me atirei, sim, mas de outra maneira”, pois à última hora Tancredo resolveu meter-se num navio mercante que zarpava naquela madrugada para a Europa. “Deixei tudo para trás, até minha pobre casinha” e, num gesto simbólico, como para livrar-se de quem havia sido até então, atirara nas águas o paletó e o chapéu, voltando definitivamente as costas a tudo que o amargurava. “Somente em alto mar me senti liberto” disse finalizando, “e como até meu nome me parecia um peso, adotei outro, um apelido que acabou virando o nome artístico com que hoje me apresento. Tancredo, só nos documentos oficiais”.

— Mas lá — eu perguntei, curioso —, quando você se viu num país estranho e sem conhecer ninguém, sem falar o idioma...

Tancredo fez um gesto com as mãos e depois as juntou em frente ao peito com um breve sorriso.

— Desembarquei em Gênova — explicou — e não tive dúvidas: segui de imediato para Milão, onde fui apresentar-me a ninguém menos que Arturo Toscanini, imagina!

— É de espantar! — franzi o cenho.

— Descobri o teatro onde naqueles dias preparava-se para estrear uma ópera. Fui audaciosamente interromper um ensaio, aproximei-me dele e lhe disse: “Maestro, ouça-me tocar e diga-me se tenho futuro. Se tenho, vivo, se não vou daqui atirar-me ao mar”. Ele e os demais da equipe — cantores, figurinistas, cenógrafos, músicos — encaravam-me espantados com a intromissão de um desconhecido que mal arranhava o italiano, mas assim mesmo indicou-me um piano. Então sentei e toquei... e aqui estou!

Tancredo suspirou e lançou mão de um refresco para conter a emoção. Ofereceu-me, e tomamos refresco juntos.

— Bem — eu disse — muito bem... Encantado... Mas eu só não compreendo isso — e indiquei os apetrechos de música que via a um canto —, a música... o piano...

— Pois se nunca lhe falei acerca do que ia fazer todas as tardes mal deixava o escritório — e riu-se com muita satisfação, explicando-me que bem cedo se interessara pela música, mas devido ao seu retraimento nunca falara disso a ninguém. Ainda adolescente começara a estudar piano com uma velha professora que morava para os lados do Engenho Novo, parenta em segundo grau de seu pai (“eu até a chamava de tia!”) e que, sabendo de seus poucos recursos, não lhe cobrava pelas aulas. Como não podia comprar seu próprio piano, tinha de sair cedo do trabalho e com isso aproveitava bem o tempo livre, estudando até tarde. Tanta dedicação associada ao talento natural para a música propiciou-lhe grandes progressos e no fim das contas ali estava ele...

— Vi — ele disse depois de uma pausa — que havia uma senhora no camarote. É ela, não é?

— Reconheceu-a, então!

Tancredo baixou a cabeça, sorriu.

Ouviu-se uma campainha e ele deu uma olhada no relógio de bolso: o intervalo chegava ao fim.

— Volto ao palco em três minutos — e levantando-se estendeu-me um cartão. — Devo viajar quinta-feira. Antes disso, seria agradável prosearmos um pouco mais... quem sabe mesmo faríamos um passeio até Santa Tereza?

— Será ótimo. Fica desde já combinado.

— Excelente! — exclamou e, cumprimentando-me com um forte aperto de mãos, saiu do camarim apressadamente, não sem antes fazer ao funcionário um sinal para que me acompanhasse de volta.

13. Considerações finalíssimas

Na segunda-feira pela manhã bateram-me à porta e quando fui abrir deparei com um Tancredo mais familiar que aquele da noite de concerto: vestia-se com uma simplicidade natural, e como o Sol estivesse forte trazia chapéu e mangas de camisa.

Mandei que entrasse, aceitou um licor e acomodou-se na velha poltrona muito à vontade. Enquanto bebericava de olhos semi-cerrados fez-se um silêncio durante o qual ocupei-me em puxar uma cadeira para mim.

— Não posso deixar de falar mais uma vez da minha surpresa — eu disse para iniciar uma conversa.

— Imagino — tinha agora as mãos no colo e fitava o fundo do copo com alguma gravidade. — Com efeito...

— Veio só? — perguntei. — Não trouxe família?

— Não tenho família — disse olhando-me de frente. — Dediquei-me inteiramente à carreira. Não nego que tive... digamos assim: envoltimentos amorosos, mas nenhum durou e os dispensei a todos.

Levantou-se, foi até a janela, bebericou.

— Verdade é que, depois das ilusões da mocidade, dei-me conta de que não nasci talhado para o casamento.

Reconsiderou:

— Isto é, casei-me, sim, sem dúvida... com a arte.

Ouvindo-o falar lembrei-me dos dias que se seguiram ao casamento de Cecília, os mesmos que se seguiram à confirmação que eu dera na polícia de reconhecer o corpo do meu amigo, morto nas águas da baía de Guanabara. Sentia-me ainda espetar por dentro a lembrança de um episódio banal e cruel protagonizado por minha sobrinha, o pivô de todo o drama e de mais essa agulhada: haviam-se passado perto de seis meses desde que Cecília casara-se, período durante o qual os jovens esposos viviam ainda uma prolongada lua-de-mel; certo dia fui fazer-lhes uma visita, almocei com eles e por volta de uma da tarde Antenor aprontou-se para sair:

— Dr. Pimenta, deixo-o tomando conta de minha princesa pois alguns negócios reclamam minha presença. Mas não pretendo demorar-me, não mais que o necessário.

Garanti-lhe que me empenharia em distrair Cecília durante sua ausência, e bem acomodados na varanda — que dava para um vasto e arborizado jardim — passamos algum tempo em agradável bate-papo. Cecília não perdera muito de seu jeito expansivo, amadurecera um pouco como era de esperar, mas a menina travessa ainda persistia dentro dela com toda sua brejeirice. Houve um momento em que se fez uma pausa na conversa, na tarde morna as cigarras disputavam com os pássaros

quebrando o silêncio com seu chiado áspero em parelha com os gorjeios cristalinos que provinham das folhagens e das copas.

— Titio — ela disse de repente —, não vi mais aquele seu empregado... o senhor sabe a quem me refiro...

Causou-me estranheza que Cecília se lembrasse de Tancredo assim sem mais nem menos, titubeei a resposta por alguns segundos mas por fim decidi falar a verdade, meia-verdade pelo menos, pois não havia ensejo para referir todos os fatos:

— O Tancredo?... Pobre moço, faleceu há tempos — e acrescentei uma delicada mentira: — Uma doença do peito, segundo disse-me o médico.

— Faleceu? — e torceu a boca num trejeito de indiferença. Manteve-se quieta, olhando para o jardim, e concluiu: — Que lástima para o senhor deve ter sido ver-se assim, de uma hora para outra, sem quem o ajude com sua papelada — e com uma leviandade de borboleta passou a outro assunto como se fosse a novidade do dia, da qual se esquecera até então de pôr-me a par, enquanto eu não conseguia evitar um silencioso ressentimento por tão desumano descaso.

— Ela ainda é uma bela mulher — e Tancredo arrancou-me de meu momentâneo devaneio.

— Quem?... Ah... Cecília... Sim, sim... É hoje uma mulher madura, mas ainda conserva traços...

— O casamento fez-lhe bem, certamente — comentou.

— Ora — e fiz um gesto de indefinição, pouco disposto a falar do fracasso que fora o casamento de minha sobrinha —, seu tanto de bem, seu tanto de mal... assim são as relações humanas, assim é a vida.

E foi só o que se falou de Cecília. Tancredo pôs-me mais minuciosamente a par de sua vida na Europa, de sua carreira, de como havia tocado nos principais teatros do mundo, “até que me lembrei do Brasil” disse por fim.

Dali saímos para um passeio pela cidade, fomos a Santa Tereza, passamos defronte à casinha que fora sua, habitada agora por um casal de meia-idade indicado por mim, “esteve fechada muito tempo” expliquei, “até que esse casal mostrou-se interessado. Só tiveram de regularizar os impostos”, o que Tancredo aprovou com um gesto de cabeça.

Separamo-nos no fim da tarde, quando ele me entregou seu cartão:

— Quando o senhor lembrar-se de ir à Europa, este é o meu endereço. Não deixe-me de visitar-me.

Para finalizar, retorno à noite do concerto, quente e abafada e que convidava a uma esticada, razão pela qual resolvemos, após o espetáculo, andar um pouco pelas ruas ainda movimentadas às dez horas, e espiar os cafés cheios de gente, onde o povo alegre fazia zoadas.

Caminhávamos quase sem conversar, apenas admirando o movimento, o alvoroço do centro da cidade, que àquela hora nos parecia outro, diferente do que era durante o dia. Também Cecília parecia mudada: mais bem-disposta, programava para a tarde seguinte um chá em casa de sua amiga, um passeio pelas lojas, uma excursão às vitrines. Fora bom arrancá-la de seu marasmo, e refleti que se fora um tanto cru com ela pouco antes de sairmos, não andei errado no que havia dito, reconhecendo que melhor seria mesmo se ela decidisse agora descartar-se daquele marido incômodo, daquele casamento estúpido e recomeçasse a viver.

Quando me perguntou quem me havia chamado durante o intervalo, inventei uma desculpa, um amigo que requeria “uma palavrinha a seu favor” num processo complicado, e ela se deu por satisfeita. Menti, pois me pareceu que não convinha contar-lhe a verdade.

Depois que a deixei em casa resolvi voltar a pé, e enquanto isso pus-me a refletir sobre o episódio daquela noite.

Perguntava-me o que teria sido de Cecília se, em vez do notável Antenor, tivesse escolhido o obscuro Tancredo?

“*Teriam sido felizes*” pensei, pois Tancredo a amava, e se passassem alguns apertos no início, o sucesso do marido compensaria tudo mais tarde, e ela realizaria seu maior sonho: brilhar na sociedade como a mulher de um grande homem, e com muito mais *chic* se esse grande homem fosse um artista internacional.

Ocorreu-me em seguida, porém, que também a história poderia ser outra: Tancredo a amava, mas o amor, mesmo que sincero e profundo, sucumbe quando as privações vêm lançar sua sombra sobre a mesa, e é bem provável que se assim fosse, a esposa seria a primeira a maldizer a escolha feita (e a se lembrar com amargura e remorso do pretendente rico).

Era possível, além do mais, que o casamento com Cecília se convertesse para Tancredo numa espécie de muro, um vasto paredão cinzento diante dos seus olhos a tolher-lhe a vontade e o sonho, pois há homens a quem a dor, mais que o talento, impulsiona para o alto e o transforma, e não a alegria mas a desilusão lhe dá forças para vencer a morte e escolher a vida. Fosse Tancredo um desses — e como garantir que não era? —, hoje, não tendo conhecido a dor e, além do mais, deparando-se com o lado prosaico da vida conjugal (aperturas financeiras, dívidas, pirralhos choramingando por perto, uma mulher irritável e irritante a se lamuriar da sorte) talvez não passasse de um reles escriturariozinho a dez tostões por mês, desencantado e exausto, a tocar apenas em festinhas de aniversário para distrair as crianças.

Assim pensando, pareceu-me que Cecília não teria escolha: seria infeliz de uma forma ou de outra, e senti pena dela.

E descobri também que efetivamente há dessas pessoas, as que não têm escolha: qualquer caminho que tomem, será sempre o caminho errado.

Nem dos primeiros dias do verão de 1970, logo depois das festas de Ano-novo, o escriturário Mariano, sentado em seu gabinete de trabalho, examinava com atenção alguns documentos que se haviam avolumado em sua mesa, quando de repente pela janela aberta entrou com o sol uma aragem que fez voar papéis, e em seu rastro um cheiro de mar, o canto de um pássaro (uma gaivota?), e um alvo ruflar de asas...

Fechou os olhos um instante — brevíssimo —, e a arrebentação pareceu envolvê-lo, umidade e maresia, a areia ardente e corpos seminus sobre toalhas coloridas, pranchas de *surf* à crista das ondas, um veleiro (de que época?) fazendo-se ao largo...

Em sua infância, Mariano acostumara-se à praia do Arpoador: isolar-se ali entre as rochas e, de pé sobre uma pedra, fechar os olhos, abrir ligeiramente os braços, pôr-se a escutar o oceano; ia pouco a pouco se concentrando no ruído da arrebentação, até que a certa altura parecia não estar mais sobre a pedra mas flutuando acima das águas, e o vento que vinha dar-lhe no corpo assemelhava-se a ondas que de súbito o envolvessem. O adulto não esquecera o costume de criança, e mais de uma vez onde quer que estivesse Mariano surpreendeu-se a si mesmo de olhos fechados: nessas ocasiões, sentia-se de novo envolvido pelas ondas.

Abriu os olhos: a secretária do diretor, o olhar fuzilante detrás de uns óculos escuros — que combinavam com sua figura ancha de solteirona resguardada —, entrara nesse ínterim com uma ordem, qualquer coisa sobre esvaziar e limpar o anexo ao gabinete ainda naquela tarde.

O rapaz levantou-se de pronto.

Por momentos, enquanto não se dava conta do que acontecia (quem seria essa mulher monstruosa à sua frente, falando coisas que ele não entendia e numa língua desconhecida?), Mariano sentiu uma indefinível angústia, uma sensação de isolamento, uma diminuição em seu ser na mesma medida em que ela, imensa, toda unto e lentes negras, parecia preencher a sala com sua onipresença.

— Sim, senhora — disse, voltando a sentar-se —, logo estará tudo pronto — e complacente viu afastar-se a figura gorda e desajeitada da mulher, rígida, disciplinadora, que por mais que se esforçasse não conseguia ser má. Estaria só, ele pensou, e a solidão costuma fazer isso às pessoas.

“Isso o quê?” perguntou-se, novamente sozinho em seu gabinete. “Isso...”, e não pôde definir, conquanto soubesse — intimamente soubesse — o que queria dizer.

Chegou-se à janela.

Em meados de dezembro, a firma na qual trabalhava há dois anos havia-se mudado para aquele prédio, onde lhe coubera um gabinete do qual podia avistar através do largo corredor de edifícios à sua frente uma nesga de água e areia, e por cima um recorte azul. Por enquanto a desordem era grande: vários arquivos continuavam empilhados nas salas desarrumadas, os móveis novos ainda não haviam sido entregues, e o anexo ao gabinete do diretor estava repleto de papéis e livros velhos, abandonados há pelo menos um ou dois anos pelos últimos ocupantes.

Mas a mulher dos óculos escuros fora taxativa: o Dr. Diretor precisaria do anexo para logo, pois seus arquivos pessoais não tinham onde ser guardados. Na manhã seguinte estaria ali o pessoal da limpeza e da manutenção com seus petrechos: broxas, rolos, galões de tinta, vernizes. Cabia a ele providenciar para que o anexo estivesse desimpedido.

No entanto entrava ainda pela janela o raio de sol, a brisa morna, o rumor das ondas...

“A arrebentação...”

E agora, quando fechava os olhos, sentia também o tempo, e o tempo vinha como as ondas da arrebentação. Então percebeu que sua vida atingira um limite.

Mariano tinha uma namorada bem bonitinha que costumava deitar-se na areia para bronzear-se (no dia seguinte, sábado, iriam à praia. Bem cedo a moça estaria esperando por ele à porta de casa, um olho no relógio outro na rua); o plano era casar-se até o fim do ano, e ante essa perspectiva costumava imaginá-la nua, nuinha em pêlo, sobre os lençóis brancos do leito nupcial... Quase, aliás, como a havia visto na madrugada do *reveillon*, quando ela resolvera deitar-se ali mesmo na areia de Copacabana, depois de uns tantos copos de cerveja, e livrar-se da mini-saia revelando, para sua surpresa, que não vestia nada por baixo.

Fora só um instante...

— Ponha essa roupa, garota, rápido! Está ficando doida?

... mas que deslumbramento! Amou aquela madrugada, adorou o dia, o luzeiro a elevar-se das ondas, e julgou-se um sacerdote do deus-sol no Egito antigo fazendo libações a Rá.

Sim, sua vida atingira um limite: chegara aos trinta anos. Um homem nessa idade casa-se. Estava, pois, decidido: casava-se até o fim do ano.

Mas no subsolo não se ouvia o rumor da arrebentação.

Não entrava nem a luz da lua (pois anoitecera e a lua, cedo, antes das oito, já estava no meio do céu).

Qualquer barulho seriam os passos dos empregados de um lado para outro, suas vozes, uma descarga de banheiro no fim do corredor; e a luz, essas lâmpadas fluorescentes que nem sempre acendiam direito, cheias de poeira e teias de aranha.

— Última remessa, seu Mariano — disse o carregador largando no chão uma pilha de revistas e jornais velhos.

Naquela tarde tentara explicar à secretária do novo diretor que aquela papelada, conquanto estranha à firma, poderia ter alguma importância e não devia ser descartada assim, sem mais nem menos.

— Que importância, Sr. Mariano, pode-se saber? — perguntou a mulher, encarando-o detrás das lentes noturnas, num tom de voz e atitude de quem parecia estar certo de que nada daquilo servia para mais nada e o destino inevitável seria o incinerador do prédio.

O escriturário Mariano fez um gesto de indefinição com as mãos.

Tinha a mania de guardar as coisas até se convencer de que não teriam qualquer utilidade. Certa vez jogara no lixo um bloco de impressos cujas folhas, no verso, estavam em branco. Quando precisou de papel para rascunho e teve de comprar uma nova resma, lembrou-se de que aquele bloco seria útil, e se valia desse episódio para justificar a grande quantidade de cacarecos que se encontravam em suas gavetas atulhadas.

— Bem... — titubeou. — São papéis... vai que se queime tudo isso e alguém apareça depois para reclamá-los...

A outra vacilou por um momento. Abriu os armários, as estantes, passou a mão sobre uma pilha de jornais velhos e olhou-a em seguida com nojo.

— Poeira — disse —, somente poeira! Quem é que há de reclamar essa tralha toda? — E assestou na direção do outro uma cintilação negra, a cara gorda e cheia feito lua. “Que mulher de maus bofes” pensou Mariano com desagrado.

— De qualquer forma — condescendeu a mulher —, se não quer despejar no incinerador... e desde que esvazie este cômodo ainda hoje... Vou mandar o pessoal dos serviços gerais para ajudá-lo a transportar tudo para o porão.

Disse e saiu, empinada, decidida, uma fúria.

Caído num velho sofá, o escriturário Mariano olhou com desânimo o homem que chegava, os olhos esbugalhados, suando sob o fardo de jornais e livros velhos.

— Última remessa, seu Mariano — bufou.

Mariano respondeu com um gesto: que largasse tudo em qualquer lugar e fosse embora, “que já é tarde”.

— E na segunda-feira pode chegar depois do almoço — disse. — Diga no ponto que por ordem minha.

O carregador agradeceu. Saiu.

Todos já haviam saído.

E de súbito, o silêncio.

Nenhuma porta a bater no subsolo, nenhum funcionário a andar e falar, ninguém a puxar a descarga no fim do corredor...

"A arrebentação..." pensou Mariano com aquela indefinível sensação de angústia, que seria talvez saudade.

(Mas de quê?)

— Enfim... — disse, e levantou-se.

Ora, afinal não tinha do que reclamar: hoje ficara até mais tarde, esfalfara-se, mas amanhã teria a praia, a namorada, o dia inteiro ouvindo a arrebentação. E na segunda chegaria também depois do almoço. *"Muito que bem, muito que bom..."*

Mas em cima da cadeira fora largada uma pilha de livros mal equilibrada que acabaria caindo, espalhando-se pelo chão.

"Livros, revistas, jornais velhos... a quem terá pertencido tudo isto? Afinal, não teria sido mesmo melhor mandar tudo para o incinerador do que ter toda essa trabalhadeira?" e se convencia: *"Ninguém virá mesmo reclamar nada disto."*

E assim pensando, perguntando-se ainda quem havia ocupado as salas que pertenciam hoje à firma em que trabalhava, sem prestar atenção ao que fazia, Mariano ajeitou os volumes para que não desabassem, abriu um deles, o de cima da pilha, passou as páginas maquinalmente...

Muitos anos depois, lembrando-se desse fim de expediente, o escriturário Mariano refletiria que se, em vez de ter seguido seu costume de preservar coisas inúteis, tivesse simplesmente transportado aqueles imensos volumes de papel para o incinerador, sua vida teria sido outra. Que outra, impossível dizer. Pode-se especular sobre o que jamais aconteceria? É razoável fazer planos para o passado? Talvez tivesse se convertido num autêntico burguês a exhibir, nos finais de semana, a proeminência de sua barriga de chope sobre o cós da sunga, talvez tivesse feito progressos na firma e chegado ao cargo de gerente ou de subdiretor, talvez sua casa estivesse cheia de filhos e as pernas de sua esposa repletas de varizes...

Talvez...

"Mas eu não teria vivido essa solidão, essa loucura..."

Lembrar-se-ia, por exemplo, da namorada, aquela mocinha bonita com quem há muito havia tencionado casar-se, mas cujo namoro minguarda rapidamente rumo ao marasmo e ao desinteresse e, por fim, ao fastio da presença mútua. E depois disso, continuaria lembrando anos depois, quando já envelhecia, apenas esse tempo sem divisões, já não uma

sucessão de horas e dias mas uma trama contínua, uma teia, o vasto deserto em que se perdera.

Pois agora passava mecanicamente as páginas daquele volume de capa carunchada, uma publicação muito antiga, do início do século, e seu interesse não se prendia a nada do que encontrava nelas: notícias, imagens, artigos, anúncios, sobras de um tempo que ele não conhecera e certamente não conheceria, já que lhe faltava vocação para esmiuçar velharias (guardá-las, sim — o velho sentido de utilidade. Esmiuçá-las nunca): sentia-se um homem do dia de hoje, do presente, não tolerava antigüidades, nada que cheirasse a mofo.

Isto, até que deparou com uma fotografia de página inteira.

E se deteve nela.

De início examinou a fotografia com curiosidade, pouco a pouco com interesse, e logo com arrebatamento: viu-se então dominado por aquela como que magia a elevar-se da página aberta à sua frente — a elevar-se e adquirir forma, intenção, vida; forma que ele mesmo lhe conferia com seu pensamento, intenção que não seria outra senão a sua mesma, vida que passou a ocupar o lugar daquela que até então vivera.

“Eva Kestner” leu ao pé da página, *“1º prêmio...”*



No princípio do século era nesta rua que funcionava a redação. Havia sido publicados, mensalmente, vinte e quatro números da revista. Depois, fim. Acabou-se.

“1902...”

No mês de fevereiro de 1902 haviam lançado um concurso de beleza adolescente, para meninas. Deviam ser enviadas fotografias no formato 18 x 24 de meninas entre doze e quinze anos, duas fotos por participante, uma de meio-corpo, outra destacando apenas o rosto.

“Pelo número do prédio, devia ser aqui...”

Havia agora ali uns restos de paredes, umas arcadas, e além delas um terreno baldio, um matagal alagadiço e insalubre. Na rua secular, somente uns casarões carcomidos, restos de um esplendor antigo, ruínas. Do sobrado em frente, uma velha dos tempos de antanho o observava, as melenas despenteadas de quem acorda pela manhã não para viver, mas para esperar a morte.

“Perguntar a ela?...” pensou Mariano.

— Senhora, senhora! — e agitou a mão na direção da velha.

Mas ela não respondeu, entrou em casa, recolheu-se ao seu esquite.

Em setembro daquele mesmo ano saíra o resultado do concurso. Eva Kestner, 1º prêmio.

“Quem teria sido Eva Kestner?”

Na página preservada pelo tempo, o rosto de Eva era imagem e som, música invisível, encantamento.

Horror.

“Horror? Tão bela!”

Mariano passara a adotar a idéia de que somente um horror muito profundo poderia gerar uma beleza assim. Não se satisfazia com essa definição, precisava adaptá-la à circunstância. Não seria, portanto, o contrário: uma beleza assim não seria capaz de inspirar um sentimento de horror?

“Que inferno haveria por trás desses olhos negros!”

O inferno como nem Dante seria capaz de sonhá-lo.

“Uma menina de treze anos... um rosto...”

Uma antinomia!

Pois na página que o tempo não tocara via-se o busto de uma menina de treze anos, cabelos claros, soltos, que desciam muito lisos até o meio do peito, e olhos negros, janelas para o mistério. Rosto ligeiramente oval, lábios finos num sorriso em que se abriam sem abrir-se, feito a Mona Lisa, o enigma dos enigmas — a plenitude da vida e o pavor da morte!

“Como se seu espírito lhe tivesse abandonado o corpo e se fixado na imagem” pensava Mariano em suas horas áridas contemplando o retrato.

Mas a beleza descreve-se? Como explicar uma música para quem nunca a ouviu sem que sua construção pareça trivial? Não serão apenas sons produzidos por violinos, clarinetes, oboés? A imagem de Eva era apenas aquele rosto, aqueles cabelos, aquele meio sorriso que não havia. Como dizer mais que isso? Como fazer entender por que é capaz alguém de desvairar ante elementos tão comuns, a ponto de torná-los motivo de sua existência?

“A beleza de Eva não se descreve” pensava consigo mesmo Mariano caminhando ao longo da rua antiga com seus casarões ruinosos, suas memórias sepultadas, suas sombras seculares; *“ou a vemos e nos deixamos tocar por ela, ou permanecemos indiferentes. Mas não se descreve.”*

E depois de mais alguns passos:

“Eu me deixei tocar por ela. Ter-me-ei perdido por isso?”

Continuaria a fazer essa pergunta muitos anos depois, já velho, ante a aproximação do fim.



Mariano voltara lá em outras ocasiões: à rua pela qual recuava no tempo, reencontrando a única coisa que poderia existir no fim dessa viagem que as leis da Física proíbem: ruínas.

Os velhos edifícios ao longo das calçadas, o matagal por trás das paredes, o lodo e a erosão dos anos.

Um raro morador aparecia vez em quando: cachecol e chinelas, a tosse crônica da velhice, os olhos baços, brotava de dentro de uma dessas portas escuras, descia desses sobrados ruinosos escolhendo os degraus, saía ao sol da manhã, ao sol da tarde, ao início da noite...

Da primeira vez, uma velha recolhera-se ao seu gesto, fugiu de sua juventude. Das outras, ouviram-no, falaram com ele.

Estranhavam esse rapaz que dera para passear por ali com certa frequência, ouviam com espanto e curiosidade seus comentários sobre uma revista cuja redação existira num daqueles prédios, no início do século, “o senhor não ouviu nada a respeito? Deveria ser bem conhecida à época...” Mas não sabiam, nunca tinham ouvido falar, já se haviam passado tantos anos...

— Mariano, afinal por onde tem andado? — Luíza, a namorada, a moça bonitinha que havia tirado a roupa na praia e com quem pretendia casar-se até o fim do ano anterior. Parecia zangada, e não sem razão: há duas semanas ele não dava notícias. — Ficamos de nos encontrar sábado retrasado para fazermos umas compras, e você desapareceu!...

Mariano moveu a cabeça. Recostou-se um pouco na poltrona. Suspirou.

— Vamos sair?

— E você aproveita para não me dar explicação nenhuma, não é? Já conheço bem essa história!

— Ora, vamos dar uma volta!

Duas semanas mais tarde:

— Luizinha, não nos veremos mais.

A moça olhando-o espantada. Não podia esperar por isso. Então ele toma uma decisão dessas sem ao menos consultá-la?

— Consultá-la para quê, Luíza?

Não a amava mais! A única explicação é que devia haver outra mulher na história, e ele não tivera nem mesmo a delicadeza de lhe contar!

— Por que é que sempre tem de haver outra mulher, Luíza?

Mas Luíza não se convenceria assim facilmente: se não houvesse outra, que motivos ele teria? Ela não lhe demonstrava sempre seu amor? (“Acredito no seu amor, Luíza...”) Será que ela era tão desprovida de encantos assim? (“Você não é feia, Luíza...”) E isto e mais aquilo? Que enxurrada de lamentações, santo Deus!

— Sei que me ama, e acho você linda, Luizinha, mas acontece...

Ah, sim, acontece. Sim, acontece, mas acontece o quê? Como podia se conformar com aquela atitude? E a única explicação que lhe dava, depois de um noivado em que a pedira formalmente a seus pais, era esse

“acontece” seguido de umas reticências úmidas, escorregadias, por onde pretendia safar-se?

— Como é o nome dela, Mariano? Tenho pelo menos o direito de saber o nome da mulher que está tirando você de mim! Como é o nome dela?

— Eva.



O tabelião espiou o outro por cima dos óculos de aro de tartaruga. “*Que sujeito mal vestido*” pensou com má vontade. Mais tarde comentaria em casa:

— Hoje apareceu um doido no cartório.

A mulher, que terminava de preparar o jantar, não teria ouvido direito, e ele se veria obrigado a repetir a novidade acerca do doido que aparecera em seu cartório, não sem antes xingá-la mentalmente, pois mulher obtusa como a sua ainda estava para nascer. “Não se interessa por nada a não ser por panelas e receitas”, pra não falar do hábito de sentar-se na sala diante da TV com uma tigela no colo, onde era capaz de ficar horas batendo infundavelmente uma massa de bolo.

— Ah... — ela teria respondido após sua insistência no assunto. Bem que ele esperaria da mulher pelo menos uma pergunta acerca do doido, mas de antemão tinha certeza de que ela estaria muito ocupada com os ingredientes de uma nova receita, que aviava enquanto ia preparando os outros pratos.

“*Pelo menos come-se bem*” pensou com um suspiro resignado.

— Um doido? — ela concederia ainda, para sua surpresa, enquanto ia transferindo do armário para cima da mesa uma série de pacotes e pequenos recipientes que continham os segredos iniciatórios de suas magias culinárias. Acrescentaria, distraída: — Doidos sempre aparecem...

Mais bem humorado, o tabelião falaria da novidade com um ar de despreocupação, chefe-de-família, pai dedicado, marido exemplar:

— Na verdade ele esteve lá há duas ou três semanas, voltou hoje. Veja você, queria saber de uma família, uns tais Kestner, do início do século.

— Hum — faria a mulher, não menos distraída, investigando o interior de alguns daqueles numerosos potinhos e caixinhas de papelão, cheirando ora um, ora outro, para ver se tudo estava em ordem.

— Uns alemães, por certo, pelo que se deduz do sobrenome.

Mas a mulher não lhe escutaria essa última informação. O menorzinho começaria a chorar na sala e ela acudiria, pressurosa, boa mãe, ralhando agora com o mais velho.

— Se repetir, dois dias sem ver televisão. Isso é coisa que se faça?

De volta à cozinha já não se lembraria do que o marido estivera falando. Seria preciso relembrá-la — indiretamente, para não irritar-se. *“É sempre preferível não irritar-se à hora do jantar...”*

— Decerto alemães, ou descendentes. Mas antigos, início do século.

— E você? — a mulher apagaria o fogo. A sopa estava pronta, pensaria o marido, um cheiro apetitoso recendendo pelo ambiente.

— Fiquei de ver... fiquei de ver... — e ficaria suspenso. Então não haveria mais nada a contar? O caso era aquele? Afinal, que havia de especial em alguém procurar informar-se sobre uma família antiga? Deus do céu, como as coisas perdem importância quando vistas dessa forma!

Mas o outro permanecia ali, à sua frente. Ora, ele já não se havia comprometido em procurar nos registros? Só que era preciso paciência, não podia ser para já, estava muito ocupado, que passasse daí a quinze dias.

— Só mais uma coisinha, senhor... — acrescentou o outro.

O tabelião levantou os olhos, resignado, dispondo-se a ouvi-lo. A má impressão que lhe fazia aquele ar cansado, aquelas roupas enxovalhadas, os sapatos sem brilho tinha de ser vencida em nome da boa educação e da cordialidade.

O outro pareceu perceber. Baixou os olhos, timidamente.

— Trata-se de assunto importante... solicito empenho... da outra vez que estive aqui...

— Ah, sim, esteja certo... sim, farei o possível. Já andei fazendo umas pesquisas, esteja certo... Volte em quinze dias que talvez eu tenha alguma coisa para o senhor. Hoje, como vê, é impossível.

O outro fez que sim com a cabeça. Saiu a custo. Agora o ar de São Paulo, terrível deserto, mundo de estranhos impiedosos, dava-lhe em pleno rosto.

Os Kestner eram de São Paulo, mas parecia não ter ficado vestígios de sua passagem pela Terra. Em todos os cartórios que percorrera, nenhum indício, ninguém sabia, não se ouvira falar. Neste último, antes de aquiescer, o tabelião se impacientara:

— Também o que o senhor queria? A última data a que se refere é 1902, e estamos em 1975.

— O senhor não entendeu. 1902 é uma data aproximada... a família deve ter existido ainda por muitos anos...

— Tanto faz, é muito tempo. E olhe que já pesquisei até em registros mais antigos.

— Não se teriam perdidos alguns livros?

— Ora, se se perderam, então mesmo é que não tem jeito.

Mas por fim o homem concordara. Sim, continuaria pesquisando, que tivesse paciência, a coisa não se resolvia assim do pé para a mão.

Além do mais uma investigação dessas não sairia por pouco: ele tivera de se endividar para obter uma informação que lhe parecia tão simples, e o homem ainda exigia mais prazo, mais idas e vindas, mais cansaço e esgotamento nervoso. Mais gastos.

“Quando esta agonia terá fim, meu Deus?”

Mas quando, de volta a casa, entrava em seu pequeno apartamento, desarrumado e escuro, onde vivia com a velha mãe entrevada, e abria o antigo livro (guarnecido agora de bela encadernação em couro com letras douradas), contemplava o retrato e já não tinha dúvidas: decidira-se a solucionar o mistério daquele rosto, *“Eva, Eva...”*, e mesmo que sua vida se resumisse nessa investigação insana teria valido a pena, *“pois não me foi dado contemplar sua beleza?”*

E mais uma vez repetia para si mesmo aquela fórmula que o havia encantado: no início do século, atendendo ao convite de uma revista, uma menina de treze anos resolve participar de um concurso de beleza, e os pais enviam uma fotografia. Vencera o concurso, mas de seu rosto e de seu nome só restara aquela breve notícia. Fizera isso para que ele, quase sete décadas depois, enlouquecesse.

“A arrebentação...”

O mar com sua névoa dissolvendo as ilhas ao longe. As ondas azuis que iam chocar-se contra as rochas com uma explosão, a espuma que chegava até a areia feito um afago.

O domingo de sol alongara-se nessa imensa tarde de verão que homens, mulheres e crianças invadiam, vindo de todas as direções. Da areia haviam brotado imensas tulipas multicoloridas, e a faixa entre o calçadão e o mar semelhava, de longe, um vasto formigueiro.

Compunham a paisagem urbana os toldos dos bares, a verticalidade dos arranha-céus, os ultraleves que passavam com faixas de anúncio, carros e motocicletas que varavam o asfalto em alta velocidade, as bicicletas, os corredores de fim de semana, rapazes dourados caminhando para as ondas com suas pranchas, moças de roupas sumárias que num gesto de displicência ajeitavam a tirinha do maiô...

Um teco-teco fez um rasante sobre as ondas, por brevíssimo momento só se escutou o ruído do motor. Depois, elevou-se novamente, fez uma longa volta ao largo da baía, retornou e sumiu detrás dos edifícios.

Um homem vem caminhando ao longo da calçada. Ora pára contemplando o mar (que de súbito desaparece, converte-se num rumor vago, longínquo, conquanto permaneça bem à sua frente. Para esse homem o mundo torna-se a cada dia mais longínquo, ainda que continue à sua volta e possa tocá-lo), ora segue adiante, alheio a tudo.

Passou, seguiu, desapareceu. Ninguém teria prestado atenção à sua roupa surrada, aos seus chinelos velhos.

“A arrebentação...”

— Mariano — a voz da mãe no quarto —, é você, meu filho?

Mariano acaba de chegar. Entra. Acende a luz.

— Mamãe...

Em cima da cama a velhota fecha os olhos, ofuscada pelo clarão repentino. Puxa um pouco os lençóis. Diz, como de costume:

— Demorou hoje, meu filho.

— Ocupado, mamãe — e Mariano vai sentar-se ao lado dela, ajeita-lhe as cobertas, toma-lhe as mãos entre as suas. Com o carinho de um filho dedicado quer saber como a mãe passara o dia, se tomara os remédios pontualmente, se se alimentara direito, se não precisava de alguma coisa.

— Podíamos contratar uma mocinha para lhe fazer companhia, mas a senhora é tão teimosa — ele a repreende com delicadeza, entrelaçando os dedos com os dela.

A mãe suspira.

Uns restos do dia entravam pela janela. Logo seria noite.

— Preferia que você se casasse, meu filho.

— Ora, mamãe...

— Sim, meu filho, case-se. Que é feito de Luíza?

— Luíza, mamãe? Ora, há quanto tempo...

— Sim, há quanto tempo...

A velhota não esconde sua reprovação.

— Uma menina tão boa — diz, e deixa transparecer também seu receio: — Tenho tanto medo de morrer e deixá-lo só, Mariano.

— Eu sou um homem, mamãe...

— Para mim será sempre um menino.

— ...e a senhora não vai morrer. Que idéia!

A mãe respira fundo, no limite de suas forças.

— Estou doente, Mariano, estou doente...

E agora, quando Mariano chegava em casa, já não encontrava ninguém.

A mãe havia morrido no ano anterior. Já não ouviria sua voz chamando-o do quarto. Já não entraria naquele cômodo apertado e escuro, nem iria sentar-se na cama e apertar-lhe as mãos, ouvir suas admoestações, seus conselhos para que se casasse. Mariano nunca tentou explicar à mãe por que decidira não se casar.

“Como poderia falar-lhe de Eva?”



O assombro das horas.

A inquietude do ser diante das coisas definitivas.

Esses dias longos e iguais que se convertem num único dia, sem fim, com apenas um apagar e um acender de luzes de permeio.

O opressivo centro da cidade com suas bancas de jornal, o olho mau dos semáforos, as faixas paralelas do asfalto, os cães vadios.

Os homens de gravata que vão e vêm, desfilam somente a fantasia de sua imagem. Não são homens: são apenas um terno que, subitamente, adquiriu vida. E as mulheres que, à porta das casas de espetáculo, exibem suas toaletes de luxo, não são mais que um conjunto de brilhos a se apagarem quando se fecha a tampa do porta-jóias.

Noite e dia, noite ou dia, meia-noite ou meio-dia.

Meia-hora.

No crepúsculo do centro da cidade vem uma ventania morna, um sentido inexplicável de ausência.

Uma mulher passa com um menino.

Um homem que sai, distraído, de uma ruazinha transversal, dá-lhe um encontrão. De frente um para o outro, encaram-se.

— Luíza!

— Mariano!

E ali estavam eles novamente juntos, nos últimos minutos daquele crepúsculo no centro da cidade, por um momento que fosse, mas isso faria suas vidas um pouco mais ricas.

— Quanto tempo, Mariano!

— Verdade — ele diz. — O quê? Dezenove? ... Não, vinte anos.

— Vinte anos! — ela exclama. — Caramba, nem acredito!

— Mas você parece muito bem. Seu filho?

— Jonas, cumprimente o moço. Um velho amigo da mamãe.

Mariano sorri para o menino.

— Crescido...

— Doze anos, completou mês passado.

— Ora — exclama o outro —, um homem feito!

O reencontro, o bate-papo, a troca de endereços, a alegria talvez sincera, os sorrisos.

A despedida.

E depois o vasto, imenso dia, único, assustador.

O horror das horas sem fim.



Eva Kestner, treze anos, participou em 1902 de um concurso de beleza adolescente ao enviar fotografias para uma revista, e tirou o primeiro lugar.

Esse nome desapareceu dos registros poucos anos depois. Os mais antigos arquivos do registro civil pareciam não ter nenhuma pista. Depois de longas buscas em dezenas de estantes e centenas de volumes logrou-se descobrir que os Kestner eram uns imigrantes alemães que, já naturalizados, haviam residido em São Paulo até cerca de 1912 — data da lavratura de um contrato em que o Sr. Kestner, juntamente com a esposa, apusera sua assinatura. Tinham uma filha única sobre a qual soube-se apenas que se chamava Eva. Depois a família se dissolvera no ar, nenhuma outra anotação foi encontrada acerca de seu nome.

Pode ser que os pais tivessem morrido pouco mais tarde, pois já eram idosos, mas Eva, rebento tardio, com vinte e três anos por essa época, seria de esperar que se tivesse casado e constituído família. No entanto, não se encontraram vestígios do nome Kestner depois dessa data em nenhum tipo de documento público.

— Nem mesmo em certidões de óbito — e o tabelião, naquela tarde remota, fechou o envelope e o entregou ao seu cliente: — Cópia xerografada de todos os documentos encontrados com referência essa família.

No minúsculo apartamento, cada vez mais desarrumado e escuro, protegido sob uma redoma de vidro e aberto na página onde se via o enigmático sorriso de Eva, o antigo volume semelhava um objeto sagrado.



A mulher do apartamento em frente empurrou lentamente a porta. Pôs a cara para dentro.

— Seu Mariano?

No outro cômodo uma voz, Mariano apareceu, vindo do quarto.

— De manhã estive aqui um rapaz procurando pelo senhor... Disse que talvez voltasse mais tarde, ou amanhã.

— Não disse o nome?

— Não me ocorreu perguntar... mas como disse que voltaria...

Mariano fez que sim com a cabeça, ficou olhando a mulher, imóvel, olhos fixos, os braços caídos ao longo do corpo.

— Bem, seu Mariano — a mulher, embaraçada, mexeu as mãos, bateu uma na outra em pancadinhas leves, ligeiras, olhando em volta —, era isso...

Mariano continuava olhando-a, sem atitude. A mulher sorriu brevemente, o sorriso murchou, *“diabo de homem esquisito! Parece doido!”*. Enfim, saiu.

Outra vez sozinho, Mariano aproximou-se da redoma. Acendeu a luz.

“Eva...”

E o som da arrebentação, vindo de longe, entrou pela janela aberta com as primeiras sombras da noite.

Sob o vidro, a mágica adolescência de Eva fazia outra vez fluir a vida perdida de Mariano, não a existência árida e vazia de sua rotina, de seus dias incompletos, de sua jornada para o fim, mas essa outra que ele vivia em uma espécie de sonho, um sonho contudo pleno de realidade, ou quem sabe uma realidade que se construía dentro do sonho. Pois que não era tão simples distinguir uma coisa da outra: desde uma noite longínqua de sua juventude Mariano havia tomado uma decisão, e o que para outro não teria sido mais que um simples passatempo foi, pouco a pouco, tomando conta de seu pensamento, convertendo-se numa monomania que não tardou a se tornar o centro de sua existência. Deixou o emprego para dedicar mais tempo às investigações, que se arrastavam infrutíferas às vezes por semanas, meses a fio. Quanto o angustiarão essas idas e vindas inúteis em cartórios, bibliotecas e antigos arquivos editoriais à procura de indícios, e quando à noite, derreado, largava o corpo na cama e se sentia flutuar numa dolorosa sonolência, perguntava-se olhando no teto a lâmpada amarela, ao redor da qual voavam mariposas negras, “quando vai acabar este sofrimento?” A namoradinha, a garota bonita que havia tirado a roupa na praia numa madrugada de ano-bom e com quem pretendia casar-se, havia ficado para trás, perdera-se de seu caminho, e muito tempo depois quando voltou a encontrar-se com ela, inesperadamente, no centro da cidade, já era mãe de um menino de doze anos. O mundo se transformara ao seu redor, mas Mariano continuava preso à sua loucura. Agora vivia só, mas durante muito tempo tivera consigo a mãe que, entrevada, requeria cuidados do filho amoroso, e como não tivesse dinheiro, se não por si, pelo menos por ela não podia negligenciar para sempre o trabalho: mourejava, estafava-se nas repartições, fazia bicos, biscateava. Os sonhos de sucesso do moço de outros tempos, se acaso os teve, haviam-se desfeito, e como não chegara a vislumbrar grandes perspectivas para si, concluiu tacitamente que a qualquer um para viver seria necessário um motivo — já antes da sua noite de revelação, ainda que não o reconhecesse plenamente, havia duvidado das razões de permanecer vivo entre os homens. O pouco que descobrira até então em suas peregrinações bastava para que não desistisse: persistia na expectativa ilusória de que a qualquer momento a resposta lhe cairia nas mãos, mas quanto mais difícil se tornava encontrar vestígios que pudessem

levar até a menina do retrato (sabendo de antemão que jamais chegaria até ela, quem sabe morta há quantos anos antes daquele fim de expediente em que descobrira casualmente o retrato), mais estímulo sentia dentro de si para continuar procurando.

Talvez nunca o tenha dito de modo a ouvi-lo clara e inequivocamente pela própria voz, mas é possível que no mais fundo de si mesmo desejasse que sua busca jamais tivesse fim. Não é difícil entender: o desconhecido exerce forte sedução sobre o espírito humano, mas o mistério que há no mundo somente seduz enquanto não revelado, e o encantamento permanece se dessa revelação surge outra questão a ser respondida, de modo que persista o motivo de se continuar procurando por alguma coisa. É essa, sem dúvida, a mola que incita o homem à sua incansável busca pelo saber, pois sempre haverá um ponto que não se atingiu, uma nova porta a ser aberta, algo ainda a ser compreendido. Se um dia o homem viesse a saber tudo, seu raciocínio se estagnaria e ele talvez perdesse o rumo. Mariano não pensava exatamente nestes termos, nunca tivera pendores para a reflexão filosófica, mas tinha consciência de que no momento em que soubesse tudo sobre Eva findaria para ele o encantamento, não haveria nada além a ser descoberto — e o que lhe restaria então senão morrer?

“O mundo... o mundo...”

Dois dias depois recebeu uma carta:

“Senhor Mariano:

“Escrevo para informá-lo do falecimento de mamãe, ocorrido há duas semanas (lembra-se dela, pois não? Chamava-se Luíza, e pelo que recordo fomos apresentados quando eu ainda era garoto). Saiba que apesar de termos estado distantes estes últimos anos, mamãe nunca esqueceu do senhor, a quem considerava o grande amigo de sua juventude. Costumava falar no seu nome demonstrando muita afeição — e foi por isso que me lembrei de procurá-lo, quando encontrei seu endereço no caderninho dela. Perdoe-me não tê-lo feito em tempo de vir para o funeral, mas o senhor decerto compreenderá, numa ocasião assim fica-se com a cabeça um tanto confusa...

“Estive em sua casa ano passado, mas não o encontrando deixei recado dizendo que voltaria. Alguns imprevistos, no entanto, obrigaram-me a retornar para São Paulo imediatamente e desde então não pude retornar ao Rio. Espero que lhe tenham falado de minha visita. Pretendo visitá-lo com mais vagar em outra ocasião.

“Atenciosamente,

“Juíza... Juíza está morta...”

E os dias continuam a passar por Mariano em furioso silêncio.

Nos últimos anos limitava-se a espiar o retrato de Eva sob a redoma. Não que sua busca tivesse chegado ao fim, ou que ele houvesse desistido: mas de uns tempo para cá começara a sentir um certo esgotamento. Talvez estivesse mesmo cansado, talvez se sentisse assim apenas para poder justificar sua inércia, mas não sabia ao certo — apenas dizia consigo mesmo: “Quando estiver melhor, mais animado...”, e agora quando pensava em retomar as investigações formava planos, anotava num papel os lugares onde talvez pudesse encontrar algum indício, exclamava “como não me ocorreu antes ir lá?!” e, no instante seguinte, repetia com uma falsa determinação: “Quando estiver melhor...”

E com indiferença via aproximar-se o final do século.

Pois tudo lhe parecia indiferente agora: os crimes noticiados nos jornais, as manobras pelo poder a que se aferravam os homens, o fracasso do futebol na última copa do mundo, a beleza das mulheres seminuas nas praias do Rio de Janeiro...

O foguetório nos *reveillons* de Copacabana parecia-lhe a cada ano uma repetição corriqueira e sem interesse, mas não se animava a ficar sozinho em casa: descia, nessas noites coloridas, para passear na areia.

À iminência do terceiro milênio o mundo se preparava para grandes transformações: os místicos pregavam desgraças, o fim dos tempos, viam o caos através das cartas, dos números, da configuração dos astros; os pessimistas criam apenas que o mundo iria piorar um pouco, como era natural, e os otimistas esperavam melhorias como em todos os anos, o que também era muito natural; os doidos não pensavam nada — tanto que se fala, tão pouco que se sabe, resmungava Mariano consigo mesmo, pois todas essas coisas vinham acontecendo e o mundo, a despeito das previsões apocalípticas, não acabou, senão que continuou o mesmo, um pouco melhor, um pouco pior, os homens em seu eterno ir e vir pelas ruas como se tivessem aonde chegar.

Discutia-se por último se o século XXI começaria em 2000 ou em 2001 (e começou, de acordo com a preferência da maioria, no ano 2001), mas isto tampouco lhe pareceu importante, pois o tempo para ele era um só, e a divisão em dias, anos, séculos, não passava de um artifício, necessário apenas aos historiadores.

Para ele, bastava lembrar o hábito de infância e fechar os olhos.

Para Mariano já não era necessário estar no Arpoador, de pé sobre as rochas: mesmo nas sombras de seu pequeno apartamento detinha-se um instante diante do retrato de Eva sob a redoma, fechava os olhos e

envolia-o a brisa, o rumor das ondas, seu corpo tornava-se leve e ele sentia-se elevar nos ares. De repente já não as ondas mas o tempo, único, inconsútil, o envolvia, tornava os breves dias sua vida parte de sua trama, e lhe sobrevinha uma clara sensação de eternidade.

— Eva, querida, entre.

— É aqui? — e a jovem entrou, seguida pelo rapaz.

A mulher do apartamento em frente abriu a janela, e a luz do meio-dia iluminou a sala.

— Bem — disse —, aí está... tal como o deixou... um tanto desarrumado, como podem ver, é que ele vivia só...

Jonas deteve-se um instante após atravessar o umbral.

— Quando aconteceu?

A jovem olhou em volta, deu alguns passos pela sala, aproximou-se da janela: a rua rebrilhava, e de longe vinha o ruído do mar como um rumoroso sussurro.

— Há menos de um mês — a mulher do apartamento em frente avançando um passo ajeitou um enfeite na mesinha de centro, aproximou duas cadeiras. — Sentem-se um pouco.

— Mas... de repente?

— Sentiu-se mal um dia de manhã — ela explicou — e bateu à minha porta

A mulher do apartamento em frente estivera com ele durante aqueles poucos dias. O médico que o examinara não havia dado esperança: o coração, ele disse com um gesto de desânimo.

— Nem era tão velho — a mulher do apartamento em frente acrescentou —, havia completado sessenta e cinco há pouco.

— Que coisa! — disse Jonas. — Justo quando venho vê-lo e convidá-lo para meu casamento.

— Amigo da família? — quis saber a mulher do apartamento em frente.

— Sim... um amigo de juventude de mamãe... vim mais em consideração à memória dela, que sempre falava dele com muito afeto... Ela ficaria feliz se ele fosse meu padrinho de casamento.

— Era sozinho? — perguntou a jovem, que agora se detivera diante da redoma e contemplava o retrato.

Sozinho, disse a mulher do apartamento em frente. Aposentado. Quietos, não incomodava ninguém.

— Um bom vizinho — concluiu.

— Querido, venha ver...

Jonas aproximou-se.

— Veja — e indicou o retrato.

A mulher do apartamento em frente também se aproximou.

— Este livro está aberto nesta mesma página há muitos anos — informou —, sempre que eu vinha para um dedo de prosa o via aí, mas seu Mariano nunca comentou a respeito. É um retrato muito antigo...

— Chama-se Eva — disse a jovem. — Kestner...

— Conhece esse nome? — Jonas pergunta.

— Sim, era o antigo nome de minha família, mas quando minha trisavó casou-se ela adotou o do marido e o sobrenome Kestner deixou de ser usado...

— Eva Kestner... — Jonas diz em voz baixa contemplando o retrato na página aberta sob a redoma, e a grande semelhança entre a menina do retrato e sua noiva surpreende o rapaz, que olha ora uma, ora outra, entre divertido e espantado.

As bodas dos noivos feios

Na falta de melhor assunto, resolvi dissertar sobre a feiúra. Se o tema render — e se você está lendo estas primeiras anotações é sinal de que rendeu —, prossigo; se não, se minguar, paro no meio, apago o que foi escrito e ocupo-me com outra coisa. Presumo que as pessoas práticas, se apanham casualmente estes papéis e correm os olhos pelas linhas iniciais, hão de pensar que haverá mesmo coisa mais útil com que ocupar-se alguém. Como eu tenho por princípio a mania da contradição, isto é, apraz-me discordar sempre que possível da opinião alheia, já penso que o assunto é de interesse e começo a vislumbrar o quanto pode ser curioso discorrer sobre algo que, de resto, é uma característica da condição humana — sim, pois uma coisa é certa: o ser humano, valha-me Deus!, é feio! E uma crônica sobre tal assunto teria inevitavelmente de começar... pelo ser humano, que busca a beleza em todos os lugares e somente para a beleza tem olhos — o que, já se vê, não passa de uma forma de compensar sua inerente feiúra. No entanto já percebo, já posso ouvir os clamores revoltados, o público se levanta para opor sua indignação às minhas afirmações, mas não me intimido e bato o pé, pois que somente posso ouvir argumentos burgueses, que pecam por sua superficialidade, por sua característica estreiteza de visão. Então, dirão todos, não sou capaz de enxergar beleza nas crianças, nos jovens, nas mulheres de corpos perfeitos, principalmente nos tempos atuais quando o que se dá é uma corrida — uma verdadeira corrida do ouro — à busca do corpo perfeito, das formas perfeitas, das linhas perfeitas, corrida essa que enche as academias de ginástica, as clínicas de estética, as salas de cirurgia plástica... Não obstante, reitero minha opinião, contesto toda essa conversa mole dizendo simplesmente que a beleza tão buscada e idolatrada é apenas fragmentária, dura breves momentos, e o que hoje nos encanta o próprio tempo se incumbe de tornar repulsivo aos nossos olhos. Onde está, pois, a consistência dessa beleza? Alguns dirão: mas em todos os lugares! Olhe à sua volta, homem irracional! Abra os olhos! E eu contesto ainda: abro os meus olhos e olho à minha volta, e só com que me deparo é o ludíbrio que estes mesmos olhos meus tentam me impor; confesso que, por instantes, deixo-me seduzir, mas apenas por instantes... e basta! Que se resolvi falar desse tema sempre presente, e se, como não podia deixar de ser, comecei por onde devia, não foi para ficar dissertando ao acaso, mas para contar uma história.

A história que ora lhes ofereço — menos que história, um caso, um relato de episódios vulgaríssimos pontado de uns e outros comentários, para o que requiro a paciência do leitor mais cético —, é sobre as bodas de uns noivos feios que testemunhei certa época, e cujas consequências — reles, vulgares como tudo mais — acompanhei mais ou menos de perto. Somente aqui já deixo entrever alguns aspectos sobre os quais convém que me detenha brevemente: falei de um casamento e da vulgaridade. Estas duas palavras têm muito em comum, pois o casamento deve ser uma das mais vulgares instituições inventadas pelo homem (ainda que religiosos ferrenhos vejam nisso santidade!), ou seja, juntarem-se um macho e uma fêmea, viverem juntos na mesma casa, dormirem na mesma cama, usarem o mesmo banheiro, e vez por outra engancharem-se... Sim, o ser humano é feio. Além de feio, vulgar... e até aqui — cala-te boca! — já disse o suficiente para ser apedrejado pelas pessoas sérias².

Vamos à história.

Vivia por aí, há tempos, um certo Jacinto, um inexpressivo Jacinto, um desses tipos que, se passam pelo leitor na rua, o leitor não enxerga — não por soberba, mas porque as coisas pequenas, insignificantes, é natural que não atinjam de imediato nossa percepção — ou que nem atinjam. Esse Jacinto, de corpo miúdo, cabeça angulosa e cara chupada, à qual se somavam umas orelhas um tanto salientes, desenhava com a gilete um bigodinho fino — finíssimo! — sobre o beijo, e os cabelos, de ordinário nunca muito limpos, tinha por hábito repuxá-los para trás, fixando-os com brilhantina, mas dos quais não se podia falar em caspa caindo-lhe feito farinha nos ombros: caspa, se tinha, ficava bem presa nas mechas grudentas.

Não trajava bem. Talvez por desleixo, decerto por aperturas de dinheiro (seus vencimentos de almoxarifé na prefeitura não lhe permitiam uma vida folgada), repetia ao longo do ano o mesmo par de sapatos antiquados, umas calças um tanto frouxas que ele franzia no cóis com a cinta (levando a supor que provinham, usadas, de algum parente mais corpulento), e umas camisas que também lhe ficavam excessivas mas que ele usaria até o fim, mal disfarçando os colarinhos puídos.

Não posso garantir que esse Jacinto fosse de todo avesso a banhos, talvez não fosse, mas estando-se junto dele era infalível chegar-nos logo às narinas um cheiro — não de suor, não de sujeira, certamente um cheiro natural lá dele, mas ainda assim um cheiro — e isso de cheiros, deve o leitor compreender, há-os de toda espécie. O que desprendia do nosso Jacinto sabia a ranço, a manteiga velha, a coisa usada — e não julgue o leitor que estou empregando mal o verbo: era um cheiro que afetava até mesmo o paladar!

² Mesmo porque as pessoas sérias, as mais vulgares e ridículas, nunca se dão conta disso.

Do que foi dito pode-se imaginar que Jacinto não tinha uma grande figura. Não tinha, é certo, mas teria ainda menor espírito, e só por sorte apanhara um cargo público — em função que, no entanto, não exigia excessivamente de sua inteligência. Pois se alguém lhe dirigia uma pergunta, o nosso homem voltava ao seu interlocutor a cara ossuda e punha-se a olhar para o outro de um jeito meio idiota, a boca semi-aberta como se por ela pudesse entrar a compreensão do que lhe fora dito; depois de algum tempo esboçava uma reação, não para responder à pergunta feita, senão para coçar a cabeça contraindo todo o rosto numa expressão de dúvida que a essa altura bastaria para desconcertar — ou desanimar — quem não o conhecesse. Aqueles já acostumados ao seu jeito esperariam por uma resposta, que vinha na forma de uma nova pergunta a reiterar a que lhe fora feita, e só depois de nova pausa, durante a qual se esforçava para produzir uma idéia, respondia de forma insatisfatória e a todo momento perguntando ao seu interlocutor “não é assim?”, “não é mesmo?”, “será que é isso?”, sendo esta a pergunta mais temida, feita quando surgia uma dúvida definitiva e após a qual detinha-se, estático, numa expectativa perplexa à espera de que o outro o auxiliasse com um esclarecimento, para em seguida embatucar de novo, contrair as feições, coçar a cabeça, embaralhar-se todo e não dizer coisa alguma.

Não preciso estender-me muito sobre as limitações intelectuais do Jacinto. Basta dizê-las proporcionais às suas graças físicas ou, em outras palavras, estas proporcionais àquelas, e tanto umas como outras poderão ser avaliadas.

(A ética — uma ética piedosa, senão piegas — pediria que eu fizesse uma pausa, em nome da primeira bem-aventurança³, e considerasse as qualidades morais do nosso Jacinto. Não que delas fosse destituído, possuía algumas, todos de certa forma as possuem, mas não é preciso que me demore nesse ponto, já que surgirão por si mesmas no decorrer da narrativa, embora eu pense que no fim o leitor não estará certo de que sejam de fato qualidades morais.)

Aconteceu que, chegando Jacinto perto dos vinte e oito anos e não desejando diferir dos costumes de sua terra (como ainda não disse, fica dito aqui: uma dessas cidadezinhas de interior, estúpidas, estreitas, lerdas como soem ser as cidadezinhas de interior, no que divergem das grandes cidades, não menos estúpidas mas que não sofrem de estreiteza nem de tacinhice — ou sofrem, mas de uma outra maneira, e aqui não convém entrar em considerações por si mesmas desprovidas de propósito e interesse para o assunto proposto); dizia eu, portanto, que não querendo diferir dos costumes de sua terra, segundo os quais em chegando um moço à maioria não deve passar muito tempo sem tomar estado — pois do

³ “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”, Mateus 5, 3.

contrário corre o risco de passar por cidadão sem juízo, quem sabe esbanjador e de hábitos nocivos à boa sociedade —, Jacinto deu-se conta de já haver passado muito da época de casar-se e urgia cumprir com essa obrigação o mais breve possível. Para isso dispunha do indispensável: uma colocação, embora mal remunerada, que procurava compensar com alguns serões e uns bicos nos finais de semana; era também proprietário de uma casinha nos arrabaldes, mal situada, pouco confortável, mas onde havia o essencial: uma cozinha em que preparar o pão nosso de cada dia, um banheiro onde lançar o despejo diretamente no esgoto, um quarto com cama de casal onde fabricar novos espécimes de jacintinhos medíocres a contribuir para o crescimento da cidade (questiona-se aqui o que significa crescimento... de novo é melhor não nos aprofundarmos, pois trata-se sem dúvida de uma questão perigosa, que pode levar a conclusões igualmente perigosas para nosso otimismo). Não nos esqueçamos de que na casa havia também uma sala, com o sofá e as poltronas de costume, em frente aos quais reluzia a indispensável televisão, instrumento utilíssimo para o engrandecimento da espécie humana — se a tomarmos pelos padrões do nosso Jacinto. (...do que, aliás, bem poucos escapam.)

Assim, esse heróico cidadão vinha há tempos considerando que, se não lhe faltava o indispensável, faltava-lhe — isto sim — uma noiva para sua vida completar-se. Um dia de manhã, enquanto bebia um café solitário em sua cozinha de solteiro, concluiu que não seria tão difícil encontrar essa noiva, já que todos — ou quase todos — os homens se casam e para isso precisam de noivas, pois se se casam e para casar-se noivas são necessárias, é lógico que todos os que se casam as encontram — e, prosseguindo nessa linha de raciocínio, como quase todos de sua idade eram casados, noivas devia haver por aí à sua espera. Ora, ele também encontraria a sua!, e a vida lhe pareceu simples, extremamente simples, não podendo compreender como as pessoas de um modo geral tendem a complicar o mundo. Imaginou-se casado: trabalhando, a mulher contribuiria para o sustento da casa e a manutenção dos filhos — que não podiam faltar, pois lhe parecia bem que um casal tivesse filhos o mais que pudessem, e arrenegava essas idéias modernas (não conformes com o Evangelho) sobre o controle de natalidade e outras tais. Casaria, portanto, e faria filhos (com o que se vê que a disposição do Jacinto era encher o mundo de imbecis). Cresceriam. Em época de escola, escola; em época de serviço militar, quartel; as meninas aprenderiam a cozinhar, a bordar, a pregar botões; por fim casamento, e ei-lo avô, sem maiores embaraços, simplesmente, simplissimamente. Com um pouco de melancolia pensou que, velho, não duraria para sempre — morreria, antes ou depois da mulher, mas morreria, sairia do mundo como entrara nele, sem maiores problemas. Ele bem poderia considerar outras coisas: morrer subitamente enquanto seus filhos fossem pequenos, e então eles enfrentariam

dificuldades; ou ficar viúvo, o que seria talvez pior, pois, ainda que não soubesse explicar por quê, já não lhe parecia fácil — uma vez viúvo — casar-se de novo; quem sabe um terremoto, ou coisa que o valha, jogasse sua casa por terra, que transtorno!, enfim, mil e um contratemplos poderiam acontecer — mas tais considerações tresandavam a abstrações filosóficas profundas demais para seu entendimento, nem ele as compreenderia nem, *a priori*, reconheceria valor em especular dessa forma, por isso não direi que abandonou essa linha de pensamento: nem ao menos encetou por ela.

O que fez naquela manhã foi sair decidido a encontrar uma noiva, principalmente porque era sábado, não havia expediente, e o sol intimava a um passeio pelas ruas.

Se conheci o Jacinto, não conheci menos aquela que viria a ser sua esposa, uma certa Teresa cujo nome lhe cabia como um dedal (não que o nome seja feio, ou que todas as Teresas o sejam, mas pessoalmente jamais pude imaginá-la com outro nome).

Teresa era a mais nova de duas irmãs. A mais velha casara cedo com um comerciante de tecidos e ficou vivendo por ali durante os primeiros anos. Insatisfeito, porém, com o andamento dos negócios, o comerciante liquidou de uma hora para outra seu comércio, vendeu tudo que possuía e escafedeu-se do lugar com a família tão rapidamente que entre a decisão de partir e a partida não transcorreu por inteiro uma quinzena. Nunca mais se soube deles. Muita tristeza causou à mãe viúva essa súbita partida da filha mais velha, mas procurou consolar-se de sua ausência com a presença da mais nova, sempre ao seu lado, sempre dentro de casa.

Com tudo de Aldonça e nada de Dulcinéia, Teresa já passara bem dos vinte e oito (idade do Jacinto) embora ainda estivesse longe dos trinta e oito — fiquemos aqui com o meio termo, e se não for suficiente, digamos que era três ou quatro anos mais velha que seu futuro consorte. Branquela, feianchona, nem gorda nem magra tinha o corpo desajeitado pois seus ombros eram um tanto largos demais (ou seus quadris muito estreitos — de qualquer forma, uma coisa não quadrando com a outra); as pernas cobriam-se de pelos escuros, um buço que se reforçava nas extremidades do lábio fazia lembrar vagamente uma imitação de Cantinflas, e ao sorrir era impossível não se perceber o reflexo dourado de um dente de ouro.

Por simplicidade — ou por descuido —, ainda que andasse limpa, não tinha lá muito juízo no vestir-se, e sua figura seria motivo de riso caso se apresentasse noutro lugar que não a cidadezinha interiorana onde nasceu, cresceu e se casou, e onde certamente seria enterrada, não se dessem as coisas como se deram. Vestia-se de maneira simples, as cores escolhidas eram sempre discretas, para não dizer cinzentas e sem graça, mas o fato é que não atinava com um vestido que combinasse com a blusa,

uma blusa que se adequasse aos sapatos ou à bolsa, e como ela própria costurava suas roupas e nunca folheasse revistas de moda já se deduz o que, no final das contas, lhe caía sobre os ossos, agravado pelo uso constante de uma sombrinha verde não dobrável, que carregava tanto nos dias de tempo ruim para não apanhar chuva, quanto nos de sol, para não queimar-se; e não havendo sol nem chuva, levava-a assim mesmo por via das dúvidas...

Teria sido um pouco assanhada na adolescência, por época dos primeiros bailes — coisa de menina, nisso todas se equivalem. Mas como não agradasse aos meninos, era deixada de lado na hora das danças, ajudando a compor o grupo das enjeitadas, salvo nas ocasiões em que fosse necessário completar o número numa quadrilha, ou em que surgissem pares mais bem dispostos e menos exigentes. Passou a adolescência, passaram-se esses anos fulgurantes da primeira juventude — para ela nada fulgurantes, a bem da verdade um tanto descoloridos, sem sombras nítidas nem grandes luzes, tudo um meio-termo igual e sensabor, e se viu aos vinte e tantos anos solteira apesar de alguns namorados que não deixou de ter. Manteve, porém, uma certa virtude que começaria a cheirar a beatice caso fosse dada às coisas da Igreja, mas não ia à Missa, não comungava, não carregava vela nas procissões de Corpus Christi, e, de acordo com a máxima que diz “melhor festa faz quem em casa fica em paz”, ficava em casa e ponto final. Não se tornou beata, mas nos nebulosos anos seguintes — nebulosos porque não se pode precisar quantos, e não por terem escapado à inevitável rotina — manteve uma virgindade que pouco se lhe dava. Pergunto-me se não seria chegada aos prazeres licenciosos, e, conforme se verá, esta é uma questão obscura e que suscita dúvidas. À época parecia que não, não se poderia falar mal de seu comportamento, e, sóbria de hábitos, vez por outra pais lhe confiavam alguma criança para cuidar quando careciam de uma noite de folga — a que não se arriscariam se Teresa fosse uma libertina.

A exemplo de seu futuro noivo, brilhava tão pouco por fora quanto por dentro, e talvez a maior sutileza de idéias de que era capaz referia-se aos pratos que preparava e o tempero utilizado, ao perguntar como quem debate uma crucial questão metafísica: “Será que vai pegar gosto?”. Seja como for, tal questão seria mesmo, sob seu ponto de vista e se de tal conceito tivesse conhecimento, metafísica. Explico-me: quase inválida, e por ter partido intempestivamente a filha mais velha, a mãe passou a depender da mais nova e de uma insignificante pensão para sua subsistência; como Teresa desde cedo mostrasse pendores para o tempero, a velha foi-lhe ensinando os segredos da cozinha, que porém permaneceram guardados: a jovem ia às vezes para o fogão por desfastio, para passar o tempo ou comer algo diferente aos domingos, e só. Mas quando se viram sozinhas as duas, foi preciso transformar o recreio em

labuta, e começou ajudando na preparação de uns salgadinhos para uma festa de aniversário. As primeiras encomendas lhe fizeram o nome, novas encomendas — até de cidades vizinhas — lho consagraram, e como outra profissão não tivesse, era agarrar-se a essa, e agarrou-se. Com os ganhos — algo razoáveis — mantinha a casa, pagava os remédios da mãe e as visitas do médico, comprava vez por outra um corte de tecido, um par de sapatos, e por não ser vaidosa nem viver enfeitando-se a três por dois, o sobejo metia numa caderneta de poupança para futuros imprevistos. Conclua o leitor se não há metafísica nisto!

Assim viveu Teresa até conhecer Jacinto — e viveu, se não à larga, pelo menos sem grandes apertos nem maiores renúncias.

Mas já estou ouvindo o leitor — com raciocínio rápido, típico da pessoa perspicaz e impaciente — a perguntar como não se conheciam Jacinto e Teresa se viviam na mesma cidade e se esta, menos que uma cidade, pouco passava de um arraial? Nunca se teriam visto, pelo menos? Acalme-se o leitor, pois não há qualquer incoerência nisto: viviam sim na mesma cidade, e assim sendo não é improvável a Teresa ter esbarrado com o Jacinto num dia qualquer de feira, quando o povo afluía às ruas para as compras, numa quermesse ou nas festas de santos, sendo igualmente provável tê-la Jacinto colhido de momento numa olhada sem intenção no meio da gente, e pode até ser que já tivessem dançado uma quadrilha. Isso decerto aconteceu sem que impressão ficasse de parte a parte: esbarraram-se, viram-se, seguiram adiante como se tal momento nunca tivesse existido — o que também se explica sem muita filosofia: apagados para os outros, eram-no para si próprios, não se percebiam, decerto não se perceberiam nunca se Jacinto um dia não acordasse para a idéia de casar.

Tendo deliberado casar-se, Jacinto, nas horas de folga e nos finais de semana, saía a bordejar pelas ruas à cata de uma solução. Por que dizer *solução*, se o que Jacinto procurava era um desses seres misteriosos que usam saias, saltos altos e pintam os lábios — mas que cruzavam por ele como se ele não estivesse ali? Bem que o pretenso noivo espichou uns olhares de cobiça para a Lininha Silveira, de lindos olhos verdes e cabelos loiros, filha caçula do rico Silveira, dono da mais sortida loja de roupas do lugar. Se chegou a declarar-se, não sei — mas sei que algum tempo depois já o via circulando nas proximidades da casa do Gusmão Alfaiate, e sua intenção não seria encomendar o terno do casamento: o Gusmão tinha três filhas, todas lindas, avançadinhas, dadas a mostrar as pernas nuns *shortinhos* exíguos ou numas mini-saias resumidas, para o que contribuíam aquelas tardes abafadas de um verão tardio que se estendia impudico em direção do outono. Um dia lhe ouvi comentários sobre a filha do prefeito, Luízinha Souza, ou Lulu para os de casa. A Lulu tinha graça, dezesseis anos, alguma presunção (filha do prefeito!), e no mais uma alegria que se

revelava no seu inquieto sorriso — sorria a todos, e deve ter sorrido também para o Jacinto, que por algum tempo julgou-se abençoado pelos deuses. Manteve-se no engano por uns meses, até que a Lulu surpreendeu à cidade e o desenganou de vez ao aparecer grávida e declarar — sempre sorrindo — que o pai do menino (dizia ser menino, conquanto nenhuma certeza pudesse ter quanto a isso) era o presidente da câmara — o Dr. Morais, homem sério, distinto, casado e pai de uma filha na idade da Lulu (Joana, Joanita como todos a conheciam, e além disso uma das melhores amigas da própria Lulu). O escândalo desviou as atenções do Jacinto para a Joanita Morais, bonitinha, sardenta, corpo violão, mas desencantou-se logo pois a moça, envergonhada com o escândalo que de súbito adentrara sua casa, deixou a cidade e foi viver com uns parentes na Capital.

“Também essas moças de hoje em dia” lembro-me de ouvir-lhe por ocasião do escândalo, sentencioso, o cabelo empastado de brilhantina refletindo a luz da iluminação pública, “pouco juízo, pouca decência. Para compromisso, quero moça séria...” e pensava não só na risonha Lulu, mas na Joanita que fora embora, e em todas as outras que teimavam em ignorá-lo.

Creio, porém, que esses abalos sentimentais tinham efeito pouco duradouro sobre o ânimo do Jacinto, e mais afligia-o continuar solteiro que não ser aceito por uma de suas escolhidas — tantas e tão rapidamente substituídas por outras, mal o desiludiam.

Uma tarde o vi de conversa com a Teresa, na feira. Escondi-me detrás de uma barraca de pimentões e fiquei a espreitá-los. Como se haviam aproximado não soube, mas quando dois dias depois os vi novamente juntos no armarinho do Isidoro, não duvidei de que ali havia romance.

Não me enganara. Havia romance, haveria casamento.

Houve casamento.

Desencantava-se, enfim, de um lado a obsessão do Jacinto contra a solteirice, e de outro a virgindade da trintenária Teresa.

Quando entrei na igreja e deparei uma Teresa com seus bigodinhos de Cantinflas vestida de noiva e um Jacinto que esmerara na brilhantina e no horror do terno azul-claro feito às pressas, a cabeça angulosa meio tombada de lado... bem, não sou capaz de exprimir adequadamente a impressão que me causou aquele medonho ritual.

Estavam casados — totalmente casados — ao saírem da igreja: Jacinto exibia um sorriso alvar na cara ossuda, Teresa continha-se, feiosa, fez trejeitos quando choveram arroz sobre eles — pois aqueles feios também tiveram direito à sua chuvinha de arroz (por que não teriam, filhos de Deus que eram?) —, e em seguida meteram-se no carro de aluguel para

a casa da noiva, onde reuniu-se a gentilha para forrar o estômago. Lá estive também, gozei os dotes culinários da noiva que passara a semana preparando salgadinhos e docinhos diversos, e enquanto trincava um pastel de palmito ia considerando que nem tudo naquelas bodas ia mal: comia-se bem, por exemplo. Assim, se aquele noivo ansioso não levava para casa uma beldade, metia lá uma rica cozinheira, e como há os que se casam mais pela cozinha do que pela cama (embora não possa afirmar que fosse este o caso do Jacinto), não se viu ele mal arranjado. Quando o Jacinto se aproximou de mim, impado, para falar-me, prosar um pouco “num instantinho de folga” em dia tão longo e glorioso, notei que, despido do paletó azul, Jacinto até não fazia pior figura que de ordinário.

Na casa estiveram todos os convidados e os não convidados; comeu-se à farta, bebeu-se assim, e a mãe de Teresa arrastava-se de um lado para outro no meio do povo procurando saber das coisas, querendo agir, ajudar no que fosse preciso, inconvenientemente porém, pois só servia para atrapalhar meio imprestável que estava, que de resto era. Pobre velha, queria na verdade mostrar-se, dizer a todos através de sua presença, de sua figura caquética, que casara a filha conforme os costumes, motivo principal de orgulho que nem todos podiam arvorar (e não duvido de lhe passarem pela cabeça nessa ocasião, sem maldade ou com uma maldade inocente, lembranças da Lulu, filha de gente importante mas que acabou “fazendo o que fez” e que agora, não deixando de rir, trazia nos braços um belo e rosado bebê).

Transcorreu o dia, chegou a noite, acabou-se a folgança.

Todos se retiraram — os noivos partiram também, para uma lua-de-mel discreta, e eu fui embora com pensamentos pouco puros. Passa-se por alto a noite de núpcias, pois de um casal feio não convêm as núpcias: não por discríção, mas por estética. Direi apenas que houve núpcias, como não podia deixar de haver: lua-de-mel que durou quando muito uma semana em passeios pelo Rio, hospedagem em hotel inferior, algumas compras, poucas, lembrancinhas para enfeitar a cristaleira da sala, e no mais o regresso, o casal indo morar não na casa do Jacinto mas na da Teresa, não só para não deixar a velha sozinha, nem apenas por ser uma casa mais espaçosa, mas também porque, muito prático, Jacinto encontrara no casamento um meio de reforçar seus rendimentos: alugar sua casa de solteiro — e fazia as contas, folgando, que agora sim, estava bem: os vencimentos da prefeitura, o aluguel, os doces e salgados que a mulher fazia pra fora... Impava de satisfação! — e os dias foram se passando, invariáveis, com o mesmo número de horas, estas com seus inquestionáveis minutos e estes ainda iguais a todos.

Poder-se-ia dizer agora que a história chega ao fim: Jacinto conseguira o que queria — tornar-se um homem sério; e Teresa, que nunca

se preocupara com o casamento, casara como que por acaso — não exatamente assim, mas quase.

Nossa história, portanto, pararia por aqui se fosse ficção, mas ao leitor já adverti que não é, e se também não chega a ser uma crônica sobre a estética, pode-se dizer que o que vimos até aqui acrescido do que se segue será, quando muito, o relatório acerca de uma experiência matrimonial. E que experiência, paciente leitor: vulgaríssima, patética como a burrice, entediante.

Não é preciso argúcia para deduzir que os filhos, conseqüência natural de uma boda, viriam — e vieram, e eu fui convidado para apadrinhar o primogênito, homenagem que eu bem dispensaria mas que por educação não recusei. Já o padre aspergia água benta na calva daquela criança rezingona e eu, metido num terno de casimira, verdadeiro suplício naquele dia de calor, vislumbra na carinha vermelha todos os traços de feiúra do pai e da mãe combinados, o que seria de doer não fosse de rir. Um pensamento pouco cristão passou-me pela cabeça: que menino tão feio — pois era um menino — não somava nada ao mundo, e como seria conveniente um sarampo com alguma complicação que fosse dar com o desgraçadinho num caixãozinho branco, já meditando na melhor forma de comparecer ao enterro e fingir uma ou outra lágrima, fora — é claro — daquele amaldiçoado terno.

Mas eu me enganava, pois o menino tinha tão má figura quanto boa saúde, e mesmo que, passando pela casa do Jacinto vez ou outra como compete a um padrinho cioso de seus deveres, o visse sujo a brincar pelo chão, a carinha rechonchuda imunda, um fio de catarro a escorrer para dentro da boca, jamais se soube que o moleque adoecera seriamente, e exceto um resfriado passageiro, uma catapora leve ou uma verminose, nenhum outro mal — para mal de mim, que continuei padrinho sem querer — o acometeu (e como não importa adiantar um pouco nesse ponto, acrescento que o garoto cresceu, encorpou, tornou-se adulto e vive aqui mesmo, e bem, pelo menos o quanto bem pode viver um filho daquele Jacinto e daquela Teresa, e até já namora!).

Outros rebentos vieram fazer coro às pirraças do primogênito, e ao fim do terceiro ano de casada, Teresa já paria o terceiro filho. A julgar por aquele começo, não pararia mais, prevendo-se para dentro de uns poucos anos uma récuca de pequenos demônios a acompanhar o Jacinto à Igreja nos domingos, ou a espalhar-se pela cidade, aos mandados de Teresa — tudo de acordo com a idéia que tais criaturas faziam de planejamento familiar.

Mas não se deu assim: naquele terceiro filho a Teresa secou. Estranhou-se quando não se viu arredondar outra vez o ventre da mulher, estranhou-se ainda mais no ano seguinte, mas quando o menorzinho completou seu terceiro aniversário concluiu-se que o Jacinto havia

decidido aderir às idéias que anteriormente lhe pareciam abomináveis e pouco cristãs.

Eu, no entanto, mais chegado à família, julguei compreender o que se passava, e como não é do meu feitio fazer mistério de banalidades, vou direto ao assunto para não maçar o leitor que, benevolente, começa a interessar-se pelo rumo que o caso vai tomando. Vamos, então, a ele.

O Jacinto por último já não ia direto para casa ao fim do expediente no almoxarifado, e vez por outra, encontrando-me à saída, convidava-me para uma volta pela cidade: passear sem destino, conversar à toa, ou simplesmente sentar-se num bar e ficar bebendo discretamente uma cerveja, sem jamais embriagar-se.

Nada referia acerca da família, da vida doméstica — Teresa, os meninos, não vinham à baila. Falava do serviço, comentava a política roceira, pretendia candidatar-se a vereador. Eu escutava, respondia, não respondia, deixava-o falar. Suspeitava desacerto doméstico. Não me enganava.

Acontecia simplesmente que Jacinto enganara-se com o casamento. Burguês em todos os sentidos — e o estreito burguês de província é, sem dúvida, o mais observador dos seus deveres sociais e familiares —, não deixaria de cumprir suas obrigações de chefe de família, mas as de marido começaram a ser negligenciadas. Teresa cansava-o, não porque fosse uma mulher resmungona ou implicante, nem por ter-lhe descoberto tardiamente a feiúra (já não direi a estreiteza de idéias, pois para essa o Jacinto não atentaria), mas por ser o que era, isto é, apenas a Teresa. Os filhos enjoavam-no não porque os detestasse (a seu modo, até os queria bem, por obrigação, por ser natural que um pai goste dos filhos), mas por não serem mais que aquilo, seus filhos. O casamento parecia-lhe então um deserto, não pela rotina, pois vivera na rotina toda a vida, mas porque, mesmo sem compreendê-lo claramente, ia-se apercebendo de que o que lhe faltava era vocação para a vida conjugal.

Pouco a pouco a família começava a parecer-lhe um peso.

Um peso do qual, também pouco a pouco, começou a se afastar.

Seja dito em seu favor (ou desfavor, conforme o entendimento de cada um), Jacinto não era homem que fosse buscar na rua o gosto que já não tinha na alcova, mas há quem entenda que, se Teresa já não lhe apetecia, uma forma de continuar casado seria compensar o tédio do lar com a novidade do lupanar. No caso, entretanto, de alguém que a cada domingo era o primeiro a chegar à Missa e ocupar o banco da frente, e dele só se levantar após o último amém, esta não seria a saída adequada, e não porque lhe repugnasse: simplesmente porque tal saída não lhe ocorreria.

(Poderá advertir o leitor que, sendo eu tão íntimo, talvez lhe devesse ter sugerido umas aventurazinhas do tipo, para desfastio, para lhe colorir um pouco o cinzento dos dias. Não há dúvida, poderia tê-lo feito, mas para que arriscar-me a aborrecê-lo com uma sugestão que lhe pareceria um escândalo? Ou, por outra, para que arriscar-me a perder um veio tão rico de estudo do caráter humano? Saiba o leitor, onde há feiúra há também graça, ainda que na forma de uma desgraça, e eu, espectador curioso, não queria perder o transcurso de uma história que evoluía por si mesma até ver aonde ia dar...)

Foram esses os motivos que levaram o Jacinto a ausentar-se de vez da alcova e cada vez mais do lar, e finalmente quase todos os dias — comigo, quando nos esbarrávamos, ou sozinho — saía depois do expediente a dar voltas pela cidade, chegando em casa com as crianças já na cama e a Teresa presa à novela da TV, razão por que não vinha maçá-lo com sua obsequiosidade de esposa: esquentar-lhe a comida, trazer os chinelos, entregar-lhe uma toalha limpa. De tão enfasiado, tudo isso lhe parecia excessivo e incômodo, e ele preferia virar-se sozinho, avir-se como podia na cozinha, no banheiro.

Neste ponto cabe esclarecer uma justa dúvida — que assalta decerto o leitor e assaltou a mim: desconfiaria Tereza de alguma infidelidade do Jacinto? Pois um marido de hábitos regulares como fora nos primeiros anos de casado mudar de comportamento e passar, a certa altura da vida conjugal, a chegar tarde em casa é coisa que levanta suspeitas. Mesmo sendo íntimo do casal — haja vista que não deixara vez por outra de filar-lhes um jantar no sábado ou mesmo um almoço no domingo —, eu não podia ter certeza quanto a isso: nessas ocasiões a convivência não destoava daquela dos primeiros dias, de quando o casamento ainda seria para ambos uma novidade: o Jacinto falava a Tereza com sua natural cordura, e esta respondia-lhe com a bonomia de uma irmã mais velha e uma seriedade matronal de mãe. Numas das ocasiões em que ele me convidara para bebericar em alguma espelunca após o expediente, resolvi tirar a limpo essa história e, como quem não quer nada, toquei no assunto:

— Jacinto, Tereza não se incomoda de você chegar mais tarde, quando sai assim para beber com algum conhecido? — Ah... — ele disse, fazendo uma pausa para cogitar numa resposta. — A Tereza não — continuou depois de meio minuto —, ela sabe que eu não sou homem de baderna — e tal resposta pareceu-me satisfatória: de fato o Jacinto não era homem de baderna, sua carolice não diminuía, o que vale dizer que ainda ia à missa todos os domingos e sentava-se num dos bancos da frente como que para exhibir-se, tendo ao lado a mulher atabalhoada com o mais novinho; ele, o pai, havia-se com o do meio ao colo enquanto o mais velho, já com seis para sete anos, acomodava-se comportada e obtusamente entre o casal; isso de beber à noite com alguns amigos, sempre em locais

públicos e à vista de todos, não tinha nada demais e por certo não amofinaria tão dedicada e compreensiva esposa.

Os novos hábitos do Jacinto não arrefeceram, pelo contrário, recrudesceram a um ponto em que ele já não entrava em casa antes das dez, e tornou-se comum encontrá-lo quase sempre só (às vezes conversando com um ou outro freqüentador noturno) num fundo de bar, bebendo com a habitual moderação, e lentamente, sua cerveja, prolongando-a ao máximo e espiando os ponteiros do relógio se aproximarem vagarosamente das onze.

Um dia, porém, notei-o agitado.

Eu passava em frente à prefeitura, por volta das cinco horas, quando o vi descer em minha direção e cumprimentar-me atarantado, aceitando de imediato meu convite para um passeio. Nesse dia, entretanto, quase não falou, parecia preocupado com alguma coisa, vez por outra punha-se a olhar nervosamente para os lados, franzia a testa concentrando-se em algum pensamento como se no instante seguinte fosse falar, mas... calava-se, ficava apático de repente olhando para adiante como que esquecido de minha presença. Às vezes, enquanto caminhávamos, detinha-se subitamente de cabeça baixa, como que tomado subitamente por alguma idéia que o incomodasse, e em seguida recomeçava a andar com passinhos curtos e rápidos, deixando-me para trás — então eu tinha de chamá-lo, despertá-lo de seu transe, “ô Jacinto, o que há com você hoje?”, mas ele, voltando a si, olhava-me com surpresa, franzia de novo a cara, concentrando-se, por fim respondia: “Não... nada... não há nada”. Nesse dia, conquanto lhe fizesse companhia durante umas boas duas horas, não ouvi do Jacinto meia dúzia de frases, e como seu comportamento alheado me enervasse, deixei-o por volta das sete com a desculpa de um compromisso e fui atrás de um rabo-de-saia que trazia de olho havia algum tempo.

Mas não tardou vir à tona o mistério: Teresa apareceu novamente grávida.

Assim que a vi de barriga acreditei numa nova harmonia familiar: se eu supusera uma crise entre ambos, devido aos sintomas percebidos nos últimos tempos, eis ali o sinal da reconciliação, pois tanto não havia como suspeitar de uma infidelidade por parte de um marido como aquele, como seria absurdo esperar o mesmo de tal esposa. Se Jacinto era desse tipo de homem que prefere não se divertir a divertir-se ilicitamente (ou por princípios ou por toleima), Teresa muito menos me parecia capaz de um passo em falso.

Por isso, ao encontrá-lo na rua dias depois, cumprimentei-o pelo novo rebento a caminho — e me espantei quando ele, às minhas palavras de congratulações, pôs-se muito pálido e deixou por alguns instantes a mão inerte na minha, encarando-me com aquela expressão alvar que o

caracterizava, até que voltou a si, travou-me do braço e sem mais arrastou-me para um botequim próximo. “Venha... venha” dizia ele aflito enquanto me conduzia para o fundo da bodega, onde umas mesinhas vazias pareciam à nossa espera, “sente-se... eu... preciso falar-lhe”. Atônito, sem compreender o motivo de sua aflição, sentei-me enquanto ele permanecia de pé por alguns instantes, hesitando entre sentar-se também e pedir uma bebida. Por fim se afastou, deteve-se, voltou-se para mim e, novamente fazendo meia-volta, rumou para o balcão, onde cochichou com o bodegueiro. Veio sentar-se, permaneceu calado tamborilando os dedos sobre a mesa, de cabeça baixa como se pensasse profundamente num assunto de grande importância, e só deu acordo de si quando o dono do bar abeirou-se com uma garrafa de conhaque e dois copos.

— Beba comigo — disse-me, enquanto servia-me uma dose. Um tanto surpreso com aquilo, já que o Jacinto não era dado a bebidas fortes, e percebendo-lhe o nervosismo, resolvi trocar dele, para deixá-lo à vontade:

— Meu amigo Jacinto resolveu sair da linha, decerto é por medo do trem...

Mas a troça não surtiu efeito: Jacinto encheu o copo, chegou-o à boca mas não bebeu, tampouco respondeu a minha brincadeira, nem deu mostras de tê-la ouvido. Pôs o copo outra vez na mesa. Olhando fixamente para a bebida, às vezes tamborilava os dedos, às vezes imobilizava-se, concentrado, para em seguida voltar a tamborilar.

De súbito, atirou:

— Minha esposa andou mal.

Fiquei perplexo, pois tal revelação acerca de Teresa era o que eu menos podia esperar. Durante um momento lembrei-me dos três filhos seguidos que o casal tivera, da interrupção de três anos, do fastio conjugal por que passava o Jacinto, da barriga da mulher quando a vi outra vez grávida... concluí então que havia entendido mal aquela gravidez e dera uma tremenda mancada há pouco, ao cumprimentá-lo.

— Será? — disse, e acrescentei esperançoso não tanto de desfazer as suspeitas do Jacinto mas de suprimir a mancada: — Talvez haja algum engano...

— Engano nenhum — respondeu pegando de novo o copo, mas em vez de virá-lo na boca afastou-o de si, até mesmo a garrafa empurrou para longe. Quando olhou para mim, vi em seus olhos uma tristeza que nunca estivera ali. Foi uma olhada breve, mas suficiente para imaginar a dor que o ferrou. Seria que amava a mulher a ponto de remoer-se com uma suspeita de traição? Esse pensamento, como veio, foi-se: conhecendo-o como o conhecia, não podia esperar que lhe doesse o cotovelo. Jacinto não sentia ciúmes da mulher, e se não estivessem casados, mas apenas noivos, era possível que nem lamentasse tal acontecimento: apenas desfaria o

namoro, ou o noivado, e procuraria outra namorada, ou noiva. Onde não há amor, não há dor. Mas casado, a traição da Teresa não significava apenas uma infidelidade ao marido, mas uma ofensa à “sagrada instituição do matrimônio” (o chavão, já podia ouvi-lo antecipadamente da boca do infeliz, era só dar-lhe corda para falar), um desdouro e um desrespeito para seu *status* de esposo, uma afronta à inocência dos filhos ainda pequenos, e o mais que ele certamente diria arvorando toda essa coleção de idéias preconcebidas de que a gente de pouca agudeza lança mão nessas horas. Mas de súbito Jacinto travou da minha mão e olhou-me com desespero — o que eu não esperava:

— E agora, meu amigo? E agora?

Franzi a testa, e ele acrescentou:

— Com que cara me candidatar a vereador agora? Com que cara? — e curvou o espinhaço sobre a mesa, vencido, enquanto umas lágrimas repelentes molhavam-me a mão presa na sua.

Ali estava! Além das considerações que eu previamente fazia, e que o Jacinto celeremente pulava para chegar ao ponto mais importante, havia justamente este, o ponto mais importante: sua candidatura a vereador.

Sim! Com que cara!

— Caso sério — resmunguei cá comigo, destravando a mão com delicadeza, enquanto fazia uma cara de quem deveras se preocupa. Intimamente eu me ria dele, não tanto por maldade (ainda que não me faltasse maldade naquele momento), mas por impulso, por achar tudo aquilo ridículo: que podia haver mais ridículo que a Teresa — aquela parva e feia Teresa — trair o marido que não lhe afogueava mais a cama, e este marido — não menos parvo nem menos desengonçado — lamentando primeiro e principalmente o risco que sua duvidosa candidatura corria?

Levantei-me, andei até a porta do bar; mãos nos bolsos, espiei o movimento escasso da rua, girei para um lado, girei para o outro, voltei à mesa.

— Mas... ô Jacinto! Como é que você pode ter tanta certeza? Flagrou-a com alguém? — minha indagação era cruel e eu sabia disso, fácil que era adivinhar por que o infeliz desconfiava da mulher. Porém, confesso-o (e aqui convém a franqueza), naquele momento divertia-me sua tragédia familiar. Ainda que me viessem umas ondas de piedade por aquela miséria, era-me mais forte a percepção do ridículo que nela havia — do que acabei por me penitenciar mais tarde, sacudido pela consciência: ora, eu tinha afeição pelo coitado.

Jacinto moveu a cabeça e levantou os olhos estúpidos para mim. Pareceu interdito, deveria estar-se perguntando: “Como posso explicar?”, pois sempre recatado não tinha o hábito de tocar em suas intimidades, mais ainda num caso assim. Depois gaguejou, pôs-se púrpura, os olhos

marejaram, consegui compreender uma ou outra palavra penosamente pronunciada, e baixou a cabeça novamente.

O copo continuava sobre a mesa, mas ele não tocou na bebida.

O que Jacinto muito envergonhado conseguiu dizer em meias palavras já eu havia compreendido e perguntara sem razão: que se Teresa estava grávida, não podia ser dele, pois “há que tempos... há que tempos nós... eu e ela... isto é...” e aqui se perdeu em gestos inconclusos que no entanto claramente exprimiam o que a língua não soltava.

— Há... o que você quer dizer é que não têm se deitado com sua mulher — eu disse para concluir, mas de forma a não ser ouvido no balcão, onde o bodegueiro atendia um freguês.

A barriga de Teresa confirmando a cada dia a humilhação do marido, este, que agora só punha os pés em casa perto de meia-noite, na certeza de encontrá-la dormindo, inventara também uns serões aos sábados para não ter de aturar a família. Restando-lhe apenas o domingo, preenchia a manhã com a missa, mas à tarde, sem ter o que fazer nem para onde ir, resignava-se aos seus. Agüentava-os, sentado diante da televisão.

A vida de Jacinto transformara-se num purgatório.

O inesperado, porém, aconteceu semanas mais tarde quando Teresa, já algo volumosa (sugerindo o quinto mês de gravidez) mas tranqüila como se nada tivesse a pesar-lhe na consciência (ainda que um adultério nem sempre seja, para muitos, motivo de incômodo), procurou o hospital para entrevistar-se com o médico. O doutor, que ignorava as aflições do casal, principalmente as do Jacinto, após um exame preliminar e uma ultrassonografia que mandara logo fazer, solicitou a presença de ambos em seu consultório e deu ao desarvorado marido a notícia de que “infelizmente sua esposa não vai dar à luz” e explicou que aquela gravidez não passava de uma ascite, “o que é conhecido também por barriga-d’água” explicou, acrescentando que Tereza deveria fazer diversos exames e passar por um tratamento bastante rigoroso, “sendo que, por ter sido diagnosticado bastante precocemente, não há motivo de alarme, a princípio” teria dito em tom tranqüilizador, “tem tratamento, tem cura”.

Quando Jacinto me referiu a visita ao médico, por pouco não pude conter uma risada, mas como o caso, apesar de cômico, fosse sério (como é comum encontrar-se em toda desgraça uma aspecto engraçado, na história do Jacinto também havia riso, embora não fosse ele a rir), assumi uma expressão de muita gravidade, limpando seriamente a garganta e franzindo a testa.

Dos fatos que compunham a história de casado do Jacinto, e que eu conhecia bem pois ele, ainda que não entrasse nos menores detalhes de sua aflição, tudo deixava transparecer durante nossas conversas, pude concluir o que se segue: Jacinto há muito tinha o casamento como um peso e pela

mulher não sentia nada, nem raiva, e por isso não a procurava mais; um dia aquela barriga que parecia condenada à improdutividade começa a avolumar-se, e o marido tem motivos mais que justificados de suspeita; é certo que não exigiu explicações da mulher, e Teresa, ao procurar o médico, fê-lo não para tratar sua gravidez, mas para saber o que era aquilo, já que se o marido não se deitava com ela e ela não tinha um amante, não podia estar grávida; Jacinto, que preferia sufocar lentamente dia a dia a desfazer — assim pensava eu — “o que se fizera perante a lei de Deus e dos homens” (e que se havia torturado insanamente todos aqueles meses sem tomar satisfações, sem qualquer pergunta, nem mesmo a menor alusão àquela gravidez impossível), afastando-se de casa o mais possível para não sofrer tanto com esse sufocamento, vê a traição da mulher — por quem nem raiva sentia — não apenas como uma afronta pessoal mas como um ato abominável contra o próprio casamento que o sufocava e principalmente contra as aparências (lembremo-nos de sua figura patética naquela tarde perguntando-se com que cara candidatar-se agora que era corno), e desespera-se; por fim, ei-lo à minha frente perplexo, certo de que a mulher não o traía mas mesmo assim não menos infeliz. Pois foi nesse dia que ele, finalmente, confessou — indiretamente — aquilo que eu já havia percebido:

— Não sei o que há com meu casamento... Eu que julgava...

E interrompeu a frase para bebericar a cerveja com aquela típica e irritante moderação.

— Jacinto — eu disse —, um casamento não é uma fórmula para viver-se feliz. Sempre surgirão contrariedades, lembre-se de que são duas pessoas diferentes que passam a dividir a existência e... — ...e por aí afora prossegui, repetindo essas velhas frases que, no fim das contas, não têm serventia alguma, a não ser para encher a conversa (e neste ponto cabe um aparte: devo dizer que eu me sentia um tolo repetindo aqueles clichês pequeno-burgueses, e me perguntava se não tinha nada mais sério a fazer que dar atenção a um infeliz de poucas luzes com problemas de família, ainda por cima feio, marido de uma mulher feiosa, pai de três monstrosinhos nojentos, de um dos quais, por desgraça, eu me fizera padrinho!).

Ele me ouviu sem responder.

— No fim de tudo isso — concluí —, a Teresa, você pôde confirmar, mantém-se uma mulher honesta, e é isto o que interessa.

Mas não era isto que interessava. Para minha surpresa Jacinto, após bebericar irritantemente a cerveja, curvou um pouco a cabeça como se meditasse, depois disse, ainda de cabeça baixa:

— O bom seria que tudo isso se acabasse de vez.

Numa simples frase, e para meu espanto, Jacinto se revelava: se Teresa de fato o tivesse traído, apesar do enxovalhamento de seu nome, ele

teria uma justificativa para separar-se dela; tomando a decisão de separar-se (coisa em que ele devia estar pensando desde que lhe entrara a suspeita de adultério, ainda que lhe custasse algumas convicções), mesmo que todos viessem a saber o motivo, ele perdia uma coisa, a almejada candidatura (o maior de seus sonhos, sem dúvida), mas ganhava outra, mais a calhar: a liberdade. Ver-se livre da família seria agora sua maior ambição, seu projeto de vida, e assim acabava desejando o adultério da mulher. Em vez de respirar aliviado, o que fez foi manter a dúvida (“mas será que ela não me traiu mesmo?” disse, um tanto desarvorado), ainda que efetivamente já não suspeitasse dela: queria suspeitar, queria ter motivos, lamentava que as dúvidas se houvessem desfeito por completo, e passou a vigiá-la esperançoso de surpreendê-la em flagrante. Era patético vê-lo chegar em casa em horários desencontrados para apanhá-la em delito; segui-la pelas ruas quando ela saía para alguma entrega; vigiá-la à noite, voltando propositalmente fora de hora para casa, espreitando-a pelas frestas da janela; e depois ouvi-lo contar suas investigações, num fundo de bar, enquanto bebericava parca, parva e odiosamente sua cerveja.

Foi por essa época que passei a odiá-lo e desejei, em vez de uma traição por parte de Teresa, que o acometesse um enfarte fulminante ou que o atropelasse, esmagando-o em plena rua principal, um caminhão da prefeitura. Apesar de inofensivo o meu ódio, pois o máximo que eu me permitiria contra o infeliz seria deixá-lo de lado, afastar-me dele inventando uma desculpa quando viesse com suas queixas (o que aconteceu duas ou três vezes em que, para não ouvi-lo falar de sua miséria, safei-me, até com alguma aspereza, deixando-o plantado na calçada, assombrado com tais rompantes de minha parte); apesar, portanto de inofensivo, o meu ódio contra o Jacinto durou, e quando me sujeitava a escutá-lo, mantinha-me em silêncio, vez por outra impingindo-lhe um olhar carregado que ele, simplório, não compreendia.

Certa noite voltava para casa quando percebi na outra calçada um homem que seguia na mesma direção: lá ia, cabeça baixa e em lastimável estado, e só não diria que ia bêbado porque reconheci Jacinto e tinha certeza de que ele seria capaz de desleixar-se a ponto de não mais tomar banho nem mudar de roupa, mas jamais de embriagar-se — por uma questão de princípios. Pensando na maçada que seria se ele me descobrisse, retardei o passo e deixei-o seguir bem à minha frente, e assim caminhamos por cerca de um quarteirão. Subitamente, porém, e sem que eu pudesse esquivar-me, não sei o que deu no imbecil de parar e olhar para o outro lado da rua: não me viu de imediato, e por um momento tive esperanças de que não me reconheceria, mas no instante seguinte firmou a vista em mim, acenou-me. A contragosto, incapaz de despachá-lo de vez, atravessei a rua perguntando-me o que me impedia de mandá-lo para o inferno com sua desdita, já que nenhuma importância tinha para mim

àquela altura manter tal amizade. Tão logo pilhou-me, convidou-me para comer alguma coisa e tomar uma cerveja, “o Panela de Ferro ainda está aberto” disse, e eu me resignei.

Sentados no fundo do bar, comendo pedacinhos de lingüiça assada e odiando o infeliz — mal me controlava diante de tanta estultice —, conversamos.

— Não sei o que faço — começou ele, depois que o garçom trouxe os tira-gostos num pratinho de plástico. Não me dignei responder, espetei furiosamente um pedaço de lingüiça com um palito e mastiguei com lentidão imaginando o quanto gostaria de morder um dedo do Jacinto e vê-lo estorcer-se de dor, convicto de que a dor é o melhor remédio para os estúpidos, que são merecedores dela como as bruxas da idade média mereciam, ao ver dos inquisidores, a fogueira, e a idéia de vê-lo esmagado sob um caminhão da prefeitura pareceu-me mais que nunca desejável.

Como eu não respondesse, Jacinto fungou, pigarreou, tomando uma atitude solene.

— Talvez eu esteja errado... mas às vezes muda-se de pensamento...

— Hum-hum — fiz com indiferença e espetei outro dedo do Jacinto, quero dizer, outro pedaço de lingüiça, enquanto chegava-me em ondas, mais que nunca penetrantes, aquele já referido cheiro a promanar de seu corpo.

— Veja só... e isto, meu amigo, é uma confidência... — fez uma pausa que me indignou, pois como podia o estafermo achar-se no direito de fazer-me depositário de suas infames confidências? Prosseguiu: — Eu imaginei que um homem de respeito deve ter uma família... casar-se... mas... quando já não se agüenta mais voltar para casa porque... enfim, porque...

— Porque em casa vai encontrar a família, a qual já não suporta — completei, brusca e maldosamente, ainda que fosse bem isso o que ele pretendia dizer mas não ter coragem, e intimamente me recriminei de estimulá-lo a livrar-se de seu empecilho doméstico em vez de sugerir, em nome da “sagrada instituição, etc.”, que ele fosse agüentando, só para vê-lo cada dia mais atormentado.

— Sim... — ele concordou prontamente, mas logo pareceu arrependido. — Não é bem assim... — corrigiu-se. — É que... enfim, a Teresa é uma boa mulher... os meninos... gosto deles, são meus filhos afinal de contas, e Deus manda... — baixou a cabeça, o braço apoiado na mesa segurando o copo que mal levava aos lábios até então.

— A verdade é que não sei o que se passa — concluiu com alguma firmeza.

Custava-lhe romper com seus velhos preconceitos.

O que fazer? Ajudá-lo? Deixá-lo atolado em sua indecisão?

— Eu sei o que se passa — eu disse. — Você não suporta mais sua mulher e quer separar-se.

Jacinto fez um trejeito de horror com a boca, pareceu estatelado durante um momento, depois bebeu comedido do copo de cerveja.

— Só você pode decidir — disse ainda.

— Sim... você tem razão... somente eu... — e protestou ainda uma vez, frouxamente: — Mas não é bem isso...

Tantas reticências irritavam-me, tinha de controlar-me para não desancá-lo, toleirão que era, duramente com uma chuva de insultos!

— Anos de união... e ela, afinal, a Teresa... tem sido uma boa esposa... e agora, coitada, com a saúde abalada...

— Então você admite — atalhei com firmeza.

— Se admito? Mas o quê? — pareceu espantado.

— Que já não lhe agrada estar casado, ora essa!

— Será isso?... Sinceramente... Estou certo de que...

As reticências do Jacinto iam, pouco a pouco, tirando-me do sério, e por fim lancei com impaciência:

— Jacinto — falei com aspereza, e inteiramente o contrário do que havia dito na última conversa que tivéramos antes de começar a detestá-lo —, tudo isto é um problema unicamente seu, não sei em que pode interessar-me para que você ocupe meu tempo com ele. Eu, se não gostasse mais de uma mulher, não continuaria com ela. Casamentos foram feitos para se desfazerem quando não têm mais como continuar, portanto...

— Mas... mas... — e com minha rispidez o infeliz humilhou-se, encolheu-se, pareceu murchar e, também ao contrário do que havia dito daquela vez, gemeu qualquer coisa parecida com “mas a Teresa, no fim das contas, foi-me sempre fiel, coitada”, e eu explodi, pondo-me de pé:

— Ora, Jacinto!... Quer saber o que mais?... Pois ouça: separe-se da Teresa, fique com a Teresa, enforque seus filhos na corda do poço, tome uma decisão, que diabos!, e não me importune mais com essas miudezas sórdidas — e saí furioso do bar deixando-o lá, boquiaberto.

Nas semanas seguintes avistei Jacinto de longe algumas vezes: o infeliz, se me via, parava, disfarçava, olhava-me compridamente, eu passava e ele seguia adiante. Devia estar perplexo com minha atitude, talvez mesmo ofendido, ainda que me incline a pensar que ele não seria capaz de ofender-se, e isto por não compreender a repulsa que sua pessoa me causava ultimamente. Se não se aproximava seria por timidez, pelo receio de aborrecer-me — como eu, aliás, deixara bem claro — com suas “miudezas sórdidas”.

Certo dia passei casualmente diante de sua casa e parei para conversar um pouco com Teresa, que, vendo-me, deixou de lado as roupas que pendurava no varal. Quis saber de sua saúde — “melhor” ela disse, “fazendo exames, tomando remédios, mas com a graça de Deus...” —, e

depois conversamos banalidades: por educação perguntei pelas crianças e, fingindo um interesse que não tinha, quis saber como ia meu afilhado (enquanto ruminava cá comigo que bela notícia se ela dissesse que o miseravelzinho havia morrido entalado na noite anterior com um pedaço de carne no goto). Esses pensamentos comicamente cruéis ocorriam-me vez por outra, não seriam — penso eu — inteiramente sinceros, e se não foi com alívio que a ouvi responder que o menino estava esperto, também não foi de todo com desgosto.

Enquanto conversávamos, observava-a. Não, não me parecia plausível que uma mulher como aquela pudesse trair seu marido — não pela ausência de graça que afastasse qualquer interessado, já que mulheres feias podem muito bem arranjar amantes feios. Teresa parecia-me fiel por sua própria natureza: talvez um traço de sua personalidade, algo que viesse de dentro para fora e a envolvesse toda tornando-a imune tanto ao interesse de um possível amante como também ao próprio interesse, isto é, obstando que nela mesma despertasse qualquer inclinação para o adultério.

Por um momento pensei — juro, caro leitor, que cheguei a pensá-lo — como seria deitar-me, eu, com ela. Tal pensamento passou-me pela cabeça feito um relâmpago, produziu-me uma ligeira vertigem, e no instante seguinte despedi-me dela e segui caminho sentindo um vago engulho.

Quanto ao meu ódio por Jacinto, como veio, foi-se. Acabei sentindo pena dele e uma tarde fui eu mesmo quem o convidou a um passeio; escolhi um boteco e nos sentamos para bebericar. Jacinto alegrou-se com minha reaproximação, mas não perguntou o que me levava a agir de forma tão intempestiva no nosso encontro anterior; como ele não tocou no assunto, eu também me calei e a coisa foi esquecida; evitou igualmente falar de suas “miudezas sórdidas”; comentou a política local, falou de seu renovado interesse em candidatar-se a vereador, reclamou do baixo salário que recebia como almoxarife na prefeitura e afirmou que, eleito, tornaria os salários do município condizentes com a dignidade do servidor etc. etc...

Éramos amigos novamente.

Foi quando se deu o desfecho do caso — que parecia não ter desfecho.

Antes de chegar ao desfecho, no entanto, é preciso minuciar o que se passava com o Jacinto — o que há de servir, pelo menos, para que o leitor compreenda melhor a natureza humana.

Como o deixamos naquela noite de destempero? Indeciso. Sim, este é o termo: indeciso. O pobre-diabo recusava-se a admitir que a mulher, a família, os filhos, haviam-se tornado para ele uma importunação, isto

porque admiti-lo seria ir contra seus princípios mais severos, mais enraizados dentro de si mesmo. Deixara-o entrever na nossa conversa anterior — trago de volta suas palavras, ditas num lastimável estado de ânimo: “O bom seria que tudo isso se acabasse de vez”; deixara-o, portanto, entrever numa única ocasião, mas agora sufocava dentro de si essa verdade que lhe era um peso por dentro, e naquela noite tudo que conseguia demonstrar, além de seu abatimento, era sua indecisão, suas odiosas reticências.

E agora, como iremos encontrá-lo, seis meses depois de nossa reconciliação?

Jacinto, agora, era outro.

Já não ficava perambulando pela rua até tarde: voltava cedo para casa, e quando nos encontrávamos pelo centro após sair do trabalho, acompanhava-me apressadamente numa cerveja, de pé mesmo no balcão, secava a boca com a manga da camisa e despedia-se. Parecia mais alegre e bem disposto, ganhara algumas cores, e mais de uma vez o surpreendi numa loja de brinquedos ou numa perfumaria fazendo compras, ora para agradar os pirralhos, ora a mulher.

Não perguntei o que havia acontecido: assisti a essa transformação esperando no que ia dar. Jacinto tentava reconciliar-se com a família, pensei, reaproximar-se da mulher e dos filhos, e como havia passado por uma crise de fastio doméstico — e disso eu não tinha dúvida —, teria motivo para imaginar que estivesse fazendo um imenso esforço por tal reconciliação. Sim, poderia imaginar esse esforço... se não fosse seu ar bem disposto, suas cores, seu sorriso feliz. Um homem que, nas condições em que o vi, tenta recuperar a paz doméstica há de demonstrá-lo na própria aparência física, e mesmo quando o consiga e possa afirmar que tudo está novamente bem em casa, isso não ocorrerá em dois tempos — pois foi assim, em dois tempos, que Jacinto mudou: logo que nos reconciliamos já demonstrava um estado de ânimo bastante bom, não tardou que ficasse melhor. Em pouco, era um novo homem.

Como explicar o que aconteceu? Pode-se tentar — embora advirta ao leitor que tais considerações não passam de especulação. Se não perguntei diretamente o que havia acontecido, em duas ou três ocasiões — quando ele se detinha, apressado, num dos costumeiros barzinhos do centro para uma cerveja moderada e rápida — disse-lhe que ficava feliz em vê-lo tão animado “depois de o amigo Jacinto ter passado por problemas familiares tão sérios”. Jacinto não mordida a isca: respirando fundo, bebericava, assentia com a cabeça. “Sim...” respondia finalmente, e fazia umas reticências que nada tinham de misteriosas: indicavam apenas que ele não iria adiante, e mudava de assunto, falando outra vez em sua candidatura a vereador, afirmando que já havia até se filiado a um partido.

Uma vez disse:

— Sim, estamos bem, eu e a Teresa...

Sobreveio a reticência, mas por fim completou:

— ...uma boa mulher, coitada... todos têm suas crises... — e finalizou dando de ombros. Nada mais disse, nada mais perguntei.

Que explicação, no entanto, ensaiar para o fenômeno?

Seria possível que naquela noite, quando eu fiz uma alusão direta e cáustica às “miudezas sórdidas” do Jacinto, ele tivesse caído em si? Pode ser... Jacinto caiu em si: foi para casa e pôs-se a refletir — claro, dentro de suas parcas possibilidades de reflexão, mas assim mesmo refletiu... e conseguiu chegar a um concluímento. Digamos que de suas meditações tenha concluído que de fato a Teresa era uma mulher fiel (ao mesmo tempo que se recriminava por ter duvidado dela), que lhe dera uma família — filhos, três ao todo — e que aquela espécie de enjôo que o afastava de casa seria um pensamento ruim, quem sabe um encosto, articulações do “maligno” para destruir-lhe o lar, contra o qual deveria fortalecer-se durante as rezas nas missas de domingo; continuando a pensar, talvez tenha se dado conta de ser, ainda que humilde funcionário público, um homem conhecido, sério e honrado (coisa que tanto prezava), e que poderia em nome desse conhecimento, dessa seriedade e dessa honradez — solidificadas pela estabilidade de sua vida e pelo casamento —, pleitear nas próximas eleições o tão ambicionado cargo de vereador. Não entrou, supostamente, em suas ponderações nenhuma consideração de ordem estética: que a Teresa fosse feia não vinha ao caso, que seus filhos fossem três pirralhos catarrentos e insuportáveis, pouco importava — o *status*, acima de tudo, de homem de família, bem casado, era a sua preocupação, e por ele valia o sacrifício. Pesados todos os prós e contras de sua situação, viu que o saldo era positivo, alegrou-se um pouco... foi-se alegrando gradativamente... o cargo de vereador parecia ao seu alcance, era só candidatar-se no ano seguinte e fazer uma boa campanha (não contava, certamente, com a derrota: perder não entrava em seus planos) e, no dia da posse, sentar-se orgulhosamente na cadeira municipal.

Não sei se minhas especulações têm fundamento: é o que me parece melhor como explicação, mas se eu estiver errado o caso há de permanecer insolúvel.

O que poderia, no entanto, a essa altura dar errado para o nosso herói?

Aconteceu simplesmente o que não parecia possível: a Teresa, a feia Teresa, quando já não se podia esperar dela tal atitude, traiu Jacinto!

O acontecimento seria de somenos, a cidade talvez nem ficasse sabendo, ou, se viesse a saber, decerto nem comentaria: que importância ligar ao adultério de uma mulher pobre e feia, que todos conheciam por seus quitutes mas que, fora isso, não tinha qualquer destaque na sociedade local — sociedade essa, por sua vez, miúda e igualmente inexpressiva?

O acontecimento seria, portanto, de somenos: mas Jacinto não pensou dessa forma, e sem refletir (coisa que de ordinário já seria muito, e em tais condições impossível exigir-se dele) incumbiu-se, ele mesmo, de mostrá-lo a todos.

Deu-se que Jacinto ia de vento em popa: filiara-se a um partido, tinha como certa sua candidatura, já começara a falar com uns e outros sobre sua intenção e a formular modestos pedidos de voto. Sentia-se grande como candidato, sentia-se feliz — tornar-se edil seria a realeza. Novamente voltava tarde para casa, nunca antes das dez ou onze, não porém pelos motivos anteriores: agora, após o expediente, empenhava-se em fazer-se homem público, esboçava umas idéias políticas, conversava, sorria, apertava mãos — e se esfalfava em três ou quatro serões por semana para amealhar mais algum, pois não podia entrar numa campanha sem um terno novo (o medonho terno azul do casamento parecia-lhe decerto inadequado, batido, fora de moda).

Uma noite, porém, cancelando-se a reunião na sede do partido, não havendo serão nem visitas a fazer, entreteve-se pelo centro da cidade conversando com correligionários até umas oito horas, e depois rumou direto para casa. Chegando de supetão foi encontrar a Teresa no quintal, embaixo de umas mangueiras e no escuro, atracada com um sujeito que, mal avistou Jacinto, evadiu-se com as calças nas mãos, saltando o muro dos fundos enquanto Teresa, com as saias levantadas e nua da cintura da para cima, tentava desajeitadamente compor a blusa.

Não se sabe o que deu no Jacinto, sempre tão ponderado e discreto: que ele, tomado de uma fúria incontrollável, colheu a mulher pelo braço e aos berros de “prostituta! Destruidora de lares! Rameira! Mãe desnaturada! Última das mulheres!” e outras expressões equivalentes arrastou-a até o meio da rua. Ante tal alarido luzes acenderam-se nos quintais, janelas se abriram, rostos assomaram curiosos, a rua encheu-se de gente e a mãe da infeliz veio até o portão tentar, com suas lamúrias e sua semi-invalidéz, conter o marido traído.

Mas Jacinto não se continha: largada a Teresa no meio da rua, o homem andou para baixo e para cima gritando e repetindo a quantos quisessem ouvir o que ela havia feito até finalizar com um brado de agonia, antes de cair de joelhos no chão, a cara no pó:

— ...e por fim destrói-me a carreira política! Ah!, minha carreira, minha candidatura!...

Soube do escândalo na manhã seguinte: era o que se comentava em todos os lugares com sabor de sórdida novidade. À noite, lá pelas onze, mesmo não querendo, encontrei Jacinto num desses botecos imundos que pululam nos bairros mais afastados. Vinha eu de um compromisso (e entenda-se por compromisso qualquer coisa ligada a saias, que não vem ao

caso) quando, passando pelo dito boteco o avistei: bebia recostado no balcão e lançava uns olhares nocivos para uma “dama” que fazia algazarra e, já meio embriagada, exibia as pernas. Espantado, pensei cá comigo se era mesmo o Jacinto quem estava ali, se ele estaria bebendo um pouco além da conta e que intenções teria com aquela mulher, ele, o inveterado papa-missas. Mas Jacinto viu-me também, acenou-me, arrastou-me para um recanto onde havia uma mesinha, levou para lá dois copos e a garrafa.

Não estava totalmente borracho, mas bebera — e não a comidinha de cerveja: além de seu cheiro natural de ranço, a evolou-se com mais intensidade então, chegava-me às narinas, ofensivamente, a espetadela de um bafo de cachaça — e nem tínhamos nos falado ainda quando a referida senhora aproximou-se, cheia de trejeitos peganhentos, com um sorriso gordo passou-lhe os dedos pelo queixo, lançando-lhe olhares gulosos, e afastou-se em seguida.

Eu, esperando que ele comesse a falar, não fiz qualquer comentário.

E ele falou:

— Expulsei-a de casa.

— Quem? Teresa?... — perguntei, como quem não soubesse de nada.

— Pois quem havia de ser! — encheu o copo, virou-o em dois ou três largos sorvos, os olhos encheram-se de lágrimas, não de mágoa mas da falta de hábito a bebidas fortes. — Meti-lhe a mão na cara... bati mesmo!... encostei-lhe uma faca no pescoço... que se fosse... e que não retornasse cá, ou a mataria...

— Não foi precipitado de sua parte?

Jacinto olhou-me com rancor — não de mim, mas da situação que vivia (e, diga-se de passagem, já não inteiramente de seu desagrado, como se presume do se seguiu). Olhou-me pois com rancor, mas não disse nada. Encheu mais uma vez o copo.

— Não acha que está bebendo muito? — comentei. — Pode fazer-lhe mal, você não está acostumado...

Não disse nada. Encheu o copo e bebeu até a metade. Fez uma careta e, aos poucos, percebi que um sorriso lhe deformava a boca e seus olhos brilharam. Inclinou-se em minha direção, passando a mão sobre a mesa e segurando-me pelo braço como a requerer de mim cumplicidade:

— Ouça — disse —, escuta só...

Fungou, prosseguiu:

— A coisa veio mesmo a calhar...

— ?

— Ela não se foi?... A velha está morre-não-morre... se morre, fico-lhe com a casa... da outra recebo o aluguel... Teresa não volta mesmo... estou feito!...

E me cutucou, demonstrando uma esperteza abjeta:

— Então! A coisa veio ou não veio a calhar?... Hi-hi-hi...

A “dama”, que casquinava na porta da bodega, voltou, aproximou-se de novo e eu, enojado, aproveitei a deixa para safar-me. Forcei um sorriso, aleguei pressa e saí. De fora ainda dei uma olhada lá para dentro: a mulher acabava de sentar-se no colo de Jacinto e curvava o cachaco para morder-lhe a hediondamente orelha.

Com efeito, Teresa não fora vista a transitar pelas ruas naquele dia — e nem nos dias seguintes. Segundo comentários, uma mulher vestida com roupas escuras e uma valise na mão, o rosto inchado de pancada e meio coberto por um lenço, no dia seguinte ao escândalo tomara o ônibus muito cedo, madrugada ainda, rumo à cidade grande. Consta que tempos depois soubera do paradeiro da irmã, agora viúva e quase rica, e fora morar em sua companhia. Uns meses mais tarde mandou buscar a mãe.

Nunca mais voltou.

Jacinto conheceu o escândalo uma vez apenas em sua vida imóvel, seguiu-se a única noite de esbórnica que se permitiria, com direito a álcool, prostituta e confissões sujas; no mais, tornou-se desde então taciturno: deixou de lado a política, esqueceu-se da candidatura, não comprou nenhum terno novo — abocanhou a casa da sogra e dedicou-se a criar seus pirralhos, a vê-los crescer, feios e insignificantes como ele.

Hoje anda por aí, sozinho, caladão, encontramos-nos vez ou outra e conversamos um pouco, mas ele já não se expande comigo — e eu, menos por discrição que por desprazer em conversar com tal criatura, não faço perguntas.

Restam ainda umas considerações finais que o próprio leitor na certa estará se fazendo, e não sem razão: não fosse o destampatório que promoveu naquela tragicômica noite, tivesse Jacinto agido discretamente, o mau passo da Teresa permaneceria em segredo, ninguém saberia de nada, sua imagem perante a cidade continuaria a mesma e o sonho de ser candidato — mesmo com as chances reduzidas de eleger-se — poderia ser mantido. O que o levou, portanto, a agir como agiu? Penso que dois motivos: primeiro, a surpresa que lhe causara a traição quando estava convicto da fidelidade da mulher, surpresa que o deixou desarmado e à mercê dos próprios nervos; segundo, o esforço para recuperar-se e reequilibrar-se dos desacertos domésticos foram muito grandes, e somente venceu tal batalha tendo em mira unicamente a ambicionada candidatura que, sem parar para refletir, via perdida juntamente com sua moral, bastando isso para que não suportasse mais o tanto que suportara, até aí, calado.

De medidas cheias, era preciso abrir as comportas.

Então abriu.

Rabiscos, rabiscos...

1



travesso a porta de vidro, entro, estou aqui outra vez.

Passo carregando pacotes, e o porteiro se oferece para ajudar-me. Mas eu recuso, porque posso muito bem carregar eu mesma meus pacotes.

Seu Alfredo sempre foi simpático comigo. Uma vez que me viu chorando levou-me ali no cubículo e ofereceu-me café, "*passado ind'agorinha, dona Sílvia*", e ficou me olhando enquanto eu bebericava com nervosismo, as mãos trêmulas, o café quente, mas sem coragem de perguntar por que eu estava chorando. Esse é o seu Alfredo, coitado!, o porteiro...

O elevador está cheio, só homens: conversando sobre política e futebol.

— As diretrizes do governo... — um deles diz, mas não presto atenção.

— Creio que é preciso mexer no time — opina em voz baixa um gordo, inclinando a cabeça para o outro.

— O senado...

— Não há uma previsão de recessão, essa é que é a verdade.

— Ora, o Vasco joga pelo empate...

Respiro aliviada quando o elevador pára no oitavo andar e a porta se abre. Saio caminhando apressadamente, "*como são chatos esses homens*".

Sim, maçantes! Julgam-se muito importantes discutindo política, ou muito bem informados falando de futebol. Claro que olharam para as minhas pernas. Mas às vezes lhes agrada fingir que não se importam.

Sou mulher, e isto me basta.

Entro no escritório como um furacão. Estou quase atrasada mais uma vez.

2

A digitadora Márcia está redigindo um texto. Paro por um instante e fico olhando. Jamais serei tão rápida quanto ela, seus dedos parecem elétricos deslizando com exatidão sobre o teclado. São longos e finos, mas

as unhas são curtas, e nesta manhã está usando um esmalte de cor creme muito suave.

Ela me olha com os meus pacotes e sorri.

— Não entendo como você consegue fazer compras antes de vir para o trabalho — ela diz.

Agora estou atarefada em arrumar os pacotes no canto da minha mesa, e quando termino volto-me para a digitadora Márcia.

Ela não percebe que a estou observando. Dura um instante, mas é o suficiente: a digitadora Márcia veste uma blusa muito leve, quase transparente, de seda, que lhe deixa os ombros nus. Os cabelos são lisos, e caem em ordem pelas costas.

Admiro-lhe os ombros, a curva do pescoço, o contorno do queixo. Tudo isso forma um conjunto harmonioso, de uma sensualidade suave. *“Gostaria de beijar esses ombros”*, eu penso, *“gostaria de pousar minha face nesse colo, sentir o cheiro que emana de seus seios pequenos”*.

Mas ela se vira subitamente, arranca-me do meu devaneio.

— Está olhando o quê?

— Ahm?... Ah, nada... estava só pensando...

— Tem alguns projetos sobre sua mesa. É preciso despachá-los logo. Então eu me sento e ligo o computador.

“Jamais serei tão rápida quanto ela”, penso.

3

O relógio não pode mentir: é uma da tarde.

Estou sozinha no escritório. O estômago dá sinal de vida. Levanto-me.

A digitadora Márcia costuma sair para almoçar ao meio-dia. Não deve demorar por aí, talvez a encontre no elevador.

Digo ao chefe que vou almoçar (ele espia-me sobre os óculos, nem levanta a cabeça do trabalho, sorri para mim) e saio para o corredor.

Espero o elevador por um minuto. Dois. Três... *“Anda, droga!...”*

E agora estou sozinha, olhando os números dos andares acenderem e apagarem, à medida que o elevador desce.

Seu Alfredo está em seu posto e me sorri.

— Já vai para o almoço, dona Sílvia?

Faço um aceno com os dedos para ele, e sigo. Irrita-me um pouco o ruído dos sapatos no calçamento, então procuro pisar mais levemente.

Mas não adianta.

4

Sou mulher.

Também sou jovem e bonita, e por um momento senti vontade de beijar o pescoço da digitadora Márcia, que é descendente de holandeses e tem a pele muito clara.

Mas foi só um momento, porque sou mulher, e não sei o que poderia fazer com outra mulher na cama. Acho que não teria graça nenhuma.

Talvez eu me limitasse a observar-lhe a nudez, o contorno dos seios e a sombra escura do púbis. Mas não poderia tocar aquele corpo de outra maneira, a não ser castamente.

5

Os automóveis param nos sinais. Avançam. Buzinam.

O policial estende o braço. O gari recolhe com a pá e a vassoura, num movimento ensaiado e infalível, um pouco de lixo sobre a calçada. Uma mulher passa — muitas mulheres passam —, mas agora só uma passa empurrando um carrinho de bebê.

Do outro lado da avenida a praia está cheia de banhistas.

Vejo tudo isto enquanto a garçonete me serve. Examina-me com discrição, espera certamente uma gorjeta. Pensa que sou rica pela minha aparência. Não me conhece. É que nunca almocei aqui.

Agora a garçonete se afasta, e meus olhos também se afastam — da rua, do movimento das calçadas, do tráfego — para acompanhá-la — é muito menina ainda, e bonita. *“Não, eu não poderia...”*, penso, atenta ao movimento de seus quadris.

Na mesa à minha frente um casal discute em voz baixa. A mulher parece irritada. O homem tenta acalmá-la, e olha furtivamente em volta, para se certificar de que ninguém está observando. Não são casados, pelo menos não vejo aliança em seus dedos. Que idade ela tem? *“Trinta”*, eu chuto. E ele? *“Quarenta”*, chuto de novo.

De repente a mulher se levanta e sai. O homem parece embaraçado e sorri para mim, vendo que eu percebi tudo.

Sorrio em resposta, e baixo os olhos para o prato.

6

Caminhamos ao longo do calçadão. Ele se chama Antônio, mas pelo visto o nome não lhe agrada, pois prefere o diminutivo, Tom.

— Almoça sempre lá? — ele pergunta.

Faço que não com a cabeça, e nos detemos um pouco olhando a areia cheia de gente, a água azul adiante, a ponte ao longe como uma grande espinha de peixe.

Uma bola vem em nossa direção. Ele a apanha e a devolve ao garoto que se aproxima.

— As ilhas ao longe, azuladas... — ele começa a dizer. Mas interrompe-se.

Volto para ele meu rosto, como a interrogar-lhe. Mas agora ele está imóvel.

— Ela é sua namorada? — eu pergunto.

— Não — diz, mas está mais distante que as ilhas.

— ...só que você não está azulado — eu digo, brincando, e ele me encara sem compreender. Quando compreende, sorri e pega minha mão.

— Você é encantadora! — e fica me olhando dentro dos olhos, como se fosse entrar por eles adentro, invadi-los como um ladrão invade uma janela à noite.

— Não — ele continua —, ela não é minha namorada.

Parece-me que está mentindo, mas finjo que acredito, e ele fica feliz.

Antes de nos separarmos, eu me dou conta de que ainda não lhe disse meu nome.

— Sílvia — e nos apertamos as mãos.

7

Só no elevador me dou conta de uma coisa ainda mais importante: nem eu, nem ele, sabemos nada um do outro. Nem o endereço.

8

O chefe nota meu atraso e vem falar-me.

— Desculpe, senhor... foi um imprevisto.

Parece não entender.

— Atrasei-me... — explico.

— Ah... — e percebo que não me vinha interpelar por causa do atraso — não faz mal, por hoje só não faz mal. Mas evite atrasos, pois há funcionários que poderiam seguir deliberadamente seu exemplo — e enche minha mesa de papéis: — A senhorita Márcia já tem sua cota por hoje. Preciso disto para amanhã de manhã.

— Sim, senhor.

O chefe não é exigente, não muito. Claro que não tolera abusos. A funcionária que antecedeu a digitadora Márcia vivia atrasando-se, segundo eu soube, então viu-se obrigado a despedi-la. No mais, porta-se como um cavalheiro.

Não começo a trabalhar imediatamente. A mesa da digitadora Márcia fica do outro lado da sala, e ela está de costas para mim. A digitadora Márcia recebe muita luz da janela, seu corpo adquire uma textura quase imaterial, e seus cabelos fulguram.

Seus ombros parecem de marfim, quase como se eu pudesse ver brotarem asas nele, e mais uma vez sobrevém o desejo de apoiar ali o meu rosto, passar os lábios levemente sobre essa pele feita da luz e do leite dos dias. *“Amo a digitadora Márcia de um jeito diferente. Poderei amá-la de outro jeito?”*

9

Novamente a rua com suas pessoas e suas luzes. Os faróis dos automóveis, os homens que passam com cigarros acesos, o canto das sirenes no turbilhão.

Anoitece.

Anoitece e a cidade vai ganhando essa multiplicidade de cores e brilhos que durante o dia se apagam, as pessoas vão se tornando menos materiais, os objetos — esquinas, ruas, prédios — menos pesados, e o tráfego um fluir ininterrupto feito uma ilusão de ótica.

Numa vitrine, alguns televisores estão ligados num programa de auditório. De uma loja de discos, vem o som de uma banda de *blues*, e um menino pára ali, escutando. O menino olha para mim, que paro também um momento, não para escutar, mas para ajeitar meus pacotes.

Da outra calçada, uma mulher muito suja faz sinal para o menino, que atravessa devagar olhando para trás, para mim.

No meio da tarde choveu um pouco, mas é verão e as chuvas são rápidas. Ficaram somente algumas poças aqui e acolá pelas calçadas. As poças iluminadas são como portais para outra dimensão, um mundo paralelo onde eu me repito.

Corro para apanhar a livraria aberta e sinto o salto do meu sapato afundar num desnível do piso; quase caio. Não estou acostumada a dizer palavrões, *“não que eu seja bem comportada”*, mas escapa-me um *porra*, apenas sibilado.

— Vou levar este aqui — e estendo o livro para a vendedora, que me sorri, exibindo um enfeite dourado no dente. — É que amanhã estarei de folga, e pretendo ler todo o dia — achei que devia dizer, para fazer-me simpática. A vendedora aprovou, mas não era necessário este recurso: sou, de natural, simpática. As pessoas logo “vão comigo”.

Agora é noite de todo.

Pessoas fazem fila à porta de um cinema. Cães rondam nas imediações de um restaurante, e um mendigo sob um toldo parece perguntar-se como alguém pode precisar de tantos pacotes.

A noite é tão grande que o mundo cabe dentro dela com todos os seus mistérios e sua maldição.

10

O porteiro que me sorri agora é o Lúcio. Recém-casado, até convidou-me para assistir a cerimônia na igreja, mas eu inventei uma desculpa e não fui. A felicidade dele com a mulherzinha — conheci-a anteontem, uma garota magrinha, bem feitinha de corpo, quase adolescente —, a felicidade dele incomoda-me. Por que a felicidade de alguém como o Lúcio incomoda-me?

Chego ao meu andar — o oitavo — pensando na mulher do Lúcio, que muito acanhada apertou minha mão anteontem quando fomos apresentadas.

Moram no subúrbio, e o fato de eu ter um apartamento num bairro nobre faz-me parecer superior aos olhos deles. “*Bobagem*” eu digo para mim mesma, mas não lhes desfaço a ilusão. “*Eu não saberia como fazê-lo, nem se quisesse...*”

E de repente, enquanto largo os pacotes na sala para trancar a porta, imagino o Lúcio em casa com sua mulher, a alegria de encontrá-la todas as noites, de deitar-se com ela, de “fazerem aquilo”...

Pequenas alegrias, felicidade miúda... Por que me incomoda? O Lúcio depois terá filhos e eles crescerão, possivelmente saudáveis (bem, nunca imaginamos que uma criança vá crescer doente, ou morrer na infância, ou mesmo na adolescência), e esta perspectiva também incomoda-me. “*Como será que é o Lúcio ‘fazendo aquilo’ com a mulher dele?*” eu penso, e começo a desfazer os pacotes.

11

Apago todas as luzes e puxo uma cadeira para junto da janela.

Na planície abaixo, a cidade abre para mim o mostruário de suas falácias.

12

Quando eu era menina — onze, doze anos — morava com meus pais no interior, nos arredores de uma cidadezinha onde tínhamos uma casa grande e antiga, num terreno espaçoso com muitas laranjeiras. A casa ainda existe, meus pais ainda moram lá.

A casa era assoalhada e o forro feito de tábuas finas. Na frente havia um gramado, e dos lados minha mãe mandara fazer canteiros que se enchiam de flores o ano todo. Havia também uma cerquinha com ripas estreitas, que meu pai pintou de branco para ficar bonito.

Papai era motorista da pequena empresa de ônibus local. Minha mãe dava aulas na escola pública, tinha uns quarenta alunos no turno da tarde.

Eu estudava em colégio particular.

Ouvi mamãe dizer muitas vezes que isso era importante para o meu futuro. Dava *status*, quando eu tivesse de arranjar emprego.

13

Às vezes quase adormeço, quando me ponho a contemplar a cidade deste 8º andar.

Os milhões de luzes são milhões de pontos hipnóticos tentando fazer-me dormir, deixar-me em transe.

Enlouquecer-me.

Eu, contra minha vontade, não me deixo vencer, e continuo lúcida. Investigo o tempo pelo meu relógio de pulso: ainda não são nove horas.

Às onze vai passar um filme ótimo na TV, com Marcelo Mastroianni. *Esposamante*. Estou fazendo hora para esperar o filme.

Tudo o que eu queria ouvir agora é um lobo uivando para a lua cheia.

Mas em plena cidade não há lobos. E ainda é quarto minguante.

14

Eu costumava andar de bicicleta todas as tardes.

— Cuidado com carros — mamãe advertia. Apenas para cumprir sua função de mãe. Quase não passavam carros por lá, mesmo na estrada onde eu me aventurava eram raros.

Quando o vi pela primeira vez, ele estava na varanda da “casa abandonada”, e tinha na mão um martelo e pregos.

A “casa abandonada” ficava numa pequena elevação e não podia ser vista do meu quintal. Árvores grandes faziam sombra nas laterais e atrás, mas a frente era bastante limpa e clara. Diziam que era mal-assombrada, pois havia muitos anos ninguém morava ali, e não se sabia ao certo quem seria o proprietário.

Continuei pedalando, fui até o fim do caminho e voltei mais devagar, para espreitá-lo.

Mas ele percebeu que eu o vigiava.

— Quer ajudar-me? — gritou da varanda.

— Eu não sei usar um martelo — respondi, parando a bicicleta.

— Pode segurar os pregos para mim.

Subi o morrinho e fui ajudá-lo.

— O senhor é o novo morador? — eu perguntei.

— Sim — ele disse enquanto pregava uma tábua, fazendo um grande barulho e se concentrando na tarefa. — Estou tentando tornar a casa habitável.

— Ela esteve fechada por muito tempo — eu disse.

— É o que parece — e pediu-me mais pregos, passando a pregar outra tábua.

15

Eu não vira chegar o novo morador com sua mudança, “*deve ter sido ontem à tarde, quando fomos ao cinema*”, mas sentia-me alegre por ele. Nossos únicos vizinhos eram um casal de velhos que criavam galinhas e moravam a pouco menos de meio quilômetro de nossa casa.

As galinhas do casal de velhos estavam sempre ciscando em nosso quintal — galinhas andam muito —, mas não incomodavam. O casal de velhos também não incomodava. Não apareciam com muita frequência, mas a velha vez por outra vinha pedir um pouco de açúcar emprestado a mamãe, “*o Quinzinho esqueceu-se de comprar, dona Joana*”.

Nos finais de semana a velha voltava para pagar o açúcar e trazia um doce para mim.

Um dia ela me trouxe uma linda boneca que tinha a cabeça de porcelana e o corpo de pano, com roupas em seda pura.

— Foi da minha avó — ela disse para ressaltar a importância do presente. — É uma raridade.

A boneca enfeitou minha cama vários anos, até que um dia caiu e quebrou a cabeça. Mas a velha já tinha morrido, por isso não tive de lhe dar explicações sobre o incidente.

O lugar era mesmo bastante deserto, até que ele veio morar na “casa abandonada”.

16

Espocam no céu fogos de artifício, muito ao longe, e os estouros chegam até mim como o das garrafas de champanhe quando as rolhas saltam. “*Torcedores de algum time festejando a vitória*” refleti, e voltei a vigiar o relógio.

Dez e meia.

Curvo-me para espiar a calçada. Hoje o Lúcio está no turno da noite, “*não poderá ‘fazer aquilo’ com a mulher*”, talvez tenha trocado com o outro porteiro, o novato que ainda não conheço bem. Vejo-o lá embaixo conversando com a senhora gorda do quinto andar, que tem o hábito de gesticular muito enquanto fala. Mas daqui não é possível entender o que dizem.

Encostado no poste em frente, um pneu de automóvel. Devem ter deixado ali para o caminhão do lixo levar. Mas não deviam, fica feio. Afinal este é um bairro nobre e a rua é muito limpa e bonita. *“Um bairro de burgueses, só isso.”*

17

Deixo a janela por quinze minutos e vou para a cozinha preparar um café.

Enquanto a água ferve fico imaginando que há também outras mulheres nesta hora preparando um café, ou um chocolate, qualquer coisa. Mas não irão tomá-lo sozinhas.

Chego ao corredor e espreito a sala escura.

O sofá está vazio, a TV desligada.

Não há ninguém ali... um homem, não há um homem deitado ali, assistindo TV. Um homem de quem eu pudesse dizer: *“é meu”*.

18

Mas assim mesmo ligo a televisão, som e luzes coloridas enchem o ambiente.

Procuro no controle remoto o canal e fico espiando as imagens se sucedendo rapidamente, incidentais, como lâminas, como golpes disparados no vazio, gritos sem eco.

19

Minha mãe disse não conhecer o novo morador.

— Que idade ele tem? — eu perguntei.

— Não sei, filha — ela disse. Eu insisti:

— Mas quantos anos a senhora acha que ele tem?

— Nem imagino.

— Mas pelo menos! — insisti mais uma vez.

— Ora, sei lá — ela exclamou com rispidez. — Que me importa! — e não me deu mais importância.

O que tinha demais eu querer saber a idade do homem? É sempre bom sabermos a idade das pessoas. Para quê? Para nada, ora, para saber — era assim que eu argumentava e contra-argumentava comigo mesma, refletindo sobre a idade do novo morador.

“Aposto como ele tem mais de quarenta.”

20

Um episódio da minha infância: eu tinha oito para nove anos, um pouco mais, um pouco menos — não estou bem certa. Eu me resfriara e sobreveio uma febre alta. Alarmada, mamãe embrulhou-me em cobertores e meteu-me na cama, não sem antes encher-me de comprimidos.

Mamãe tinha mania de remédios.

Era inverno, ventava muito, e pela madrugada eu acordei. Sentia um calorzinho gostoso dentro dos cobertores e meu rosto parecia em brasa por causa da febre que não cedia. Mas havia um vidro partido na janela e lufadas de vento entravam pelo vão, refrescando o ar do quarto. Eu sentia o vento pelo movimento que fazia nas cobertas, mas aquilo não me afetava porque eu me embrulhara bem nos cobertores. Fiquei muito tempo, antes de voltar a dormir, escutando o vento assoviar na cumeeira, sentindo-o entrar pelo vão da janela, passar sobre mim em jatos gelados, porém sem tocar-me, porque eu estava bem agasalhada.

Sentia-me protegida, e isto era bom. Na manhã seguinte mamãe quase arranca os cabelos: *“Deus do céu, esqueci a janela aberta! É preciso consertar logo esse vidro quebrado!”*, e naquele mesmo dia o vidro quebrado foi substituído.

Nunca mais pude experimentar a mesma sensação daquela noite.

21

Pensava que o Marcelo Mastroianni iria matar a mulher no final. Quando ele atravessa a porta e entra em casa, fiquei esperando os tiros... não houve tiros. Eles se reconciliam.

22

— Aposto como o senhor tem mais de quarenta anos — eu disse a ele na tarde seguinte, vendo-o na varanda.

Ele continuava ajustando algumas tábuas. Perguntou:

— Veio ajudar-me novamente?

Dei de ombros, entrei na varanda e sentei-me numa poltrona que ele havia colocado ali.

— A varanda parece-me melhor agora — comentei.

— Oh, sim, são só uns ajustes. Segure os pregos para mim — entregou-me um punhado de pregos e ficou examinando as tábuas do assoalho, das janelas, do forro. Pregou um pouco aqui, um pouco ali. Por fim deu-se por satisfeito.

— Está bem, agora — disse.

E, voltando-se para mim:

- Você disse que eu tenho quarenta anos?
- Foi o que disse. Tem mais de quarenta anos.
- Acertou. E menos de quantos?

Pensei um pouco olhando os olhos castanho-escuros dele, o sorriso de dentes miudinhos, os cabelos pretos com uns poucos fios grisalhos.

- Menos de quarenta e cinco.
- Errou! Tenho quarenta e seis. Agora vamos ver se eu acerto. Levantei o queixo, desafiando-o.
- Você tem mais de nove...
- Muito esperto! — ironizei.
- ...e menos de doze.
- Muito esperto — e dei um pulo da cadeira.
- Onze.
- Onze.
- Viu?
- Completei há dois meses. Não, há dois meses e... — parei para contar nos dedos — ...dezoito dias.

23

Madrugada.

A que horas? Tarde, muito tarde.

Vozerio na calçada embaixo. Acordo sem acordar direito e levanto a cabeça do travesseiro de penas. Alguém fala, alguém responde, alguém... todos parecem falar ao mesmo tempo. Deixo a cabeça afundar novamente no travesseiro de penas, os olhos se fecham contra minha vontade.

Amolentada de sono pressinto a cama vazia. Estendo o braço. Penso de relance na digitadora Márcia, em como seria bom tê-la ali comigo.

Antes de voltar a dormir ouço a voz do porteiro Lúcio, que ficara no turno da noite, e uma risada distante.

Depois não ouço mais nada.

24

Sol entrando pela vidraça.

Espreguiço-me.

Um olho esticado para o relógio: dez horas. Céus! Preciso aprontar-me rapidamente.

Salto da cama e ligo o som numa estação FM que só toca músicas antigas àquela hora. Nat King Cole cantando *Sweet Lorraine*.

Entro embaixo do chuveiro mas deixo a porta aberta para ouvir a música. Banho rápido, frio. Um minuto em frente do espelho, só o tempo

de secar os cabelos, passar um batom, experimentar dois ou três brincos diferentes e, no final, não escolher nenhum.

Volto para o quarto. Janis Joplin. *Sumertime*.

Escolho um vestido leve, não muito curto para não parecer provocante, o suficiente para valorizar as pernas, e paro um instante para admirá-las no espelho: tenho pernas bonitas, sim, minhas pernas são bonitas, delgadas e longas, bem morenas. "*Uma sandália preta, de salto, amarrada com tirinhas é o que cai bem*" eu penso, e passo do pensamento à ação.

— Querida, não vem tomar o café? — poderia vir, da copa, a voz dele.

Mas não há ninguém na copa.

25

Atiro-me. Mergulho. Já não sou eu, mas a cidade em mim.

Pretendia passar o dia em casa, lendo. Mas não iria conseguir. Então resolvo aproveitar a folga (que vai se estender até segunda-feira, pois amanhã é sábado) andando mais uma vez a esmo pelas ruas.

Hoje não vou comprar nada, não quero carregar pacotes. Quero apenas parecer bela. Eu estou bela. Eu sou bela.

Eu sou só.

26

Ontem, quando encontrei Antônio no restaurante, passava de uma da tarde. Eu não poderia ficar em casa lendo um livro enquanto Antônio talvez esperasse por mim naquela mesma mesa onde nos conhecemos.

E a mulher que estava com ele?, pergunto-me observando uma vitrine onde puseram um enorme urso cor-de-rosa para chamar a atenção das crianças.

Há diversas *Barbies* nas prateleiras de vidro, com os mais diferentes figurinos. Não há *Barbie* preta, eu penso. Mas por que deveria haver uma *Barbie* preta? Para ser queimada pela *Ku-Klux-Klan*?, e acabo achando graça do absurdo da minha ironia.

— Bem — eu digo em voz alta enquanto olho a vitrine —, afinal a *Barbie* não é americana?

A verdade é que detesto *Barbies*.

27

O novo morador também se chamava Antônio.

Já fazia alguns meses que ele estava ocupando a “casa abandonada”, que agora não estava mais abandonada e, por isso, não havia motivos para continuar sendo designada por esse nome. Meu pai e ele já haviam feito camaradagem e vez por outra Antônio aparecia para conversar.

Minha mãe preparava pasteizinhos, que servia com café durante o jornal. Todos podiam conversar à vontade durante o jornal, mas na hora da novela o silêncio era sagrado.

Meu pai e Antônio discutiam política à medida que as notícias iam sendo mostradas. Tudo era tema para discussões. Depois se retiravam para a varanda, onde a discussão prosseguia sem que chegassem a um acordo.

Antes de ir embora Antônio despedia-se de mamãe e de mim, e às vezes prometia-me um agrado para a próxima vez que aparecesse. Dava a impressão de que iria partir para muito longe e não apenas atravessar a estrada.

28

— Mamãe, a senhora acha o Antônio bonito?

— Ora, menina, que pergunta boba.

— Acha ou não?

— Bem, é um homem simpático.

— Bonito?

— Sílvia, não fica bem à sua mãe ficar dizendo que este ou aquele homem é bonito.

— Por que, mamãe?

— Porque eu sou casada com seu pai!

— E se não fosse?

29

Na minha pressa de atravessar a multidão esbarro numa mulher gorda, que me olha com rancor. Mas logo o rancor se desfaz, quando lhe sorrio, e ela devolve o sorriso.

Na praça há crianças brincando, andando de bicicleta. Mães passeiam ali com seus bebês em carrinhos, e nos bancos alguns velhos lêem o jornal.

Eu cruzo a praça rapidamente, alguns rapazes do outro lado observam-me (com desejo?), assobiam. Ignoro-os.

Volto-me rápida mas não diretamente para eles. Continuam a observar-me e a falar entre si enquanto olham.

Fico feliz. *“Será que vou encontrá-lo no restaurante?”*

30

Uma viatura passa com sua sirene estridente.

Paro aturdida. A sirene incomoda-me, mas logo se distancia e a momentânea irritação se desfaz. Na direção oposta vem um homem com uma bengala. Manca, e observo que tem uma botinha de gesso no pé esquerdo. Sinto subitamente um imenso carinho por aquele homem, e uma grande vontade de ajudá-lo de alguma forma.

Que sentimento é esse, assim tão inesperado? Tão desconhecido?

Quando se aproxima, vejo que suas roupas são bastante simples, talvez ele seja pobre e não tenha almoçado ainda.

“Devo pará-lo para perguntar?” eu penso, enquanto o vejo aproximar-se. *“Mas se ele disser que não, o que faço? Convido-o? Não será estranho?”*

O homem se aproxima manquitolando, servindo-se da bengala. Não é jovem, vejo agora que o bigode já tem muitos fios brancos e o rosto, de ar cansado, muitas rugas. Quem é este homem? Para onde vai agora com seu ar de sofrimento, com sua dor que é muito maior na alma que no pé quebrado?

“Se eu não fizer nada agora, ele vai passar por mim, e terei perdido a chance.”

Estou imóvel, sem atitude, na calçada, olhando o homem que se aproxima com sua bengala, se aproxima, passa por mim sem notar-me, afasta-se, afasta-se...

E em pouco some-se na praça.

Não o vejo mais e continuo aqui, perplexa comigo mesma por ter perdido a chance.

“Ele me tomaria por uma dessas...” tento justificar minha inação. Mas sei que não é verdade. E ainda que fosse, o que o homem viesse a pensar não tinha importância alguma para mim.

Mordo os lábios para não chorar mas os meus olhos se rebelam: enchem-se de lágrimas.

31

O restaurante, as mesas vazias, as mesas ocupadas, o garçom que passa por mim enquanto eu respiro com cansaço, olhando em volta...

Foi naquela mesa, ontem...

Hoje há outras pessoas nela. Bem, a mesa do lado está vazia. Por que não sentar e esperar?

Na praia hoje há mais banhistas que ontem. Bem em frente, um grupo de rapazes joga vôlei de areia. Corpos dourados, atléticos, brilhando ao sol.

“O gosto desses corpos” eu penso. E me imagino tomando um desses rapazes pela mão e fazendo-o deitar-se, a areia grudando-se em sua carne suada, e em seguida escrever com a ponta do dedo na umidade de seu peito largo e atlético uma palavra que me angustia. Essa palavra que não ousa dizer para mim mesma como alguém que não ousa despir-se nem no escuro. E me imagino reclinando-me sobre o corpo estirado na areia e passando a língua nele, sentindo-lhe o gosto de sal que não é o do mar, apagando de seu peito a torturante palavra...

Nenhum dos rapazes pode ver-me aqui. Mesmo que pudesse, jamais saberiam nada disto.

Olho o relógio: é uma hora. Se ele tem o hábito de vir aqui, não deve demorar. Talvez pense — e queira — igualmente encontrar-me, já que ontem nos separamos assim, “no escuro”...

“Antônio” murmuro o nome dele enquanto o garçom se aproxima com a laranjada que pedi.

Mas havia uma mulher com ele. Antônio disse que não era sua namorada, mas não disse — não quis dizer — mais nada. Achei que ele estivesse mentindo.

Se ele voltar hoje não permitirei que escape das minhas perguntas.

32

— Papai, o senhor acha o Antônio simpático?

— Tem sido um bom vizinho.

— Simpático?

— Sim, mas... a que vem isso agora?

— A mamãe disse que não fica bem para ela achá-lo bonito.

— Ainda bem que a sua mãe tem juízo!

33

Numa noite de festa de São João Antônio acendeu uma fogueira nos fundos do quintal. Somente nós — eu, meus pais e ele — estávamos lá. Ele tinha posto umas batatas para assar depois de o fogo baixar, restando somente brasas, e eu fiquei por perto fiscalizando.

Depois todos comemos as batatas assadas, que tinham um leve gosto de fumaça, e tomamos café em canecas antigas de ágata. No café boiavam pequenos fragmentos de cinza que voavam com o vapor da fogueira.

Todos estávamos vermelhos pelo calor que vinha do braseiro.

34

Noutra noite pedi a Antônio que acendesse outra fogueira.

— Que graça tem se hoje não é dia de nenhum santo?
— Ora — eu respondi —, sempre deve haver algum que goste de fogueiras.

— Nenhum, que eu saiba.

— Então acenda para mim, para nós dois.

— Há pouca lenha hoje, teria de ser uma fogueira pequena.

— Que seja! — eu disse, animada. — Vamos, eu ajudo!

Fomos para o quintal e juntamos um pouco de lenha. Formamos uma pequena pirâmide de achas e gravetos. Depois ele trouxe um chumaço de pano molhado em querosene, e pusemos fogo.

— Não fique muito perto — ele disse.

Eu fiquei de cócoras a uma distância segura, olhando o fogo.

— Não tem umas batatas?

Nessa noite eu e ele estávamos sozinhos.

Ele entrou em casa e retornou com algumas batatas doces, que colocou na orla da fogueira.

Então voltou o rosto para mim. Notei que ele olhava para minhas pernas nuas. Eu estava de cócoras. Certamente podia ver até minha calcinha.

35

O imenso prédio com as paredes todas espelhadas parece um óculos gigantesco na cara de um homem sombrio. Refletem tudo que há em volta e à sua frente, mas esconde suas intenções.

Quase imediatamente passa ao meu lado um homem sombrio com uns óculos espelhados. Tem o rosto duro, de linhas viris, e feio, talvez mau, e não estou certa de que por trás daqueles vidros não me tenha lançado um olhar mortal (não sei se há olhares mortais, mas é assim que imagino esse homem fitando-me detrás daqueles vidros intransponíveis).

A fila para a sessão das três neste cinema é uma enorme cobra humana, uma centopéia — sim, uma centopéia humana. Devo acrescentar duas pernas a esta centopéia? *A Vida é Bela...* não, não devo. Minhas pernas são minhas, quero ter direito a elas, pelo menos por hoje. Quero ter direito não só a elas, mas a tudo a que nunca tive direito. Hoje deveria ser o dia de minha libertação, mas eu não sei o que seja libertação, por isso hoje não será esse dia.

A banca de jornais exhibe notícias de crime e mulheres nuas. As manchetes, as revistas pornográficas, o ódio e o aborrecimento por tudo isto. Há pessoas que têm AIDS. Eu não tenho, a não ser na alma.

Aquela mulher de ombros alvos se parece com a digitadora Márcia. Poderia ser a digitadora Márcia, se não fosse outra mulher. Mas também poderia ser qualquer outra mulher se não fosse outra mulher ou a

digitadora Márcia. Fosse quem fosse, tem os ombros da digitadora Márcia e eu ficaria feliz em abraçá-los, em beijar a carne macia e morna, que pela cor me lembra coalhada e que, como está, deve ter o ligeiro gosto de sal de um queijo fresco...

Mas o ângulo abrupto e falaz dos prédios, das esquinas, dói em minha sensibilidade. O que vejo é uma sucessão de planos e linhas retas, arestas que me escondem o que vem depois delas e que eu nunca vou saber exatamente o que é, porque depois delas vêm outras, e depois dessas outras vêm ainda outras e depois... e depois... E é então que as lâmpadas começam a acender-se, porque a noite está se aproximando e os carros já trafegam com os faróis acesos, mas eu continuo aqui, com direito a caminhar com as minhas próprias pernas, sem saber aonde elas podem me levar.

Poderia ir ao MAM (ainda dá tempo), mas para quê? Para ficar olhando quadros que não significam nada para mim? Para ver aquelas esculturas tolas em sua imobilidade angustiante, formas, somente formas sem conteúdo algum? A imobilidade das estátuas é uma cópia da minha, é um espelho, uma fotografia em três dimensões do que eu sou por dentro. Meu Deus, meu Deus!... quero tanto que tu me escutes, pelo menos desta vez...

36

Tudo isto apenas para esconder de mim mesma que ele não veio, e tive de almoçar sozinha.

37

Novamente em casa. São nove horas, pouco mais de nove horas. Apanho o álbum de retratos da família no fundo da gaveta e sento-me na cama. Alguns retratos me chamam a atenção mais que outros.

Minha mãe no dia em que esmagou o dedo na porta. Fez uma cara de dor tão engraçada que papai, com a câmera na mão, não resistiu.

Papai consertando o telhado lá de casa.

Eu com nove anos na praia, o corpo cheio de areia, e esta, tirada na mesma semana, no dia em que caí da bicicleta, com o joelho ralado.

Papai e Antônio no dia da pescaria, exibindo os peixes que haviam fígado.

Mamãe, nesse mesmo dia, enquanto fritava os peixes.

A família toda à mesa, comendo os peixes. A foto foi tirada por Antônio, que não aparece.

Uma foto de Antônio sozinho, na varanda da casa ao lado. Lembro que foi papai quem tirou. Eram grandes camaradas àquela época.

Eu, aos seis meses no colo de mamãe.
Eu, aos oito anos, no colo de papai.
Eu, aos doze, no colo de Antônio.

38

A primeira vez que Antônio me pôs no colo, foi cerca de um ano depois de ter-se mudado para a “casa abandonada”.

Foi de tardezinha: eu atravessara a varanda correndo e, na sala, Antônio se distraía assistindo televisão.

— Então temos visita! — ele disse, estirando as pernas.

Atirei-me no sofá do lado dele.

— Assistindo ao quê?

— Cuidado para não quebrar-me o sofá! Você já está bem pesadinha.

— Eu só tenho doze anos, portanto não estou nada pesadinha. Nem gorda eu sou.

Ele me olhou com um ar de falsa severidade e sorriu.

— Ainda assim. É preciso ter modos.

— Eu tenho modos — protestei. — E se vai brigar comigo, eu vou embora.

— Não — ele disse, e passou o braço sobre meus ombros. — Não vou brigar.

E, num movimento rápido, puxou-me para seu colo.

39

Meus pais ainda moram lá.

Também já estiveram aqui algumas vezes, a passeio. Mas não gostam muito de se afastarem de seu cantinho.

Papai é um homem de sessenta e seis anos, rijo e ativo. Aposentou-se há pouco, mas nunca está parado: ora está consertando a cerquinha em frente de casa, ora reparando o telhado, ora limpando o terreno...

Mamãe tem alguns anos a menos. Não é menos viva, e sempre que vou visitá-los prepara um prato especial para mim.

Meus pais apostam na minha felicidade.

— A moça é funcionária importante numa empresa importante — diz com orgulho aos conhecidos, um imenso sorriso exibindo a dentadura postiça. — Ganha bem! Já tem até apartamento próprio.

— Meus parabéns!

A minha felicidade. Onde está a minha felicidade? Nas coisas — e não são tantas assim — que conquistei até hoje?

Pensei que poderia visitá-los amanhã, já que só trabalho segunda-feira à tarde. Mas não estou com ânimo para viajar. Creio que vou passar mais um final de semana aqui, sentindo esse frio que não é por fora, mas por dentro.

40

Resolvo passar o sábado na praia. Prefiro o Leblon, e para isso ligo para a digitadora Márcia convidando-a.

Marcamos um ponto de encontro e agora aqui estamos caminhado pela areia entre guarda-sóis abertos, nádegas expostas ao sol, crianças correndo para a água e vendedores de refrigerantes em lata.

Estou de óculos escuros e me sinto estranha com eles. As pessoas não podem saber se estou olhando para elas. Sinto que agora é minha vez de parecer aos outros alguém que lança olhares mortais por trás de lentes negras.

Tolice. Quem pode garantir que o homem sombrio que passou ontem rente a mim seja um homem mau, acostumado a lançar olhares mortais?

Espeto meu guarda-sol em qualquer lugar menos cheio, abro a esteira.

A digitadora Márcia tira a toalha que lhe envolve o busto. O biquíni é de um tamanho mínimo, cor preta que fica muito bem na pele alva.

— Não se esqueça de encharcar-se de protetor solar — recomendo.

A digitadora Márcia segreda-me que tem vontade de fazer *top-less*.

— Comece agora — eu digo, desafiando-a, e abaixo os óculos escuros para a ponta do nariz olhando em volta sobre as lentes.

Passa um grupo de rapazes — lindos rapazes de corpos bronzeados.

Acompanho-os com os olhos enquanto passam, enquanto se afastam, enquanto desaparecem na multidão de banhistas.

Quando me volto para a digitadora Márcia, ela havia abaixado um pouco o sutiã exibindo momentaneamente os seios.

Recompõe-se rapidamente.

— Não tenho coragem — cochicha, mal controlando o riso.

— Nem eu.

41

— Podíamos voltar amanhã — diz a digitadora Márcia.

Está anoitecendo. Ela parece entusiasmada com o rapaz de cabelos encaracolados. O amigo dele falou-me de banalidades o tempo todo. É isso que se tem de agüentar quando se aproxima de nós um homem bonito.

É ele quem faz sinal para o garçom.

— Vamos dividir as despesas — eu sugiro.

Mas minha sugestão não é aceita. O eterno macho: é ele quem deve pagar as despesas para as senhoritas.

São tão infantis!

Levantamo-nos.

— Então — diz o rapaz de cabelos encaracolados para a digitadora Márcia —, amanhã?

Ela olha para mim, mas eu desvio os olhos.

— Amanhã — ela diz, e nos despedimos.

Caminhamos sozinhas agora sob as luzes coloridas das ruas do Leblon.

— Você não vai perder, vai? — pergunta a digitadora Márcia.

— Perder? Perder o quê?

42

Antônio, eu sentada em seu colo, abraçou-me carinhosamente.

— Você é uma menina linda demais!

Mas não foi além do abraço e do elogio.

Era com frequência agora que eu ia à casa dele. Papai e mamãe não viam mal algum nisso. Claro que se soubessem que eu havia sentado no colo dele...

43

A fotografia que tirei sentada no colo de Antônio foi feita por uma máquina automática, na varanda da “casa abandonada”.

Antônio armou a máquina, sentou-se na cadeira de estilo colonial e eu fui aninhar-me em seu colo.

Meus pais nunca souberam dessa fotografia: guardei-a sempre comigo, escondida, como um segredo que se fosse revelado desfaria o encantamento, reverteria para o comum das coisas aquele momento que me pareceu sublime.

44

Agora Antônio punha-me com frequência em seu colo.

Eu chegava, entrava, e ia sentar-me em frente da TV.

— Você tem TV em sua casa — ele dizia. — Que tanto vem aqui?

Eu dava de ombros.

— Gosto de vir, só isso.

Ele sentava-se ao meu lado e puxava-me para si, para seu colo.

Uma vez notei que ele estava excitado. Pareceu-me engraçado, e não era nada mal senti-lo.

45

Foi então que ele começou a tornar-se mais afoito.

Um dia acariciou-me as pernas com movimentos delicados, correndo a ponta dos dedos pelas minhas coxas.

Agradavam-me seus afagos, agradava-me o carinho que parecia colocar neles, e eu permitia.

Os movimentos tornaram-se mais ousados, e agora ele chegava a puxar meu vestido até em cima, colocando à mostra minha calcinha.

— É estranho — ele disse um dia quando eu, em seu colo, tinha as pernas inteiramente nuas.

— O que é estranho? — eu perguntei sem desviar os olhos da TV.

— Que você não se importe — ele disse junto ao meu ouvido, baixando a voz.

Eu dei de ombros, e encostei meu rosto no dele.

46

Um dia eu estava assistindo TV quando ele veio sentar-se ao meu lado e não me puxou para seu colo.

Abraçou-me, simplesmente, e começou a acariciar minhas pernas como sempre fazia.

Executava movimentos circulares em minhas coxas com a ponta da unha que, de propósito, deixara crescer, e foi, aos poucos, puxando meu vestido para cima.

Continuei a olhar para a TV. Eu gostava muito de Antônio.

Em pouco, minha calcinha estava à mostra.

— Você está usando uma calcinha branca — ele disse.

Olhei, e vi que era verdade.

— Nem percebi, quando me vesti hoje...

Então senti sua mão pousar sobre meu púbis e fechei os olhos. Já não era possível continuar assistindo televisão.

Senti quando Antônio pressionou o dedo médio sobre o tecido fino da calcinha, depois invadiu-a delicadamente e me acariciou enquanto num gesto de entrega eu entreabria as pernas e uma onda de arrepio percorria-me todo o corpo...

...até estragar tudo: Antônio beijou-me com violência, assustou-me com sua fúria, seu desejo desenfreado, e eu me debati tentando libertar-me de seu abraço que, de súbito, convertia-se numa cadeia para mim.

Libertei-me, levantei-me de um salto, parei tremendo no meio da sala e ele, aturdido, continuava no sofá, fitando-me. Ficamos assim, olhando um para o outro, atônitos, durante um tempo indefinível, até que ele se levantou e abriu a porta para que eu saísse.

47

Não voltei mais à sua casa, e coisa de um mês depois ele se mudou sem avisar a ninguém.

Nunca mais ouvimos falar de Antônio.

48

Eu ainda não tinha treze anos quando se deu esse episódio.

Quando me levantei assustada do sofá, correndo para o meio da sala, e parei, certamente esperava pelo que ele faria em seguida.

Se ele me alcançasse e me tomasse com força, e me levasse para sua cama, eu me debateria, mas não haveria de gritar.

Quando penso nisso, reconheço que tudo o que eu queria era ter sido violada por ele. Que ele me arrebatasse em seus braços e tirasse minha roupa, e investisse contra minha carne virgem e macia, sangrando-me, derrubando minhas muralhas feito um castelo de cartas!...

49

Pode parecer terrível que eu queira ter sido estuprada. Avaliando o que se passou, contudo, é bem isso que eu gostaria hoje que tivesse acontecido naquele dia. Mas como seria, então, se tivesse acontecido? E o que é isso de desejar tão ardentemente, depois de tantos anos e a ponto de tornar-se quase uma obsessão, ter sofrido um ato de violência na minha infância?

50

Desta vez passo voando pela porta de vidro sem carregar pacotes.

Seu Alfredo sorri para mim e exhibe a xícara, oferecendo-me um cafezinho. Aceito, apesar de apressada, porque me agrada esse seu jeito simpático.

O elevador está habitualmente lotado.

Homens — os mesmos, outros, que importa — discutindo política, futebol. Mantenho-me alheia, mas estou atenta. Todos olham para as minhas pernas (costumo mostrá-las com orgulho), mas continuam com suas discussões inócuas.

Saio aliviada para o corredor.

Quando entro “fuzilando”, a digitadora Márcia volta-se para mim.

— Você não apareceu ontem. Ficamos esperando-a.

— Oh, não... não pude... eu estava com um pouco de enxaqueca.

Pura mentira. Eu na verdade passara o domingo a ler o livro que comprara na semana anterior.

— Tem um cliente no gabinete de conferências. O chefe disse por telefone para você atendê-lo assim que chegasse.

Faço uma careta, maçada. Mas é preciso: encaminho-me para o gabinete de conferências.

Paro assombrada na porta.

Antônio levanta-se e se encaminha para mim.

— Oh, lembro-me de você — ele diz.

Sem voz, sorrio numa aquiescência.

— Que coincidência encontrá-la aqui.

Faz uma pausa enquanto aperta minha mão.

— Que feliz coincidência — acrescenta.

E antes de nos sentarmos, antes de entrarmos no assunto, ele diz ainda:

— Bem, creio que agora não nos perderemos de vista. Talvez, quem sabe, possamos mesmo jantar logo mais.

Eu sorrio amplamente.

Desta vez creio que não nos perderemos de vista. Talvez, quem sabe, possamos mesmo jantar logo mais.

Ainda sorrio.

E chego a sentir um cheirinho de comida caseira.

Um encontro por acaso

Numa tarde do verão passado — há pouco mais de um ano, portanto —, quando embarquei no ônibus que levava a T^{**}, um tanto contrariado pelo imprevisto que dera com meu carro numa oficina longe de casa e me obrigava a entrar num desses horríveis transportes coletivos apinhados de uma gente miúda e encardida, estava longe de imaginar que daí a poucos instantes me veria envolvido numa trama cujas conseqüências seriam a minha ruína e a destruição de uma criança que, não fosse isso, certamente teria crescido como qualquer outra: fazia-se moça, casava-se, trazia ao mundo sua descendência, e como a maioria das mulheres veria a vida passar sem grandes sucessos nem maiores fracassos, nada digno de nota para um dia mostrar aos filhos — ou deles esconder. Antes eu pudesse dizer “será assim ainda”, antes eu não tivesse agora uma história para contar.

Como não houvesse um assento vazio, fiquei de pé próximo à saída mal disfarçando meu aborrecimento, quando notei sentadas à minha frente duas mulheres — assim me pareceu à primeira vista, mas somente a uma olhada mais atenta pude vê-las melhor: no canto estava uma linda menina que teria entre treze e catorze anos, morena, rosto oval e longos cabelos anelados. Tinha um sorriso muito puro, de dentes grandes e brancos, e, como algo na rua parecia ter-lhe chamado a atenção, apontava para fora num gesto ligeiro e nervoso. Foi por ela que eu me apaixonei. Ao lado da menina, a mãe, uma mulher de trinta a trinta e cinco cuja beleza, se beleza teve algum dia, havia passado deixando no lugar uma cara comum, nem jovem nem velha porém desgastada e sem qualquer atrativo: foi ela quem se apaixonou por mim.

Ainda assim esse encontro não teria tido as conseqüências que teve se, em dado momento, a menina não tivesse olhado para mim e, notando que eu a observava, não sorrisse. Porque olhou-me, e sorriu-me, e a esse sorriso atribuí, impressionado como estava àquela altura, um significado que seguramente não teria, e isto não só iludiu-me: encorajou-me também. Chegávamos a T^{**} minutos mais tarde e todos se levantaram quase ao mesmo tempo para descer; os passageiros que viajavam em pé apressavam-se antes dos demais na direção da saída e eu, contra minha vontade e desabituação a esse tipo de situação, fui empurrado para fora. De pé na calçada esperei que as duas saltassem pensando em fingir que ia na mesma

direção e puxar conversa, mas por azar desabou um temporal — que vinha prometendo desde cedo — e eu as vi descer do ônibus e atravessar a rua tão apressadamente para se abrigarem sob a marquise do outro lado, que não tive como abordá-las, e como a chuva engrossasse ainda mais fiquei embaraçado em importuná-las num momento tão impróprio.

Mas o ônibus arrancava, as pessoas dispersavam-se na calçada, e quando olhei para o outro lado da rua já não as encontrei: ninguém estava sob a marquise e não pude atinar em que porta teriam entrado.

Retornei para casa sem me importar com a roupa que encharcava e colava-se ao meu corpo. Senti os cabelos empapados e a água escorrer-me pelo rosto, e quando entrei em meu quarto (àquela época eu vivia sozinho num quase luxuoso apartamento nos arredores do centro comercial de T^o) espichei-me na cama, molhado como estava, e fiquei pensando...

“Mas é só uma menina” eu refletia molemente, como se essa objeção fosse apenas lembrada mas não tivesse nenhuma importância — afinal, não seria o meu primeiro caso com uma adolescente, e pus-me a recordar algumas com as quais havia saído nos últimos tempos cujas idades variavam dos catorze aos dezessete, e nenhuma delas havia reclamado dos meus quarenta anos nem dos fios brancos que começavam a aparecer-me nas têmporas. “Ficam lindos em você!” uma delas chegou a dizer-me, muito safadinha, enquanto de olhos semi-cerrados esfregava o púbis contra minha coxa.

Nos primeiros dias eu não me dei conta exata do que estava acontecendo. Meu interesse pela menina era apenas circunstancial: possuía juventude e beleza, e me sorria — quem sabe com algum interesse, eu pensava com meu costumeiro e inconseqüente otimismo. Demorou algum tempo, uma semana, duas talvez, para eu me aperceber da insistência com que sua lembrança permanecia aferroando-me, de como eu me reclinava nas almofadas olhando vagamente para a TV sem nenhum interesse pela programação, e pegar-me pensando longamente nela, reconstruindo em detalhe os traços de seu rosto, redesenhando mentalmente suas feições de diversas maneiras, ora com os cabelos amarrados para trás, feito uma moleca, ora presos num penteado que a tornava mais adulta; ora com os lábios tingidos de carmim, e às vezes sem requinte algum e molhada de chuva como deveria ter ficado naquela tarde... depois eu começava a tirá-la a roupa — os olhos fechados e a cabeça jogada para trás —, a despi-la sem pressa enquanto ela ia consentindo ao mesmo tempo com inocência, surpresa e um prazer cheio de medo, e quando a punha nua vinha-me assim um desespero de não poder imaginá-la com coerência: eu não conseguia figurar na mente um corpo ideal para aquele rosto que me seduzira nem para aquele sorriso que havia tomado como um princípio de intenção — as únicas coisas dela que eu na verdade havia visto...

Então, ainda hesitando em aceitar essa idéia, eu — homem maduro e experiente — concluí que havia me apaixonado. E bastou que isso me chegasse à consciência para que um desejo irrefreável de revê-la me agitasse por dentro e me inquietasse: era urgente agora para mim encontrá-la; encontrando-a, aproximar-me — ensaiar um princípio de conversa com a mais velha, fazer uma observação qualquer, banal que fosse, procurando um pretexto para mostrar-me simpático, quem sabe atraente... e na minha ânsia não vislumbrava obstáculos, nada que pudesse atrapalhar-me, até porque ela me havia sorrido, e um sorriso tem de ter um significado... Deliberei procurá-las, percorrer o centro palmo a palmo, andar por todos os lugares onde pudessem ser encontradas, mesmo os mais longínquos, na esperança de resolver aquela aflição.

O carro, a essa altura de volta à minha garagem, aí permaneceu e durante dois dias inteiros não saí dos ônibus: refiz várias vezes e nos mais diversos horários o percurso daquela tarde, detive-me por várias horas nas proximidades do ponto em que havíamos saltado e uma vez ali punha-me a olhar o outro lado da rua, a marquise em que contava fossem abrigar-se da chuva naquela tarde, e as portas próximas por onde haviam desaparecido. Espionei as pessoas que entravam e saíam daquelas portas, mas não vislumbrei o menor indício de que morassem ali. Cheguei mesmo a entrar num barzinho que funcionava nas imediações onde inquiri do balconista se naquele prédio não residia uma mulher de uns trinta anos, com uma filha adolescente, ambas morenas, e fui descrevendo as duas enquanto o rapaz me olhava semicerrando os olhos e movendo negativamente a cabeça. Não demonstrei meu desapontamento, mastiguei uma desculpa, “encontrei-as outro dia no ônibus, e acabei ficando com um livro da senhora, que gostaria de devolver...” — e me afastei aborrecido.

E agora? Que fazer? Que elas não moravam naquele prédio estava claro; talvez residissem parentes ali, mas como saber sem levantar suspeitas ou mesmo mostrar-me indiscreto? Ficar andando para baixo e para cima de ônibus — justamente eu, que não tinha qualquer apreço por esse tipo de transporte, e muito menos necessidade de usá-lo — pareceu-me de repente tão obtusamente tolo, que cheguei a corar de vergonha comigo mesmo. Estava agindo como um colegial, sentia meu coração bater como o de um colegial em seus primeiros impulsos de paixão, e como um colegial via-me sem rumo...

Durante aqueles dois dias de busca inútil — e à noite, quando rememorava a jornada dentro dos ônibus, o ir e vir sem resultado que já me exasperava, o olhar para a multidão e só deparar com caras desinteressantes — foi crescendo dentro de mim a consciência desse sentimento que me parecia novo mas do qual, na verdade, eu apenas me havia esquecido. Em minha vida de solteirão o amor ficara perdido entre as memórias da infância, as ilusões da adolescência e os rumores do início

da juventude, quando ele nos aparece revestido com toda a realeza do sonho, pleno de brilho e fulgurâncias, mas que — oh, e quantos foram os exemplos que viera colhendo durante a vida, para dele desencantar-me antes de experimentá-lo de verdade! — vai se apagando na mesmice do dia a dia, convertendo-se no marasmo do sempre igual, na agonia e no sufocamento do tédio. Aos quarenta e três anos, levando a existência de um endinheirado *bon vivant*, meu contato com as mulheres era sempre superficial; se preferia as adolescentes era por sentir que a idade já começava a pesar, e ter entre os braços aqueles corpos jovens e cheios de força revigorava-me, funcionava como um elixir da juventude — de efeito transitório, sim, mas que me fazia grande falta. Não cogitava, porém, do amor — a vida familiar não tinha para mim atrativo algum, e só pensar em dividir minha casa com uma mulher que teria de ver todos os dias, pior, que acordaria do meu lado com o rosto amassado de sono e a quem, ao contrário do que se vê no cinema, não poderia beijar por causa do mau hálito matinal — só pensar nessa possibilidade fazia-me estremecer. Foi por isso que a princípio não levei a sério esse sentimento, tardei tanto em reconhecer o amor... Pois há na vida coisas que ambicionamos sem saber e, quando surgem diante dos nossos olhos, não somos capazes de reconhecer. O amor, de que eu não cogitava, era uma dessas coisas.

Há também coisas dentro de nós de que não suspeitamos: sombras que se movem em algum ponto do nosso ser mais profundo como noite sobre o pântano. Instintos — ou seria mais exato dizer feras? — com que nunca convivêramos, dos quais não suspeitávamos — e de súbito, espantados, reconhecemos sua presença, irrompem de nós com suas garras e suas asas, e sua fúria...

Mas não nos adiantemos na história.

Como após os dois primeiros dias a busca resultara inútil, restava-me apenas contar com a sorte. Desistindo dos ônibus passei a percorrer a cidade ora de carro, ora de motocicleta, andando sem rumo certo e sem qualquer plano, mesmo porque não havia nenhum plano possível em tais circunstâncias, e nisso gastei quase uma semana de novas idas e vindas que, no mínimo, deixavam-me o corpo moído ao final de cada jornada. Depois desses dias de peregrinação eu estava decidido a não agir como até então, e fiquei passeando a pé, a esmo, pelo centro da cidade. Vez por outra olhava a multidão que cruzava as ruas em todas as direções, alongava a vista para mais longe na esperança de vê-las vindo pela calçada, e em seguida baixava os olhos para a vitrine em frente ou caminhava noutra direção, as mãos nos bolsos, o olhar vago...

O reencontro deu-se de repente: eu havia parado diante de uma loja de calçados e admirava um par de sapatos femininos de cor bege, de um modelo muito delicado e elegante, quando senti uma presença junto a mim: ao meu lado alguém se detivera e observava os sapatos expostos, talvez

estivesse ali há um ou dois minutos antes de eu me dar conta, e só quando percebi um movimento de mãos e um cochicho foi que me voltei: as duas — a menina e a mulher —, ao meu lado mas aparentemente sem notar-me, falavam entre si apontando os sapatos em exposição.

Fiquei momentaneamente paralisado. A garota, entre mim e a mãe, recendia a alfazema e tinha os cabelos ligeiramente úmidos. “Deve ter tomado banho há pouco” pensei com lascívia, e não pude evitar olhá-la diretamente. Quando ergui os olhos dei com o olhar da mãe, que me sorriu, e imediatamente a menina voltou-se para minha direção sorrindo também. Pela primeira vez ouvi claramente sua voz:

— Mamãe, é o moço de outro dia no ônibus...

Havia começado, e agora não pararia mais. Enquanto almoçávamos e, ainda cheios de cerimônia, falávamos de assuntos triviais — o calor e a balbúrdia do centro da cidade, o custo de vida, os programas de cinema —, eu aproveitava para observar discretamente a menina. Chamava-se Lívia, e, recebendo no rosto a luz que atravessava as vidraças do restaurante, percebi que tinha os olhos azulados, mas de um azul esmaecido que uns laivos de cinza tornavam metálicos e nos quais só se descobria a beleza com aquela intensa claridade que parecia iluminá-la até o fundo. Em meu encantamento fui construindo, a partir de Lívia, uma criatura quase irreal que, no entanto, era ela mesma tornada fábula: no sorriso encontrei graça tão única, que a imperfeição de um canino que se sobrepunha ao incisivo ligeiramente torto pareceu-me antes qualidade que defeito; os movimentos pouco hábeis, típicos de quem não tem o costume de usar o garfo e a faca e não sabe mesmo segurar corretamente a taça de vinho, adquiriam a originalidade da inocência, e quando a mãe a repreendeu levemente por deixar cair na toalha uma rodela de tomate olhou-me sem constrangimento mas com uma reserva que tinha muito mais de cumplicidade que de embaraço, o que fez meu amor refluir pelas veias, e senti todo o corpo flutuar nesse sentimento que ressurgia tão desconhecido e poderoso.

A mãe — Helenice — ouvia-me com polidez, respondia a qualquer observação, fazia comentários com alguma discrição, não falava muito mas corretamente, demonstrava uma cultura geral boa e, à medida que nos púnhamos mais à vontade, começou a falar de si. A certa altura interrompeu-se; alegando que aquilo não poderia interessar-me desculpou-se dizendo que na certa estava se tornando maçante.

— Mas não! — eu exclamei prontamente. — De forma alguma! São minhas convidadas... enfim, agrada-me ouvi-la.

Falou-me que fora casada e feliz por alguns anos, apesar de o marido ser um tanto rude, “mas de bom coração, coitado. Muito bom coração” (veremos adiante que Helenice mentia; mas como não o pudesse imaginar àquela altura, não observei nenhuma reação de Lívia. A menina

continuou comendo em silêncio; talvez tenha ficado apenas um pouco mais séria, talvez tenha olhado a mãe com expressão dúbia, os olhos grandes e vivos acostumados à mentira, e só). Morrerá há oito anos, Helenice prosseguiu, deixando a menina com cinco e ela desorientada, pois de um momento para o outro via-se sozinha com a filha e a mãe doente. Como não trabalhasse passaram por alguns apertos no início, pois dispunham apenas da pensão da mãe — viúva de um militar graduado — que, apesar de algo expressiva, era consumida na sua maior parte com os remédios da velha. “Não, não tenho irmãos, sou filha única” ela esclareceu quando lhe perguntei se a família não as ajudaria naquele momento, “tinha umas tias distantes por parte de pai, por sinal bem situadas, mas há muito tempo não mantínhamos contato, e a última coisa que eu pretendia seria recorrer a elas só para pedir ajuda. Além do mais nem mesmo residem no Rio” achou conveniente esclarecer. Mas enfim saíra-se bem da dificuldade: pois acabara conseguindo emprego no setor de recursos humanos de uma loja de departamentos, trabalho que lhe ocupava o dia todo e com folga somente aos domingos, “de forma que agora tínhamos pouco tempo para estarmos juntas Livia e eu” acrescentou, do que ambas muito se ressentiram no começo, “mas então em casa, à noite, cada uma contava à outra as novidades do dia e tudo ficava bem”. Sorriu carinhosamente para a menina, momento em que eu aproveitei para olhar Livia sem reservas e sorrir-lhe também. Helenice falou-me de seus progressos no emprego, “cheguei a subgerente” explicou, “e embora ainda não tenha conseguido comprar um carro, espero que em breve...”, de modo que o tempo das dificuldades estava ficando para trás, e mesmo a lembrança do marido morto começara a tornar-se menos amarga “de modo que hoje lembro-me dele como um homem agradável, esquisito às vezes mas bom marido e bom pai, e já me sinto de todo recuperada”.

— E não pensa em casar-se novamente?

Helenice não respondeu logo: deixou os talheres no prato e, tomando a taça de vinho, ficou olhando contra a luz o líquido vermelho escuro. Contraíu brevemente o rosto, repousou a taça na mesa e sorriu para mim. Moveu a cabeça.

— Quem sabe!

Aquilo deu-me esperanças — e um plano começou a esboçar-se na minha cabeça: se eu conquistasse a mãe, teria um pretexto para vê-las novamente, os encontros se repetiriam, e assim poderia estar perto da filha; estando perto, tornar-se-ia mais fácil conquistar também a menina e fazê-la entender minhas intenções, e, ainda que eu não soubesse exatamente como agir, não duvidava de que, no momento certo e com um bom plano — que eu teria tempo para elaborar —, não poderia deixar de obter sucesso. O fato de eu ser um quarentão e Livia uma adolescente consistia, à luz da

razão, num sério obstáculo, mas eu não estava agindo e muito menos pensando “à luz da razão”.

Quando nos separamos nesse dia já passava das quatro: após o restaurante, com o céu encoberto convidei-as para um passeio pela orla marítima e, enquanto caminhávamos, falei de mim. Menti um pouco, inventei umas histórias ingênuas com a finalidade de ter o que falar, e houve um momento em que nos sentamos os três numa pedra olhando a arrebentação. Helenice sentou-se à minha direita enquanto Livia, à minha frente, recostou-se um pouco em minha perna dizendo que gostava de praia. Convidei-as para passarmos o sábado seguinte no Leme. Livia empolgou-se e a mãe, curvando-se, puxou-lhe a orelha delicadamente. Com um sorriso entre contrariado pela impertinência da menina, e encabulado pela própria vontade de ir, Helenice se desculpou.

— A menos que haja algum impedimento — eu disse, evitando mostrar-me muito ansioso —, talvez o trabalho...

— Oh, não — ela disse —, neste sábado estarei de folga.

— Então está resolvido! — eu exclamei.

— Vou apanhar um montão de conchinhas para colar numa tábua — Livia disse — e formar um desenho — e passou a explicar que uma colega de escola fizera o mesmo no verão anterior. — Então ela levou o quadro para mostrar ao nosso professor de arte, que elogiou muito, só vendo!

No sábado apanhei Helenice e a filha em casa.

Residiam numa confortável casa de classe média, de cômodos amplos e claros com grandes vidraças e uma porta dupla na frente que se abriam para um pequeno jardim cortado por uma viela quase reta desde o portão; o jardim dos fundos era mais amplo, e ali também cresciam algumas goiabeiras pequenas, um pé de tangerina, outro de jabuticaba e, no fim do espaçoso terreno impunha-se a majestade de uma imensa mangueira que provia o quintal de sombra farta. Como fosse uma casa de esquina, antes de anunciar-me pude passear ao longo do muro e observar a propriedade ao mesmo tempo em que imaginava as moradoras, não me furtando a tecer algumas fantasias acerca de uma vida em comum ali com Livia — claro está, sem a companhia da avó entrevada e da mãe precocemente envelhecida.

Depois de alguns minutos, porém, de devaneio, convim que era hora de dar prosseguimento ao passeio e bati palmas defronte ao portão.

Chegamos no Leme antes das nove horas. Não vou tardar na descrição de um dia na praia, comum e sem acontecimentos importantes — a não ser que só o estar ali e poder espiá-la, à menina, quase nua, destacando-se o vermelho do biquíni sobre o moreno da pele como uma grande flor impudica, e admirar-lhe a beleza da juventude, seja por si só

um grande acontecimento. E foi com certeza um acontecimento: enquanto eu e Helenice nos demorávamos à sombra do guarda-sol, Lívia ia e vinha com uma volubilidade estonteante, e quando pensávamos que ela estava ainda conosco, ei-la já entre as ondas, nadando com a desenvoltura de uma ninfa, e mal a víamos mergulhar, já estava de volta trazendo-nos conchinhas coloridas que dizia ter encontrado no fundo. Pungente foi, depois, ver Helenice levantar-se ajeitando o biquíni e acompanhar a filha: cria com certeza despertar-me uma sensualidade que absolutamente não poderia e tratei de dissimular a piedade com que a vi exibir seu tanto de celulite nas coxas, suas nádegas caídas e umas que outras veiazinhas azuis a lhe riscarem a carne algo flácida ao longo das pernas...

Assim foi esse sábado na praia, feito de encantamento e dor, e talvez não tivesse passado disso se a certa altura Helenice não fosse para a água deixando-me sob o guarda-sol com Lívia. Era já quase hora de partirmos e Helenice quis mergulhar mais uma vez; convidou-me mas eu aleguei cansaço, deixando-a ir só. Eu e Lívia a olhávamos afastar-se em direção da água, até que a garota, voltando-se para mim, falou:

— Mamãe gosta muito de você.

— E eu de você — respondi sem sentir, sem me aperceber de imediato do que dizia.

Encarei-a perturbado quando atinei com o que havia dito — nada demais, na verdade, mas que poderia denunciar-me se ela referisse à mãe nosso curto diálogo. Encarei-a, e ela me olhava como se não esperasse ouvir tais palavras, em seu rosto uma sutil interrogação que logo se desfez num meio sorriso. Eu sorri também e tratei de descontraí-la contando-lhe um caso qualquer engraçado. (À noite, em casa, enquanto assistia TV pensava no acontecido com alguma preocupação, mas por fim concluí que não precisava alarmar-me: que Helenice viesse a saber daquilo, nosso relacionamento era tão recente que ela não teria motivos para suspeitar.)

Deixei-as à porta de casa, e enquanto Helenice desculpava-se por não convidar-me a entrar, Lívia corria para dentro como num expediente para deixar-me a sós com a mãe. Não demonstrei minha contrariedade, mas intimamente refletia que Lívia desconfiara de alguma coisa — talvez pelo que eu lhe disse quando estivéramos sozinhos sob o guarda-sol — e agia assim para desfazer qualquer esperança que eu pudesse ter e afastar-me de si.

— Não é preciso explicar-se, Helenice — eu disse apertando-lhe as mãos.

— É que mamãe... enfim, já lhe falei que é doente...

— Ora, Helenice...

— Deixe-me falar — ela insistiu —, do contrário seria uma falta de educação, após um dia tão agradável.

— Está bem, diga.

— Mamãe... se eu o recebesse agora ela iria ralar-me depois, diria que é uma inconveniência receber um visitante numa casa toda desarrumada, sem uma refeição digna a oferecer... sabe, ela é um tanto... antiquada...

— Ora, mas eu compreendo perfeitamente. Não se incomode...

— Mas eu o convido para amanhã... venha almoçar conosco...

— Sim, claro, com muito prazer... mas tem certeza...?

Ficaríamos com essas reticências por muito tempo se Lívía não aparecesse à porta. Ela ouvira o convite e apareceu para reforçá-lo:

— Você vem sim, almoçar conosco — disse. — Eu sei fazer almôndegas. Uma delícia!

Uma nova confusão se formou em minha cabeça: se antes Lívía tivera a intenção de afastar-me de si, por que agora reiterava o convite feito pela mãe? Por que se referia às almôndegas, como se fosse prepará-las especialmente para mim? O que pretendia a menina, afinal? Agora, que procuro reproduzir o mais fielmente meus pensamentos e meu estado de espírito naqueles dias, tento dar ao leitor de minha tragédia uma idéia exata de como esse sentimento, que aos poucos me dominava, ia fazendo-me perder o sentido de realidade. Em minha cabeça eu atribuía às atitudes de Lívía — em que eu recusava ver a espontaneidade que tinham — um cálculo e um artificialismo que não podiam existir. Para mim, então, tudo que ela dizia ou fazia estava revestido de uma intenção, tinha uma finalidade planejada, fosse fazer-me aproximar de sua mãe, afastar-me de si, confundir meu entendimento para que ora eu pensasse ter alguma chance com ela, ora eu me desiludisse de vez, e mesmo vislumbrar naquilo artimanhas de uma menina cujo desejo começava a despertar — e que pretendia saciar comigo. Minha paixão desembestava-me, fazia-me criar fantasias — fantasias que iriam, pouco a pouco, converter-se numa voragem...

Cheguei em casa de Helenice, na manhã seguinte, uma hora antes do almoço. Ia ansioso por passar todo o domingo próximo de Lívía, mas não o queria deixar transparecer: ocorria-me que a menina acabaria percebendo minha paixão por ela, “ainda é cedo para isso” eu dizia comigo mesmo, pois na confusão em que me encontrava não fazia uma idéia muito precisa de sua reação quando percebesse a verdade.

Não fui recebido da maneira que esperava: minha presença fez sorrir a ambas, mas notei que havia uma apreensão “no ar”, que mãe e filha se mostravam pouco à vontade comigo, tratando-me com uma cerimônia que não cabia mais entre nós. De repente eu me tornara um estranho para elas e não um amigo — aquele com quem haviam passado a tarde anterior na praia —, pois se assim não fosse, por que Lívía sentara-se comportadamente numa poltrona e Helenice, com movimentos estudados,

frases feitas, atitude comedida, andava daqui pr'ali, sentava-se à minha frente sem jeito de puxar assunto, levantava-se para ajeitar um bibelô na estante e por fim olhava-me com algum constrangimento? Isso durou se tanto a primeira meia hora de minha permanência ali, mas foi a tal ponto embaraçoso que a certa altura eu me levantei e disse:

— Helenice... bem, se minha vinda de alguma maneira as compromete... Talvez fosse melhor eu voltar um outro dia...

— Não — saltou ela em minha direção —, não... por favor... Desculpe meu jeito, mas é que... — encolheu os ombros como se fosse dizer algo muito íntimo. Olhou rapidamente em direção de Livia que, de sua poltrona, nos observava com atenção. — É que faz muito tempo que não recebo a visita de um homem... ainda que apenas de um amigo.

— Isso não lhe trará problemas, não é? — perguntei.

— Não — ela sorriu com sinceridade —, claro que não... só que... bem, minha mãe, como lhe disse, é um tanto antiquada... se ela em algum momento se mostrar inconveniente...

— Você lhe contou que eu viria?

— Sim, contei... disse que hoje teríamos um amigo para o almoço.

— E ela?

— Oh, não se opôs... ela não se opõe... só lhe peço para relevar alguma excentricidade da parte dela...

— Não se preocupe — eu disse com um sorriso amplo e um gesto taxativo de mãos para descontrai-la —, se é só por isso, não se preocupe porque se há uma coisa que eu sei é compreender as pessoas idosas. Dou-me bem com elas, não há por que você ficar apreensiva.

Helenice não pareceu menos tensa, mas juntou as mãos fechadas no peito e sorriu.

— Então vou lá dentro... dizer que você já está aqui. Ela pediu-me para levá-lo, quando chegasse — e saiu.

Sentei-me outra vez enquanto a esperava retornar.

Livia não acompanhou a mãe — permaneceu sentada, e percebi que me observava. Sorri-lhe e estendi a mão para ela.

— Vem aqui — eu convidei, e ela se levantou vindo em minha direção. Tomei suas mãos entre as minhas com o coração afogueado, e perguntei: — Diga-me... ela... a sua avó... não vai brigar comigo, não é?

Livia moveu a cabeça, baixando os olhos. “É um pouco ranzinza às vezes” disse, “mas... não é má” — foi engraçado como me pareceu que Livia esforçava-se por dizer aquilo. A frase não lhe saía com naturalidade, e por um momento pareceu-me que ela desejara alertar-me contra a avó como numa súbita revelação: ela é má, sim, muito má!, mas ficou nisso e manteve os olhos baixo, deixando as mãos entre as minhas.

— E você? — eu perguntei.

— Eu? — ela sorriu sem compreender. — Que tem eu?

— Você é boa ou má? — eu falava como se brincasse com uma criança de sete, oito anos, desajeitado e ridículo, consciente de minha tolice.

— Sou... — ela começou com um sorriso desembaraçado. Fez uma pausa, e no ar de seu rosto pensei ter percebido algum traço de malícia — ...sou como você quiser.

Senti um abalo por dentro, pois uma frase assim permitia-me inferir qualquer coisa que minha fantasia de apaixonado desejasse.

— Como eu quiser? — disse, baixando a voz.

Ela confirmou com a cabeça, encarando-me ainda sem nenhum constrangimento.

— E — comecei, baixando mais a voz, e então começamos a conversar baixinho — se... se eu quiser... tudo... de você?

— Tudo?

— Tudo.

— Tudo o quê?

— Tudo.

Lívia baixou os olhos com um meio sorriso, esteve assim alguns momentos, “está bem” disse num quase sussurro, pondo-se séria como se não soubesse exatamente o que dizia nem com o que concordava.

Apertei delicadamente seus dedos, e ia acrescentar alguma coisa quando Helenice entrou de volta na sala. Ouvindo seus passos, volvei-me para ela, ainda segurando as mãos de Lívia... teria sido impressão minha, ou de fato vislumbrei uma sombra, uma contração de descontentamento em seu rosto? Sim, o princípio de sorriso com que iria convidar-me a acompanhá-la ao quarto da mãe desfez-se, refez-se pouco espontâneo, e eu, compreendendo, ergui-me.

— Vamos lá — eu disse. E para Lívia, como se falasse a uma criança: — Vamos enfrentar a vovó.

E saí da sala na companhia de Helenice. Cruzamos um longo corredor largo e iluminado pelo sol que entrava por uma fileira de vidraças altas e estreitas, ao fundo do qual abriam-se portas para cômodos diversos, um dos quais uma espécie de saleta interna, sem janelas para fora, que devia de ordinário permanecer na penumbra. Dessa saleta passava-se a outro corredor, alcançando-se a partir daí, no outro extremo da casa, o quarto da avó.

A avó era uma mulher de sessenta e nove anos quase entrevada devido a um reumatismo crônico, e por causa da doença passava as manhãs na cama. À tarde costumava levantar-se, ia até a sala; se havia sol aventurava-se aos fundos da casa, mas nos dias frios agravava-se o mal, aumentava a dor e a velha permanecia deitada sem ânimo para sair de sob as cobertas. Tinha os cabelos totalmente brancos e aparentava pelo menos dez anos mais, tão magra e tão vincada a pele das faces. Não era tola, no

entanto: sua voz — a expressão de suas palavras, a firmeza com que falava — tinha uma entonação segura, e seu olhar verde líqüido mostrava-se atento como se nada à sua volta lhe pudesse escapar.

Foi com esse olhar que me deparei, mal entrei no quarto: uma luz baça atravessava o tecido fino da cortina corrida sobre a vidraça e caía sobre seu rosto. Os olhos verdes pareciam velados, mas logo descobri nessa primeira impressão uma sutil armadilha: fixaram-se em mim com uma avidez que chegou a incomodar-me, enquanto eu avançava para ela e estendia a mão. A velha tocou debilmente a ponta dos meus dedos e recolheu o braço sob o lençol como se sentisse frio, ainda que, fora, fizesse bom tempo. Indicou com o queixo uma cadeira, e eu me sentei desviando os olhos para o chão, satisfeito por ter um pretexto para deixar de encará-la.

— Então é o Sr. Mário — ela disse continuando a fixar-me e franzindo um pouco a testa, como se fizesse algum esforço para isso.

— Mário de Castro, senhora — respondi um pouco apressado —, é com grande satisfação...

— Talvez, talvez — interrompeu-me, e por mais alguns segundos ficou observando-me como se eu fosse uma peça de museu ou um bicho curioso. Depois voltou-se para a filha. — Helenice, termine de preparar o almoço enquanto eu converso um pouco com o senhor Mário. Creio que logo estaremos todos famintos, o senhor não acha? — disse voltando-se para mim, fingindo uma bonomia que estava longe de possuir.

Helenice saiu deixando-nos a sós, e durante os minutos seguintes a velha inquiriu-me sobre minha vida como se desejasse conhecer o máximo de mim no menor tempo possível. Mas não se mostrou inconveniente como temi no começo: fazia perguntas discretamente e parecia satisfeita com as respostas. Assim foi enquanto falamos de mim. De súbito, quando eu discorria sobre os passatempos de minha predileção (e nunca entendi por que ela quisesa saber uma coisa dessas — perguntara-me até se eu tinha o hábito de jogar pingue-pongue e cartas), interrompeu-me com uma revelação crua e direta que me deixou perplexo:

— Minha filha foi infeliz no casamento, Sr. Mário — e vi seu olhar líqüido crescer para mim, estudando minha reação. — O marido era um animal, espancou-a e humilhou-a muitas vezes; por fim morreu, como bem merecia.

No primeiro momento não compreendi bem, e não tive tempo de refletir, pois nem bem fez uma pausa breve, acrescentou no mesmo tom direto e cortante:

— Portanto, Sr. Mário, se o senhor tem alguma intenção com relação a Helenice, não se esqueça do que acabo de lhe revelar.

De pasmo que me encontrava, fiquei irritado e lhe respondi com rispidez, ainda que sem alterar em nenhuma frase o tom de minha voz:

— Suas revelações, senhora, não reproduzem o que Helenice me contou acerca do mesmo tema. Creio que se tenho de acreditar em alguém, ela me parece conhecer mais sua própria vida... e principalmente não teria motivo algum para mentir, já que tudo que me disse fê-lo por vontade própria, e não por eu me ter imiscuído em seus assuntos particulares.

A velha não se perturbou. Eu sabia da inconsistência de meu argumento, afinal alguém pode mentir por infinitas razões, mas preferi demonstrar a mesma segurança diante dela.

— Não creia em tudo que ela lhe disser, Sr. Mário — a velha disse em tom de advertência —, minha filha, conquanto à primeira vista não pareça, é uma pessoa altamente insegura, sofre dos nervos, e o que o marido lhe fez passar tornou-a de insegura em emocionalmente desequilibrada. Não a quero ver sofrendo mais.

— Não pretendo fazer sua filha sofrer, senhora. Somos apenas amigos.

— Por enquanto, Sr. Mário — ela observou ainda, com acidez —, pois ela bem pode estar com alguma intenção a seu respeito — e estendendo a mão para mim: — Agora, ajude-me a levantar. Meu reumatismo mata-me, o senhor não imagina. Preciso preparar-me para o almoço, afinal hoje é um grande dia: temos visita. O senhor calcula há quanto tempo não temos visita para o almoço?

Ajudei-a a levantar-se, fiz um gesto de cortesia e saí do quarto, perturbado. Lívia e Helenice, fui encontrá-las na sala de jantar. Lívia folheava uma revista enquanto Helenice punha a mesa do almoço. Não percebeu quando entrei, e pude observá-la por alguns momentos: dir-se-ia que punha naquilo de preparar a mesa um carinho especial, via-se em sua face uma expressão de ternura que ainda não lhe conhecia; notando minha presença ergueu o rosto encabulada e pôs-se vermelha. Por um momento desejei ter presenciado aquilo na filha e não na mãe, e senti uma pontada de tristeza: aquela seria uma boa mulher para mim se eu a pudesse amar e, principalmente, se Lívia não existisse. Mas, para tormento de todos nós, Lívia existia... e com que força, com que vitalidade existia!

O almoço transcorreu sem incidentes; contudo o clima não era o mais animado, apesar do esforço de Helenice. A velha parecia um tanto carrancuda, quase não falou e olhou-me de um modo especial quando Lívia pediu que alguém lhe passasse a travessa com o frango e eu o fiz prontamente. Lívia não se havia dirigido a ninguém em particular, “alguém me dê a travessa de frango, por favor” ela dissera; Helenice olhou-a com má vontade, a velha permaneceu imóvel, restando eu apenas para atender à menina. De pé, segurei a travessa e lhe disse com um paternalismo visivelmente falso:

— Que pedaço nossa menina escolhe?

Lívia olhou-me com um sorriso infantil (que para mim teria mais de dissimulado que de infantil) e apontou para dentro da travessa. Servi-a e voltei a sentar-me. Nada disso passou despercebido à velha, que, no entanto, permaneceu calada. Helenice olhou a filha com ar de censura (eu diria de ciúme, e não estaria errado em afirmá-lo), e sua expressão tornou-se azeda. Lívia baixou os olhos envergonhada. Fingi não perceber, e encetei uma conversa sobre qualquer assunto a fim de descontraír os ânimos.

Durante a tarde assistimos um pouco de TV, e como o sol estivesse forte fomos para o jardim nos fundos da casa. Havia aí um puxado com uns banquinhos de madeira, e em volta e por cima umas buganvílias cresciam, formando uma latada. Acomodamo-nos nesses banquinhos e ficamos conversando durante muito tempo; até a velha, com seu ar de mau humor, participou da conversa com alguma desenvoltura, e, como fazem todos os velhos, falou de sua juventude, dos costumes da época, de o quanto as mulheres eram mais decentes então e as meninas menos travessas e maliciosas.

Eu olhava freqüentemente para Lívia, por momentos esquecia-me das outras duas para gozar o encantamento que advinha de sua figura entre infantil e adulta, com seu tanto de angelical e ao mesmo tempo de sensual, comprazendo-me em buscar na criança os sinais da mulher, na menina os indícios da fêmea. “Não é uma criança” eu dizia comigo mesmo, “já tem treze anos, fará catorze em breve. É quase uma mulher”, e, mais no profundo de meu íntimo, surdia um outro pensamento, uma intenção, “eu a farei mulher”. Num desses momentos voltei distraidamente o rosto e dei com o olhar da velha, que refletia minha alma como um espelho a luz da tarde, pois para espanto meu ela parecia ter compreendido o que se passava comigo. Sorri-lhe para demonstrar que sua desconfiança não tinha sentido e, com dissimulação, comentei a tarde anterior na praia, propondo para o próximo final de semana um novo passeio.

— Desta vez podíamos ir até Paquetá — eu sugeri.

Em casa repassei mentalmente aquele inusitado domingo, e meu pensamento se ocupou de questões que se contrapunham: de um lado meu diálogo sussurrado com Lívia na sala de estar, as insinuações que eu havia feito e que sem dúvida ela havia compreendido finalizando com uma aquiescência de sua parte, “está bem”; e do outro, todo o resto: a visível má vontade de Helenice em relação a Lívia, o que me fora revelado pela velha sobre o mau casamento da filha e tudo mais.

Concentrei-me em Lívia, e tendo como certo que em nosso curto diálogo havia algo de decisivo, não tive dúvidas de que ela seria minha, e talvez em muito breve.

Apesar disso incomodava-me a idéia de que a velha não me havia dito tudo naquele primeiro encontro a sós em seu quarto, bem como a necessidade de saber até que ponto ela estaria desconfiada de minhas verdadeiras intenções, e naquela mesma semana fui procurá-la. Como Helenice saísse do trabalho somente às seis horas, preferi chegar por volta das quatro para ter algum tempo de sobra, e quem veio receber-me foi Livia, com um caderno nas mãos.

— A mamãe não está — ela disse voltando para dentro enquanto eu a acompanhava. Sentou-se no sofá e puxou para perto de si um livro, que passou a folhear com atenção.

— Eu sei — respondi, de pé junto à porta —, vim para conversar com sua avó.

— Vovó? — levantou os olhos do livro. — Deixe-me ir avisá-la.

Um minuto depois Livia retornava, e enquanto se debruçava novamente sobre o livro disse com um gesto na direção do corredor, sem olhar-me:

— A vovó disse para você ir ao quarto dela.

Fiquei perplexo com a quase indiferença com que Livia me recebera, e então tive dúvidas acerca do que havia me dito naquele mesmo sofá no domingo anterior, enquanto eu lhe segurava as mãos! Tratava-me simplesmente como alguém conhecido há tanto tempo que a presença deixava de ser uma novidade e o hábito tornara corriqueira. Detive-me um minuto observando Livia que parecia esquecida de mim, enquanto me perguntava se aquilo não seria uma espécie de “joguinho” dela para instigar-me. Talvez ignorando-me deliberadamente esperasse uma aproximação, uma palavra mais afoita, qualquer iniciativa de minha parte. “Será isso?” pensei com os meus botões, e então ela deu comigo ainda de pé junto à porta do corredor, olhando-a.

— Não vai falar com a vovó? — perguntou-me, e eu, sem graça, entrei pelo corredor em direção ao quarto da velha.

— Estou surpresa, Sr. Mário — ela me disse sob o lençol quando cheguei à porta. Sorriui: — Veio consolar um pouco a solidão de uma pobre velha? Ah, o senhor não sabe o que passo nesta casa tão grande, às vezes, sem ter ninguém para conversar. É verdade que minha neta está aí quase todo o tempo, mas é apenas uma menina, o senhor compreende, meninas querem estar com outras meninas, com gente de sua idade, não é mesmo?

A mãe de Helenice era uma mulher de grande argúcia conforme eu já havia observado. Revelava-se agora a fina ironia de que era capaz: ela sabia que eu não estava ali apenas para lhe ser agradável, e eu, como não tinha a intenção de parecer sutil — poderia, por exemplo, ter levado flores, ou uma caixa de bombons, um livrinho de versos desses que agradam às velhas —, aparecia à sua frente de mãos vazias. Além disso ela lançava

aquela espetadela final: meninas gostam de estar com alguém de sua idade, dando a entender (eu supus ao ouvi-la) que já havia percebido qualquer “segunda intenção” nos olhares profundos que eu dirigia à neta.

— Bem sabe, senhora, que o motivo que me traz... — eu gaguejei, desajeitado, momentaneamente sem saber o que fazer com as mãos. Por fim enfiei-as nos bolsos, e antes que ela me oferecesse tomei de uma cadeira e sentei-me.

— Sei a que vem, Sr. Mário — disse ela —, pelo menos imagino.

— Pois então esclareça-me. Desde domingo sinto-me confuso.

— Antes responda-me, Sr. Mário: o que de fato o senhor pretende nesta casa?

— Devo responder a essa pergunta? Francamente...

— Quando se fazem perguntas — ela retrucou —, às vezes temos de conceder algumas respostas. Saiba que não estou convencida de que vem a esta casa apenas como amigo. E estou quase certa de uma outra coisa...

— E do quê?

— De que se há algum interesse além da pura amizade, ele não está voltado para minha filha. E muito menos para esta velha que lhe fala...

Senti-me gelar por dentro, e fiz um esforço enorme para manter a situação sob controle. Confirmava-se: a velha adivinhara! Só de espreitar meus olhares furtivos na direção da neta naquela única tarde de domingo ela havia percebido! Creio que meu rosto, ao ouvir sua afirmação taxativa, não se alterou, embora eu me tenha sentido ligeiramente perdido. Logo recobrei o sangue frio, e sorri:

— Bem, talvez a senhora possa dizer-me para onde estão voltados os meus interesses, pois eu mesmo ainda não sei do que está falando.

Mas a velha era esperta o suficiente para não aceitar o meu lance na partida que havíamos começado a jogar. Mudou o rumo da conversa para o tema inicial que, contudo, nem sequer fora mencionado mas que já estava latente em nosso diálogo.

— No outro dia, Sr. Mário, quando lhe falei para não acreditar em tudo que minha filha lhe dissesse, desejei preveni-lo contra enganoso. Helenice casou-se muito jovem, já grávida, de modo que pouco antes de completar vinte anos era mãe. Nos quase quatro anos que permaneceu casada, sofreu todas as humilhações que uma mulher pode sofrer nas mãos de um canalha: desde ofensas em público até agressões físicas, a ponto de seu casamento tornar-se insustentável. Por fim resolveu separar-se do marido, pois tinha seu emprego, ganhava relativamente bem e não precisava daquele traste para nada. Veio para esta casa com a filha, e trouxe apenas suas roupas e alguns objetos de uso pessoal. Mas não era ainda aqui que ela teria paz, pois o marido não se conformava de ser abandonado e vinha persegui-la, espancá-la e provocar escândalos à minha porta. Recorremos à polícia e à justiça, inutilmente, e como a

situação já se estendesse por muito tempo (quase um ano se passara desde que ela deixara o marido — quase um ano de redobrados sofrimentos com esse homem perverso que não poupava nem a ela, nem a mim) eu resolvi tomar uma providência.

— Uma providência? — eu disse espantado com suas revelações.

— Talvez o senhor não queira realmente ouvir que providência eu tomei, ou não vá querer que eu diga com todas as palavras. Importa apenas saber que depois disso não fomos mais importunadas por ele. Aliás, ele nunca mais apareceu, e quando alguém deu por sua falta e veio fazer perguntas, não sabíamos de nada, nenhum esclarecimento tínhamos para dar; aliás, esclarecimentos era o que também queríamos. “Afim” eu disse ao homem que, de pé em nossa sala, nos questionava, “somos mulheres e ela tem uma filha dele. O mínimo que ele podia fazer pela filha era ajudar a mantê-la em suas necessidades”, e isso foi o bastante para não sermos mais molestadas.

Terminando de falar, a velha cravou-me seus olhos agora duros e frios como duas contas de vidro. Aquela revelação assombrava-me, e não era preciso que falasse mais para eu compreender. “Sim, ele morreu como bem merecia” eu pensei, relembando a frase da velha em nosso primeiro encontro. Aturdido, levantei-me para ir embora, mas a velha alcançava-me na porta com uma nova revelação:

— Minha filha o ama, Sr. Mário.

Parei e voltei-me. Sob os lençóis, a velha era um monte de ossos ressequidos como se a única coisa viva ali fossem os olhos.

— Apaixonou-se por si — ela prosseguiu —, o que é natural numa mulher nova e, principalmente, só.

— Eu, bem...

— Se não a pode corresponder, vá embora desta casa — disse em tom de advertência, e o que acrescentou deixou-me ainda mais aturdido: — Aquela menina lá na sala não tem ainda catorze anos. É jovem demais, mas em breve, como qualquer menina, terá seu primeiro namoradinho, um coleguinha de escola talvez. Que esperanças o senhor acha que poderá ter?

— Não compreendo — gaguejei, perdido diante da velha.

— E se bem conheço minha filha, Sr. Mário — ela prosseguiu como se não me tivesse ouvido —, ela será capaz de qualquer coisa para conseguir aquilo que não chegou a conhecer e julga ao alcance de sua mão. E eu... bem, sou uma velha entevada que morre de dores todos os dias... que poderei fazer se Helenice resolver “lutar”?

Movi a cabeça num gesto de assentimento e saí. Na sala, sem ser notado por Lúvia, observei-a concentrada na leitura de seus cadernos. Vez por outra fazia uma anotação, passava a página do livro à sua frente, apagava algum erro, e retomava a leitura atentamente. Fiz algum barulho para que ela me percebesse e me encaminhei para a saída.

— Já estou indo — disse abrindo a porta.

Ela mal levantou os olhos do caderno.

— Hum-hum.

Fiquei indeciso, e antes de sair perguntei:

— Então sábado, o passeio a Paquetá...

Ela olhou para mim como se eu de fato não estivesse ali, tão absorvida se achava nos estudos, mas aos poucos pareceu retornar à realidade.

Deu de ombros:

— Mamãe é quem sabe.

Encarei-a esperando mais, um sorriso, um olhar mais terno, “um gesto de comiseração” eu pensei, pois eu acabaria enlouquecendo com aquela indiferença. Ora, havia momentos... “houve momentos aquele dia na praia” eu pensei, “e no domingo em que cá vim almoçar... um jeito de olhar... nossa conversa cheia de cumplicidades quando eu lhe disse claramente que... coisas que me podiam propiciar alguma esperança”... mas essa súbita indiferença desnorteava-me. Então pensei no que a velha me dissera quando eu me preparava para deixá-la, poucos minutos atrás: “...em breve, como qualquer menina, terá seu primeiro namoradinho, um coleguinha de escola, talvez”, e me dei conta de que era isso, devia ser isso: um namoradinho na escola, eis a razão daquela indiferença. Talvez estivesse dividida entre mim e o menino, ou mesmo quem sabe escolhera o menino, o coleguinha de classe, para não interferir entre mim e sua mãe; sim, eu refletia aos trambolhões naquele curto minuto em que permaneci junto à porta, olhando para ela. “Então existe um namoradinho na escola...” eu tive, enfim, a certeza.

— Está bem — disse então —, fale com ela. Venho outra hora, ou então telefono para confirmar.

E saí.

Eu agora tinha uma nova preocupação: havia um garoto na escola de quem Livia gostava. Sim, ia fazer catorze anos em duas ou três semanas, entrava na fase da descoberta do desejo, do amor, e era justo que se interessasse por um menino igual a ela. “Meninas querem estar com alguém de sua idade” martelava-me a frase. Eu havia conhecido diversas meninas nessa idade (“Um pouco mais velhas, talvez” concedi, “de quinze, dezesseis... mas não muito mais velhas.”) cujo desejo já não era nenhuma novidade, e o sexo uma atividade trivial — feito meio às escondidas em troca de uma nota de cinquenta ou de uma tarde num *shopping*, mas ainda assim trivial. Por que Livia devia ser diferente? Bem, acreditava que ainda fosse virgem (fazia empenho nisso, pois eu queria ser o primeiro, em meu arrebatamento desejava ser o único), seria virgem, mas não por muito tempo, e se eu não tomasse uma providência “chegaria tarde demais”. A

palavra providência trouxe-me à lembrança a providência tomada pela mãe de Helenice quanto ao marido indesejado que perseguia a filha, e estremeci: onde, afinal, eu estava me metendo? Aquela velha mandara matar o homem, fizera questão de deixar isso claro ainda que não o dissesse com todas as letras. Por que me revelara esse pormenor? Apenas para dar uma idéia mais exata da tragédia de Helenice, ou para insinuar que esse poderia ser meu fim se eu levasse nova desgraça à sua casa? E por que me advertira, dizendo que Helenice seria capaz de qualquer coisa para se assegurar a posse de algo que até então não tivera?

Nunca cheguei a descobrir se a velha quisera mesmo fazer uma insinuação quanto a mim ao falar na morte do genro, mas a resposta a essa última pergunta foi estarrecedora.

Durante a noite tomei uma decisão que pus em prática pela manhã: fui para as proximidades da escola de Lívia e me coloquei à espreita. De onde estacionara podia ver com clareza — e sem ser percebido — o pátio e as crianças que brincavam antes da aula. Avistei Lívia num grupo de meninas, mas um minuto mais tarde o sinal tocou e a criançada correu para entrar em forma. Logo as turmas se encaminhavam para as salas e eu tive de esperar a hora do recreio. Por volta das dez horas ouvi outra vez o sinal e logo a algazarra dos alunos descendo para o pátio encheu a rua. Foi então que vi aquilo que na verdade eu desejava e ao mesmo tempo temia ver: Lívia apareceu no pátio ao lado de um adolescente imberbe que devia ter quando muito um ano a mais que ela. Creio que se não a tivesse visto com o menino a dúvida teria sido mais cruel que a certeza, e agora que posso pensar com calma no que aconteceu chego a achar tudo isso engraçado. Às vezes preferimos uma certeza que nos fira de um só golpe a uma dúvida que fique em nossa cabeça, como verruma. Hoje, que consigo ter alguma clareza de idéias, compreendo que o fato de Lívia estar conversando com o menino durante o recreio — mesmo quando ele lhe tomou as mãos, que ela recolheu prontamente; e ele insistiu, tomando-as de novo, que se deixaram nas dele; e mesmo no momento em que, antes de entrarem outra vez para a aula, ele a beijou delicadamente na face (enquanto no carro, excitado e nervoso, eu me masturbava, desejando furiosamente sodomizar a ambos) — não significava necessariamente interesse da parte dela. Naquela hora, porém, Lívia se transformou aos meus olhos: já não era a menina que eu amava, mas uma puta — uma putinha, ainda que virgem — que eu queria para mim. “Sim” eu dizia enquanto me masturbava dentro do carro, “uma putinha, pois não se insinuou para mim? Não disse que sabia fazer almôndegas? Não se deixou abraçar diversas vezes e não sorriu com cumplicidade, e não disse que era do jeito que eu queria? Ah!... Vadiazinha! Vadiazinha!...” Então voltei para casa certo de que devia tomar uma atitude drástica, embora não soubesse ainda qual.

Somente no sábado à noite falei com Helenice por telefone, quando combinamos o passeio a Paquetá para o dia seguinte bem cedo. Helenice pareceu-me feliz com a idéia, e eu fingindo despreocupação lhe referi minha ida à sua casa na quarta-feira à noite.

— Sua mãe lhe falou? — perguntou.

— Lívia falou-me antes — ela respondeu. — Por que não me esperou?

— Não podia ficar até tarde... aliás, fui porque fiquei curioso com sua mãe.

— Curioso?

— Sim — e então comecei a imaginar algo para dizer, porque com certeza a velha não lhe revelara nossa conversa. — Eu estava sem fazer nada naquela tarde, e, confesso, desejei conversar com sua mãe porque...

— Porque...

— Bem, não leve a mal, mas... ela me parece bem excêntrica — e a ouvi rir do outro lado da linha —, sim, mais excêntrica que doente. Garanto que metade de seu reumatismo faz parte de sua excentricidade.

Helenice ria.

— Eu às vezes penso o mesmo — ela disse por fim. — E olhe que já disse isso a ela uma vez.

— E o que ela respondeu?

— Faltou pouco espancar-me — disse num exagero feminino. — “Que você nunca tenha de passar pelo que eu passo” ela falou.

Continuamos por algum tempo falando das manias da velha, e quando desliguei o telefone e me estiquei na cama todo meu pensamento voltava-se para as delícias do passeio programado. Temporariamente pelo menos eu me havia esquecido do namoradinho de Lívia; de qualquer forma, apesar do abalo que sofrera ao vê-los juntos no pátio da escola, de mãos dadas, a “trocar segredinhos”, ainda não decidira que atitude tomar. E as preocupações se desvaneceram naquele ínterim com as perspectivas do dia seguinte.

— Como! Lívia não vai conosco! — e eu temi ter-me mostrado mais aborrecido do que devia. Helenice parecia também aborrecida e não disse nada. — Onde está a menina, Helenice? — eu perguntei, amaciando a voz.

— No quarto — ela respondeu com secura.

— Ela não quer ir?

Helenice deu de ombros.

— Vou falar com ela — disse, e segui na direção do quarto de Lívia.

— Espere — e quando me virei Helenice vinha para mim rapidamente, parando a um passo, com os olhos cheios de ansiedade. — Espere... eu vou chamá-la...

Passou por mim, e já na porta do corredor voltou-se:

— Se você faz tanta questão de que ela vá...

— Sim, claro... uma criança! Onde já se viu passar o domingo dentro de casa? — pareceu-me pela primeira vez que, concretamente, Helenice começava a ter ciúmes da filha.

Durante a travessia as duas permaneceram na amurada olhando o mar. Eu, com certo abatimento, passei quase todo o tempo sentado, observando-as e pensando. Então sobreveio-me, em todos aqueles dias aflitivos e confusos, um instante de lucidez: estava na hora de afastar-me tanto da mãe quanto da filha. Uma eu não poderia amar, a outra não passava de uma pré-adolescente e não seria sensato fazer conjecturas sobre o futuro ao seu lado, e então isso me pareceu muito claro, muito óbvio. Ali estava, diante dos meus olhos, a verdade que eu me recusara até então a reconhecer, e olhando mãe e filha na amurada perguntava-me se era justo destruir aquela família por causa de um sonho absurdo. O momento de lucidez, contudo, foi passageiro, e deu lugar mais uma vez ao desatino: se eu me afastasse delas agora, não estaria deixando escapar a grande oportunidade que esperava? Não era o amor que eu tinha em mente? A realização do sonho, um lar, uma mulher (Lívia) que me amasse e por quem eu estaria sempre apaixonado? Não! A mãe eu saberia dobrar quando chegasse a hora, e o “namoradinho” não seria um empecilho sério (Lívia dera “demonstrações”, havia dito “está bem”, eu não podia estar enganado, certamente queria-me, mas como toda menina — como toda mulher — “fazia gênero”, fingia indiferença apenas para atizar-me os sentimentos, quem sabe esperando que eu tomasse logo uma atitude; não fosse isso — eu concluía com agudeza meu raciocínio — talvez Helenice nem encontrasse motivos para sentir-se enciumada, e assim pensando a verdade passava a ser essa, sim, pois que razão levaria Helenice a sentir ciúmes se já não tivesse descoberto o interesse de Lívia por mim?, e por aí afora ia eu avançando em minhas desvairadas considerações).

Penso que foi naquele passeio a Paquetá que a tragédia começou a precipitar-se. Se no domingo anterior provoquei em Helenice algum ressentimento devido à atenção e ao carinho suspeito com que tratava Lívia (incluindo o momento em que nos surpreendera de mãos entrelaçadas a confabular baixinho na sala de estar), naquele dia consegui exacerbar seu ciúme e o começo de seu ódio pela filha.

Como descrever aquele domingo?

Assim que chegamos criou-se um impasse: para onde iríamos? Eu não opinei no início, deixei Helenice escolher o lugar, totalmente reprovado por Lívia, que preferia ficar mais distante do amontoamento de banhistas. Helenice insistiu em ficarmos ali mesmo, e quis impor sua vontade à menina, enfiando na areia o guarda-sol e desdobrando a tolha. Lívia, contudo, não se deu por vencida, “eu não vou ficar aqui” disse, e saiu

caminhando com suas coisas à procura de um ponto que lhe agradasse. Disse a Helenice que não devíamos deixá-la só; ainda que o lugar não oferecesse nenhum perigo era nosso dever estar sempre ao lado dela, ao que Helenice replicou com azedume:

— Parece-me que a vontade dela é mais importante que a minha.

Vi, por essa resposta, que ela ainda se mostrava aborrecida por eu ter insistido para que Livia nos acompanhasse. Não só estava aborrecida: ainda que não quisesse revelava seu ciúme e agia com a insegurança de uma menina, coisa que absolutamente eu não esperava (se é que o podia esperar numa mulher madura) desde tão cedo. Disse-lhe contudo que não estava ali para julgar qual vontade devia prevalecer, mas se a menina viera conosco, devia ficar conosco, e se ela, a mãe, não conseguia impor sua autoridade, então nós a devíamos obedecer. Disse-o sem refletir, e de forma muito direta, o que a magoou. Sem retrucar, dobrou novamente a toalha, apanhou o guarda-sol e saiu caminhando na mesma direção por onde Livia fora um instante atrás. Irritado a segui, sem fazer questão de caminhar ao seu lado, já prevendo um domingo cheio de rugas, muxoxos e caras amarradas.

Livia havia estendido sua toalha num ponto da praia praticamente vazio, e quando chegamos estava sentada olhando o mar.

— Bem — eu disse com um sorriso largo para descontraír os ânimos alterados —, aqui estamos, todos juntos! — e para a menina: — Que tal, Livia?

— Por mim — disse com desdém, sacudindo os ombros.

Helenice olhou-a com aborrecimento, abriu o guarda-sol e estendeu a toalha. Após passar o bronzeador, deitou-se sem falar a nenhum de nós dois e fechou os olhos. O pensamento que me passou então pela cabeça — o forte e absurdo desejo que senti — foi que uma onda enorme viesse e arrastasse Helenice para o fundo, arrebastasse seu corpo contra as pedras da enseada. Se isso acontecesse, oh, que formidável seria, pois seria a liberdade, seria ter Livia para mim sem nenhum embaraço!

Nenhuma onda veio — não há ondas em Paquetá —, Helenice continuou ali, deitada e ignorando-me, enquanto Livia, imperturbável e linda, levantava-se — a pele bronzeada, nela a destacar-se a brancura do biquíni — e caminhava para a água.

...mas sobreveio sim, uma onda — uma outra e poderosa onda — de paixão e desejo, senti-me sufocar, o coração a querer sair-me pela boca enquanto a menina movia-se, leve, a leveza da extrema juventude, a beleza que meu amor lhe acrescentava. E assim a vi distanciar-se, entrar na água, mergulhar, voltar à tona, jogar o cabelo para trás riscando o ar com um arco luminoso de gotas d'água, e voltar para onde estávamos, mais bela, mais minha...

O domingo, contudo, mal começava. A irritação de Helenice não poderia durar muito e logo ela se mostrou alegre novamente, iniciando uma conversa comigo para a qual tentou trazer a filha. Lívia, porém, mantinha-se afastada; Helenice não deu importância e continuou tagarelando. Falou por muito tempo, fazia-me perguntas sem esperar qualquer resposta, mudava de assunto a todo momento e sempre queria saber minha opinião; se eu opinava, ela dizia “Você acha?” e franzia a testa olhando-me com fingida surpresa, como se minha opinião lhe parecesse profunda ou inusitada, mas não se preocupava com aquilo por muito tempo enveredando logo noutro tema; expunha-o então com abundância de palavras e trejeitos com a boca, desejando — penso eu — parecer interessante ou inteligente e consultando-me outra vez, e por aí afora, como se falar fosse para ela uma necessidade irrefreável. Aquilo me pareceu um sintoma de descontrole nervoso (ou mais, um sintoma de desequilíbrio mental, pois não era preciso ser muito arguto para perceber que Helenice não era mentalmente sã e que talvez sua insanidade só precisasse de um estímulo para manifestar-se), mas nada fiz para contê-la, e minhas respostas curtas creio que até a estimulavam a prosseguir. A certa altura calou-se por um ou dois minutos, e disse:

— Estar aqui é bom — e, olhando-me: — estar com você é bom — sorriu. Apontou para uma ilha à nossa direita: — Desejava estar lá sozinha, sem mais ninguém na praia, deitada, e de repente perceber alguém caminhando para mim. Então quando eu olhasse, era você que vinha.

Com essas palavras Helenice esperava uma resposta que completasse seu pensamento. Eu poderia ter dito: “Da próxima vez viremos só nos dois, e então será como você quer”, ou então: “Imagine que está lá, e que alguém está mesmo indo em sua direção. Serei sempre eu indo em sua direção. Olhe, já estou aqui”, e como nesse momento Lívia se houvesse afastado, eu poderia reclinar-me e beijá-la. Mas não fiz nada disso. Nem mesmo sorri: apenas olhei para frente e disse, prático:

— Já não se pode estar só numa praia — fiz um gesto indicando à nossa volta. — E essas ilhas, de um modo geral, têm dono, não é possível ir lá.

É claro que tal observação não poderia deixar de causar efeito: Helenice soltou um muxoxo, fechando os olhos de novo, aborrecida, e eu ri silenciosamente voltando o rosto noutra direção.

— Vou comprar refrigerantes em lata — disse em seguida. — Tem alguma preferência? — ela fez que não com a cabeça, sem abrir os olhos, e como Lívia estivesse de volta, chamei por ela: — Vamos comprar refrigerantes?

A menina sorriu e acompanhou-me. De mãos dadas, segui feliz pela areia ao lado dela. Tive vontade de olhar para trás, quase certo de que

Helenice nos observava, mas olhar seria denunciar-me, por isso continuei firme e, para agravar a situação, passei o braço pelos ombros de Lívia, que não se opôs e encostou o corpo molemente no meu.

Quando retornamos com os refrigerantes Helenice recusou-se a beber, e a partir de então surpreendi-lhe diversos olhares irritados na direção da filha — confirmando que ela me vira de mãos dadas com Lívia e depois abraçá-la. Quis, porém, desfazer a má impressão, esforcei-me por parecer inocente e comecei a conversar com ela para distraí-la; falei de mim, de meus projetos para aquele ano, da intenção de viajar em julho para a Itália, “já tracei até mesmo um roteiro turístico, e pensava levar alguém comigo”, mas não consegui interessá-la no que eu dizia. Faziam-me mal sua indiferença, suas respostas desenxabidas (quando havia respostas), e, principalmente, a maneira como olhava a filha. Esses olhares aconteciam quando a menina se virava para a mãe, dizia qualquer coisa interrompendo-me e, logo em seguida, voltava-se para outra direção: então Helenice olhava Lívia pelas costas muito rapidamente, o rosto feito pedra, a expressão carregada, os olhos brilhantes — e o sentimento que havia neles era ódio.

Assim transcorreu a manhã, e se por um lado preocupava-me o clima de mal-estar que se formara desde cedo, cujo centro havia mudado de uma para outra no transcurso dos incidentes; por outro exultava com aquele breve contato com o corpo da menina, quando caminhamos abraçados. Durante o almoço Helenice esforçou-se por se mostrar mais amigável, sorriu-me e seus olhos se aveludavam ao fitar-me. Vi neles um sentimento que não queria ter visto: amor, mas — e me vinham as palavras da mãe — era um amor resoluto e belicoso, incapaz de conhecer limites, e que somente se deteria ao alcançar o objeto de seu desejo. Num instante ocorreu-me que ela seria capaz de sacrificar a filha para obter esse amor, ou então ambas seriam destruídas. Desistir — mesmo que lhe parecesse natural um envolvimento entre mim e Lívia — era algo a que ela não estaria disposta. Houve um momento antes da sobremesa em que Lívia levantou-se para ir ao lavatório e Helenice aproveitou para fazer-me uma pergunta direta, enquanto estendia a mão através da mesa, sobrepondo-a à minha:

— Que tipo de mulher lhe agrada?

“Jovem” eu pensei responder, “bem jovem, bem morena, cabelos encaracolados e longos, e muito linda”, pois essa era, em traços rápidos, a descrição de Lívia. Mas não disse isso, nem algo parecido. Pensei um momento antes de responder:

— Compreensiva — disse ao fim de um minuto, e com delicadeza desvencilhei-me de sua mão, apertando-a primeiro entre as minhas e em seguida deixando-a inerte sobre a mesa para apanhar com o garfo mais um pedaço de carne na travessa.

— Não — ela disse sem perceber minha manobra —, eu quero dizer, qual o tipo físico?

Mais uma vez resisti ao impulso de responder descrevendo-lhe a filha.

— Não tenho preferência — disse rapidamente —, gosto de uma mulher por quem meu coração bata logo de cara — acrescentei —, e isso é uma coisa que não consigo controlar.

— E você gosta de alguém agora?

Essa pergunta ter-me-ia deixado embaraçado, mas fui salvo pelo garçom que se aproximava, e me levantei para ajudá-lo com as taças de sorvete. Lívia também chegava nesse instante fazendo um pequeno e alegre escândalo por causa da sobremesa e atirando-se com sofreguidão à sua taça. A fim de desviar completamente o assunto, disse:

— Se quiser, pode repetir.

— Não fará bem à garganta — opôs-se a mãe com severidade, decerto percebendo que eu me valera do momento para evitar uma resposta, e irritou-se. Deixou sua taça pelo meio, e não falou mais comigo até sairmos do restaurante.

Foi então que Helenice se valeu de um ardiloso expediente em que eu, à primeira vista, não vislumbrei uma armadilha. A ocasião que se ofereceu para mim pareceu-me tão extraordinária e inesperada, que eu quis aproveitá-la sem refletir que talvez encobrisse qualquer maquinação. Saíamos do restaurante quando Helenice parando à porta disse para que eu e Lívia fôssemos na frente.

— Tenho de ir ao toalete — ela justificou.

— Então vamos direto para onde estivemos pela manhã — eu disse.

— Ora, por que não vão dar uma volta no parque e nos encontramos no nosso lugar daqui a meia hora? — ela sugeriu.

Lívia foi a primeira a dizer que sim e dependurou-se no meu braço. Para não parecer que eu agarrava a oportunidade mal ela se apresentava, fiz ainda uma consideração:

— Podemos nos desencontrar...

— Claro que não — Helenice replicou. — A referência é o ponto onde estivemos pela manhã, não há risco algum de desencontrar-nos. Vão, podem ir — e entrou novamente, enquanto eu e Lívia seguíamos em direção do parque, àquela hora — com o sol a pino — refrescante devido à sombra das grandes árvores à sua volta. Cruzando o parque, contudo, e descendo por uma trilha curta e estreita iríamos dar numa enseada pedregosa no outro lado da ilha, e daí poderíamos seguir por uma estrada quase deserta que nos reconduziria ao ancoradouro, à estação das barcas e, novamente, numa volta completa, à parte da praia em que passáramos a manhã. Tal passeio duraria pelo menos uma hora, e se Helenice havia sugerido apenas o parque, eu tomei a iniciativa de estender essa sugestão

um pouco mais. Assim, sem nos determos à sombra fresca que fazia ali, descemos pela trilha e chegamos à estrada. Enquanto caminhávamos Livia se mostrava muito expansiva, conversava e ria muito abraçando-me com uma familiaridade que me deixava exultante. “Não” eu dizia comigo mesmo enquanto passeávamos e a menina seguia tagarelando, “não posso estar enganado... há o menino... sim, o coleguinha de classe, mas esse... ora, uma bobagem, e de qualquer forma o que vi entre ambos não podia ser nada... claro, nada! Quem é aquele fedelho comparado a mim!... Sim, Livia há de... há de amar-me... e...”

Já na estrada, paramos. Para não nos adiantarmos, pois desejava estender o quanto pudesse esse passeio ao seu lado, sentamo-nos lado a lado numa pedra.

— O mar — eu disse, tendo uma idéia repentina ao ver que fazia um vento junto à costa e agitava as águas —, o mar parece-se com o amor — e a encarei com uma sutil intenção no olhar. — Sabe por quê?

Ela encolheu os ombros e baixou o rosto, verdadeiramente encabulada, como uma criança a quem se diz algum elogio. Entendendo essa reação como um consentimento que ela não sabia tornar explícito, continuei:

— Vou dizer por quê — e apontei com um dedo: — Olha lá adiante... Que está vendo?

— Alguns barcos — ela respondeu.

— Não, não os barcos, outra coisa.

— As ondas?

— As ondas! — exclamei.

E nos olhamos. Ela parecia não compreender, e em seu olhar havia mais que uma interrogação, um vivo interesse.

— Ondas que vêm se aproximando, e à medida que se aproximam o que acontece?

— Elas — Livia começou, insegura — aumentam de tamanho... e vêm vindo...

— E depois?

— ...e depois quebram na praia.

— Então? Não percebe? O amor é assim.

— Como as ondas? — ela perguntou levantando o rosto para mim.

— O amor, do mesmo jeito que o mar, chega até nós como uma onda... uma onda que nasce e se eleva, e se lança em nossa direção e vem arrebentar em nosso peito, e nos deixa banhados não de água, mas de luz (“e às vezes de treva” pensei acrescentar, mas achei que iria complicar a coisa, e calei-me)... e quando pensamos que ele se aquietou, ei-lo que se ergue em nova onda, umas vezes menor, outras maior e mais poderosa, e a cada arremetida todo nosso ser se rompe, deixa-se penetrar pelo

sentimento que nos aturde... e cada vez mais deseja romper-se e deixar-se penetrar por ele... compreende?

Lívia ouvia-me compenetrada, olhando-me nos olhos, mas à medida que eu falava ela, pouco a pouco, desviou o olhar para o horizonte.

— Você tem namorada? — ela perguntou sem se voltar.

— Não.

— Mas gosta de alguém?

Foi quando segurei seu rosto com a ponta dos dedos e o fiz voltar-se para mim. Encaramo-nos assim, muito de perto, enquanto meus dedos percorriam sua face num gesto de suave carícia.

— Talvez eu goste...

— E de quem você gosta? — ela perguntou.

— Acho que você sabe... não sabe?

Aproximei meus lábios para beijá-la e por um brevíssimo momento assim estivemos, imóveis e muito próximos, as bocas quase a se tocarem, a respiração entrecortada, os olhos fechados enquanto nos envolvia o ruído das ondas que se sucediam de encontro à costa, como se de súbito todo o oceano nos cercasse com seu marulhar e o mundo se convertesse nesse som, e nós — nós dois — fôssemos uma extensão dele, a outra extremidade do fio, o último elemento sólido — e então experimentei o que até então não experimentara, aquilo que nunca havia tido na vida: experimentei o amor, o grande e indefinível amor como uma noite que viesse de dentro de mim, sem luar nem estrelas, e sem amanhecer. Pois Lívia deixava-se beijar, agora eu tinha na minha a sua boca, e como me parecia morna e doce a umidade de sua língua entre os meus lábios!

Ouvimos alguém que vinha pela estrada e o ruído de passos nos fez sobressaltar: um casal passava sem prestar a menor atenção a nós, e isso me tranqüilizou. Sorri para Lívia como quem diz “Não foi nada, não fomos descobertos”, mas olhando para adiante, para a direção do parque, julguei ver um vestido, uma sombra — uma mancha muito esbatida e muito breve — que se esquivava e desaparecia na trilha. “Ela nos viu” pensei, e meu primeiro impulso foi tomar Lívia pela mão e voltar na direção do parque, pois se fosse Helenice não teria tempo de evadir-se dali sem ser vista. Tive medo, porém, de defrontar-me com ela, mas ao mesmo tempo pensava que talvez meus nervos alterados estivessem projetando fantasmas em minha mente, “talvez eu não tenha visto nada” pensei. Perturbado, decidi sair dali e pegando Lívia pela mão, levantei-me:

— Vamos, está na hora.

Continuamos nosso passeio, indo-nos reunir a Helenice onde ela havia determinado. Caminhamos de mãos dadas, meu peito inflamava-se com o contato de sua mão e a proximidade de seu corpo, e o beijo, sentia-o pousado ainda em minha boca como uma borboleta. Lívia voltou a falar de coisas triviais como se o incidente do beijo e a prévia declaração que lhe

fizera não tivessem passado, para ela, de uma brincadeira, o que me retraiu: podia aproveitar a quietude da estrada, a quase solidão que nos proporcionavam de um lado a mata e as montanhas de Paquetá e do outro o mar, e falar novamente do amor — dizer “o amor começa muito antes do primeiro beijo, Lívia, mas este é como um selo com que se assinala sua realização”; enfim poderia ter dito muito mais para fazê-la compreender que sentimento era esse que eu havia comparado a uma onda. Mas Lívia, volúvel como a menina que era, desconcertava-me, e como ela agora parecia distante daquele momento calei-me e fizemos o resto do passeio conversando banalidades.

Quando chegamos, Helenice já estava vestida sob o guarda-sol:

— Vamos embora — disse, e me dei conta de que momentos atrás não fora vítima de uma ilusão provocada pelos nervos...

— Mas mamãe, já!! — Lívia exclamou, aborrecida.

Helenice a olhou com ódio — um luzir brevíssimo mas intenso de ódio, e foi impossível convencê-la a ficar mais. Não eram ainda duas horas, o sol estava alto e o calor mais forte. Na praia havia mais banhistas àquela hora, o corpo de Lívia parecia de bronze à intensidade dourada da luz, o dia convidava para uma festa. Mas Helenice decidira ir embora, e tivemos de nos submeter.

Assim chegou ao fim o domingo em Paquetá.

O beijo, no entanto, teve uma propriedade estimulante, de modo que eu mal consegui dormir aquela noite. Deitei no sofá da sala com as luzes apagadas enquanto o ambiente se enchia com a Pastoral de Beethoven, e me dediquei a relembrar o passeio em seus mínimos detalhes. Não havia mais dúvida de que seria fácil alcançar o coraçãozinho de Lívia, pois ela me beijara sem nenhuma oposição ou resistência — a propósito do que, ocorria-me agora uma lembrança: no instante em que me sobressaltei com o som de passos vindo em nossa direção, Lívia ainda tentara reter meus lábios nos seus, segurando com força minha cabeça. Seguiu-se a visão da sombra esquiva que parecia nos espreitar de longe, quando eu perdi um pouco o controle da situação, e agora, ouvindo a música de Beethoven chamava-me estúpido, pois que melhor oportunidade teria de falar à menina do meu amor — aquela onda que me havia banhado de luz (“e talvez de treva...”), dizer que era dela que eu gostava, não da forma concisa como havia dito mas de fora direta e clara, “porque eu amo você, Lívia, amo-a com surpresa e espanto, pois sou um homem que se apaixonou por uma criança, pois você é apenas uma criança mas ainda assim eu a quero para mim!”, e era isso que eu deveria ter-lhe dito... Mas tolhera-me a artimanha da maliciosa menina, pegando-me desprevenido e sem saber como agir (sim, pois refletindo no que havia ocorrido, tive como certo que a seqüência dos acontecimentos não passara de uma artimanha

dela): Lívía quis experimentar-me, e quando recomeçamos a caminhar deve ter percebido minha perturbação e, propositalmente, distanciou-se daquilo de que falávamos tão só esperando que eu insistisse e quem sabe a beijasse novamente, e me declarasse como uma menina sonha ouvir do homem a quem deseja... E eu, estúpido, havia-lhe frustrado a expectativa.

Outras lembranças sobrevinham: os olhares raivosos de Helenice preocupavam-me, embora de imediato eu não a acreditasse capaz de qualquer coisa contra a filha. Não cheguei a temer por Lívía, mas minha preocupação (que ficava apenas no limite do provável: não ser mais recebido em sua casa, ela proibir a garota de falar comigo, provocar um escândalo se nos encontrasse juntos ou vir à minha casa tomar satisfações) acentuou-se durante a travessia de volta, pois Helenice além de ficar todo o tempo longe de mim, também ficou longe de Lívía, e tratava-me, bem como a ela, com rispidez quando lhe falávamos. Lívía estranhou o mau humor da mãe e perguntou-lhe se ela estava se sentindo bem. A resposta foi crua e direta:

— Em casa lhe responderei.

Diante da atitude arredia e do irritado tom de voz da mãe, Lívía sentou-se quieta ao meu lado, olhamo-nos — ela parecia confusa — e eu levei um dedo aos lábios como a dizer “não responda a sua mãe” e pisquei-lhe um olho; porém não a abracei nem fiz qualquer demonstração maior de intimidade e carinho a fim de evitar que a situação se agravasse.

Agora em casa, fervilhavam em minha cabeça todos esses acontecimentos, mas ao fim de algum tempo a preocupação logo cedeu lugar à alegria e eu acabei por tomar uma decisão: na manhã seguinte iria à escola de Lívía e, no término da aula, a levaria comigo aonde pudéssemos estar a sós e à vontade — uma sorveteria, um cinema, uma praça —, e lá lhe diria tudo que me ficara travado na garganta no dia anterior. “Ela me beijou” eu pensava, “vai aceitar-me quando eu disser que a amo”. Minha disposição de ânimo era a melhor possível, e já bem tarde, quando veio o sono, dormi profunda e tranqüilamente.

Mas ali estava eu, meio tonto, espiando de longe (detrás das árvores da pracinha) o que acontecia no pátio da escola após a aula daquela manhã. Porque no meio das turmas que emergiam das salas e desembocavam no pátio, avistei primeiro Lívía, que me parecia abatida, e logo depois o amiguinho com quem a vira na semana anterior. Ele a alcançou e, de mãos dadas, caminharam em direção à saída conversando. Lívía estava, com efeito, um pouco abatida, parecia triste e o garoto ao lhe falar dava a impressão de querer animá-la. Deteve-a por um momento chegando a fazer-lhe uma carícia no rosto, e continuaram em direção ao ponto de ônibus. Eu os segui, sempre a distância e atento ao que se passava. Enquanto esperavam o ônibus os dois conversavam, Lívía levou a mão aos olhos parecendo que secava uma lágrima, e o garoto prontamente

apresentou-lhe um lencinho, que tirou do bolso da camisa. Eu não sabia o que pensar, meu raciocínio confundia-se, o ciúme — pois era ciúme — dominava-me... O garoto a abraçou com ternura, Lívía reclinou a cabeça em seu peito e ele lhe falou durante algum tempo junto ao ouvido, enquanto ela ora fazia que sim com a cabeça, ora que não. Eu não conseguia atinar com o que pudessem estar conversando nem com a razão pela qual ela começara a chorar, mas um turbilhão de idéias se sucediam em minha mente como imagens rápidas numa tela de cinema. Primeiro imaginei que a mãe pudesse ter ficado doente, depois que a avó teria morrido ou sido internada, ocorreram-me outras idéias, como uma nota vermelha nas provas ou uma bronca de algum professor... Todo o carinho que o menino demonstrava com Lívía, embora me enchesse de um ciúme rancoroso, não se afigurava de imediato para mim como um namoro, e se eram apenas amigos, eu pensava, a tristeza de Lívía poderia tê-lo enternecido de modo a agir daquela maneira. Apesar de detestá-lo por a estar abraçando, eu tinha necessidade de inventar uma explicação que me tranquilizasse, ainda que não fosse real. Mas a realidade estava à minha frente, talvez encoberta pelo desespero com que eu me esforçava para não vê-la: no fim da rua apareceu o ônibus de Lívía, e isso fez com que o garoto tomasse uma atitude: iam se despedir e separar-se por aquele dia, então ele a afastou de si um momento, segurou seu rosto entre as mãos e a beijou nos lábios, enquanto detrás de uma parede eu assistia, aterrado, à cena. Quanto tempo durou aquele beijo? Quantas vezes se repetiu? Com quanta paixão Lívía correspondia (pois havia paixão, Lívía ao invés de repelir o menino que ousava beijá-la, abraçava-o, envolvia-lhe o pescoço com os braços e o beijava também com ardor!)?

Um instante depois Lívía embarcou, e enquanto o ônibus partia levando a menina, que do vidro traseiro acenava para o amigo, uma terrível certeza veio clarear minha mente confusa: o menino e ela... bem, reportando-me ao que se passava dentro de mim naquela hora, torna-se penoso escrever o que me ocorreu então: o garoto a possuía, e esse era o motivo — que outro poderia existir? — de ela estar chorando. Perdera a virgindade para o namoradinho, e por melhor que tivesse sido ficara perturbada, com medo — eu refletia — e algum sentimento de culpa, e quando o moleque cochichou em seu ouvido, provavelmente não estava apenas tentando consolá-la, mas marcando um novo encontro para o dia seguinte, e na minha cabeça esboçava-se mesmo o diálogo que poderia ter ocorrido então: “Pare de chorar, afinal foi bom. Não foi bom?”, e ela fez que sim com a cabeça; “Então, que tal amanhã no mesmo lugar?”, e ela fez que não; “Ora, deixa de ser boba, não tem perigo”, ela fez que não, e ele teria insistido: “Bobinha, amanhã, no mesmo lugar. Sim ou não?”, e ela fez que sim...

Sem pensar comecei a seguir o menino, que agora se afastava pela calçada em direção da avenida. Tinha o cuidado de manter-me a distância para não ser visto, mas ainda não compreendia — e nem me questionava sobre — minha atitude de segui-lo. O que eu pretendia? Àquela altura, não saberia dizer. Contentava-me em estar no seu rastro, observá-lo de longe, vê-lo caminhar livre e despreocupado. Cruzamos várias ruas movimentadas e em momento algum imaginei que ele pudesse enfim chegar em casa; se ele subitamente entrasse numa porta qualquer, eu talvez não me sentisse desapontado: ainda não tinha idéia de por que o seguia. Até que ele entrou por uma viela que conduzia através de um terreno baldio e mais adiante por um campo, afastando-se das ruas cheias de gente. Meti-me na viela, e fui atrás. O menino com certeza fazia todos os dias aquele trajeto de casa até a escola, e seguia com a tranquilidade do hábito, sem receio algum e sem olhar para trás. Ocorreu-me que o lugar de seus encontros com Livia era ali, e fiquei imaginando detrás de qual daquelas moitas — atravessávamos agora uma área ampla, arborizada e cheia de moitas, distante do tráfego e sem sinal algum de pessoas — ele a havia deitado na relva, tirado sua roupa e se reclinado sobre sua virgindade... Distraí-me nessas reflexões, cheguei a retardar o passo, mas logo me lembrei de que estava em seu encalço e com medo de perdê-lo apressei-me, houve um momento em que quase corri, mas ao contornar uma curva avistei-o que, mais adiante, havia se abaixado para amarrar os sapatos. Olhei então para os lados e não vi ninguém. Ainda assim não soube o que em mim já se formara como propósito. Só vim a sabê-lo depois que vi o menino caído no chão, sem sentidos: de súbito eu estava junto dele, que ouvindo meus passos apenas voltou o rosto e mal ergueu os olhos; nem chegou a ver-me, pois eu já me precipitava sobre si com um golpe forte na cabeça que o pôs por terra, zozzo, e vendo-o inanimado passei a chutá-lo brutalmente no rosto e no corpo repetidas vezes. Quando compreendi o que havia feito, o desespero tomou conta de mim: olhei em volta temeroso de que houvessem testemunhado meu crime; depois receei que ele estivesse morto e apressadamente curvei-me e tomei seu pulso: estava muito ferido e cheio de sangue, mas vivo! Respirei aliviado e saí em desabalada carreira, metendo-me entre as moitas e procurando afastar-me dali o mais rapidamente possível. Quando me vi sozinho no meio das árvores recostei-me a um tronco e esfreguei as mãos no rosto numa tentativa de acordar, pois parecia-me estar num pesadelo, mas olhando em volta a realidade era de uma concretude e um peso que chegavam a doer. “Meu Deus, o que foi que eu fiz!” e repeti a pergunta para mim mesmo desejando ouvir a voz de Deus naquele momento, e mesmo que fosse para amaldiçoar-me, condenar-me ao inferno, teria sido bom ouvi-la. Mas o que escutei foi o silêncio. Começava a suar abundantemente: tirei um lenço do bolso para secar o rosto e respirei fundo, num esforço para acalmar-me.

“Ele não vai morrer! Não!, ele não pode morrer, eu não sou um assassino!”, e então pensei em voltar ao lugar em que o menino ficara caído e socorrê-lo (e se o fizesse, pensava, ninguém desconfiaria de mim, nem ele, que não chegara a ver-me direito e por isso não me reconheceria...). “O criminoso sempre volta ao local do crime” soou dentro de mim essa frase comum, e me assustei: “então eu sou um criminoso” concluí logicamente, e essa lógica apavorou-me. Pareceu-me que ia desfalecer, então me sentei ao pé da árvore, reclinei a cabeça até sentir a aspereza do tronco entre meus cabelos, e de olhos fechados continuei respirando fundo para acalmar-me enquanto repetia baixinho “não posso voltar lá, não posso voltar lá, não posso voltar lá”. Não poderia voltar para socorrê-lo pois, àquela altura, já o deviam ter encontrado, e surgir do meio do mato no estado de nervosismo em que me encontrava seria denunciar-me... “Não posso voltar lá...” Por fim levantei-me e me recompus: limpei o rosto e ajeitei o cabelo com os dedos, arrumei a camisa dentro da calça de modo a parecer alinhado e segui na direção da saída. Cerca de duzentos metros adiante havia uma rua movimentada. Parei um pouco para escutar e, mais calmo, avancei para a calçada, atravessando rapidamente para evitar que alguém tivesse tempo de prestar atenção em mim. Um segundo mais tarde estava no meio da multidão, anônimo e desconhecido — e livre de perigo.

Mas não tive tempo de pensar em meu crime: cheguei em casa e já da porta ouvia o telefone tocar com insistência. Quando atendi, ouvi com surpresa a voz de Lívia na linha:

— Mário, Mário?

Lívia parecia muito aflita ao telefone, “não estou em casa” ela disse, e pediu-me que fosse encontrá-la. Deu-me o endereço de um barzinho próximo dali, onde se havia escondido, e meia hora mais tarde tomávamos um refrigerante e conversávamos.

— Você disse que sua mãe lhe bateu?

— Hoje pela manhã... por um nada brigamos, ela estava de muito mau humor, parecia furiosa comigo sem nenhum motivo... eu não fui malcriada, apenas lhe perguntei o que tinha feito para merecer aquele tratamento... e ela esbofeteou-me. Isso nunca havia acontecido! Fui para a escola, e quando voltei... só porque atrasei-me um pouco, meia hora se tanto... armou o maior escândalo, brigou outra vez comigo, chamou-me de vagabunda... — Lívia começou a chorar e a repetir como que descontrolada “ela me chamou de vagabunda...” e eu, penalizado, saí com ela do bar e entramos num cinema, onde poderíamos estar com mais discrição. Como me sentia feliz em abraçá-la em sua fragilidade, ficar ao lado dela em seu desespero! Como a amei então!

A sala estava quase vazia. Escolhemos um bloco de cadeiras onde éramos os únicos para podermos conversar mais à vontade. Lívia relatou-

me que a mãe começou a repreendê-la porque ela havia chegado com um atraso de meia hora, perguntou-lhe se estava com algum homem na rua, “estava dando pra quem, sua vadiazinha?” Helenice havia dito, e quando Livia espantada (“ela nunca havia falado assim comigo!...”) protestou contra aquelas palavras, Helenice a esbofeteou com violência, chamando-a “vagabunda, putinha de rua, vadiazinha”. Ouvindo seu relato, compreendi o que estava acontecendo: em seu ciúme, Helenice não via limites — como eu não vira naquela manhã, ao espancar o menino e quase matá-lo. Helenice, eu percebi então, mentalmente perturbada (fato que somente agora se tornava evidente), faria qualquer coisa para separar Livia de mim, mesmo que a tivesse de destruir. Ao lançar-lhe em rosto aquelas acusações sem fundamento, fazia-o por imaginar que o atraso, ainda que pequeno, se devia a algum encontro entre nós, e pensar nisso — suspeitá-lo apenas — já se tornara insuportável para ela. Do que Helenice ainda seria capaz eu ignorava, e ao mesmo tempo me via impotente: o que fazer por Livia? No dia seguinte, quando lhe dissessem que o namoradinho havia sofrido um atentado e estava no hospital, que reação teria? Ao lembrar-me do “namoradinho” e do que havia ocorrido entre ambos, reconheci que o beijo que eu e ela trocáramos no dia anterior já estava esquecido, e, vendo-a desamparada e precisando de mim, tive no fundo um vago sentimento de desforra. Insinuei:

— Por que sua mãe disse esses nomes feios pra você? Talvez a tenha visto com algum garoto... você me entende... namorando... e isso a tenha aborrecido...

Livia fez que não com a cabeça.

— Você não tem um namorado? — perguntei, querendo apurar até que ponto ela e o menino se haviam envolvido.

Ela deu de ombros, e depois respondeu que um garoto a havia beijado na escola, mas a mãe não sabia.

— Vocês só se beijaram? — sem poder conter-me eu perguntei.

— Sim... só... por quê?... O que mais...?

— Não — tentei emendar —, é que... quero saber se alguém teria visto e contado para sua mãe...

— Não, ninguém... foi hoje que ele me beijou... só hoje, e é só um menino da minha sala. Bem... ele gosta de mim e quer me namorar, mas... — deu de ombros. — Somos só colegas, eu deixei que ele me beijasse... sabe, eu estava muito triste e... mas eu não quero nada com ele... mesmo que minha mãe soubesse não teria motivos para...

— E sua avó? Não fez nada para lhe ajudar?

Livia, que parecia ter-se acalmado, começou a chorar outra vez, os soluços quase lhe tiravam o fôlego, impedindo-a de falar, e com muito custo consegui tranqüilizá-la enquanto a abraçava com carinho e apertava

seu corpo com uma disfarçada sensualidade (estimulando-me uma discreta ereção):

— Vovó despreza-me — ela disse para meu espanto —, acho até que me odeia.

— Sua avó...?! — exclamei. — Ora, Lívია!... Mas não...!

Então Lívیا disse-me que eu não sabia das coisas que aconteciam naquela casa e não conhecia bem a velha; que esta muitas vezes a atacava — a ela, uma criança — com acusações torpes, e que Helenice tinha de intervir para defendê-la. “Vovó odiou meu pai porque ele maltratava muito minha mãe. Ela me acha culpada do que mamãe sofreu com papai, e diz que eu sou uma semente ruim dele... Antes, minha mãe ficava sempre do meu lado, sempre me defendia dela, mas agora... agora estou sozinha...”

— Bem, eu vou falar com sua mãe. Imagino... pelo menos desconfio do que está acontecendo. Vou falar com ela. Vamos agora?

E levei Lívیا de volta para casa.

Helenice recebeu-nos com frieza. Entrei sem dizer nada, e somente quando Lívیا deixou a sala, indo para o quarto, perguntei:

— Helenice, o que você fez com a menina?

— Nada que seja da sua conta — ela respondeu com rispidez. — Acaso arvorou-se de pai dela, para vir tomar satisfações comigo?

Eu ia protestar, mas antes que dissesse qualquer coisa, ela continuou:

— Ou já se sente seu macho e veio defendê-la?

A ofensiva de Helenice era tão direta que não tive reação, ainda mais por confirmar aquilo de que eu já estava quase certo: desde a véspera, quando surpreendera o beijo entre mim e a filha, ela agia movida por um ciúme incontrolável. Mantive-me sério, contudo, e como eu não respondesse sentiu-se desarmada; caindo no sofá, desatou num choro descontrolado que durou muito tempo. Sentei-me à sua frente e fiquei esperando que se acalmasse.

— Vai embora — ela disse.

— Eu jamais faria qualquer mal a ela... — tentei explicar-me.

— A ela bem sei que não — replicou. Esfregou o rosto, estava agora com as feições abatidas, o cabelo despenteado, os olhos vermelhos. — Quanto mal já me fez, no entanto!... Não — ela atalhou ao notar que eu ia abrir a boca para contestá-la —, não é preciso negar... tudo entre nós está claro demais para ser dito... você me compreende, eu o compreendo, e o mais não é preciso que se diga com palavras. É o quanto basta. Agora vá.

Seria inútil insistir. Levantei-me para ir embora, mas na porta, parei:

— Cuidado, Helenice — eu disse em tom de advertência —, cuidado com o que vai fazer!

E saí.

Estávamos no início de Março, quando um fato inesperado fez com que eu me afastasse de Livia por todo aquele resto de mês: naquela tarde um telegrama veio dar-me conta de que meu padraсто havia morrido e minha presença era requerida para a leitura do testamento e a partilha dos bens. Meu padraсто fora um homem de grande austeridade de costumes, e, uma vez viúvo de minha mãe, considerou-se velho demais para novo casamento, passando os últimos anos de sua vida apenas em companhia da filha mais nova, em R^{**}, um vilarejo no interior da Bahia, para onde viajei em seguida. A leitura do testamento não deixou dúvidas, e tudo teria corrido bem se à última hora não surgisse um contratempo: a casa em que haviam morado não fazia, sabe-se lá por quê, parte dos bens elencados, e minha meia-irmã fazia questão de ficar com ela. De minha parte eu nada tinha a opor, se fosse desde então estabelecido o valor da propriedade de modo que a metade me fosse paga, mas não houve meios de fazer minha irmã concordar, pois ela alegava que cuidara sozinha do velho em seus últimos anos (enquanto eu nunca me havia preocupado com ele nem tido trabalho algum) e por esse motivo era justo que a casa lhe coubesse, em reconhecimento aos seus desvelos. Como eu não estivesse disposto a abrir mão, sem mais nem menos, de um bem valioso como aquele, vimo-nos eu e minha irmã envolvidos numa querela aborrecida, e cada um de sua parte contratou um advogado para tratar do caso. Os primeiros encontros com os advogados, nos quais discutiu-se de maneira informal acerca do que poderia ser proposto, não levaram a nenhum acordo, o que me obrigou a permanecer em R^{**} por mais tempo do que poderia prever ou desejar, causando-me uma ansiedade e uma aflição terríveis ao pensar em Livia sozinha no Rio e no que poderia estar-lhe acontecendo. Durante aquele mês meus poucos contatos com Livia foram por telefone, e só nos falávamos rapidamente. Era sempre eu quem ligava, e precisava de sorte para encontrá-la sozinha em casa e podermos conversar à vontade. Por duas ou três vezes ouvi a voz de Helenice na linha: não havia remédio senão desligar, evitando assim um novo confronto com ela e quem sabe alguma desagradável conseqüência para a filha. Helenice contudo deve ter desconfiado de quem estava ao telefone — e com que interesse —, pois um dia quando tentei nova ligação a única coisa que ouvi foi a voz impessoal da telefonista informando que aquele número fora desligado. Assim, nos quase dez dias que ainda tive de permanecer em R^{**}, não soube qualquer notícia de Livia.

Nas poucas vezes em que conversamos Livia contou-me como, de dia para dia, fora-se tornando cada vez mais cruel o modo como a mãe a tratava. “Ela parece que me odeia agora” Livia chorava ao falar-me, “às vezes até me espanca, Mário, ela que nunca me bateu”. Qualquer pequeno nada era pretexto para punições e castigos, alguns rigorosos — “Se eu erro o dever de casa, ou se peço para ir estudar na casa de uma colega, se

derramo refresco na toalha...” —, e as ofensas morais haviam se tornado comuns no seu tratamento diário, sempre reforçadas pela avó, “que parece ter prazer com isso. Não sei o que está acontecendo com minha mãe!”. A cada vez que conseguia falar com Livia, ao invés de trazer-me um sossego ouvir sua voz, afligia-me a notícia dos renovados maus tratos que sofria, à mercê da mãe desequilibrada e da avó perversa. Quando as ligações se tornaram impossíveis e os dias começaram a se arrastar com uma lentidão exasperadora, sem nenhum princípio de solução para a querela com minha meia-irmã, resolvi partir. Que as coisas se resolvessem a seu tempo, exclamei nervoso no escritório do advogado, eu não podia mais ficar. Chamassem-me quando fosse preciso, pois eu partia no dia seguinte.

— Até já comprei a passagem! — bradei.

Logo que cheguei ao Rio corri à escola de Livia para vê-la, e os momentos que precederam a esse reencontro pareceram-me tão angustiantes quanto todos aqueles dias intermináveis em que estivera longe. Ouvi soar o fim da aula, com que aflição procurei Livia entre a chusma de alunos que deixavam as salas e saíam para a rua; quando por fim a avistei, assombrei-me: a transformação por que havia passado devia-se unicamente ao inferno familiar em que se convertera sua vida, mas das nossas conversas ao telefone eu não podia fazer idéia dessa transformação: a alegria que parecia transpirar de si já não existia, deixara em seu lugar uma entonação de tristeza que lhe cavava as faces e tornava fundos os olhos já sem o mesmo brilho e cercado por olheiras.

Vendo-a, não resisti: corri para ela, corri para apertá-la em meus braços, que só deu por minha presença quando parei a um passo de si.

— Mário, você veio!

Apesar da alegria que minha presença lhe causava, já não podia expandir seus sentimentos como antes: sua voz tornara-se rouca e enfraquecida, e ao abraçá-la vi quanto o sofrimento a adoecera: Livia estava muito magra, e uma acentuada palidez tomara conta de seu rosto, em cujas faces o rubor da juventude fora antes testemunho de vitalidade.

— Já não agüentava de saudades — eu disse, apertando-a em meus braços —, oh, minha menina!... — e então nos separamos e ficamos nos sorrindo, nos contemplando por muito tempo. — Bem — eu disse por fim —, que tal um sorvete para comemorarmos?

Tomamos o sorvete, conversamos, tentei distraí-la e torná-la alegre, caminhamos abraçados na rua, beijamo-nos outra vez. Meu amor inflamou-se, meu corpo estava tomado desse frenesi que somente aqueles que são dominados por uma grande paixão conhecem, mas a desgraça nos estava rondando — estive-nos rondando todo o tempo: de súbito vimos Helenice diante de nós, que arrancou a garota dos meus braços e a espancou ali mesmo antes que eu a pudesse segurar fortemente pelos pulsos. Formou-se um tumulto, logo uma pequena multidão de curiosos

nos cercava, apareceram dois policiais, e Helenice valeu-se de um sórdido expediente:

— Ele está corrompendo minha filha, policiais — ela disse —, minha pobre meninazinha que só tem doze anos... — e desatou num choro fingido, abraçando-se à filha e ainda diminuindo-lhe a idade!

Lívia contestou, desmentindo-a, Helenice mais se abraçava a ela e reafirmava sua acusação, e novamente Lívia a desmentia; alguns dos curiosos murmuravam, dando razão à mãe, outros ao contrário intercediam por mim e pela menina, “não estavam fazendo nada demais, até que essa mulher chegou e começou a espancá-la” diziam, “é isso mesmo, eu também vi, bateu na menina sem mais nem menos” reforçavam uns terceiros, mas o certo é que ninguém ali, além de nós três, conhecia a verdade. As informações desconstruídas da população pareceu confundir os policiais, que avaliaram o caso como uma briga de família: um pôs-se a dispersar a multidão enquanto o outro afastou-se comigo dali, e eu, tonto, o acompanhei sem protestar. Já noutra rua, o policial inquiriu-me.

— Conheço as duas há algum tempo — eu disse —, e a mulher cismou comigo — acrescentei, procurando descrever o ocorrido à minha maneira para não me comprometer. — Ela interessa-se por mim... quer-me de qualquer jeito, e agora sente ciúmes até da filha. Acha que eu e a menina... uma criança, veja o senhor... só por nos ter visto conversando...

O policial piscou-me:

— Ora — ele disse —, compreendo-o muito bem. Quem vai preferir aquele bacalhau seco à garotinha? Você está mais do que certo, meu chapa, mas — e então frisou bem as palavras, numa entonação maliciosa — é preciso ser esperto, compreende? Não pode “dar bandeira”. Tanto motelzinho por aí...

E dispensou-me, recomendando-me mais cuidado, que fosse mais discreto nos meus próximos encontros com a menina.

Nos dias seguintes, abalado com todos aqueles acontecimentos, não procurei Lívia, apesar da ansiedade que estar longe agora me causava, imaginando que Helenice a estaria vigiando após as aulas, talvez para surpreender-nos juntos e provocar novo escândalo, com piores consequências. Contudo, apesar de todas as comoções por que passara, novas esperanças haviam renascido em meu coração, e — afirmava para mim mesmo — assim que encontrasse um meio de acalmar Helenice e fazê-la compreender que não adiantaria interpor-se entre nós, já não existiria empecilho para o meu amor.

Somente no começo da semana seguinte voltei a espreitar Lívia de longe à saída da escola, tomando o cuidado de vasculhar as proximidades antes de alcançar meu posto para não ter uma nova surpresa — e mais

uma vez as esperanças que haviam renascido se esfacelaram: Livia estava no pátio, àquela hora repleto de crianças, e parecia esperar alguém pois a todo instante olhava com impaciência para a porta. O menino — o “namoradinho” a quem eu espancara —, visíveis ainda em seu rosto as marcas da agressão mas recuperado o suficiente para voltar a freqüentar a escola, não demorou aparecer e juntou-se a ela, deram-se as mãos e saíram para a rua. Seria longo descrever aqui os cuidados recíprocos que demonstravam agora que, sozinhos, caminhavam em direção ao ponto do ônibus. Ali, pararam: Livia chorava ao vê-lo machucado, e ele acariciava-lhe o rosto emagrecido com grande ternura, beijando-lhe as mãos, os cabelos, as faces, a boca...

“Amam-se” eu pensei, “amam-se. E ela nem se lembra de mim... nem pensa mais no que houve entre nós... o certo é que em nenhum momento levou-me a sério, por isso permitiu-me beijá-la.” Naquela tarde — e pela noite adentro — ficando em casa e sem nenhum ânimo nem motivo para sair, ocupei-me em pensar positivamente nos últimos acontecimentos, e no desvario em que me encontrava aquela foi uma das raras vezes na qual os pensamentos me ocorriam com clareza e sem paixão. Conhecera o amor — o tão esperado amor — depois dos quarenta anos, idade em que deveria demonstrar um tanto de equilíbrio e sensatez; contudo, ali estava eu feito um adolescente, perdendo o rumo por causa de uma paixão que não sabia — nem queria — controlar, pelo contrário: eu é que me via absolutamente dominado por ela: apaixonado por uma menina, uma quase criança, eu em meu arrebatamento não me dava conta do inusitado da situação. Não por ser apenas uma menina, caso o meu interesse por ela não passasse de uma atração física sem maiores conseqüências (como já relatei, meus envolvimento com meninas foram muito freqüentes, e na maioria das vezes, breves), mas por tratar-se de um sentimento de tamanha intensidade que até então não conhecera. O que podia eu pretender em tal circunstância? Esperar que ela me amasse também? Imaginei, então, que Livia me amasse: o que resultaria disso? A tal pergunta eu não sabia responder sem parecer ridículo. Ao mesmo tempo ocorria-me a lembrança do “namoradinho” e do beijo que naquela manhã eu os vira trocar no pátio da escola, beijo que se revestia de carinho, cuidados recíprocos e lágrimas e, sem dúvida, de amor juvenil, “meninas gostam de estar com alguém de sua idade”. Pensando no namoradinho de Livia, refleti no que fizera contra ele quando, tomado de ciúmes, agredira-o com violência, e vi que estivera próximo de me tornar um assassino, “meu Deus, devo ter enlouquecido!...”. Pensei também em Helenice. Para a maioria das pessoas, o natural — o convencional, pelo menos — seria interessar-me por ela, quem sabe casar-me, tornar-me o pai de Livia. Ao pensar em tal possibilidade, agitava-me um estremecimento de repulsa — repulsa que não se devia ao caráter doentio de seu ciúme e do ódio que crescera dentro

de si pela filha; mas que vinha de antes, de quando nos conhecemos e eu, num jogo que pensava sem maiores conseqüências, passei a compará-la com Lívía: aterrorizava-me a simples idéia de estar casado com tal mulher, de deitar-me com ela e ver nu, ao meu lado, seu corpo precocemente envelhecido, acariciar suas pernas flácidas e destruídas pelas varizes, ter próximo ao meu o seu rosto inosso e ser obrigado a beijar-lhe a boca... Acordar ao seu lado todas as manhãs e, em seguida, quando me sentasse à mesa para o café, ver entrar Lívía ainda com a roupa de dormir (um leve *short* semitransparente que me deixaria ver a cor da calcinha, uma blusa de malha sob a qual apontariam os biquinhos incipientes) e ouvi-la, sentando-se abruptamente com uma fatia de bolo na mão, uma torrada, qualquer coisa, desejar-me bom-dia pronunciando em seguida a odiosa palavra: “papai!”. Depois entraria Helenice com o bule, e seria inevitável alguma frase igualmente odiosa e vulgar, tipo “benzinho, nossa menina está atrasada para a escola. Não quer lhe dar uma carona?”, e vindo até mim beijava-me breve e castamente, como uma boa esposa beija seu esposo na presença da filha adolescente. Imaginar isto (particularmente, imaginá-la referindo-se à Lívía como “nossa menina”, quando tudo que eu queria é que Lívía fosse, sim, minha menina, mas de outra forma...) deixava-me de “estômago embrulhado”, e se o leitor suspeita de que naquela noite não dormi, não está longe da verdade. Porém, ao mesmo tempo dessas reflexões cruéis, eu era forçado a reconhecer minha culpa: antes de invadir suas vidas, aquela pequena família vivia sua relativa felicidade: destruída por seu casamento, Helenice tinha uma única alegria: a filha; criava-a certamente como todas as mães criam seus filhos; trabalhava durante a semana enquanto Lívía ia à escola, e em casa ficava a velha com seu reumatismo, suas lamentações e os rancores que nutria contra a neta (mas dos quais Lívía podia contar com a mãe amorosa para defendê-la). Desconhecendo-se a si mesma, Helenice devia sentar-se com Lívía nas tardes de sábado para ensinar-lhe a lição de casa, e antes do anoitecer saíam juntas para olhar vitrines ou ir ao cinema. O dia findava sossegadamente, todos iam dormir sem maiores preocupações, e no dia seguinte despertavam para o prosseguimento de suas vidas simples. Helenice teria noites em que sonhava com um homem, mas o medo de novamente errar na escolha tolhia seu impulso de lançar-se à aventura, por isso fechava-se em si mesma e ficava na expectativa, sonhando e esperando. O cotidiano acabaria por murchar-lhe os desejos, se não lhe aparecesse ninguém. Sem dúvida apareceria alguém, por exemplo, um homem feio e barrigudo, de olhos fechados para sua insignificância como mulher, que se contentaria somente em deitar-se sobre ela e fazê-la gozar duas ou três vezes, menos por prazer e mais para sentir-se um bom macho e ter do que se vangloriar nas conversas obscenas com os companheiros de trabalho; que olharia Lívía realmente como filha e a quem se sentiria na

prosaica obrigação de “encaminhar na vida”. Ao invés desse homem comum, que acrescentaria à vida de Helenice apenas uma presença masculina como sói acontecer com grande número de casamentos, apareci-lhe eu, que não lhe podia satisfazer os sonhos — tão poucos e modestos —, e, pior, far-lhe-ia despertar o inferno que tinha na alma, acordar-lhe todos os demônios. Pois o que lhes podia acontecer de pior era isso: Helenice despertar e reconhecer em si mesma a capacidade de não deter-se diante de nenhum obstáculo entre sua mão e a fruta apetitiva que desejava colher, mesmo que para isso tivesse de sacrificar alguém e esse alguém fosse a própria filha. Durante minhas reflexões naquela noite de insônia e pesadelo, questionei-me sobre a loucura de Helenice, e reconheci que a minha não era menor; numa tentativa de avaliar o futuro não vi mais que uma grande interrogação. Diante dessa interrogação que me assombrava resolvi capitular: na manhã seguinte iria embora por algum tempo, afastar-me-ia de Helenice, de Lúvia, um afastamento que pretendia definitivo, imaginando com isso que suas vidas voltassem à normalidade.

Antes de viajar, escrevi o seguinte bilhete, que pus no correio endereçado a Helenice:

“Estou partindo porque nada poderia fazer por você. Estimo-a, mas percebo que isto não seria suficiente. Não me julgue mal: creio que você tirou conclusões precipitadas a meu respeito, teve suspeitas sem fundamento. Lúvia é para mim uma filha. Só lamento não poder ser para ela um pai. Adeus.”

Não posso negar: havia muito cálculo nessas palavras para evitar que Helenice fizesse delas um mau uso. Eu menti, sim, mas minha mentira, se não surtisse o efeito que eu desejava de reconciliá-la com a filha — além de servir para confundi-la —, pelo menos dar-me-ia uma aura de nobreza que eu não tinha. Enfim, agi com cálculo, se bem que minha decisão fosse sincera: eu não pretendia mais procurá-las.

Viajei para R** a fim de acompanhar de perto o processo sobre a casa cuja posse minha meia-irmã reivindicava para si como inquestionável direito, e lá chegando soube pelo advogado que havia uma nova audiência para daí a duas semanas. Permaneci em R** aquelas duas semanas, e como não chegássemos, eu e minha meia-irmã, a um acordo, uma nova audiência — que deveria ser a última, com uma advertência do magistrado de que até então deveríamos firmar um acordo, qualquer que fosse — foi marcada para início de setembro. Teria, portanto, quatro meses de espera. Voltar logo para o Rio de Janeiro não entrava nos meus planos imediatos: mesmo que o caso já estivesse resolvido pretendia manter-me afastado do Rio por algum tempo, então resolvi partir para Salvador, que ainda não conhecia, e lá permanecer até setembro.

Descrever o vazio daqueles meses é, ao mesmo tempo, desnecessário e breve: longe de Livia, sem saber notícias suas e com a certeza de estar finalmente perdida para mim, sentia na vida a aridez de uma cadeia. Salvador ou qualquer outra cidade seria a mesma coisa: andar pelas ruas a qualquer hora, entrar nos bares, conhecer os pontos pitorescos, tudo me parecia desprovido de interesse e não me atraía nem um pouco. Os prostíbulos nada tinham de atraente, e mesmo quando me podiam oferecer o sexo jovem e viçoso de uma meninota de catorze anos, o que eu obtinha era apenas um prazer momentâneo sem o poder de substituir aquele que Livia me poderia ter dado. As mulheres mais velhas em nada me interessavam, pois, enquanto as adolescentes nada tinham de Livia, as mulheres — todas, e não sei por que artes diabólicas — me lembravam Helenice e sua detestável insipidez, e assim procurava afastar-me delas sistematicamente.

Vagueei pela cidade com cansaço e tédio até que meu ócio levou-me algumas semanas depois de volta a R^{* *}, onde fui encontrar minha meia-irmã na mesma disposição. Procurei falar-lhe, mas ela se mantinha inarredável em sua decisão, e reiterou que “enquanto você viveu no bem-bom todo esse tempo, fui eu quem tratei do velho até sua morte. A casa é mais que uma compensação, é um direito”, etc. etc., e como o advogado não parecesse muito interessado em resolver o problema antes do dia da audiência final, voltei a flunar daqui pr’ali enquanto esperava.

Por fim a espera terminou: diante da lei minha irmã viu-se obrigada a uma decisão: ou aceitava a proposta feita por meu advogado (com a qual eu concordara previamente, não de muito bom grado mas como o melhor caminho para a solução do caso) de pagar-me quarenta por cento do valor da casa, ou então o imóvel seria vendido e o dinheiro repartido igualmente entre nós. Minha meia-irmã, controlando sua cólera, aceitou pagar-me os quarenta por cento, pedindo porém um prazo para completar a importância com a venda de uma pequena granja que tinha nas imediações.

Tudo acertado resolvi voltar, e cheguei no Rio numa tarde de chuvinha fina e gelada que se prolongaria ainda por quase uma semana, obrigando-me a permanecer todo o tempo dentro de casa. Aos poucos, porém, fui retomando meus velhos hábitos: apesar da proximidade de Livia — em meia hora de carro estaria em sua casa ou poderia ir encontrá-la no colégio —, tinha-a como um definitivo e inacessível passado; doía-me sempre sua lembrança, sonhava às vezes com ela, mas de certa forma aliviava-me pensar que a história entre nós havia chegado ao fim. Voltei a freqüentar os mesmos bares de sempre onde minha falta fora notada e comentada, procurei os antigos amigos, que se alegraram em brindar ao meu regresso, e os velhos clientes, que se deram por satisfeitos

em poder trabalhar comigo outra vez. Assim, ao fim de umas poucas semanas tudo parecia ter entrado novamente nos eixos.

Uma noite, porém, ouvi baterem à minha porta. Fui abrir e me deparei estarrecido com Livia, enfraquecida e doente, embrulhada num velho capote que lhe ficava enorme no corpinho mirrado.

— Mário — ela gemeu apoiando-se em mim —, me ajude pelo amor de Deus.

E caiu desfalecida, eu segurando-a a tempo de evitar que se machucasse. Conduzi-a até o sofá, deitei-a e apoiei sua cabeça numa almofada. Corri à cozinha e trouxe água, que tentei verter em seus lábios entreabertos. Não recobrou logo os sentidos e tive tempo de olhar bem para ela: Livia era apenas uma sombra da menina saudável e feliz que eu havia conhecido há apenas nove meses. Olhando-a assim de perto e após aquele tempo sem vê-la, a transformação por que havia passado parecia-me mais brutal: tinha o rosto muito magro e pálido, grandes olheiras circundavam os olhos e os cabelos muito curtos (havia-lhe cortado estupidamente os cabelos, de maneira irregular, deixando-os cheios de falhas) faziam sobressair o ar doentio que agora mostrava nas faces sem cor. Vê-la naquele estado encheu-me de revolta contra Helenice, uma revolta que se converteu em ódio quando Livia me contou o que havia acontecido naquela tarde.

— Minha mãe quer internar-me numa instituição para crianças delinquentes...

— O quê?!

— ...num daqueles lugares horríveis... estou perdida, Mário... prometa... prometa que não vai deixá-la fazer isso. Fale com ela... ela está com raiva de mim, mas gosta de você... gosta muito... vai ouvi-lo, se pedir...

E então, febril, quase sem conseguir manter o nexo de suas palavras, revelou-me de atropelo como descobrira as intenções da mãe: Helenice havia recebido meu bilhete, mas saber que eu estava de partida, ao invés de atenuar o problema, agravara-o: meu sumiço de vários meses deixara-a enfurecida, “parece louca, Mário! Minha mãe está ficando louca!...”, e os maus-tratos contra a menina recrudesceram. Naquela tarde Helenice se aconselhava com a mãe, a velha entrevada que parecia contudo manter uma saudável disposição para a maldade, dizendo não saber como separar a filha de mim.

— Ele vai voltar — ela dizia —, estou certa disso. Partiu, mas será por pouco tempo, ele a ama, apesar da moleca não passar duma pirralha, e não vai resistir... virá novamente, e em sua volta seria bom não encontrá-la mais...

A velha insinuara então que numa instituição para menores infratores ela estaria bem “protegida” de minha influência, “e bem escondida também”.

— Aproveite o mau estado de saúde da garota — havia dito a velha. — Vendo-a, qualquer juiz vai acreditar que usa drogas ou que passa as noites na rua, de safadeza, e não vai pensar duas vezes em ordenar sua internação, pelo menos por uns meses. Pense bem, serão mais alguns meses de vantagem. Então teremos tempo...

Mas Helenice surpreendera a filha ouvindo a conversa.

— Então arrastou-me para o quarto da avó... bateu-me outra vez, cortou meus cabelos...

Fiquei pensando até onde Helenice chegaria com sua loucura, e minha impotência diante do caso que se agravava exasperou-me.

Lívia agarrou-se a mim com força, até com desespero, como se só assim pudesse estar certa de sua segurança:

— Por que você foi embora, Mário, e me deixou sozinha? Por quê? — e voltou os olhos grandes e úmidos para mim: — Fale com minha mãe... impeça que ela...

E começou a chorar, chorar baixinho enquanto apoiava sua cabeça em meu colo e eu lhe acariciava os cabelos muito suavemente. “Prometo, Lívia” disse-lhe junto ao ouvido, “eu lhe prometo”. Lívia adormeceu. Para não deixá-la sozinha, cobri-a com um lençol, pus um colchão ao lado do sofá e dormi junto dela. Pela manhã, eu a reconduzi até sua casa.

Ao ver-nos chegar juntos em casa naquela manhã, Helenice pareceu-me ao mesmo tempo surpresa e desconcertada. Seu plano de esconder a filha de mim num reformatório havia falhado, o que a enfureceu: esbofeteou-a na minha presença antes que eu tivesse tempo de impedir, batendo-lhe com tal violência que Lívia caiu sobre o sofá.

— Para dentro! — Helenice ordenou, apontando o quarto. — Já já conversaremos! — Antes de sair Lívia olhou-me, e em seu olhar compreendi que se ainda tinha alguma esperança, essa esperança estava em mim. Afinal, eu lhe havia prometido...

— Ela irá para um reformatório, uma casa de menores infratores — disse Helenice, afrontado-me.

Comecei a perpetrar meu segundo crime — o gesto medonho de que eu não me julgava capaz e que culminou com a destruição de Lívia —, no momento em que Helenice anunciou-me sua decisão — momento em que eu, de volta ao meu mundo delirante, decidia-me também a não mais afastar-me da menina e sim tudo fazer para mantê-la junto de mim, torná-la minha finalmente. Ocorrera-me uma idéia, de início vaga, obscura, mas que começou a tomar forma ali, diante de Helenice, que me encarava muito segura e tranqüila, firme em seu propósito: se Lívia fosse internada numa instituição, refletia, não estaria tão definitivamente longe de mim, pois eu

sempre conseguiria um meio de vê-la (conhecendo como conhecia essas casas de correção, subornar um guarda, comprar com algumas notas seu silêncio, não seria problema), mas aquela era definitivamente uma maneira de afastá-la do “namoradinho”, “com quem deve ter tido todas as liberdades nesse tempo em que estive fora”; sim — continuei, enquanto encarava Helenice —, sua gratidão por mim seria maior se eu conseguisse tirá-la do reformatório, em vez de apenas impedir que fosse para lá. “Será um tanto penoso para ela no início” conjecturava, “mas depois será melhor para nós dois”. Helenice estava louca, via-se claramente em seus olhos, em suas atitudes, mas e quanto a mim, na recaída de minhas esperanças absurdas? Agora que tudo acabou e, em meu isolamento, para não passar os dias apenas a espiar pela janela e pensar na minha maldição, decidi preencher o tempo escrevendo esta história, faço uma pausa na escrita para refletir uma vez mais sobre o que fiz, e vejo: eu não estava menos louco.

— E não adianta opor-se — ela acrescentou. — Já está decidido. O Juiz determinou que me apresentasse hoje com ela. Amanhã mesmo será encaminhada.

— Não pretendo opor-me — repliquei, esquecendo minha promessa a Lívia e consumando meu crime. — Acho até uma medida muito própria. Evita que ela seja má orientada nas ruas por companhias desaconselháveis. Evita ainda que ela tenha de viver nessa casa de doidos. Mas de qualquer maneira — disse ainda, antes de sair —, o que você pretende com essa atitude, não vai conseguir.

Lívia foi internada numa casa correcional para menores desajustados. A representação de Helenice diante do magistrado fora perfeita, chegando ao requinte de mostrar aos representantes da Lei os braços da filha furados por agulhas: “minha filhinha, doutor, minha pobre menina, a que ponto chegou!... Já não tenho controle sobre ela... salve-a, doutor, eu lhe peço: interne-a para salvá-la, por algumas semanas que seja!...” No estado de abatimento em que estava e sem noção do que lhe acontecia, Lívia não desmentiu a mãe, não respondeu às perguntas do juiz (que, em sua decrépita estupidez, via diante de si apenas uma menina dopada por drogas, distante da realidade e do conhecimento imediato das coisas que a cercavam), e deixou-se levar, passivamente.

Na mesma tarde eu estive no reformatório, após a partida de Helenice, e procurei a diretora, uma mulher muito gorda e de certa idade, com grandes óculos de aros grossos, cabelos repuxados para trás e aparência austera. Foi através dela que, horrorizado, soube que Lívia tinha os braços furados por agulhas ao ser apresentada em audiência, “o que com certeza decidiu o juiz, apressando a internação da menina nesta casa, senhor” acrescentou a diretora.

— Informe-me de tudo, senhora — eu disse, entregando-lhe um cartão com o número do meu telefone. — Interesse-me pela criança como por uma filha, mas no momento não tenho relações amistosas com a família, por isso peço que não diga à mãe que eu estou me inteirando da situação da menina.

Percebendo meu interesse, a mulher cravou-me os olhos muito vivos, deteve-se a examinar-me em silêncio por cinco ou dez segundos. Um pouco incomodado com tal exame, retomei a palavra:

— Há uma outra coisa — e me ergui ligeiramente, voltando a sentar-me em seguida — para a qual chamo sua atenção, ou melhor, apelo para sua boa vontade: a menina não é uma criança desajustada, nunca foi usuária de qualquer tipo de droga e deverá ser tratada tendo isto sempre em vista. No mais, penso que precisamos encontrar um meio de prová-lo à Justiça o mais rapidamente possível para que seja determinado seu afastamento deste lugar.

— Sim — ela respondeu, ajeitando os óculos —, sua informação é importante e será levada em conta. O médico, quando vier, será informado deste pormenor... sem dúvida... mas...

E a mulher adotou um ar sisudo, cruzando os dedos à sua frente sobre a mesa como quem pesa gravemente o que tem a dizer. Baixou um pouco a cabeça, a testa muito larga e lisa refletindo a luz que vinha da janela.

— Contudo, Sr. Mário — ela recomeçou erguendo o rosto e encarando-me de frente —, a mãe da menor nos advertiu quanto à possível visita de um cavalheiro... que presumo seja o senhor.

— Sim, a senhora não se engana quanto a isto. Os motivos, no entanto... bem, não sei o que mais ela lhe falou, porém estou certo de que não referiu os verdadeiros motivos de nossa divergência... que são mesquinhos, diga-se de passagem...

A mulher apenas assentiu, com um movimento vagaroso de cabeça enquanto fixava em mim o brilho de seus óculos.

— ...Essa senhora esperava de mim um relacionamento afetivo — eu resolvi dizer-lhe, pelo menos em parte, a verdade — ao qual, porém, eu não estava disposto... interessei-me, contudo, pela criança, pois sendo já um homem de quarenta e três anos e não tendo filhos afeiçoei-me a ela como a uma filha, e mesmo não correspondendo às intenções da mãe eu freqüentava-lhe a casa como amigo — e neste ponto enveredei pela mentira: — Ocorre que eu me envolvi recentemente com outra mulher e pretendo casar-me em breve... Quando ela, a mãe de Lívia, soube... movida por puro ciúme... um ciúme aliás ensandecido, como pode ver... ela foi capaz de fazer isso com a própria filha... só para ferir-me, veja a senhora, só para ferir-me!

A diretora mais uma vez moveu a cabeça, não deixando entrever se havia ou não acreditado em minhas palavras.

— Por essa razão — enfatizei —, faço muito empenho em tudo que lhe pedi... deverá haver um meio... de contornar o problema aduzido pela mãe da criança...

A mulher pareceu avaliar da minha disposição de ânimo, franzindo o cenho e desviando os olhos momentaneamente para a superfície da mesa. Depois, pigarreando, mostrou-se mais tolerante.

— É verdade que conversando com o senhor, Sr. Mário, percebe-se que se trata de pessoa respeitável, e que os motivos aduzidos são bastante plausíveis. — E em suas reticências mostrou-se compreensiva: — O ciúme... quando descontrolado... sim, sabemos o que é isso! Assim sendo, se o senhor nos garantir discrição...

— Total, senhora — saltei, soerguendo-me em sua direção —, total! Pode confiar!

— Então, esteja descansado — e sorriu: — Nós o auxiliaremos no que for possível. É claro que para isso contaremos com sua colaboração...

Imediatamente tirei do bolso o talão de cheques.

— Alegra-me, senhora, imensamente! Não há dúvida de que saberei colaborar...

— Não, não, senhor — fez a mulher detrás da mesa com um sorriso, movendo negativamente a cabeça redonda e agitando as mãos de dedos gordos como salsichas —, nada de cheques! Também não é nenhuma sangria desatada que não possa esperar até amanhã ou depois, e tenha de premi-lo assim tão de repente. Preferimos em espécie, se o senhor não se importa — eu fiz que não com a cabeça. Ela prosseguiu: — O importante é que reconheço no senhor um cavalheiro, e eu dificilmente me engano — estendeu-me a mão, sorrindo mais largamente, com generosidade: — Estamos entendidos, pois não?

Estávamos.

Passaram-se dezessete dias desde que Livia fora internada, e, três a quatro vezes por semana eu ia vê-la. Aparecia sempre depois das sete da noite, e nos momentos em que ficávamos juntos esforçava-me por animá-la e estimular-lhe a esperança:

— Tenha fé — dizia-lhe —, acima de tudo tenha fé, minha menina. Vamos conseguir tirá-la daqui muito em breve, mesmo contra a vontade de sua mãe. As coisas já estão se ajeitando, há um bom advogado cuidando do caso. Prometo que logo você estará em casa outra vez. Não na casa com aquelas duas loucas, claro, não lá... mas num lar, num verdadeiro lar — então Livia abraçava-me com força, com o mesmo desespero que lhe aterrorizava quando me fora procurar e contara-me sobre a decisão da mãe.

Apesar das garantias dadas pela diretora (a quem havia entregue um sólido pacote de cédulas) de que Livia seria tratada com a distinção que eu encarcera (o que, aliás, pude comprovar durante o tempo que a menina passou naquela casa), comecei a agir para tirá-la daquele lugar no dia seguinte ao de sua internação. O velho e estúpido juiz ouviu-me pacientemente quando lhe falei de Helenice e dos motivos que a levaram a agir contra a filha, e nesse ponto fui suficientemente inventivo para mostrar-me convincente: aleguei uma fixação mórbida de Helenice por mim, como homem, e esclareci que sua reação de rancor contra a criança “por quem eu sempre tive o carinho e o afeto de um pai, eu, que sou homem solteiro e sem filhos, aos quarenta e três anos” devia-se ao meu noivado com uma moça que conhecera há algum tempo, “porém bem depois de termos, eu e Helenice, nos conhecido”; mas pela cara de descrédito que fazia percebi que não me levava a sério. “A menina estava visivelmente dopada” arrastou a voz com secura, “e além do mais tinha marcas de agulha nos braços. A mãe iria forjar essas marcas também?”. Repliquei, perguntando-lhe quase com grosseria se a menina fora examinada por um médico, se havia algum laudo concludente quanto a isso? Dispensou-me com ar de zombaria ao insistir para que nos pusesse — a mim e Helenice — frente a frente, “Ora ora, Sr. D. Juan, onde já se viu!”, e ameaçou prender-me quando retornei no dia seguinte. Não desanimei, e ao fim de uma semana, de tanto vagar pelos corredores dos tribunais falando com um e outro, perguntando aqui e ali, batendo em todas as portas, recebi uma indicação para procurar um tal Dr. N^o, advogado famoso e de quem se dizia capaz de destrinçar os casos mais complicados, vencer causas aparentemente perdidas. N^o ouviu-me com ar distraído enquanto batia compassada e irritantemente a caneta na borda da mesa (soube depois que era um hábito seu enquanto ouvia o cliente expor seu problema, sinal seguro — contra todas as aparências — de que estava atento). Foi franco: o caso que eu lhe apresentava parecia-lhe muito estranho (tive a impressão de que usou a palavra “estranho” receando magoar-me se dissesse “absurdo”), mas prometeu estudá-lo com dedicação, e marcou nova audiência para daí a uma semana. “É muito!” exclamei, e acrescentei com a voz trêmula e quase perdendo o controle de mim mesmo que apesar de absurda a história era verdadeira, “e uma semana já se passou desde que a garota foi encarcerada. Por isso, doutor, qualquer demora e a vida da criança pode correr um grande perigo”. Tão veemente fui que mandou-me voltar daí a dois dias, pedindo aquele tempo apenas para falar com Helenice e com juiz acerca do caso.

Quando retornei, o advogado disse que Helenice havia se recusado a recebê-lo, desligara diversas vezes o telefone ao reconhecer-lhe a voz, de forma que dela não se obteria nada.

— Até mesmo informei-lhe que corria o risco de ser processada e presa por falsa comunicação de crime e outras coisas mais, mas ela não pareceu impressionar-se — ele disse. Animou-me, porém, quanto à decisão judicial: o juiz agora parecia impressionado (menos com o caso, declarou N^{ss}, e mais pelo fato de que eu recorrera a um advogado de tal porte para cuidar dele — e não pôde evitar um ar de vaidade radiante ao citar-me este pormenor). Agora o caso estava encaminhado e eu deveria ter paciência por alguns dias. “Até o final do mês teremos uma solução” prometeu-me, e eu saí de seu gabinete esperançoso.

Durante esse tempo evitei qualquer contato com Helenice, até mesmo por telefone, para não agravar a situação. Procurada pelo advogado, Helenice certamente já sabia que eu estava intercedendo por Livia na Justiça, e não havia dúvidas de que me odiava com mais intensidade agora.

Após a certeza de que teríamos uma solução para breve, era com alegria que ia encontrar-me com Livia e levar-lhe uma boa notícia (“Já na semana que vêm você vai passar por um exame pericial” eu disse abraçando-a.), pois agora minhas palavras de conforto não estariam fundadas apenas num otimismo vago.

— Agora temos de esperar alguns dias — expliquei. — É que a Justiça está sempre muito atolada de processos, mas não demora e tudo se resolve.

Uma noite, contudo, em que não fora ao reformatório, recolhera-me mais cedo — por volta das oito — e deitado em minha cama, no escuro, distraía-me repassando os detalhes de meu envolvimento com Livia e sua família, perplexo ante os acontecimentos e a maneira como se haviam precipitado, quando recebi um telefonema aflito da diretora:

— Venha rápido, senhor, uma tragédia! Venha rápido, pelo amor de Deus!

Ao chegar fui recebido na porta pela rotunda mulher que, em prantos, tentava explicar-me por que me chamara com tanta urgência: tentara repetidamente falar com a mãe de Livia, mas o fone devia estar fora do gancho “sempre dando sinal de ocupado, Sr. Mário, sempre ocupado! Aliás, em todos esses dias ela não procurou a filha uma única vez!”, por isso resolvera encaminhar a menina para o hospital e chamar a polícia...

— Mas o que aconteceu? — cortei, desesperado.

— A menina... oh, meu senhor...

— Fale logo! — berrei, perdendo o controle e sacudindo-a com violência.

— A menina sofreu... um atentado... — ela gaguejou, e caiu meio desfalecida numa cadeira. Que coisa estranha, contudo, são essas situações terríveis nas quais qualquer coisa de hilário pode intervir, um incidente

inoportuno e fora de hora capaz de arrancar uma risada: pois que a obesa mulher sentara-se tão pesadamente que a cadeira não resistiu, partiu-se, afundou e foi dar com aquela montanha de carne no chão, que rolou, descabelando-se e perdendo os óculos. Atarantado, ajudei-a a levantar-se e lhe entreguei os óculos, mal contendo o riso e por um curtíssimo momento quase me esquecendo de que ali estava por um motivo muito grave (como não ver graça na situação? Como não rir diante daquela mulher muito redonda, de cara muito séria e pernas muito brancas e roliças debatendo-se inutilmente para pôr-se de pé?).

Logo, porém, recordei-me do que ela havia dito no instante de minha chegada. Recobrando a dignidade mas ainda vermelha e descabelada, a diretora, melhor acomodada num sofá e secando os olhos com um lenço que lhe estendi, referiu-me o acontecido: Lívia sofrera um atentado uma hora antes por parte de um dos funcionários da casa. Por volta das nove horas ouvira um gemido abafado que vinha do quarto dela, “mas não dei importância, pensei que apenas estivesse falando durante o sono” ela se justificou; um minuto depois o gemido se repetiu, mais forte, quase um grito que, contudo, parecia ter sido abafado, “então corri para ver. Quando entrei vi o criminoso curvado sobre ela. A menina estava quase nua e cheia de sangue, enquanto ele ajeitava as calças... Oh, meu Deus”, e a mulher prorrompeu num choro histérico. “Uma menina muito bonita, senhor, tenta os homens” ela explicava, e para salvaguardar a si mesma insistia que não poderia desconfiar de um funcionário já antigo como aquele, tão exemplar e prestimoso, “sempre pronto a desempenhar com louvor suas tarefas” e que nunca dera mostras de nenhum desvio de comportamento.

Enquanto falava, recordava-me de episódios que antes não me haviam chamado a atenção, e agora, diante do acontecido, ganhavam um novo significado: em diversas ocasiões durante as visitas notara a presença quase persistente de um certo funcionário da casa, ou no quarto de Lívia — entrando e saindo a toda hora e por qualquer motivo —, ou nas proximidades. Eu ia encontrar Lívia sempre no quarto, e aí eu ficava uma ou duas horas em sua companhia, conversando, contando histórias do meu dia-a-dia, fazendo planos para quando ela saísse... Contudo, vez por outra um funcionário — sempre o mesmo — aparecia, ora com a desculpa de levar roupa limpa de cama, ora para trocar as flores do jarro ou oferecer um café, e até mesmo sem motivo algum, quando se limitava a dar uma olhada em nós e, às vezes, perguntar se tudo estava bem. Percebi ainda quando ele saía que não se afastava imediatamente: não ouvia seus passos indo pelo corredor, e não podia estar enganado quanto a isso. Permaneceria junto à porta?, pergunto-me, estaria acaso tentando ouvir o que conversávamos? O certo é que parecia estar sempre nos rodeando, e minha suspeita não deixava de ter fundamento: numa dessas ocasiões,

após ter entrado sem motivo algum aparente disse que iria ao refeitório preparar um café, e nos ofereceu uma xícara. Deve, contudo, ter parado no corredor junto à porta para ouvir nossa conversa, pois cerca de dez minutos mais tarde eu me levantei da cadeira e fiz barulho arrastando-a no assoalho. Creio que então ele se afastou apressadamente receando ser descoberto, mas não conseguiu ser tão silencioso que eu não ouvisse seus passos, apesar do esforço por caminhar na ponta dos pés. Quando cheguei à porta e espreitei o corredor vi apenas um vulto que desaparecia ao fundo, no escuro.

— E, enfim, isso nunca aconteceu aqui — a mulher concluiu. — Mas a polícia veio, esteja tranqüilo quanto a isso, e já conduziu o criminoso para a prisão...

A essa altura já não era capaz de ouvi-la.

— Em que hospital? — gritei sacudindo-a, e saí em disparada.

Fui encontrar Lívía dormindo sob o efeito de sedativos e com a aparência de um cadáver.

“Parece morta, meu Deus, parece morta!”

Sentei-me na cama segurando-lhe uma das mãos que aparecia sob o lençol, acariciando-a com uma ternura cheia de remorsos, e chorei: pensava agora em tudo que poderia ter feito para salvá-la, e só então me dava conta de meu crime — e do alcance que tivera.

Um médico entrou sem que eu percebesse e ficou observando-me. Enfim levantei o rosto e dei com ele ali, que me olhava com curiosidade. Perguntei sobre o estado de Lívía.

— Requer cuidados — ele respondeu, olhando-a com um olhar crítico —, ainda não está inteiramente fora de perigo.

— Pode morrer? — perguntei.

— Tentaremos evitar que isso ocorra — ele respondeu. — Sou até otimista, mas ela não está, definitivamente, fora de perigo. O senhor é parente?

— Não, apenas um amigo da família.

Saí do hospital e fui diretamente para a casa de Helenice. Pensava no que dizer a ela quando a encontrasse, acusá-la-ia, lançaria sobre si toda a responsabilidade pelo sofrimento de Lívía, diria em sua cara que era uma louca homicida, dominava-me um ódio tão grande que pensava mesmo em arrastá-la pelos cabelos rua afora até a delegacia mais próxima e responsabilizá-la perante as autoridades.

Ao chegar encontrei a porta apenas encostada. Entrei, e vi Helenice deitada no tapete da sala de estar, bêbada, sem consciência, uma garrafa vazia próxima de sua mão. Fiquei um longo tempo olhando para a mulher sem saber que atitude tomar até que, de uma idéia que me apanhou de surpresa pela tranqüilidade com que me ocorreu e a executei, tomei de cima do sofá uma almofada e a comprimi fortemente contra seu rosto. Em

pouco, Helenice não respirava mais. Foi quando ouvi uma tosse em algum cômodo da casa. “A velha” pensei, “a maldita velha”, e fui até o quarto.

— É você, Helenice? — ouvi a voz vindo da cama, e acendi a luz.
— Oh, é o senhor — ela pareceu um pouco surpresa, conquanto se esforçasse por manter a indiferença. — Já não é um pouco tarde, Sr. Mário, para fazer visitas?

— Nunca é tarde, senhora, para a mão da Justiça.

A velha encarou-me entre divertida e curiosa, sem compreender-me.

— Tornou-se representante da Lei, Sr. Mário? E que há de querer a Lei nesta casa? Alguém aqui cometeu algum crime?

Movi lentamente a cabeça, enquanto me aproximava.

— Não é à Lei que me refiro, senhora, mas à Justiça, embora eu não creia que a senhora perceba a diferença. E quanto a crime, quem o cometeu fui eu.

— Então não o posso compreender, Sr. Mário. O que quer dizer?

— Lúvia — e lhe sorri com amargura, apoiando um joelho sobre a cama —, sabe o que fizeram com ela?

— Lúvia? Ora — deu de ombros —, vinha nos causando muitos problemas ultimamente, e para evitar o pior para todos, especialmente para ela, minha filha tomou uma decisão...

— Que a senhora se incumbiu de incutir-lhe no espírito, não foi? — eu disse, aproximando meu rosto do dela e estendendo-lhe ambas as mãos, com uma quase carícia na pele ressequida de suas faces.

— ...sim, mas que resultará num bem para todos, Sr. Mário. O senhor não será da mesma opinião?

Eu agora deslizava vagarosamente as pontas dos dedos pelo rosto da velha abaixo, até o pescoço.

— Num bem? Não o creio, senhora — eu disse com uma voz muito suave, quase carinhosa, enquanto segurava seu pescoço fino e começava a apertar —, não o creio, porque agora Lúvia está num hospital e pode até morrer. Claro que os culpados serão punidos, saiba disso, a mão da Justiça é longa — a velha abriu enormemente os olhos de pavor, tentou gritar mas não pôde, agitou molemente os braços numa defesa inútil...

Só parei de apertar depois de muito tempo, quando a tinha inteiramente mole em minhas mãos. Tomei-lhe o pulso, escutei o peito, pus-lhe um espelho diante da boca escancarada: estava morta — e eu, pela primeira vez naqueles dias, feliz.

Como disse no início de meu relato, faz pouco mais de um ano que tudo começou. Na noite em que estrangulei a velha não fui notado por ninguém da vizinhança (por sorte, havia duas ou três lâmpadas queimadas na rua e meu carro não poderia ser reconhecido), mas antes que rompesse o dia eu já estava longe. Para dar a impressão de um latrocínio, tomando

cuidado para não deixar impressões digitais que me denunciassem, quebrei a tampa de uma caixinha de jóias que encontrei na gaveta do criado-mudo e as levei comigo, desfazendo-me delas num desses rios lamacentos e mortos que se vêem na periferia da cidade; revirei também outras gavetas como que à procura de dinheiro, deixando tudo em desordem. O automóvel rodava célere estrada afora seguindo para “qualquer lugar” quando o sol nasceu, e eu, meio entorpecido ao volante, espiava sem ver a paisagem que indiferentemente passava pelos meus olhos...

Alguns dias mais tarde liguei para o hospital a fim de obter notícias de Lívia. Atendeu-me o médico que a atendera inicialmente, garantindo-me que “os nervos da menina estão em frangalhos, Sr. Mário, o neurologista que a avaliou não se mostrou muito animado, e seu estado geral de saúde não é nada bom”.

— Levará muito tempo para que se restabeleça de todo — acrescentou —, e ainda tem mais: obtivemos no internato o endereço da mãe, mas já não mora ninguém lá.

— Ah...

— Soubemos que ocorreu um crime ali... Terá a menina outros parentes? O senhor poderia nos dar alguma informação de como localizar alguém da família?

— Não... infelizmente não.

Certo dia, numa de minhas ligações soube por uma enfermeira que, apesar de Lívia ter alcançado alguma melhora em suas condições físicas, passara a ter pesadelos com frequência e insistia em dizer que um homem, em quem ela tinha absoluta confiança, aproximava-se dela sorrindo e lhe estendia os braços, mas em seguida convertia-se num lobo furioso que a perseguia para devorá-la.

De outra feita, soube pela mesma enfermeira que Lívia, sempre insistindo na história do homem que a perseguia em sonhos, dizia querer muito encontrá-lo, pois “se eu conseguisse falar com ele, o mistério estaria resolvido e ele me deixaria em paz”.

— Ela diz, porém, que não sabe se já o viu — acrescentou a enfermeira — nem se ele existe realmente, “nunca tive amigos assim” ela diz, “e por isso não sei quem possa ser o homem mau que aparece para me assombrar quando estou dormindo”.

— Senhora — eu comecei, com alguma indecisão —, preciso pedir-lhe uma gentileza.

— Pois não, Sr. Mário?

— Pergunte-lhe se acaso se lembra de mim, Mário. Fui muito amigo da família mas tive de ausentar-me envolvido por obrigações inadiáveis e já faz várias semanas que estou fora, por isso não tenho podido visitar a menina... mas bastará perguntar-lhe se por acaso se lembra do Mário, um

amigo de sua mãe... Se ela se lembrar, então... Por favor, não se esqueça... volto a ligar amanhã, para saber...

Na tarde seguinte falei outra vez com a enfermeira, mas a voz dela era de desânimo.

— Livia mal se recorda da própria mãe, senhor, e não se lembra de nenhum amigo da família, de ninguém chamado Mário.

— A senhora talvez não tenha insistido com ela... para que se esforçasse...

— É inútil por enquanto, Sr. Mário, ela se esforçou, esforçou-se muito até, mas parece ter perdido a memória... Contudo, se o senhor é de fato amigo dela, por que não vem vê-la? Deixe o que estiver fazendo e venha, o senhor não faz idéia de o quanto essa menina está sozinha agora... Sr. Mário?... alô, Sr. Mário!... Sr. Mário!...

Ainda ouvia a enfermeira chamando-me pelo nome quando desliguei. Não voltei a telefonar para o hospital, seria inútil: agora sim, Livia estava definitivamente perdida para mim. Muitas coisas se haviam apagado de sua cabecinha enferma, e, para minha dor, eu era uma delas.

Numa tarde do verão passado — há pouco mais de um ano, portanto —, quando embarquei no ônibus que levava a T**, um tanto contrariado pelo imprevisto que dera com meu carro numa oficina longe de casa e me obrigava a entrar num desses horríveis transportes coletivos apinhados de uma gente miúda e encardida, estava longe de imaginar que daí a poucos instantes me veria envolvido numa trama cujas conseqüências seriam a minha ruína e a destruição de uma criança que, não fosse isso, certamente teria crescido como qualquer outra: fazia-se moça, casava-se, trazia ao mundo sua descendência, e como a maioria das mulheres veria a vida passar sem grandes sucessos nem maiores fracassos, nada digno de nota para um dia mostrar aos filhos — ou deles esconder. Antes eu pudesse dizer “será assim ainda”, antes eu não tivesse agora uma história para contar.